

250 MILHÕES DE ESCOTEIROS

LASZLO NAGY



ESCOTEIROS
DO BRASIL

DADOS DA 1ª EDIÇÃO EM PORTUGUÊS

Direitos autorais na língua portuguesa concedidos à União dos Escoteiros do Brasil pela “Editions Pierre – Marcel Favre Public S/A”, conforme ofício de 7 de agosto de 1986.

Tradução para o português feita por Sr. Jairo Antunes da Costa.

Revisão feita por Eng. Antonio Carlos Hoff.

1ª edição em língua portuguesa editado pela União dos Escoteiros do Brasil – Região do RS e impresso na Companhia Rio-grandense de Artes Gráficas (CORAG), RS, em fevereiro de 1987.

DADOS DA 2ª EDIÇÃO EM PORTUGUÊS

Participaram da revisão: Renata Ortega, Juliana Cochenski, Vitor Augusto Gay e Luiz César de Simas Horn.

Diagramação: Raphael Luis K.

Foto da capa: Larissa Tanaka Onuki.

NOTA

A publicação apresenta informações e fatos históricos sobre a organização do Movimento Escoteiro, fruto da experiência singular do próprio autor, tal como foi escrito. O próprio título “250 Milhões de Escoteiros” expressa o efetivo de membros que a Organização Mundial do Movimento Escoteiro acumulado durante os anos, até a data de sua publicação em 1985.

Os textos da primeira edição em português foram preservados e mantém termos e conceitos próprios da época. Algumas partes da estrutura do texto foram aprimoradas, algumas palavras foram substituídas por sinônimos, de modo a tornar a leitura mais clara e acessível, porém sempre mantendo fidelidade com a versão original em inglês.

Os anexos no final do livro foram atualizados até a data atual da segunda edição, tais como dados relativos ao efetivo, Conferências e Jamborees Mundiais, países membros da Organização Mundial do Movimento Escoteiro, etc.

250 MILHÕES DE
ESCOTEIROS

LASZLO NAGY

DADOS DA EDIÇÃO ORIGINAL

Dartnell Publishers, Chicago, Boston, London

First published 1985

Copyright © 1985

The World Scout Foundation

PO Box 78, 1211 Geneva 4, Switzerland

Proceeds from this publication support the world Scout Foundation, a non-profit organisation which raises money to support the world Organisation of the Scout Movement, particularly for the benefit of developing countries.

All rights reserved. No part of this publication may be reproduced, stored in any retrieval system, or transmitted, in any form, or by any means, electronic or otherwise, without prior permission of the World Scout Foundation.

ISBN 0-85013-153-7

Library of Congress Catalogue No. LC85-HS3312

Printed in Great Britain by Promotional Print Limited, Bath

Originally published by Editions Pierre-Marcel Favre, Lausanne and Paris

Translated from the original text by Clive Drummond

The author wishes to thank the following organisations and individuals for their permission to reproduce the photographs: Boy Scouts of America; The Girl Guides Association, United Kingdom; Mr. William Hilcourt; The Scout Association, United Kingdom; World Association of Girl Guides and Girl Scouts; World Scout Bureau.

CONTEÚDO

A título de introdução	7
------------------------------	---

I. PRELÚDIO À GRANDE AVENTURA

1. Uma ideia do Século Dezenove	13
2. Soldado por acidente	17
3. Escotismo militar	23
4. Quatro passos para a glória	31
5. Mafeking ou blefe magistral	41
6. Um homem... um livro... uma ilha	45

II. ESCOTISMO

7. Uma arrancada muito rápida	55
8. Uma folha de balanço	61
9. O fim dos anos heroicos	67
10. Enquanto os canhões troavam	75

III. O GRANDE SALTO A FRENTE

11. Dez anos decisivos	85
12. Apoteose	95

IV. O ESCOTISMO APÓS BADEN-POWELL

13. E, contudo, voa	107
14. Atômico e supersônico	143

V. O ESCOTISMO TOMA NOVA FORMA

15. O prelúdio canadense	155
16. Genebra – Capital Mundial do Escotismo	167
17. Produzindo mais com menos	179

VI. A ANATOMIA DO SUCESSO

18. 250 milhões de escoteiros	195
19. Uma justificativa para o futuro	207
A título de conclusão	212

Anexos

A. Organização e estrutura da Organização Escoteira Mundial	225
B. Glossário da Terminologia Escoteira	229
C. Países membros da Organização Mundial do Movimento Escoteiro	233
D. Países fundadores do Movimento Escoteiro Mundial	235
E. Países onde o Movimento Escoteiro existia porém foi extinto ...	236
F. Crescimento mundial do Escotismo	237
G. “Jamborees” Mundiais de Escoteiros	238
H. Conferências Mundiais do Escotismo	240
I. Membro do Comitê Mundial	242
J. Medalhas Lobo de Bronze, outorgadas desde sua instituição, em 1935	250

Bibliografia

1. Livros de Baden-Powell	261
2. Coleções de Artigos escritos por Baden-Powell	262
3. Livretos e Panfletos escritos por Baden-Powell	262

A TÍTULO DE INTRODUÇÃO

O vento cruel do inverno de Genebra – conhecido pelos residentes locais como "bise noire" – soprava com intensidade naquela manhã de novembro de 1965, quando eu caminhava ao longo do cais, à margem do lago, rumo a Villa Barton, sede do conceituado Instituto Universitário de Estudos Internacionais (Graduate Institute of International Studies).

Minhas funções naquele Instituto, na época, eram diversas: lecionar em regime de tempo parcial; supervisionar documentos de serviço; e, acima de tudo, realizar pesquisas sobre um livro que deveria sair em dois volumes.

O diretor, Jacques Freymond, chamou-me então para anunciar que, com relutância, havia decidido aceitar uma incumbência da Fundação Ford. Disse-me que o Instituto empreenderia um importante trabalho de pesquisa sobre a crise da geração jovem e, em especial, sobre o impacto dela em face do Movimento Escoteiro – isto em uma época que o Movimento Escoteiro atravessava sérios problemas, estruturais e organizacionais, decorrentes do seu crescimento rápido, especialmente no Terceiro Mundo, bem como dificuldades para adaptar-se a um mundo em que a geração mais jovem estava emergindo com violência, em uma explosão moral e cultural já quase incontrolável.

Pessoalmente, fiquei um tanto surpreso que o diretor tivesse aceitado tal incumbência, uma vez que ela dificilmente se enquadrava no escopo do Instituto, cujas preocupações normais centralizavam-se em economia, política e leis internacionais. Mas, segundo Freymond, uma doadora havia insistido e a Fundação Ford (patrocinadora regular e generosa do Instituto) estava, ela própria, sob firme pressão de seus doadores principais.

Fiquei ainda surpreso por outra razão: como historiador e cientista político, eu possuía poucas qualificações para me engajar em tal tarefa. Além disso, somado às minhas responsabilidades acadêmicas, trabalhava como jornalista em regime de tempo integral, na condição de editor estrangeiro da Gazette de Lausanne. Minha impressão, naquela época, era que não existia nada na face da terra que pudesse me induzir a abandonar o que eu considerava ser a profissão mais fascinante do mundo.

Porém, estávamos em um tempo que dificilmente seria considerado positivo recusar uma oferta de trabalho vinda de um superior. Além disso, eu tinha com o diretor do Instituto uma dívida de gratidão, pois ele havia dado minha primeira chance como refugiado sem um tostão no bolso, dez anos antes.

À medida que apressava meus passos, naquela gélida manhã, comecei a conjecturar se não havia cometido um grave erro em aceitar uma terceira incumbência, a ser cumprida em regime de tempo integral, sobre as outras duas que já estavam sobrecarregando minhas energias.

O editor-chefe da Gazette de Lausanne, Pierre Béguin, um grande jornalista – cuja generosidade somente é comparável à qualidade de sua escrita –, concordou prontamente em liberar-me meio expediente. Logo em seguida, organizei uma equipe de pesquisas e o trabalho foi iniciado com o planejamento e a elaboração de alguns questionários. Eu próprio viajei extensivamente, muito embora isto não fosse nada novo para um jornalista veterano.

Ao final de dois anos difíceis – durante os quais as minhas outras atividades, bem como minha família, sofreram consideravelmente –, concluí a primeira fase do trabalho, apresentado sob a forma de relatório e recomendações, inicialmente, ao Comitê Mundial Escoteiro e, posteriormente, à Conferência Mundial Escoteira, na reunião de agosto de 1967, em Seattle (EUA). Assim, minhas propostas foram adotadas como documento de trabalho para a reorganização do Movimento Escoteiro.

Contudo, mesmo quando eu ainda estava submetendo minhas conclusões preliminares à apreciação dos membros do Comitê, em Londres (Inglaterra) e Ottawa (Canadá), já estava em andamento um movimento conjunto para sondar o quanto eu estaria disposto, pessoalmente, a participar da execução de minhas propostas para reforma, uma vez que o estudo havia sido aceito. Hesitei quanto àquela ideia. Não tinha intenção de cometer o mesmo erro estúpido de Joseph-Ignace Guillotin – médico que, segundo afirmam, foi decapitado pelo seu próprio invento (a guilhotina).

Com certo pesar, declinei a honrosa oferta. Apesar disso, o então presidente do Comitê Mundial Escoteiro, Gustavo Vollmer – pessoa de elevada projeção, pela qual eu mantinha grande respeito –, fez todos os esforços possíveis para que eu mudasse de ideia.

Outra consideração foi a de que eu já havia aceito uma proposta do reitor da Universidade de Genebra, Denis Van Berchem, para organizar naquela instituição um departamento de informações. "Com sua experiência de jornalista e seu conhecimento das necessidades da Universidade, a tarefa será tão fácil como pular de uma tora de madeira", disse-me o ilustre arqueólogo sorrindo, perfeitamente ciente de que a tarefa que me havia oferecido estava bem longe de ser assim tão fácil. Mas, por se tratar de um trabalho a ser executado em regime de meio expediente, durante um período de tempo restrito, não estava descontente em aceitar mais esse desafio.

Dito isso, o leitor entenderá que a falta de trabalho não era um problema meu, pelo contrário. Para completar, a Arthaud, editora de Paris, estava exigindo, com insistência, o manuscrito de Democracias Populares (Popular Democracies), que só foi publicado em 1968, e de um segundo livro, Análise Sociológica do Poder Comunista (Sociological Analysis of Communist Power), não terminado, mas já bem adiantado. De maneira que, certamente, não era um período apropriado para eu me sobrecarregar com a aceitação do convite do Movimento Escoteiro, em uma dúbia tentativa de implementar minhas próprias recomendações – um exercício que aconselharia que cada um evitasse.

Mesmo assim, isto foi o que fiz. Primeiro, porque estava assegurado por contrato que eu poderia prosseguir com minhas atividades anteriores – "até a extensão na qual o trabalho de reorganização do Movimento Escoteiro não fosse prejudicado". Segundo, porque, após ter iniciado a pesquisa, aconteceram muitas coisas.

A importância do jovem como fator social estava em crescente evidência e os reclamantes – nos campos californianos, acompanhados por estudantes nas barricadas dos tumultos de Maio de 1968, na França – convenceram-me que, ao me dedicar inteiramente ao maior movimento voluntário jovem do mundo, eu não estaria perdendo meu tempo. As vagas lembranças de uma adolescência feliz, vestindo calças curtas, certamente não desempenharam um papel importante em minha decisão.

O desafio do estudo inicial tomou uma nova dimensão; e foi com consciência completa do que estava em risco que concordei com uma reorientação provisória de minha carreira. É verdade que superestimeei minhas aptidões, e, durante algum tempo, tentei empreender atividades paralelas, mas logo me dei conta que estava tentando o impossível.

Não se podem cavalgar diversos cavalos simultaneamente; e, pelo mesmo motivo, tampouco se pode, ao mesmo tempo, escrever, publicar, realizar pesquisa, ensinar e trabalhar para um movimento mundial – cuja direção envolve experiência administrativa e organizacional, planejamento, finanças e outras habilidades com as quais eu ainda tinha de me familiarizar.

Estou mencionando isso para demonstrar que existiam poucas coisas em meu background que me predestinavam para esta vocação inesperada – a qual agora já conta 19 longos anos, desde maio de 1968. Contudo, cumpro a tarefa com imenso prazer, embora, como dizem os húngaros, ainda sinta que aconteceu por acidente, como a inclusão do nome de Pôncio Pilatos no Credo (oração cristã).

O leitor me perdoará por estas observações pessoais, que não tiveram outro objetivo senão o de inserir o autor deste livro no contexto do tema.

I

PRELÚDIO À GRANDE AVENTURA

1. Uma ideia do Século XIX

Apresentar o Movimento Escoteiro sem falar de Baden-Powell seria incorrer no mesmo erro que escrever um livro sobre Budismo sem mencionar Buda ou o de analisar o Marxismo sem referir-se a Marx e à época dele.

No livro Escotismo para Rapazes (Scouting for Boys), publicado em 1908 – que muitos consideravam e, talvez, ainda hoje o considerem a Bíblia do Movimento Escoteiro –, Baden-Powell definiu seus objetivos da seguinte maneira: “O Escotismo é uma escola de cidadania através da destreza e habilidade em assuntos mateiros”.

Vários anos mais tarde, na edição de 1940 do mesmo livro, ele acrescentou: “O Escotismo tem sido descrito, por mais de um entusiasta, com uma revolução na educação. Não se trata disso. É simplesmente uma sugestão lançada, ao acaso, para um alegre jogo ao ar livre, que tem sido reconhecido por formar uma ajuda prática à educação”.

Estas declarações modestas indicam que, aos olhos de seu fundador, o Escotismo era uma ideia simples; uma das várias possibilidades postas à disposição dos jovens, sem restrição de qualquer espécie.

Em outro trecho, Baden-Powell aponta que não teve qualquer intenção de criar um corpo separado de escoteiros, mas que, em virtude do sucesso alcançado pelo livro Ajudas ao Escotismo (Aids to Scouting) – escrito em 1899, para uso militar –, sentiu que suas ideias poderiam ser úteis aos líderes da Brigada de Rapazes (Boys Brigade) e a outros movimentos jovens existentes, sobretudo, aos próprios jovens.

Entretanto, não concordo com a crença de que o nascimento do Escotismo foi meramente obra do acaso. Ele nunca teria alcançado tanto sucesso se não tivesse respondido a uma necessidade real. Contudo, suas origens específicas e “acidentais” não devem ser esquecidas. Seu fundador não pretendeu criar uma escola, nem patentear um método; muito menos, ver seus escritos considerados como “revelações” a serem adotadas mais tarde por líderes imaginativos – que, certamente, nunca absorveram os ensinamentos de Baden-Powell ou entenderam sua mente prática e pragmática, sua tolerância, liberalismo, seu senso de humor profundo, qualidades que eram essenciais

ao seu caráter. Mesmo após 78 anos, o antidogmatismo e o universalismo como traços fundamentais do seu caráter ainda nos impressionam – embora alguns de seus sucessores achem, sinceramente, que este universalismo é uma lamentável fraqueza do primitivo Escotismo, pois, aparentemente, viria causar dissidências e divisões.

Os aspectos universais e antidogmáticos do Escotismo primitivo são fundamentais. Mas representam também o lado tipicamente britânico do Movimento. O Escotismo não foi criado por Baden-Powell em um vácuo ou no abstrato, mas calcado na realidade do país e da sua época, respondendo às demandas da sociedade que formava o coração do Império Britânico – e seria tolice negar ou envergonhar-se disso. O fundador do Escotismo estava na vanguarda de sua época, no melhor sentido do termo, porém, era também um patriota – e ser rotulado como tal, naquele tempo, não era vergonhoso, nem ridículo. Ele possuía uma visão pessoal do tipo de homens que seus escoteiros desejavam se tornar e também da sociedade na qual e para qual o treinamento e a transformação deles se destinavam. Aquela sociedade necessitava de exploradores, missionários, pioneiros, guardas florestais, desbravadores de terra e construtores. A meta de Baden-Powell era ajudar a treiná-los por meio da destreza e habilidade em assuntos florestais, o que refletia seu amor pela natureza e o hábito de viver ao ar livre, em camisas de mangas curtas. Sua crença era de que as atividades ao ar livre seriam benéficas aos jovens da cidade.

Os primeiros escoteiros não perambulavam pela natureza meramente para escaparem para o ócio. Eles treinavam a si próprios a fim de construir um império – e não nos esqueçamos que, no mundo daquela época, (especialmente no único mundo considerado civilizado), a palavra império não era mais depreciativa do que no tempo dos romanos. Assim, condenar os aspectos coloniais e imperiais do Escotismo primitivo seria quase tão absurdo como censurar um homem do Século XIX por não viajar a mil quilômetros por hora ou criticar Luiz XVI por não ter lido Lenin. O fato é que, se o Escotismo não tivesse se ajustado harmoniosamente em seu ambiente social, nunca teria se tornado o que é hoje.

É claro que os jovens ingleses, exatamente como os demais em outros países, ansiavam por liberdade, aventura e agitação. Afinal, o que o fundador do Escotismo realmente fez – e, como todas as grandes ideias, simplesmente por inspiração – foi ajudá-los a descobrirem suas próprias identidades e

aspirações; suas mais íntimas necessidades e, ainda mais importante, as necessidades da sociedade em que viviam. Esta ideia impregnou o Escotismo primitivo com a capacidade de integrar e assimilar facilmente a realidade, sem esforços. Assim, a feliz combinação de aspirações e necessidades representa a base real das raízes do Escotismo na sociedade britânica daquela época.

Essas profundas raízes originaram, automaticamente, uma interdependência ou, no mínimo, uma comunicação espiritual contínua entre o Movimento e a sociedade em que está integrado. Esta é a razão para “rótulos de origem” tipicamente britânicos serem encontrados no Movimento Escoteiro. Ele nasceu sob uma monarquia cristã, em uma nação imperial, em que a fidelidade a Deus e ao rei era um dos valores básicos. Esta sociedade era tão conservadora quão influenciada pelo liberalismo de sua época. Aos jovens escoteiros era solicitado prestarem serviço a Deus, mas ao Deus de uma sociedade multiconfessional e tolerante. Também era exigida fidelidade ao rei, mas a um rei que já reinava ao invés de governar.

Assim, o Escotismo tem múltiplas origens, simultaneamente fortuitas, universais e tipicamente britânicas; e muitos dos problemas existentes neste Movimento, ora de âmbito mundial, podem remontar o passado e suas múltiplas origens com um sabor britânico, que por tanto tempo serviu como modelo para aqueles que o adaptaram mais tarde às suas condições locais.

Tais “adaptadores” deveriam se confrontar com dificuldades formidáveis: como transplantar e assimilar um movimento não apenas polivalente, mas essencialmente nacional, sem traí-lo? Como moldar o Escotismo em sua própria sociedade (sendo ele um produto de tradições diversas, com necessidades diferentes e aspirações dessemelhantes)?

A aceitação de associações heterogêneas, enraizadas em outras culturas, dentro da organização internacional não foi apenas motivada pela extrema tolerância de Baden-Powell e dos primeiros líderes internacionais do Escotismo – entre os quais poderia ser encontrada parcela considerável da elite tradicional, grandes liberais e aristocratas, seja por nascimento ou por intelecto.

É provável que a falta de uma visão de futuro, que pode ser atribuída à confiança romântica na espontaneidade e solidariedade do Escotismo, também tenha encorajado a aliança internacional de associações díspares.

Não devemos esquecer que o Escotismo, inconfundivelmente “avant garde” e racional em nível educacional, foi também concebido durante o interminável Século XIX, um período da história humana idealista, moralista, romântico e utopista.

Tampouco devemos esquecer a personalidade de seu fundador: um homem que nasceu como Robert Stephenson Smyth Baden, e tornou-se Ste, Sephe, R. S. S. Robert Baden-Powell; que galgou de subtenente e general; de Sir a Lord; para, ao final, tornar-se simplesmente B-P, conhecido por todo o mundo e, principalmente, por 250 milhões de jovens que, desde sua criação, passaram pela escola fascinante do Escotismo.

Mas, quem foi Baden-Powell realmente?

2. Soldado por acidente

Para não atrair a ira de darwinistas, geneticistas e outros “istas”, não irei analisar até que ponto a vida do futuro fundador do Escotismo foi influenciada pelas suas origens genéticas, sua infância e adolescência e seu ambiente familiar e social. Entretanto, elas precisam ser mencionadas, mesmo que resumidamente, pois, como afirma Goethe, em Fausto, “o caráter de um homem é o destino dele”.

Para iniciar, sua mãe foi uma mulher extraordinária sob todos os aspectos. Dotada de grandes qualidades do coração e do caráter, de idealismo, um aguçado senso de humor e inteligência, consumia-se com a ardente ambição e a determinação de criar sua grande família de acordo com as melhores tradições vitorianas. Casou-se com o professor e pastor Baden Powell, que já tinha dois filhos do primeiro casamento. Juntos, tiveram mais sete filhos. Porém, a feliz união durou apenas 14 anos, visto que o renomado professor já contava com 50 anos de idade quando recebeu o “sim” da mulher que havia escolhido, 28 anos mais jovem.

Henrietta Grace Smyth, o nome de solteira da futura Lady Baden Powell, progenitora do fundador do Escotismo, veio de uma antiga e abastada família. Seu pai, comandante da Marinha (que galgou ao posto de almirante), tinha boa reputação como médico clínico e astrônomo; foi sócio da Real Sociedade Astronômica (Royal Astronomical Society) e da Real Sociedade Geográfica (Royal Geographical Society). Muitos dos melhores intelectuais daquele tempo frequentavam sua casa – o que não é surpresa, visto que a residência situava-se no Cheyne Walk, Chelsea (Londres, Inglaterra), uma rua famosa em que residiam pessoas estudiosas e artistas (a quem, mais tarde, se juntariam os poetas George Eliot e Algernon Charles Swinburne, o historiador Thomas Carlyle e muitas outras celebridades).

Foi neste círculo intelectual que a jovem Henrietta se encontrou pela primeira vez com seu futuro esposo, altamente respeitado pelos colegas como matemático, filósofo, médico e teólogo. Professor de matemática na Universidade de Oxford, amigo de William Herschel e Michael Faraday, o

pai de Baden-Powell também tocava órgão e pintava. Vinha de uma família muito bem posta, mas de posses modestas, em Suffolk (Inglaterra).

A união Powell-Smyth gerou sete crianças, entre as quais o nosso herói: Robert Stephenson Smyth Powell, que tinha apenas três anos quando o pai morreu.

Logo após o período do luto, a viúva retomou a tradição da família, reunindo ao seu entorno diversos poetas, escritores, intelectuais e artistas, tais como o notável poeta Robert Browning, o famoso escritor William Thackeray, o crítico e autor John Ruskin, o naturalista Thomas Henry Huxley e numerosos estudiosos, pesquisadores e professores (todos amigos e colegas do seu finado esposo).

Como todas as crianças de sua idade, o pequeno Baden-Powell evitava ir para a cama até que fosse forçado a fazê-lo, escondendo-se atrás das portas para escutar o que falavam aqueles homens famosos. Certa ocasião, Thackeray descobriu seu esconderijo, mas, em vez de repreendê-lo, o escritor deu-lhe um xelim (a primeira moeda que pegou na mão).

Stephe ou, simplesmente, Ste – como era chamado, à semelhança do que ocorria com seu padrinho George Stephenson, inventor do trem a vapor – não era muito influenciado pelo pai. Foi o avô materno, Almirante Smyth, quem o presenteou primeiro com histórias do mar e outras aventuras, no terraço de sua casa de veraneio, conhecida como “quarter deck” (parte do tombadilho de um navio). Muitos outros Powells e Smyths, irmãos e meio-irmãos, tios e tias, estiveram envolvidos na educação de Baden-Powell, mas sempre sob os olhos vigilantes de sua mãe.

Não foi, portanto, de se admirar que Ste tornou-se o que era comumente chamado de “menino precoce”. Quando tinha apenas oito anos, em uma carta endereçada ao avô, ele inseriu uma página intitulada: Leis para quando ficar velho, com o seguinte texto: “Farei com que as pessoas pobres sejam tão ricas como nós. Elas, por direito, devem ser tão felizes como nós. Deus fez os pobres serem pobres e os ricos serem ricos; e eu posso dizer-lhes como serem bons, e, agora, vou dizer-lhes; vocês devem rezar a Deus sempre que puderem, mas vocês não podem ser bons com suas preces apenas. Tem, também, que tentar, com muito empenho, serem bons” (fevereiro, 1865).

O avô não deixou de responder, e o fez nos seguintes termos: “Oh, lei! Não é lei igual a uma dança rústica (quadrilha) em que as pessoas são regidas para cima e para baixo, até que, com dificuldade, possam mexer as pernas,

como disse Milton. A lei é física, os que tomam o mínimo dela são os que mais lucram.”

O que Ste fez com esta mensagem não se sabe; mas, apesar do tom sério de suas próprias leis, sua vida diária diferiu pouco da vida de um jovem normal de sua idade. À medida que seus irmãos mais velhos deixavam a casa para irem à escola, Ste ficava com sua irmã Agnes e seu irmão mais jovem Baden; e com eles formou uma patrulha-miniatura, jogando jogos de sua própria invenção. Criou também pequenas peças de teatro, nas quais, invariavelmente, desempenhava o papel principal.

Apesar disso, Baden-Powell passava longe de ser extrovertido. Sozinho, dedicou-se ao desenho e desenvolveu interesse pela pintura de aquarelas. Pintou, desenhou e escreveu com idêntica destreza, com qualquer uma das mãos – foi o famoso crítico Ruskin que o incentivou a desenvolver a habilidade de ambidestro. Com nove anos, fez uma ilustração do livro *Gil Blas* (do francês Alain-René Lesage), produzindo um cartoon ao estilo do artista gráfico suíço Rudolf Töpffe. Também tocava piano. A família, que adorava oficialmente o nome de Baden Powell, em memória do seu finado pai, sentia que Ste, com a imaginação e múltiplos talentos que tinha, seguiria o mesmo caminho trilhado pelo progenitor.

Com 11 anos, frequentou a mesma escola que seu pai havia frequentado 60 anos antes e, aos 13, deixou a família para se tornar aluno interno da famosa escola Charterhouse, em Londres, graças à generosa doação recebida do Duque de Marlborough.

O recém-chegado aluno foi descrito por um de seus amigos como “um rapaz de estatura média, cabelos ruivos encaracolados e visivelmente sardento, com um par de olhos cintilantes”.

Charterhouse era uma antiga escola, porém moderna, reservada aos rejeitados da camada superior da época, com poucas vagas à disposição de crianças mais pobres (como Ste) e apenas para as que fossem bem-nascidas.

Assim como as demais escolas, Charterhouse possuía um sistema em que estudantes novatos prestavam serviços aos mais velhos – conhecido na Inglaterra como “sistema de calouro”. Assim, durante seis anos, Ste foi “calouro” (o que busca ou transporta alguma coisa) para um “superior” (um estudante mais adiantado).

Baden-Powell logo se tornou popular, apesar de possuir uma característica considerada imperdoável: era um jogador medíocre de críquete

e futebol. Felizmente, tais defeitos eram compensados por sua habilidade em tocar piano, violino, trompa e corneta, bem como pelo talento para cantar com extraordinário alcance. Todavia, sua reputação baseava-se principalmente em seu notável talento como ator e mímico, o que lhe rendeu o seguinte comentário de um superior: “O Ste é dotado com uma admirável espécie de loucura”.

Durante o período que frequentou Charterhouse, Ste teve a sorte de ter o reverendo-cônego William Hig Brown como seu principal professor, cujo princípio era de desenvolver os potenciais dos jovens, não apenas abarrotando-os com conhecimentos, mas também desenvolvendo seu intelecto e o caráter.

Baden-Powell não era um jovem brilhante nas disciplinas tradicionais (literatura, matemática, idiomas ou ciências naturais), mas compensava tudo isso com seus talentos artísticos e o gosto natural pelas atividades ao ar livre. Ao final de seus estudos secundários, para os quais, regularmente, lhe eram conferidas notas baixas, tornou-se cada vez mais provável que ele não seguiria o caminho acadêmico do pai. Entretanto, insistiu em prestar vestibular para ingressar na Universidade de Oxford. Era abril de 1876 e ele estava com 19 anos.

A primeira tentativa foi um fracasso. A segunda também foi uma decepção. Foi então que, no famoso Christ Church College, seu professor Charles Lutwidge Dodgson, mais conhecido pelo nome de Lewis Carroll, autor do inesquecível Alice no País das Maravilhas, o aconselhou a abandonar as esperanças de seguir uma carreira universitária. Para Baden-Powell, o teto havia desabado.

O fracasso, obviamente, gerou consternação em toda família, que mantinha a tradição de ver seus filhos completarem os estudos superiores.

“Pobre Ste... o que seria dele?”, questionava a família silenciosamente. Parecia inconcebível que um moço de sua estirpe e criação tivesse uma profissão indigna de seu background, tornando-se ator. Tal decisão seria uma maldição para uma família que partilhava das opiniões de um famoso dramaturgo e teatrólogo, que sempre afirmava que enquanto uma atriz era mais que uma mulher, um ator era menos que um homem.

Felizmente, em meio a uma atmosfera de melancolia e pessimismo, foi ele próprio que, por acaso, topou com a solução, localizando um anúncio de jornal que convidava candidatos a se submeterem a exames de admissão em uma escola de treinamento de oficiais. 90 vagas estavam abertas na Infantaria

e 30 na Cavalaria. Ele inscreveu-se para os dois exames, que foram realizados em julho de 1876. Para alegria e surpresa geral da família, classificou-se em quinto lugar entre 718 candidatos para a Infantaria e em segundo lugar para a Cavalaria.

Foi um alívio enorme para a família e amigos. Conforme as regulamentações, os candidatos aprovados deveriam cumprir treinamento inicial, durante dois anos, na Real Academia Militar de Sandhurst (Sandhurst Royal Military College). Entretanto, devido aos brilhantes resultados obtidos nos exames, Baden-Powell foi dispensado e, três meses depois, embarcou direto no navio Serapis, rumo à Índia, como subtenente. A família inteira compareceu ao embarque, em Portsmouth, triste em vê-lo partir, mas orgulhosa.

Na época, o senso comum dizia que, apesar de raras exceções, um soldado nunca deveria ser um pensador e que o Exército possivelmente não necessitava de intelectuais em suas fileiras.

O novo subtenente do 13º Regimento de Hussardos (13th. Hussars) R. S. S. Baden-Powell não era nem um, nem o outro.

3. Escotismo militar

Para aquele soldado por acidente, a carreira militar iniciou-se de forma alegre e inesperada, em um navio rumo à Índia. O oficial encarregado do programa de entretenimento dos passageiros civis e militares logo descobriu os talentos versáteis de seu subtenente de cabelos ruivos, que oferecia não somente um vasto repertório, mas também cantava e representava no palco e sabia até mesmo elaborar convites para as festividades a bordo.

A sorte de Baden-Powell continuou ao chegar em Lucknow, região nordeste da Índia, onde o 13º Regimento de Hussardos foi aquartelado. Foram-lhes providos um bangalô, um cavalo e sete criados (dois camareiros, um cavaleiro, dois forrageadores, um cozinheiro e um ajudante de cozinha).

Por uma feliz coincidência, aproximava-se o Natal e a preocupação do regimento se concentrava na preparação e organização de uma grande recepção social, planejada para o dia primeiro de janeiro de 1877, em Délhi (Índia), para comemorar a proclamação da Rainha Vitória como imperatriz da Índia.

Como o clima naquela estação era agradavelmente temperado e seco, as representações teatrais, bailes, recepções, eventos desportivos e corridas de cavalos ocorriam em uma atmosfera de alegria geral, pelo menos no que dizia respeito aos britânicos.

O soldo de um subtenente não era exatamente uma fortuna – apenas dez libras mensais –, e quase sempre precisava ser “espichado” por uma pequena contribuição da família. No entanto, Baden-Powell decidiu manter-se com o que ganhava. Abandonou o hábito de fumar e bebia moderadamente. Com o dinheiro economizado, comprou cavalos cansados a preços de barganha, treinou-os e os vendeu com lucro aos seus camaradas mais ricos. Não só ganhou dinheiro como, repentinamente, apaixonou-se pelo polo e tornou-se um destacado jogador.

Apesar da nova paixão, manteve seu amor pelas artes líricas e pelo teatro. Entretanto, o jovem e dinâmico subtenente sonhava ainda distinguir-se por atos de bravura e heroísmo nos campos de batalha. Mas logo se desencantou: os dois principais inimigos da guarnição eram, invariavelmente, a disenteria

e o tédio. Desses, combateu o segundo com atividades diárias de lazer e com a determinação de conseguir ser aprovado em todos os cursos ministrados pela guarnição, para os quais obteve resultados tão brilhantes que foi promovido a primeiro-tenente. Obteve até mesmo uma distinção especial, em virtude de suas habilidades excepcionais em topografia.

Já com o outro inimigo – a diarreia crônica – não foi tão afortunado. Caiu gravemente doente e foi reembarcado para a Inglaterra, em licença para tratamento de saúde (por conta do Poder Público) dois anos após a data da partida. Estava, então, com 21 anos.

Recuperou-se rapidamente e retomou seu lugar na família, determinado a não perder um único espetáculo na cidade, para referências futuras. Também associou-se a uma escola de tiro em Hythe (Inglaterra) e aprendeu a arte de transmissão de informações por sinais, na esperança de se tornar capaz de usá-la na prática. Porém, naquela época, os britânicos estavam afundando-se, cada vez mais, no pântano do Afeganistão – curiosamente, sob uma visão militar diferente da adotada pela da União Soviética cem anos mais tarde. Londres havia decidido aceitar o desafio da Jihad (a guerra santa dos afegãos).

Baden-Powell mal podia esperar para chegar àquele país, embora estivesse ciente da declaração atribuída ao Duque de Wellington: “No Afeganistão, quando os problemas militares estão terminados, começam os problemas reais”. Mas não havia nem mesmo uma solução militar à vista e, sendo assim, suas preces foram atendidas: seu regimento foi transferido da Índia para o Afeganistão. Recebeu ordens de prosseguir para Kandahar (Afeganistão), uma cidade estratégica localizada nas montanhas, uma área bastante hostil aos guerrilheiros ingleses.

Por sorte, servia sob as ordens do notável coronel Backer Russell, que imediatamente lhe atribuiu importantes responsabilidades, inclusive a tarefa de analisar, juntamente com outros especialistas, os motivos do fracasso militar britânico. O jovem tenente aceitou a tarefa com entusiasmo. Seus relatórios topográficos foram utilizados como referência, tanto pela Corte Marcial local como pelos quartéis do Estado Maior, em Londres.

Com a prudência que lhe era peculiar, Baden-Powell guardou para si as conclusões a que havia chegado sobre o fracasso de seu país, que, em sua opinião, teria acontecido por dois fatores: 1) as armas e equipamentos em uso eram inadequados às condições locais; e 2) devido à incompetência do comandante chefe. Mas havia uma consolação: pela primeira vez, ele estava

em ação, embora seu primeiro tiro tivesse atingido a própria perna, pois seu auxiliar havia esquecido de esvaziar a câmara do rifle. A bala foi extraída do calcanhar um mês após o acidente.

Nesse meio tempo, sem qualquer ação militar à vista, a guerra descambou vagarosamente para uma solução política.

Assim, o 13º Regimento de Hussardos recebeu ordens de retornar à Índia, para a cidade de Muttra, onde permaneceu durante três longos anos. Foi lá que Baden-Powell desenvolveu profunda amizade – talvez a única em sua vida – por um colega, o tenente Kenneth McLaren, a quem apelidou, em virtude da aparência juvenil, de The Boy (o rapaz). Para não ficar atrás, o amigo o apelidou de Bloater (arenque defumado) – alcunha que McLaren repetiu, com afeição, durante toda a vida, mesmo depois de Baden-Powell chegar ao posto de general.

Os anos seguintes fluíram sem quaisquer eventos dignos de registro. Aos 26 anos, o então primeiro-tenente foi promovido ao posto de capitão, em reconhecimento aos serviços prestados no Afeganistão.

Cumpriu, assiduamente, seus deveres como ajudante de comandante – sobretudo, na execução de serviços burocráticos. Nas horas de folga, ministrava aulas de tiro e equitação. Já vislumbrando o que estaria por vir, também ensinava a seus colegas oficiais a arte da exploração e do reconhecimento – ou “escotismo”, uma palavra mágica, mas ainda era demasiadamente cedo para se pensar nela, mesmo que o tempo de exercer sua verdadeira vocação estivesse prestes a chegar.

A maior parte das características que iriam determinar o destino de Baden-Powell foi revelada durante sua carreira militar. Foi ativo, incentivador, jovial e sóbrio em seus hábitos, dono de uma curiosidade insaciável e instintiva compulsão pela vida ao ar livre. Seu amor pela natureza era evidente, desde o início; já a afeição aos animais – principalmente aos cavalos – veio mais tarde.

Por um período (desafiando o sexto artigo da Lei Escoteira), foi apaixonado pela caça, que implicava na morte rápida e honrosa de um animal por meio de uma espécie de lança de ferro (como o autor deste livro é a favor do touro quando na arena, possui pouquíssima simpatia por um esporte tão cruel que, naquela época, era considerado viril e perigoso; sendo perigoso, na verdade, apenas para o javali).

Nosso herói estava tão absorto naquele esporte que chegou a publicar um livro sobre o assunto, intitulado Caça ao Javali com Chuço ou Caça ao

Porco Selvagem (Pigsticking or Houghunting). Esse, contudo, não era seu primeiro livro. Em 1884, Reconhecimento e Escotismo (Reconnaissance and Scouting) já havia sido lançado, em Londres (Inglaterra), bem como seu segundo livro, Instruções de Cavalaria (Cavalry Instructions) – um manual militar que estabelecia regras básicas da arte que, mais tarde, iria se tornar sua especialidade, senão o trabalho de sua vida.

Apesar disso, o popular oficial não tinha qualquer pretensão à fama no campo literário. Era por suas apresentações teatrais e seu talento artístico que, acidentalmente, obtinha sucesso junto ao sexo oposto.

Entretanto, Robert – como a partir de agora será chamado – não mantinha planos matrimoniais (embora, em uma divertida carta à sua mãe, havia anunciado que traria para casa uma “moça com 50 mil libras” logo que se tornasse comandante). Seu grande desejo, naquele tempo, era de ser transferido para qualquer parte do mundo digna das aparições de um oficial ambicioso do 13º Regimento de Hussardos. Sua vontade foi atendida quando o regimento recebeu ordens de seguir para a África do Sul, país em que os assuntos britânicos estavam enfrentando sérios problemas civis e militares.

O principal inimigo dos britânicos, no confuso panorama sul-africano, eram os boers ou afrikaaners, como preferiam ser chamados (brancos, naturais da África, geralmente descendentes de brancos). Eles próprios estavam em conflito com tribos locais – os matabeles, basutos e zulus –, que se ressentiam furiosamente de seus esforços para escaparem daquilo que chamavam de “tirania britânica”. Os boers estavam ainda divididos quanto à maneira de combaterem seus vários inimigos. Suas divergências não tinham se tornado fáceis com a política flutuante e hesitante dos políticos britânicos que retornavam a Londres.

O próprio governo britânico estava em dúvida sobre como estabelecer a “paz britânica” na África do Sul, obviamente, a única solução após um século de lutas, tensões e tréguas incômodas naquele país dilacerado pela guerra. A disputa real, entretanto, não era de negros contra brancos, mas sim de brancos contra brancos, cada um dos lados buscando apoio dos grupos tribais nativos (às vezes, mediante o uso da força). Estes, por sua vez, acabavam sendo tratados como traidores por aqueles que passavam para o lado rival.

Como frequentemente acontece na história, a diferença entre conquistadores e invasores, heróis e terroristas, traidores e legalistas é puramente subjetiva, dependendo de qual dos lados o observador ocasional tenha sido colocado pelo destino.

O capitão R. S. S. Baden-Powell encontrava-se na África do Sul para cumprir seu juramento de lealdade à Coroa Britânica e obedecer a ordens superiores. Até então, não lhe havia sido ordenado lutar. De fato, o evento mais notável daquela viagem foi uma missão secreta de reconhecimento, efetuada em traje civil, na Cordilheira do Drakensberg, para colher informações sobre imigração potencial, mas que, na realidade, eram para fins de espionagem militar. Durante um mês, viajou mil quilômetros a cavalo e não disparou um único tiro, mas cumpriu sua missão clandestina a contento; inesperadamente, adquiriu afeição pelas pessoas que estava espionando, as quais, conforme mencionou em uma carta à sua família, se portavam com grande dignidade.

A primeira permanência na África durou um ano, até fins de 1885. Os dois anos subsequentes foram gastos no cumprimento de tarefas rotineiras, na guarnição, intercaladas com períodos de licenças que, na maioria das vezes, se constituíam de atividades não oficiais de espionagem na Rússia, Alemanha, Bélgica e França.

Robert, em pouco tempo, tornou-se especialista em “profundas missões de reconhecimento”. Automotivado, fez da observação uma forma de arte e encontrou tanto prazer no campo de atividades escolhido que adaptar-se à natureza e à observação meticulosa do seu ambiente tornou-se parte integrante de si mesmo, tanto na vida civil como na militar.

Embora perfeitamente satisfeito com a situação, ainda ansiava por entrar em ação e por uma chance de mostrar bravura nos campos de batalha. Queria abandonar a cerração e o nevoeiro de sua ilha natal, rumo a um país em que pudesse gastar 365 dias do ano exercendo atividades ao ar livre.

O sonho tornou-se realidade parcial apenas em 1888, quando aceitou o convite de um tio materno, general Smyth, para juntar-se a ele na África do Sul. Quando viajava, contornando a extremidade meridional do continente, conhecida como Cabo da Boa Esperança, sentia-se à vontade. Em vista do que o esperava, porém, o nome anterior do Cabo – Cabo de Todos os Tormentos – teria sido mais adequado, pois o trabalho como ajudante de campo era pouco melhor do que o de um glorificado escrevente.

Quando seu tio foi designado para o cargo de administrador colonial, ele o tornou responsável pela organização de piqueniques, jantares, bailes, apresentações teatrais e outras diversões. Frustrado e aborrecido, Robert achou que estava perdendo tempo com assuntos locais, tais como o comparecimento à abertura do parlamento local, no Cabo.

Qualquer um que tenha sentido o gosto da vida colonial sabe que ela nem sempre é uma escola de virtudes ou de melhoria da natureza humana. A este respeito, o clima excepcional e os longos períodos de ócio em nada ajudam. Assim, é louvável que Robert tenha evitado a “armadilha” de um ambiente tão fútil e debilitante, quando o “vá com calma” era a regra da vida. Permaneceu íntegro, sóbrio e muito ativo. Mergulhou em atividades pessoais, desenhando, estudando idiomas e costumes locais, praticando esportes e, principalmente, se dedicando a sua ocupação predileta, a observação de pássaros e animais. Nas horas de folga, escrevia livros. Quanto à carreira, continuou desenvolvendo e aperfeiçoando a arte do “escotismo” e do reconhecimento, ramo tão negligenciado no treinamento militar.

Mas, deixemos que o próprio Robert fale: “O Escotismo difere da espionagem no que ela está colhendo informações a respeito de um inimigo de seu país no curso ordinário da prática militar”.

A definição de escoteiro já havia sido dada no ano 1560 por Nicolau Maquiavel, no livro *A Arte da Guerra* (*Arts of War*): “Eu não achei que, ao vigiar o campo a noite, eles mantinham a trincheira sem guarda, tal como fazem os homens hoje em dia, a quem chamam de escoteiros. Toda a força da vigilância estava dentro da trincheira. Eles temiam que com homens postados em frente ao exército, lá dentro poderiam ser enganados ao vê-los entrarem, ou que pudessem ser forçados ou subornados pelo inimigo”.

Em resumo, os antigos empregavam escoteiros e não postos avançados de vigilância. Dizem que: “O sucesso das modernas artes de guerra depende do conhecimento acurado do inimigo e do país onde a guerra acontece”. Diante da importância vital do reconhecimento, a instrução neste ramo essencial do treinamento militar era falha, mesmo quando entrei para o Exército.

É verdade que nos ensinaram a fazer mapas e elaborar relatórios, mas nunca nos mostraram como reunir material para nossos relatórios ou como coletar informações sobre o inimigo. Ouvei o oficial inglês daquela época ser descrito como “tão ignorante da ciência do escotismo como um chimpanzé o é da patinação”.

Para preencher esta gritante lacuna, Baden-Powell organizou cursos e exercícios de treinamento. Acima de tudo, ensinou pelo exemplo.

Em um exército tão impregnado de tradição, como era o britânico no fim do Século XIX, não constituía feito mesquinho o de persuadir um comando cético a aceitar o valor militar de uma arte que, 25 anos mais tarde,

Baden-Powell iria transformar em um autêntico meio de vida para fins civis e pacíficos. Mas naquela época ainda era um soldado e, como escreveu no livro Reconhecimento e Escotismo: “Os escoteiros são os olhos e ouvidos de um exército e o sucesso de todas as operações depende de sua inteligência e esperteza. O cérebro e o braço forte, o general e seus soldados, estão desamparados, a menos que os escoteiros expliquem onde, quando e como atacar ou repelir o ataque”.

Após a experiência solitária na Cordilheira de Drakensberg, durante a viagem à África do Sul, foi apresentado a Baden-Powell, em 1888, uma oportunidade rara para por em prática sua especialidade em “escotismo”.

A Guerra dos Zulus, um dos mais importantes e intermináveis conflitos na África do Sul, estava atingindo o clímax. A situação era tão crítica que o general Smyth recebeu ordens de prosseguir para Natal (África do Sul), ao longo da fronteira da Zululândia, a fim de impor um governo colonial aos zulus. O oficial de alta patente que deveria atuar como seu secretário militar não havia chegado da Inglaterra e o capitão Baden-Powell, embora detentor de patente inferior, foi designado substituto. Esta era a oportunidade pela qual tinha esperado. O oficial encarregado da expedição nomeou-o vice-comandante de um regimento de 600 dragões, composto de 400 brancos e 200 negros. Pela primeira vez na vida, era comandante no campo de batalha, com instruções específicas de planejar estratégias e táticas. O objetivo inicial era capturar o chefe Dinizulu, um guerreiro zulu que estava liderando a luta do povo contra a incorporação do território pelos britânicos. Um segundo objetivo era resgatar o comissário assistente britânico Pretorius, que se encontrava sitiado pelos zulus.

A operação para captura de Dinizulu foi prejudicada, especialmente pelas disputas políticas e militares, e ele acabou fugindo para um esconderijo. Somente após terem sido informados por integrantes da equipe de escoteiros de Baden-Powell, o Comando Geral ficou a par da reviravolta dos acontecimentos.

Contudo, o resgate de Pretorius foi um sucesso, após furiosa perseguição em campos difíceis e perigosas matas, que durou três semanas, durante as quais os britânicos estiveram sob permanente ataque dos espertos e ativos zulus, que se mantinham sentados, vigilantes, sobre penhascos e conheciam cada palmo do terreno.

A chuva, as gélidas noites e a umidade excessiva eram os outros inimigos das tropas britânicas. Sem barracas ou qualquer outro tipo de abrigo, nos campos abertos e nas matas, os escoteiros mantinham-se, dia e noite, em vigilância permanente. E, na falta de médico, era Baden-Powell quem tratava os doentes e feridos e os reconduzia em segurança.

Em um relatório sobre a “Expedição Pretorius”, o oficial comandante destacou que o “capitão Baden-Powell, um oficial de extrema confiança, destacada previsão e perfeito conhecimento da arte militar em seus mínimos detalhes, foi uma tremenda ajuda”. Aquela expedição marcou o início da ascensão de Baden-Powell à fama. Mas longe de descansar à sombra de sua glória, prosseguiu organizando seu serviço de informações e, novamente, lançou-se na perseguição a Dinizulu.

Mais de uma vez, arriscou a própria vida na perigosa caçada, que terminou na rendição do chefe zulu, exilado pelos britânicos na então famosa ilha-presídio de Santa Helena. Quanto a Dinizulu, este se tornou um dos primeiros “graduados da prisão”, seguido, mais tarde, por outros que passaram por esta dura escola, apenas para emergirem como líderes dos seus países descolonizados.

Nesta campanha, Baden-Powell adquiriu três coisas que guardaria durante o resto de seus dias. A primeira, um longo colar do chefe Dinizulu, formado com contas de madeira entalhada (com o qual, mais tarde, presentearia seus melhores escoteiros, costume praticado até os dias de hoje, com réplicas do colar). A segunda, uma experiência de humildade, que o ensinou não somente apreciar as qualidades de seu adversário, mas também aprender sua forma de vida e sua cultura, fosse ele um bantu ou boer, tal como o líder Boer Oom Kruger, a quem colocou em pé de igualdade com Cromwell. E, finalmente, adquiriu uma canção zulu – Ingonyâma –, uma melodia majestosa e cativante, que mais tarde tornar-se-ia o canto dos escoteiros em todo o mundo.

Em nível prático, Baden-Powell foi promovido ao posto de major aos 32 anos – sua terceira promoção antes do tempo normal e sem tomar parte ativa em uma única batalha real.

4. Quatro passos para a glória

O primeiro passo de Baden-Powell rumo a glória foi, talvez, o menos espetacular e pouco contribuiu para sua futura reputação. Seu tio, general Smyth, então nomeado cavaleiro, foi designado Governador de Malta e levou, novamente, o sobrinho para ocupar os cargos de ajudante de campo e secretário militar.

Baden-Powell viu-se, mais uma vez, envolvido com os serviços burocráticos, mas com tempo suficiente para se dedicar a seus esportes favoritos, especialmente o polo. Como anteriormente, ganhou reputação como artista e apresentador de peças teatrais, cantor, ator e mímico. Também pintava cenas da vida diária na ilha mediterrânea e colaborava com artigos para jornais e revistas, publicados em Londres (Inglaterra).

Os esforços artísticos e literários lhe rendiam dinheiro suficiente para manter um padrão de vida condizente com seu posto de oficial da Cavalaria, permitindo-lhe, ainda, continuar com seus passatempos favoritos e de entretenimento. Isso tudo, obviamente, tomava-lhe muito tempo, mas não o bastante para ocupar totalmente sua irrequieta energia.

Contrariando os conselhos de seus companheiros, lançou-se em um arriscado e custoso empreendimento: criou um centro de lazer e teatro para militares, formado por salas de jogos e um ginásio de esportes; uma espécie de clube, com hotel e restaurante, incluindo quartos para hospedagem de esposas e crianças, na guarnição. Seus superiores se opuseram ao projeto, não somente porque o consideravam fadado ao fracasso, como também por estar ocupando o então major para além de seus deveres oficiais – e também porque o clube ficava na área onde estavam localizados os bordéis de Valeta, a capital de Malta. Mas, a esse argumento, Baden-Powell respondia: “Se você tem um abscesso, onde colocaria a cataplasma?”. O nome pegou e, dali em diante, soldados e marinheiros sempre se referiam ao clube como o Cataplasma, que se tornou um grande sucesso.

Contudo, Robert ainda se sentia pouco à vontade em Malta, como pode ser visto em carta que escreveu à mãe, mencionando: “Você não pode imaginar aquela doença do campo (como eu deveria chamá-la?) que pega

na gente – uma espécie de fome de estar fora, em lugar ermo e distante desta mistura de vida fácil, trabalho burocrático de escritório, estúdio de desenho, escrevente e mordomo”.

Portanto, não foi surpresa que tenha agarrado com entusiasmo a oportunidade de atuar como oficial no Serviço de Informações.

Entretanto, o nosso “James Bond” não estava satisfeito como espião profissional. Gastava até mesmo os períodos de licença em trabalhos de levantamento de informação. Desempenhando o papel de artista que lhe caía tão bem, ora como turista, ora caçador de borboletas, visitou a Albânia, Grécia, Turquia, Tunísia, Bósnia, Herzegovina e outros países. O inocente caçador de borboletas anotava um monte de informações militares em seu bloco de desenho. Por detrás de soberbos esboços de borboletas coloridas, estavam codificadas mensagens sobre fortalezas, canhões e outras instalações de guerra.

Apesar da monotonia da vida cotidiana na guarnição, não foi uma época desperdiçada. Mas, o fato é que Baden-Powell sentia-se infeliz como burocrata militar. Movido pela ambição, buscou uma nova promoção (muito embora já tivesse alcançado postos mais elevados bem antes do tempo regular). O único caminho parecia-lhe ser por meio da Escola de Estado Maior (Staff College). Retomar os estudos clássicos era a última coisa que desejava, mesmo assim candidatou-se, mas seu pedido foi recusado, sob pretexto de que sua experiência de campo era insuficiente.

Em carta a seu irmão George – e convencido de que seu futuro militar estava em baixa –, resumiu a situação da seguinte maneira: “Estou receoso de que a Escola de Estado Maior esteja além do meu alcance agora. Acho-me além da idade e estou certo de que não posso pagar um preparador para o exame, tampouco aprender a matemática exigida”. Ao escrever isso, possivelmente, tinha em mente as notas baixas obtidas na Charterhouse – nos estudos clássicos, quase sempre recebia comentários como: “Parece ter muito pouco interesse pelo seu trabalho”; em matemática: “Praticamente abandonou o estudo da matemática”; nas ciências naturais: “Não presta a mínima atenção”; e nas línguas modernas: “Poderia sair-se bem, mas tornou-se muito preguiçoso, frequentemente dorme durante as aulas”.

Assim, apesar dos anos felizes que tinha passado no 13º Regimento de Hussardos, decidiu buscar novos horizontes. Na carta ao irmão, mencionou até mesmo os seis anos que faltavam para “aposentar-se com uma pensão decente”.

Após renunciar o posto de ajudante de campo e secretário militar, e enquanto aguardava transferência para um regimento aquartelado na Irlanda, aceitou a proposta do jornal *Graphic*, de Londres, para fazer reportagens sobre os massacres dos armênios, na Turquia – uma tarefa de cunho puramente jornalístico, com todas as despesas e generosas diárias pagas. Mas, “um homem propõe... e Deus dispõe...”, quando o repórter errante Robert Baden-Powell estava prestes a fazer as malas, veio a ordem de prosseguir imediatamente para a Costa do Ouro (hoje Gana), onde os rebeldes ashantis estavam tornando difícil a vida dos colonizadores britânicos. Lord Wolseley, o comandante-chefe, pessoalmente, resumiu a missão: “Você deverá recrutar um contingente de nativos e comandará, com força escoteira e pioneira, a nossa “Expedição Ashanti””. E acrescentou: “Não que este seja um serviço da Cavalaria, mas uma tarefa na qual você terá oportunidade de fazer uso total de suas habilidades”.

Assim, Robert embarcou, mais uma vez, para a África, em novembro de 1895, com posto de major. Estava com 38 anos.

O período que permaneceu em Gana – e que constituiu seu segundo passo rumo à glória – foi o mais breve, durou apenas dois meses. Foi também inigualado, pois não gastou um dia sequer em escritório e, pela primeira vez, pausou as apresentações teatrais e de entretenimento e os esportes, seus passatempos favoritos.

Sua missão era parte de uma campanha de pacificação dos ashantis, uma tribo guerreira com o infeliz hábito de desafiar as tréguas firmadas com os britânicos. Os ashantis rebelaram-se não apenas contra a ordem colonial imposta pelos representantes da Rainha Vitória, mas também contra todos os invasores que, desde os primeiros aventureiros franceses procedentes de Ruão, em 1336, seguidos por dinamarqueses, ingleses, portugueses, suecos e outros, eram atraídos àquele país inóspito, que tinha o infortúnio de possuir sob seu solo imensas jazidas de ouro.

A disputa entre a Inglaterra e os ashantis, na época, se dava pela falta de cumprimento, por parte dos colonizados, das condições estabelecidas em um tratado concluído em 1874, 20 anos antes, mediante as quais os nativos se comprometiam a garantir livre e seguro acesso às suas rotas comerciais; a abandonar a tomada de escravos, alguns dos quais eram ofertados como sacrifício humano; e a pagar à Coroa Imperial uma indenização de 50 mil onças de ouro.

O jovem rei ashanti – conhecido como Coumassi ou Kumasi – era um “espinho especial na carne” dos senhores brancos, devido aos repetidos desafios empreendidos por ele ao tratado. Sob o código moral do período, a única maneira de refreá-lo era por meio do fogo e da espada.

O papel desempenhado por Baden-Powell foi vital: formar e conduzir uma companhia de soldados locais, a fim de abrir caminho para as tropas regulares, além de garantir a segurança dos depósitos, bases de campo e das comunicações.

Era, de fato, um trabalho pioneiro. A tarefa envolvia uma distância de cerca de 130 quilômetros, que se estendia desde a costa até a capital do rei rebelde, em um terreno considerado um pesadelo. Além dos obstáculos naturais da floresta tropical, havia a fauna, em que os pequenos insetos representavam o maior perigo. Além disso, a ação foi integralmente executada sob um calor intolerável e com a umidade da floresta virgem, onde os ashantis, perfeitamente conscientes das intenções do inimigo, tinham plantado suas sentinelas.

Baden-Powell usou toda a sua astúcia e paciência para recrutar, localmente, um bando de mercenários leais que, naturalmente, aos olhos de seus compatriotas, eram traidores. Foi, então, que aprendeu a apreciar a sabedoria do provérbio ashanti: “Devagarzinho... devagarzinho se pega o macaco”, que significa que a maneira de capturar o macaco é através de suave aproximação e paciência.

Robert foi sempre modesto e autocrítico ao descrever seus feitos de guerra. Entretanto, sua descrição da “Expedição Ashanti” foi fiel aos terríveis perigos da floresta tropical que, não sem motivos, é chamada inferno verde. Novamente, a “paz britânica” foi imposta sem que qualquer batalha real tivesse ocorrido.

Por tudo isso, Baden-Powell tinha mais do que merecido a promoção ao posto de tenente-coronel e uma licença de poucos meses que lhe foi concedida. Mas, sua natureza era avessa à inatividade, assim, mergulhou no lazer e escreveu livro *A Queda de Prempeh* (*The Dowfall of Prempeh*), baseado em uma coletânea de artigos que tratavam de suas atividades.

Tal livro, ilustrado com seus próprios desenhos, firmou sua reputação junto aos jornais e, até certo ponto, perante o público que aguardava reportagens em primeira mão. Isso explica porque lhe foi oferecido o cargo de correspondente de guerra no Sudão – país que, na época, estava revoltado

contra os britânicos. O contrato estabelecia que ele teria liberdade para fixar suas próprias condições. Era uma proposta tentadora, mas, novamente, o destino decidiu o contrário. No dia 28 de abril de 1886, recebeu ordens do Comando Geral para embarcar, no dia 2 de maio, para Cabo, na África do Sul.

O terceiro passo de Baden-Powell rumo à glória foi dado na qualidade de chefe do quadro pessoal do general Frederick Carrington, enviado para subjugar a revolta em Matabeleland (África do Sul), onde várias tribos haviam sido escoraçadas de suas terras pelos boers, apenas para enfrentarem os britânicos.

Aumentar a raiva dos nativos foi a medida tomada por um dos maiores construtores de impérios de todos os tempos: Cecil Rhodes, conhecido por todos os povos nativos como “o touro que aparta os touros brigões” e “o grande irmão que devora países inteiros como merenda”. Para ilustrar a questão, seu nome foi dado a um país maior que França, Itália e Espanha juntas. A Rodésia levou o nome do surpreendente construtor de impérios durante mais de 80 anos, quando, ao final de lutas sem fim e de um banho de sangue, finalmente obteve sua independência e mudou de nome, passando a chamar-se Zimbábue. O país permanece até hoje como palco de rivalidades e lutas entre compatriotas, que ocorrem sob o patrocínio de grandes potências com interesses, mais do que passageiros, em sua localização estratégica e em seus ricos recursos naturais.

Filho de um modesto pastor, Cecil Rhodes já era milionário (em libras esterlinas de ouro) aos 25 anos. Sua ambição e a fome de poder não tinham limites. Sonhava em colocar o continente africano inteiro sob domínio britânico, desde o Cabo até Cairo, convencido de que à sua raça estava reservado o destino de governar o mundo todo. Visionário e aventureiro, político sagaz e hábil negociador, o vigoroso e vulgar Rhodes nada tinha em comum com o tenente-coronel Baden-Powell, exceto o amor apaixonado pela África. Foi esse elo comum que os aproximou durante algum tempo.

Os deveres oficiais de Baden-Powell eram os de chefe do quadro pessoal do general Frederick Carrington. Seu superior compreendeu rapidamente que seus talentos podiam ser melhor aproveitados no campo do que no exercício de serviços burocráticos de escritório. Confiou-lhe duas missões importantes: 1) organizar e dirigir todas as atividades de reconhecimento e coleta de informações; e 2) na condição de comandante de campo, atuar na perseguição de um inimigo poderoso, treinado e numericamente forte,

especializado na colocação de armadilhas e emboscadas em um território espantosamente difícil, cheio de obstáculos naturais.

Muito do crédito pelo sucesso da campanha foi conferido a Baden-Powell, embora o papel vital desempenhado por ele possa ser atribuído mais às suas qualidades humanas do que a seus méritos militares. Entregou-se à guerrilha, no mato, como um peixe à água. As decisões estratégicas surpreendentes, tomadas durante a campanha – que, muitas vezes, resultaram nas mais corretas –, foram, primariamente, devidas ao seu aguçado senso de observação. Permaneceu na Matabeleland durante uns poucos meses apenas, em que, a julgar pelo que escreveu em uma carta à mãe, passou um dos períodos mais felizes da sua vida.

Contudo, um evento frustrou sua felicidade. No meio da missão que desempenhava, foi obrigado a ordenar a execução de um chefe rebelde, acusado de ser incendiário e assassino. Após o pelotão de fuzilamento ter cumprido suas ordens, os motivos da imposição da penalidade máxima foram questionados pelas autoridades. Baden-Powell foi levado a julgamento e, apesar de ter sido absolvido, o pensamento de ter tomado a decisão de mandar fuzilar um outro ser humano, sem uma prova cabal de culpa, o perseguiu durante muitos anos. É provável que tal experiência tenha desempenhado um papel importante em sua dedicação ao pacifismo, posteriormente.

Tais acidentes constituem atos e conseqüências inerentes a qualquer guerra, embora muito mais dolorosos a um homem de extrema sensibilidade, como Baden-Powell, do que aos demais.

Isso posto, vale a pena lembrar novamente as qualidades deste notável oficial e sua perspicaz habilidade de adaptação ao combate, em qualquer lugar, clima e ambiente – uma habilidade latente, que um biógrafo mais tarde descreveria como “curiosidade pela coisa real”.

As próprias palavras de Baden-Powell são expressivas. Em seu livro *A Campanha de Matabele* (*The Matabele Campaign*), publicado em 1897, um ano após o evento, descreveu – desta vez, porém, de forma não-violenta: “Um dia, durante a Guerra de Matabele, eu cavalgava junto com um nativo, sobre uma planície ampla, coberta de grama. Repentinamente, cruzamos uma trilha recentemente feita, em que as folhas da relva ainda estavam verdes e úmidas, embora pisoteadas, todas elas inclinadas de tal forma que indicavam para onde as pessoas tinham andado. Acompanhando a trilha durante algum tempo, observamos que ela ia até a um trecho arenoso em que podiam ser

vistos rastros de várias mulheres (pés pequenos e passos curtos) e de rapazes (pés pequenos e passos mais longos) caminhando – não correndo – em direção a alguma colina situada a uma distância de cerca de cinco milhas, onde julgamos que o inimigo estava escondido.

Observamos depois que uma folha encontrava-se sobre a relva, a cerca de dez jardas, fora da trilha. Em um raio de cerca de algumas milhas não existiam árvores, mas sabíamos que árvores com aquele tipo de folha cresciam em uma aldeia situada a 15 milhas de distância, na direção de onde procediam as pegadas. Parecia ser provável, portanto, que as mulheres vinham da aldeia, traziam consigo as folhas e se dirigiam para as colinas. Ao apanhar a folha, observamos que ela ainda estava molhada e dela exalava um odor característico de cerveja nativa. Ficamos conjecturando, pois, que de acordo com o costume local, as mulheres carregavam sobre suas cabeças potes de cerveja nativa, tampados com feixes de folhas. Uma das folhas tinha caído fora da trilha e isso demonstrava que havia vento. E, como agora – às sete horas – não estava ventando, ele deveria estar soprando às cinco horas.

De todos esses pequenos sinais, concluímos que um grupo de mulheres e rapazes tinha trazido cerveja, durante a noite, da aldeia situada a uma distancia de 15 milhas e levado para o inimigo nas colinas, tendo lá chegado logo depois das seis horas. Os homens, provavelmente, começariam a beber a cerveja imediatamente (visto que ela se torna azeda em poucas horas) e, a tempo de nossa chegada lá, já deveriam estar sonolentos e mantendo má vigilância. Teríamos, assim, uma chance favorável de observarmos sua posição. Por isso, seguimos a trilha, encontramos o inimigo, fizemos nossas observações e nos retiramos tranquilamente, com as informações obtidas e sem qualquer dificuldade.”

Não é difícil perceber, após ler estas linhas, o esboço do futuro “Escoteiro da Paz” – o homem que dedicou sua vida a compartilhar com os jovens seu amor pela natureza. Todavia, ele ainda não havia atingido aquele ponto. Promovido a coronel, aos 39 anos de idade, retornou à sua guarnição, em Dublin, onde estava aquartelado o 13º Regimento de Hussardos.

Lá, encontrou-se em situação estranha e incômoda: a de ser superior do tenente-coronel que comandava o regimento, o que exigia uma rápida solução, que veio inesperadamente. Foi transferido para a Índia, como comandante do 5º Regimento de Dragões.

Com certo pesar, disse adeus ao regimento de que tinha feito parte durante 20 anos. Entretanto, estava muito satisfeito em “voltar para casa” – a Índia – e refazer contato com seu ex-comandante, nomeado cavaleiro Backer Russel, e com Kenneth McLaren, “o rapaz” como o apelidara, seu único amigo verdadeiro.

Na ausência de uma missão militar específica, dedicou-se à observação, mas, desta vez, o fez em nível humano, procurando entender a causa da quase permanente epidemia que dizimava o regimento. Graças a medidas muito rigorosas que introduziu na alimentação e higiene, a calamidade foi dizimada.

Como o famoso general francês Hubert-Joseph Lyautey, Baden-Powell foi orientado a se “equipar” com uma antena para captar as necessidades, desejos e aspirações de seus comandados. Mais motivado do que nunca, dedicou-se à criação e treinamento de uma equipe de soldados-escoteiros em seu novo regimento. Como incentivo extra àqueles soldados, desenhou um emblema especial, semelhante a uma flor-de-lis, símbolo do hemisfério norte nas cartas marítimas (o famoso norte, que nunca deve ser perdido).

Ampliou também seu livreto sobre reconhecimento e escotismo, publicado 14 anos depois e reeditado sob o título de Ajudas ao Escotismo, para Homens e Oficiais não-comissionados (Aids to Scouting for NCOs and Men). Tal publicação não era sobre teoria, mas um livro prático, preciso e projetado para salientar e desenvolver as qualidades relevantes do caráter de um homem, tais como a confiança em si mesmo, perspicácia, astúcia, adaptabilidade, bravura, lealdade e senso do dever, entre outros.

Foi neste livro que Baden-Powell sugeriu, pela primeira vez, a formação de pequenos grupos de treinamento, possibilitando-os desenvolver suas próprias dinâmicas. Introduziu a ideia de jogos – a maioria idealizada por ele mesmo – como método educacional. Os esboços do futuro Movimento Escoteiro já podiam ser vistos no horizonte.

Durante sua estadia de mais de dois anos na Índia, ele também fez experimentos com a autoconfiança como forma de desenvolvimento pessoal. Por vezes, atribuiu a seus comandados responsabilidades que estavam muito além de seus níveis de instrução ou experiências militares. Todavia, alcançou os objetivos propostos. Por meio de métodos originais, descobriu o papel poderoso que a fé e a confiança podem desempenhar na educação e no fortalecimento do caráter de um homem.

Durante este período calmo e sem acontecimentos, retomou as atividades teatrais que tanto gostava, nunca usando intencionalmente o próprio posto; o fato de ser comandante-chefe não o impediu de apresentar-se no palco e, como sempre, obteve grande sucesso. Dedicou também grande parte de seu tempo à prática de esportes, especialmente o polo.

Havia chegado a hora de deixar a Índia que tanto amava e, em maio de 1899, retornou a Londres (Inglaterra), ainda disponível para o serviço militar ativo. Apenas duas semanas tinham decorrido desde sua chegada e foi convocado para encontrar com o Lord Wolseley, comandante-chefe do Exército Imperial.

— Quero que o senhor vá para a África, disse-lhe Wolseley.

— Sim, senhor.

— em, o senhor pode ir no próximo sábado?

— Não, senhor.

— Por que não?, vociferou Wolseley.

— Não tem navio no sábado, mas posso ir na sexta-feira.

O general soltou uma estrondosa gargalhada e continuou explicando a missão de Baden-Powell. Ele fora nomeado comandante-chefe das forças britânicas que se encontravam na fronteira rodesiana. Estupefato, Robert arrumou as malas, despediu-se da família e embarcou para o desconhecido.

Estava prestes a dar seu quarto e último passo rumo à glória.

5. Mafeking ou um “blefe magistral”

É reconhecido que, sem Baden-Powell, o Escotismo jamais teria visto a luz do dia. Pode-se acrescentar ainda que sem o seu prestígio mundial, como herói de guerra, o Movimento Escoteiro nunca teria alcançado suas atuais dimensões.

Seu renome como herói foi conquistado no período de 11 de outubro de 1899 a 17 de maio de 1900 – em exatamente 217 dias. Nestes quase sete meses, ele emergiu como salvador do que será para sempre conhecido na história como o Cerco de Mafeking, uma cidadezinha obscura localizada na África do Sul que, por acidente, foi projetada mundialmente quando se tornou cenário do conflito entre os boers e os britânicos. Assim, a reputação em âmbito mundial de Baden-Powell rememora o papel por ele desempenhado no cerco.

Não é fácil explicar a histeria coletiva que tomou conta do povo britânico – normalmente, tão calmo e controlado – quando foi anunciado o levantamento do cerco daquela cidade há tanto tempo esquecida. Mas nada era normal naqueles dias frenéticos do mês de maio de 1900 e a nação britânica deu vazão ao seu alívio e aclamou o seu herói – Baden-Powell – e ele próprio ficou assombrado com a fama que lhe impuseram.

O telegrama anunciando a boa notícia levou cerca de dez horas para chegar de Pretória (África do Sul) a Londres (Inglaterra). Caiu no birô de notícias da Reuters 17 minutos após as nove horas da noite. Meia hora mais tarde, uma imensa multidão invadiu as ruas de Londres para irromper em uma orgia de comemorações, seguida pelo resto do país alguns minutos depois.

Plateias, artistas e atores nos teatros de variedades levantaram-se, espontaneamente, para cantar o hino nacional. A Rainha Vitória abandonou a mesa de jantar para despachar telegramas de congratulações, em nome do Império Britânico, a Baden-Powell e às suas tropas, a milhares de milhas de distância, na África do Sul.

Os jornais, em edições especiais, descreveram a bravura das forças britânicas como “uma nova página na história do heroísmo humano”.

Baden-Powell foi promovido a general de divisão na hora – o mais jovem naquele posto do Exército britânico. Estava com 43 anos. Um modelo seu, em cera, tomou lugar na plataforma dianteira do famoso Museu de Madame Tussaud, em Londres. O vencedor de Mafeking, repentinamente, tornou-se o maior herói depois de Visconde Nelson e Duque de Wellington (heróis das Guerras Napoleônicas).

Deveríamos registrar com foi que ele tratou esta fama repentina. Um exame mais acurado de alguns dos aspectos do cerco torna-se necessário para melhor compreensão do caráter do nosso herói.

Com o devido respeito às vítimas inocentes da legendária Mafeking, deve ser mencionado que o cerco não foi notável pela bravura de qualquer um dos lados. Ao todo, 20 mil granadas caíram sobre a cidade – umas 100 por dia –, causando danos relativamente pequenos e interferindo muito pouco na vida cotidiana dos seus defensores.

Além disto, Mafeking em tempo algum esteve inteiramente sitiada pelos boers. Espiões e mensageiros entravam e saíam livremente e, segundo as palavras de um historiador moderno e irreverente, os piores inimigos das tropas e da população na cidade sitiada eram as pulgas, moscas, mosquitos e formigas. Os suprimentos eram adequados e não havia nem mesmo falta de diversão – a exemplo do jantar oferecido às vésperas do Ano Novo, com uma dúzia de pratos diferentes, que não teria difamado um hotel três estrelas.

Jogos de polo e de cartas (bridge), bilhar e apresentações teatrais animavam uma atmosfera que se caracterizava especialmente pelo aborrecimento. Houve, por certo, alguns casos fatais e de danos materiais, mas o número total de mortos não foi superior a 400.

Do lado britânico, os combatentes totalizavam 1.213 oficiais e praças; e 6 mil do lado dos boers. A população civil, na cidade sitiada, era estimada em 1.800 brancos – incluindo mulheres e crianças – e 7.500 negros. Tampouco foram exorbitantes os custos da guerra: 123.251 libras esterlinas, que incluíram alimentação dos defensores e compensação dos danos causados pelas granadas à população local.

E, antes de tudo, não foi um cerco sangrento. De fato, houve apenas dois confrontos, que poderiam ser descritos como violentos. Não admira, pois, que o Cerco de Mafeking tenha sido habilmente descrito por um eminente historiador como “a última das guerras de cavalheiros”.

A título de esclarecimento, as hostilidades cessavam nos domingos, que eram uma espécie de trégua não-oficial consentida por ambos os lados. Aquele era o dia consagrado à igreja ou para descanso (e para que as mulheres lavassem e passassem as roupas). Bandeiras brancas e emblemas da Cruz Vermelha eram escrupulosamente respeitados; os mensageiros que portavam cartas dos atacantes eram tratados com deferência e até presenteados.

Para acrescentar à irrealidade, havia até um intercâmbio de correspondências entre os comandantes inimigos, na qual tratavam-se um ao outro de Vossa Excelência, terminando os comunicados com expressões como: “Tenho a honra em permanecer vosso mais obediente servo”.

É claro que Mafeking não foi um mini-Stalingrado, um gueto de Varsóvia ou Dien-Bien-Phu. A histeria dos britânicos – normalmente controlados – ao saberem que a cidade tinha sido liberta é difícil de entender, bem como a lisonja despejada sobre os heróis do dia, em especial, sobre a estrela da ocasião: Baden-Powell.

É até mais difícil ainda explicar a maneira sensacionalista que a divulgação foi feita pelos meios de comunicação, que, em manchetes de jornais, traziam histórias comparando a campanha lerda, sem acontecimentos dignos de nota, com os mais gloriosos atos de bravura na longa e brilhante história militar da Grã-Bretanha.

A resposta a estas questões embaraçosas é encontrada ao se examinar mais de perto a estranha atmosfera do final do período Vitoriano. O Império Britânico estava no ápice de sua glória e era inconcebível que a “paz britânica” pudesse ser perturbada por qualquer quadrante do mundo. Duas pequenas repúblicas absurdas, como eram chamadas pela imprensa britânica – a Transvaal (comumente conhecida como República Sul Africana) e o Estado Livre de Orange, ambas habitadas por camponeses frustrados e religiosos –, tinham ousado torcer a cauda do invencível “leão britânico”, para divertimento do resto do mundo.

Apesar da superioridade numérica e técnica, o exército britânico tinha sofrido humilhantes e inesperadas derrotas e o obscuro Cerco de Mafeking tornou-se, repentinamente, o símbolo da sobrevivência do Império. Após a derrota em Magersfontein – um evento que traumatizou a opinião pública britânica mais do que qualquer outro durante a era vitoriana –, as esperanças da nação estavam centralizadas em Mafeking. Resgatar a cidade do domínio dos boers tornara-se um ponto de honra.

Os próprios boers exageravam na questão (pois, quando prestígio, honra e reputação estão em risco, todo pensamento racional é jogado ao mar).

A verdade é que a nação britânica estava absorvida pelos monótonos negócios de um Estado industrializado em expansão, enquanto o povo tinha uma carência psicológica de mistério e fantasia das conquistas de terras longínquas e, pela mesma razão, de heroísmo e de heróis. A resposta foi Baden-Powell.

Quanto a Baden-Powell, seu destino foi estranho: um soldado por acidente que se tornou herói por acidente, preenchendo, assim, uma necessidade do público. Ninguém contestou suas qualidades, sequer em nível militar. Com apenas um punhado de homens, tinha resistido a um exército que era, no mínimo, três vezes mais numeroso, permitindo que as desorganizadas tropas britânicas se reagrupassem para um contra-ataque.

Em nível humanitário, igualou-se à imagem que o público tinha criado de sua personalidade: calmo, controlado, corajoso e capaz de realizar atos de heroísmo onde quer que surgisse a necessidade. Seu senso de humor apenas aumentou sua popularidade.

Era mestre em elaborar boletins autocríticos de guerra: “Tudo bem. Quatro horas de bombardeio. Um cachorro morto”. Seu aguçado senso de humor fez do inimigo um alvo de ridicularização. Desempenhou o lado trágico e sangrento da arte de guerra e o público comoveu-se com seu feito. O público queria um herói autêntico, brincalhão, ousado e tipicamente esquisito, no estilo britânico. E encontrou-o na pessoa de Baden-Powell.

Para as finalidades deste livro, o conhecimento de como e por que Baden-Powell tornou-se herói não é um fato de relevância especial. O que interessa é que ele foi amplamente reconhecido como tal e reagiu com modéstia, pouco escondendo seu divertimento. Mais tarde, escreveria estas palavras anticlimáticas: “A coisa toda foi, e tinha de ser, um blefe, do princípio ao fim. Não foi o que vocês chamariam de um respeitável feito militar, mas apenas um mero episódio, embora tivesse sido muito anunciado pela imprensa da época”.

Mafeking tornou Baden-Powell um dos homens mais famosos de seu tempo. Logo tornar-se-ia ídolo da juventude em todo o mundo, tomando a decisão de voltar as costas a todas as formas de violência e colocar sua fama militar à disposição do movimento educacional não-militar, com o qual seu nome estará para sempre ligado: o Escotismo.

6. Um homem, um livro, uma ilha

Nunca é fácil para um herói militar retornar à vida civil, mesmo tendo ele se tornado soldado por acidente – como foi o caso de Baden-Powell. Não havia dúvida que ele gostava da vida no Exército e tinha se tornado um oficial de destaque e até mesmo brilhante.

Sua folha de serviços era incontestável. O paradoxo, entretanto, era que sua reputação como herói militar reforçava o sentimento de que, se permanecesse de uniforme, estaria perdendo tempo.

Dez anos mais deveriam se passar até chegar o dia em que se despediu do Exército. Finalmente, aposentou-se no dia 7 de maio de 1910 – exatamente no mesmo dia em que o Rei Eduardo VII, sucessor da Rainha Vitória, faleceu. O próprio monarca lhe havia conferido a Ordem de Bath (Order of the Bath) e, ainda mais, o havia pressionado e encorajado a dedicar-se, em tempo integral, ao Escotismo. Foi o rei quem entrevistou para fazer com que Baden-Powell se aposentasse mais cedo, com um posto que, normalmente, nunca teria alcançado em sua idade relativamente jovem. Sua ascensão na hierarquia militar havia sido fenomenalmente rápida, sendo elevado ao posto de general de divisão aos 43 anos e ao de lieutenant general aos 50 (este último, geralmente, não alcançado antes dos 62 anos, seja em serviço ativo ou como aposentado).

Na década compreendida entre o seu triunfo em Mafeking e a sua retirada do serviço ativo no Exército, Baden-Powell seguiu um caminho duplo: retirou-se, pouco a pouco, de todas as atividades militares e dedicou-se, cada vez mais, ao Escotismo.

Nesse meio tempo, teve de pagar o preço por ser herói. Foi cumulado de honrarias, tanto na África como na Grã-Bretanha, e, contra sua vontade, aclamado onde quer que fosse, levando um tipo de vida que era repugnante ao seu verdadeiro temperamento.

Entretanto, o triunfo que iria coroar sua carreira militar ainda estava por vir. Apesar de suas promoções anteriores, não havia nada que indicasse que iria chegar até o próprio ápice. O fato de não ter sido qualificado para ingressar na prestigiada Escola de Estado Maior (Staff College) era

inconsequente para Baden-Powell, mas, assim mesmo, ainda representava uma desvantagem perante aqueles que estavam no topo da escada militar.

Importantes designações lhe foram ofertadas, mas nenhuma delas oferecia qualquer perspectiva de alcançar as elevadas esferas no Exército Imperial. Foi colocado no comando de uma forte unidade militar, formada por 10 mil homens, cujo objetivo era a manutenção da paz em uma missão no cone sul do continente africano, após intermináveis guerras e conflitos entre compatriotas, até então sem solução naquela região vulnerável, tão rica em recursos naturais, mas objeto de tantos olhos cobiçosos.

O jovem general dedicou-se com entusiasmo à nova tarefa, apesar da indiferença do alto comando que, originalmente, prometera maravilhas, mas que depois que a paz e a ordem foram restauradas, esteve inteiramente preocupado com assuntos mais urgentes. Baden-Powell logo organizou uma força montada, não apenas formada com elementos recrutados de suas tropas regulares, mas também com voluntários originários do Canadá, Nova Zelândia, Austrália, Índia, Ceilão e outros países.

Outra inovação – tolerada apenas devido à recente glória – foi o planejamento de um sistema original de treinamento, baseado no desenvolvimento do senso de iniciativa entre os homens, em vez da obediência cega. Baden-Powell chegou a desenhar um uniforme especial para eles: uma camisa cor cáqui, com gola de enrolar, decorada com um motivo não-convencional, semelhante ao “emblema escoteiro”; um chapéu de aba larga, importado dos cowboys americanos, com suas próprias iniciais, B-P. Por sugestão de um admirador desconhecido, estas iniciais se tornariam o slogan de uma vida para seus comandados, B-P significando “Be Prepared” (Sempre Alerta), tanto na guerra como na paz.

Apesar da ausência forçada de seis meses, durante a qual não perdeu tempo, sua “legião estrangeira” marcou presença sob o sol sul africano, recrutando para suas fileiras alguns boers ex-inimigos. A Força Policial Sul Africana (South African Constabulary), como era chamada, foi logo desligada do Exército e colocada sob a autoridade do governo civil. Uma medida perfeitamente lógica, pois, enquanto cicatrizavam-se as feridas da guerra – além de engajar-se em tarefas paramilitares, como as de perseguições a ladrões e contrabandistas de gado –, a força dedicava-se a atividades pacíficas, incluindo a reconstrução de prédios danificados, vacinação de crianças e de gado, entre outras tarefas não-beligerantes.

Ao contrário do que possa parecer, Baden-Powell nunca deu muita importância, nem teve orgulho da glória alcançada após Mafeking. Em vez disso, considerava a organização de Constabulary a maior realização de sua carreira militar. Entretanto, sua carreira ainda não tinha chegado ao fim.

Tendo concluído suas tarefas na África do Sul, foi-lhe conferido o título de inspetor geral da Cavalaria, em março de 1903 – o que envolvia deveres importantes e, entre outras vantagens, a de se familiarizar com as instalações militares e com as escolas do Exército da França, EUA, Canadá, Alemanha, Áustria, Países Baixos, Itália, Bélgica, Egito, Sudão e outros países. O título levou-o também de volta à sua amada África, mas, acima de tudo, abriu-lhe os olhos como nunca havia acontecido anteriormente para seu próprio país.

Pode-se dizer, com segurança, que aquele homem, que completara sua missão em 10 de junho de 1907, no posto de lieutenant general, e tinha entrado para a Reserva, era diferente. Embora não alimentasse quaisquer expectativas de uma carreira militar, até então pouco sabia do futuro que o aguardava.

Parece oportuno destacar aqui, com mais detalhes, o retrato de um homem que, apesar da glória alcançada em Mafeking, aparentemente, não tinha chance de alcançar posto mais elevado na hierarquia militar. Ainda que fosse talentoso, artista e escritor, dotado de habilidades notáveis, como inovador e observador, bem como de imaginação, intuição e um aguçado senso de humor, Baden-Powell nunca foi um intelectual. Ele podia ter um senso inato do abstrato, mas nunca o desenvolveu. A filosofia e a meditação, por conta própria, nunca tentaram este homem de ação, prático e pragmático.

Conforme já foi dito, era um líder militar do tipo orientado para as pessoas. Durante as viagens de inspeção em seu próprio país, conscientizou-se de que suas ausências da Grã-Bretanha o tinham impedido de conhecer as realidades políticas, sociais e econômicas de sua terra natal.

Havia deixado a pátria quando ainda era jovem, em uma época em que a Inglaterra estava no auge de seu poder. Quando, conforme o ditado, “a Grã-Bretanha reinava sobre um império no qual o sol nunca se punha”.

Quando retornou, especialmente durante suas viagens de inspeção de ranchos de oficiais, a Grã-Bretanha ainda era uma nação imensamente rica, mas estava prestes a entrar em um longo período de depressão, consequência da prosperidade artificial e enganosa criada durante a guerra.

Baden-Powell estava particularmente surpreso por ver mendigos e indigentes nas ruas das grandes cidades. A princípio, não podia acreditar que um terço da população de Londres (Inglaterra) era formado por subnutridos; ou que o alcoolismo, o vandalismo e o crime estavam cada vez mais fortes devido ao crescente desemprego. Apesar do suntuoso estilo de vida de seus iguais, não podia deixar de reconhecer as evidências do que estava acontecendo.

Entretanto, sua reação não foi a mesma de um político, mesmo em um tempo de muita movimentação de forças políticas. O Partido Conservador estava fora. Os Liberais estavam no poder e um partido novo acabava de nascer, o Partido Trabalhista. Um amigo sugeriu-lhe que se apresentasse como candidato às eleições de 1906. “Muito bem! Mas com o cartão de visitas de quem?”, gracejou.

Baden-Powell não era um homem de escolher o caminho fácil ou uma vida de comodidade e luxúria. Recusou ofertas tentadoras para deixar o uniforme e integrar a administração de empresas de prestígio. Estava ainda obcecado com a ideia de utilizar o imenso prestígio que possuía de maneira positiva. Quando viu, como ele próprio escreveu, “milhares de rapazes e meninos pálidos, de peitos estreitos e magros, corcundas, espécies miseráveis, fumando incessantemente, um grande número deles esmolando” sua opção foi decisiva.

Naquele dia 10 de junho de 1907 – dia em que entrou para a lista da Reserva, com meio-soldo –, teve uma visão mais clara da ideia que vinha evoluindo em seus pensamentos há anos.

Para Baden-Powell, a ideia de escrever para jovens, possivelmente, não foi como a eureka de Arquimedes. No entanto, apenas cinco dias depois de entrar para a lista de Reserva, deixou a espessa cerração de Londres pela paz e quietude do Walton Hotel, em Ashbourne (Inglaterra), para escrever o livro que iria mudar a vida e o destino de milhões de jovens em seu país, bem como no resto do mundo. A inspiração principal para o livro, publicado em 1908, foi sua própria vida e experiências. Não foi o primeiro a defender a educação de jovens ao ar livre, através da prática de esportes, da observação e da prestação de serviços a outras pessoas.

Numerosos educadores profissionais, desde Maria Montessori a Celestin Freinet, de Édouard Claparède a Daniel Bovet, haviam, separadamente, descoberto as vantagens da autoeducação em oposição aos métodos

convencionais de ensino. Entretanto, Baden-Powell foi o primeiro a traduzir alguns aspectos de sua própria vida para um modelo pedagógico e apresentá-lo, de uma maneira simples, prática e acessível a todos, especialmente aos jovens.

Seus escritos anteriores, para finalidades puramente militares, foram um ponto de partida, mas, à medida que os adaptou à vida civil e distanciou-se do Reconhecimento e Escotismo (1884) e de Ajudas ao Escotismo (1899), conscientizou-se de que algo inteiramente novo era necessário. O que não significava voltar as costas às ideias anteriores. Afinal, tais habilidades, como a de seguir trilhas, abordagem, observação e outras técnicas de reconhecimento, poderiam ser facilmente enquadradas nos novos conceitos. Entretanto, era a própria base destes livros que a seus olhos parecia errônea. Eles estavam baseados em treinamento de homens para a guerra, mas sua intenção era escrever um livro para o hoje e o amanhã, com o objetivo de desenvolver os jovens para a paz.

Seu livro anterior, Ajudas ao Escotismo, tinha ganhado popularidade junto ao público, mais devido ao prestígio do autor do que ao conteúdo. Entretanto, isso não alterou sua convicção de que teria de fazer uma abordagem fundamentalmente diferente em seus próximos escritos. Tampouco se aborreceu com o fato do jornal para adolescentes Boys of the Empire utilizar trechos de seu livro em uma coluna chamada Os Escoteiros (The Boy Scouts). Ele sabia exatamente o que queria escrever e não se propôs a reinventar a roda. Fez muita leitura de fundo, variando de Episteto, sobre caráter, a Friederich Ludwig Jahn, o sábio alemão da ginástica, bem como trabalhos analíticos e descritivos sobre meios para emancipar as assim chamadas tribos primitivas, tais como os índios americanos, aborígenes australianos, polinésios e bantos – desta última, tinha conhecimento, pois esteve em íntimo contato com as tribos matabeles, ashantis e zulus.

Dois homens tiveram influência decisiva sobre seu futuro livro: o primeiro foi William Smith, o líder da Brigada de Rapazes (Boys Brigade); o outro foi Ernest Thompson Seton, autor do livro publicado nos EUA sob o título Birch-bark Roll of the Woodcraft Indians.

Seton foi um dos primeiros ecologistas dos tempos modernos. Hábil naturalista, especialista em fauna e flora silvestres da América, gostava de compartilhar com os demais a sua predileção. Criou um programa para jovens, inspirado nos costumes de índios selvagens. O projeto de livro de

Baden-Powell incendiou a imaginação de Seton quando o general pediu permissão para fazer uso da parte de seu livro que tratava do programa de jogos para jovens; o escritor americano prontamente concordou.

O encontro de Baden-Powell com Smith foi também importante. Eles tinham se encontrado pela primeira vez em 1903, em uma conferência da Brigada de Rapazes, quando o fundador do Escotismo estava de férias na Inglaterra e aceitou o convite para estar presente em uma apresentação na Escócia. A Brigada de Rapazes era um movimento paramilitar para jovens, inspirado em princípios cristãos, que já contava com mais de 40 mil associados. Na ocasião, os dois homens notáveis passaram em revista às tropas – uma palavra adequada para mini-soldados disciplinados, portando rifles de madeira – e, então, iniciaram uma conversa que tornar-se-ia decisiva para ambos.

Profundamente impressionado com o desempenho dos rapazes, bem como dos voluntários adultos, responsáveis pelo treinamento deles, Baden-Powell afirmou estar convencido de que o número de membros filiados poderia aumentar até dez vezes mais se o programa da Brigada de Rapazes pudesse se tornar mais atrativo, através da diversificação e de treinamentos mais avançados para os rapazes e para os voluntários adultos encarregados.

A impressão de Smith era que Baden-Powell estava insinuando que seu movimento deveria desenvolver-se dentro das coordenadas estabelecidas no livro *Ajudas ao Escotismo*. Enfatizou a ele a necessidade de adaptar seu livro às exigências da Brigada de Rapazes. Todavia, o que Baden-Powell queria dizer era exatamente o oposto. Para ele, o movimento devia ser desmilitarizado, pois, por experiência própria, sabia que a disciplina militar destrói a individualidade. A sua ideia era tornar o movimento mais espontâneo e alegre, introduzindo os conceitos de “natureza” e “ar livre”, bem como o treinamento de jovens em vigilância e observação.

Baden-Powell enviou sugestões sobre as mudanças a serem introduzidas no programa de Smith, que, por sua vez, passou-as ao editor-chefe da *Boys Brigade Gazette*. O artigo apareceu na edição de junho de 1906, de forma condensada, devido à sugestão de mudanças dramáticas, como a de suspender o exercício de recrutas e introduzir pequenos grupos ou até mesmo atividades individuais, como as de observação, a prática de esportes e da vida ao ar livre, pelo simples prazer de desfrutar dos benefícios da natureza.

Baden-Powell precisava priorizar seus deveres militares, mas, pouco a pouco, o livro tornou-se uma obsessão. Durante uma viagem de inspeção ao Egito, completou uma versão mais ou menos final com sua visão do Escotismo.

As ideias eram singularmente originais para a época, porque defendiam a formação de cidadãos íntegros, através do autodesenvolvimento. Pessoas jovens operariam em pequenas patrulhas compostas por seis integrantes cada, sob as ordens de líderes por eles próprios escolhidos, e assumiriam a responsabilidade de sua própria educação, sob supervisão de voluntários adultos.

Na época, o educador suíço Édouard Claparède fazia a espantosa afirmação que “a autoridade suprema para educar uma criança deve sempre ser a própria criança”.

Um outro ponto essencial foi que Baden-Powell deixou claro que o programa tinha como alvo jovens que já haviam pertencido a um movimento jovem e que, de forma alguma, intencionava encorajar a criação de um novo movimento, baseado em seu programa.

Como homem prático e pragmático que era, ele não via nenhum sentido em manter seu livro engavetado. Foi assim que, quando estava à procura de um editor, encontrou-se com o terceiro homem importante: Arthur Pearson, editor, político, filantropo e destacado homem de negócios, que lhe possibilitaria realizar o sonho de sua vida.

A essa altura, o seu livro já tinha tomado forma definitiva e ele já havia decidido afastar-se de seus deveres militares. Foi naquela ocasião que procurou o dinâmico Pearson para editar seu livro. A data era junho de 1907, cinco dias antes do seu meio adeus ao Exército.

A conversa que teve com Pearson foi produtiva. Viajou para o interior do país para completar o manuscrito até o dia 23 de julho, por uma razão muito importante: uma das regras de ouro da comercialização moderna é a de testar a aceitação do produto no mercado, antes do lançamento. E foi isso que o autor de Escotismo para Rapazes (Scouting for Boys) decidiu fazer. Queria testar a “mercadoria” e a reação de seus futuros “consumidores” – em outras palavras, testar junto aos próprios rapazes.

Foi com esta intenção que Baden-Powell viajou para a Ilha Brownsea, levando como ajudante o seu amigo de toda a sua vida, McLaren, o rapaz. Tinha recrutado, às pressas, cerca de 20 rapazes, alguns dos quais eram membros da Brigada de Rapazes, outros eram filhos de amigos, estudantes

da Harrow, Eton e de outras escolas da elite. A maioria deles, entretanto, era constituída por alunos de escolas dos subúrbios de Londres, filhos de agricultores e operários de modestos recursos. Eles foram suas primeiras “cobaias”.

Desnecessário seria dizer que as palavras “micro” e “macro” não faziam parte do vocabulário de Baden-Powell, embora sua preocupação principal fosse a de explorar a operação do que é hoje conhecido como dinâmica de pequenos grupos. Estava curioso para saber se um grupo pequeno de jovens entregues a si mesmos poderia agir com disciplina.

Não poderia se presumir que um grupo pequeno de rapazes aceitaria ordens ou a liderança de um deles próprio. Tampouco poderia ser tomado como certo que os líderes não abusariam da autoridade ou que seu papel de liderança prosseguiria incontestado. Outro fator desconhecido era como os rapazes reagiriam ao programa de atividades. A vida ao ar livre, dia e noite, sob quaisquer condições climáticas, era nova para a maioria deles. Era de se acreditar que eles aceitariam o jogo como um método novo de trabalho, especialmente quando sentavam ao redor da fogueira, ao cair da noite, para escutarem, boquiabertos, as sensacionais histórias do herói de Mafeking e suas aventuras em lugares exóticos e longínquos; juntavam-se a ele, cantando canções zulus, entre as quais, Ingonyâma. Baden-Powell não ficou surpreso ao ver que o grupo de jovens era capaz de desenvolver rapidamente um espírito de equipe e de realizar suas tarefas sem a necessidade de ordens – substituídas por um código de honra – sem recompensa ou punição.

O primeiro experimento foi um sucesso absoluto. O acampamento na Ilha de Brownsea foi levantado no dia 9 de agosto de 1907. A história real do Escotismo havia começado.

II

O ESCOTISMO

7. Uma rápida arrancada

O diálogo a seguir poderia ter ocorrido no verão de 1907, no escritório de uma agência de publicidade qualquer, em Londres (Inglaterra):

— Alô! Plubi-Motion, pois não.

— ...

— Sim, sim. Deixe-me anotar isso. Seu nome é?

— ...

— Hm, pensei que o senhor havia dito Bê-Pê, é isso?

— ...

— Bem, é um belo nome do ponto de vista das Relações Públicas!

— ...

— Não, não estou sendo espirituoso, senhor. Estou escutando.

— ...

— Ok. Continue... O senhor acaba de deixar o Exército e quer formar seu próprio exército de tropas!? Bem, isto é alguma espécie de organização de mercenários?

— ...

— Bem, é que o senhor falou tropas...

— ...

— Oh! De lobinhos e escoteiros, então? O senhor está rodeado de garotos... e eles usarão chapéus de copas pontudas, lenços no pescoço e bastão de madeira!? E o que mais?

— ...

— Soletre isso, por favor: E-M-B-L-E-M-A-S.

— ...

— Diga-me, o senhor está brincando comigo!? É primeiro de abril?

— ...

— Ok! Eles saberão tudo a respeito da vida no campo, ao ar livre... não vejo como isso pode ser útil na cidade.

— ...

— Sim, entendo seu ponto de vista! Mas, com sinceridade, o senhor espera que os jovens entrem nesta brincadeira?

— ...

— Hm... algum dia haverá milhões deles em praticamente todos os países do mundo?

— ...

— Certo. Admiro suas convicções, mas, sinceramente, esta sua ideia não dará certo, de maneira alguma!

— ...

— Ok, ligue-me quando retornar da Ilha de Brownsea ou de onde quer que o senhor esteja... tudo de bom para o senhor também!

Apesar de puramente fictícia, tal conversa poderia ter sido seguida de uma nova chamada telefônica de B-P. Mas, como ocorre frequentemente, a realidade foi mais estranha que a ficção, sobretudo no caso do editor-promotor Arthur Pearson, que iria desempenhar um grande papel no emergente Movimento Escoteiro.

Dinâmico, explodindo de energia e dono de um faro aguçado para negócios, Pearson não era o tipo de homem capaz de perder uma oportunidade de ganhar dinheiro. Percebeu, rapidamente, o potencial comercial existente nas ideias elaboradas pelo aposentado general e não perdeu tempo.

Sua primeira providência foi organizar e financiar uma série de conferências, por todo o Reino Unido, para promover o que começava a ser conhecido como o “Esquema Escoteiro”.

Providenciou também instalações para a primeira equipe de escoteiros de B-P, cujo líder foi Kenneth McLaren, “o rapaz”. Certificou-se de que eles tinham integral apoio de especialistas em publicidade e de escritores profissionais, uma vez que havia decidido lançar uma publicação semanal intitulada O Escoteiro. O primeiro número daquele semanário foi publicado no dia 18 de abril de 1908, dando destaque a uma coluna assinada pelo próprio B-P. Mais de 1.500 artigos deveriam sair nos anos subsequentes, até sua morte em 1941.

Até então, Pearson era o principal apoiador financeiro do Movimento Escoteiro e, para consolidar sua posição, propôs um acordo de colaboração. Faltando-lhe experiência comercial e ansioso por evitar uma armadilha, o velho e astuto soldado hesitou em assinar, mas acabou cedendo. O Escotismo estava, assim, a caminho e nada poderia detê-lo.

B-P havia completado o primeiro rascunho do “Esquema Escoteiro” com certa pressa, pouco antes do experimento na Ilha Brownsea. Agora, queria fazer uma versão definitiva e mais ampla. Por isso, isolou-se para redigir o manuscrito definitivo, que saiu, pela primeira vez, em seis partes, entre janeiro e abril de 1908; e depois sob a forma de livro, em maio do mesmo ano.

Conforme seu contrato com Pearson, embarcou em uma turnê promocional por todo o país. Em sete semanas, realizou 40 reuniões públicas, às quais compareceram os jovens ansiosos por verem e escutarem aquele homem de meia-idade, mas ainda surpreendentemente jovem (o herói de Mafeking). Seu livro, dividido em seis partes, tinha os fígado e eles queriam saber ainda mais.

O livro tornou-se, da noite para o dia, um best-seller e foi traduzido para tantos idiomas quanto a Bíblia e Guerra e Paz.

É difícil fazer um resumo de Escotismo para Rapazes, mas não devido a qualquer conteúdo sofisticado ou abstrato. Não era nenhuma obra-prima literária. Era apenas um livro simples, facilmente compreensível, apesar do fato de ter sido escrito durante um longo período. Contudo, faltava-lhe uniformidade (hoje seria considerado inconsistente e mal elaborado).

Além disso, não houve a pretensão de que fosse lido de uma só vez. O autor tinha um único objetivo: tornar a vida dos jovens mais interessante, mais vantajosa e saudável. Com esta finalidade, sugeria novas ocupações, jogos e exercícios. Tudo apresentado sem pregação ou moralização.

A abordagem era essencialmente simples, voltada para jovens – o que pode explicar por que os fascículos e, mais tarde, o livro foram encarados com ceticismo, indiferença e até mesmo desdém por parte de pedagogos. Um fato em nada surpreendente, uma vez que o livro não era nenhum exercício intelectual; não continha nada do que os educadores, padres ou pastores convencionais, ou até mesmo os pais, pudessem incorporar aos seus programas educacionais.

O segredo de Escotismo para Rapazes era o apelo quase automático aos jovens que recentemente tinham sido sujeitos à escolarização obrigatória e que possuíam pouca ou quase nenhuma instrução. Em linguagem compreensível, sugeria maneiras práticas de como viver melhor e melhorarem a si mesmos.

B-P nada tinha inventado. Inconscientemente, tinha usado a mesma descomplicada linguagem que a imprensa diária utilizava para esclarecer os leitores não totalmente letrados.

Assim, o livro ganhou, pouco a pouco, a aceitação da trindade sagrada – família, igreja e escola –, que se conscientizou de que ele não pretendia substituí-las nem questionar-lhes a competência, mas, em vez disso, complementar os esforços. Mais tarde, suas ideias seriam expropriadas por aqueles que adotaram o Escotismo para servir a seus próprios propósitos (como e porque a igreja decidiu colocar o emergente Movimento Escoteiro a serviço de seus interesses será explicado mais adiante; a exploração comercial da atividade de acampamento, um dos ingredientes essenciais do Escotismo, também será mencionada oportunamente).

Nesta fase, o que realmente interessa é a surpreendente reação ao livro Escotismo para Rapazes. Apesar de sua falta de lustre literário, ele ilustrava os segredos da vida ao ar livre, entrando em detalhes fascinantes, como os da identificação de uma árvore ou de como tratar picadas, feridas e outros tipos de acidentes. Em resumo, tornou-se um manual singular de sobrevivência em um ambiente natural hostil. Por trás de tudo o que escreveu, o autor não tinha em mente nenhuma outra audiência a não ser a dos jovens.

O impacto enorme causado pelo livro e, pelo mesmo motivo, a expansão meteórica do Escotismo nada deveu aos especialistas em educação, nem aos governos, igrejas ou países. Foi devido aos rapazes e tão somente a eles. De fato, os pedagogos saudaram a obra de B-P com um silêncio divertido. As igrejas examinaram-na com certo grau de suspeita. O homem da rua julgou ser uma piada.

E a mídia? Como o autor era uma celebridade, o livro não pode ser ignorado. A maioria dos jornais publicou críticas literárias um tanto frias. O Times concedeu-lhe duas colunas e o descartou como mais um manual sobre vida ao ar livre. O semanário Spectator, em breve e irônica menção, insinuou que a abordagem simples de B-P possivelmente iria deixar os jovens indiferentes. Mas o Daily Graphic, de grande circulação entre as massas – e ao qual B-P tinha prestado bons serviços como correspondente estrangeiro – aclamou o livro, afirmando: “Isto se tornará uma espécie de organização tipo bola-de-neve, que ninguém poderá desaproveitar”.

Estava, entretanto, longe disso, pois a B-P não interessava criar uma organização. Sua ideia era a da incorporação a outros movimentos jovens existentes. A prova disto foi que, satisfeito em ver que o Escotismo tinha conseguido uma rápida arrancada, retornou ao serviço militar ativo, como comandante de uma divisão.

O sucesso repentino, quase sempre, provoca inveja e o livro não foi exceção. Os críticos e céticos, gradativamente, partiram para ataques que tornaram o general ainda mais decidido a realizar seu ideal. Nisso, foi vastamente encorajado pela entusiástica resposta dos jovens. Era somente aos jovens que estava endereçando a mensagem e, em vista da crescente onda de entusiasmo, deixou o Exército no dia 07 de maio de 1910, desta vez definitivamente.

Nos dois anos entre o triunfo de Escotismo para Rapazes e seu afastamento da vida militar, os esboços de seu sonho pessoal começaram a tomar forma, com a inevitabilidade de um drama grego.

Tinha sempre em foco a atitude dos rapazes. Sabia que líderes de outros movimentos jovens tinham recusado sua oferta para revitalizarem e modernizarem suas organizações, incorporando suas ideias aos programas existentes. O fato é que os primeiros escoteiros queriam ter suas próprias organizações, mas nem eles nem o fundador tinham ainda entendido que o Escotismo estava encontrando sua própria identidade.

Um evento relativamente insignificante foi o catalisador desta busca pela identidade. Tomando o acampamento de Brownsea como modelo, outros tinham sido organizados na Grã-Bretanha com igual sucesso. Gradativamente, tornou-se interessante realizar um plebiscito e organizar uma reunião nacional de escoteiros.

O resultado foi um retumbante sucesso. Mais de 10 mil jovens responderam ao chamado e fizeram uma grandiosa exibição de suas habilidades escoteiras, no famoso Crystal Palace, em Londres (Inglaterra), o que ecoou por todo o mundo. Nem mesmo a chuva e o frio daquela manhã de 04 de setembro puderam ofuscar o entusiasmo deles. Tornava-se claro, aos mais céticos, que nada poderia deter o Escotismo. A bola-de-neve tornara-se avalanche.

Naquela reunião histórica, os rapazes eram a maioria. Mas, pequenos grupos de moças também compareceram, com seu vestuário colorido e informal. Elas pediram a B-P que as inscrevesse como “escoteiras” (Girl Scouts), sob o argumento de que tudo que os rapazes tinham feito elas também poderiam fazer, pois também se sentiam atraídas por uma vida melhor e mais saudável ao ar livre.

O fato pegou B-P de surpresa. As moças mantiveram-se firmes e ele resignou-se ao inevitável: elas foram inscritas como escoteiras temporárias e, em um ano, aquele punhado de moças tinha ultrapassado seis mil.

B-P pediu à sua irmã, Agnes, que assumisse as moças como sua responsabilidade e nomeou-a presidente do Comitê do Movimento Escoteiro Feminino. Logo elas seriam conhecidas como guias (Girl Guides). Já a publicação intitulada Direção de Moças (Girl Guiding) só iria surgir em 1918, intimamente ligada a uma jovem senhora, a respeito de quem falaremos mais adiante.

O ano de 1909 estava chegando ao final. A grande demonstração no Crystal Palace tinha autenticado o sucesso do Escotismo. B-P – como tinha assinado seu livro e passara a ser conhecido por todos – estava prestes a tomar duas decisões dramáticas.

A primeira foi de romper o contrato com a editora de Pearson, que até então tinha encarado o Movimento Escoteiro como um empreendimento estritamente comercial. Para isso, foi criada uma sede central de escoteiros, no prédio 116-118 da Victoria Street, em Londres (Inglaterra).

Apesar disso, Arthur Pearson continuou administrando, de seus escritórios, a produção e impressão do semanário O Escoteiro e suas atividades correlatas. Quase ao mesmo tempo, McLaren pediu demissão de seu cargo e foi substituído por um novo grupo de dedicados colaboradores, sob a direção de J. A. Kyle, secretário distrital. Kyle assumiu a responsabilidade de administração da nova sede e das diversas atividades promocionais. Pela primeira vez na história, o Escotismo tinha se profissionalizado.

Era imperativo que B-P rompesse o vínculo com Pearson, mas a sua segunda decisão foi ainda mais significativa: criar um movimento inteiramente separado de qualquer outra organização jovem. A burocracia era uma maldição à sua natureza, mas sabia que não tinha outra opção. Foi assim que o primeiro Comitê Executivo da Associação dos Escoteiros foi formado, no dia 10 de dezembro de 1909. B-P tornou-se presidente e escolheu um grupo de distintos voluntários para atuarem como seus colegas.

Em 10 de maio daquele ano, o Escotismo tinha se tornado o mais importante movimento jovem no Reino Unido. Até o fim de 1909, o número total de associados tinha alcançado 107.986 rapazes e líderes voluntários.

8. Uma folha de balanço

Ninguém estava mais surpreso com o crescimento do Escotismo do que seu próprio fundador. A ideia de que se internacionalizaria jamais lhe tinha passado pela cabeça. Entretanto, o “gênio da lâmpada” não deveria ser engarrafado pela cerração das ilhas britânicas. O Escotismo tornou-se então internacional. A princípio, sem B-P (quase contra sua vontade); e, mais tarde, com o seu entusiástico apoio.

Logo após a publicação do livro, em 1908, foram organizados os primeiros Grupos Escoteiros no Canadá, Austrália, Nova Zelândia e, um ano mais tarde, na Índia, Chile, Argentina e Brasil. O movimento espalhou-se primeiro pelos países da Europa Continental, com Bélgica, Holanda, França, Dinamarca, Noruega e Suécia; em 1910, chegou aos Estados Unidos; e, no ano seguinte, chegou à Rússia.

B-P teve que reconhecer que tinha provocado uma avalanche. Em carta à mãe, em 10 de setembro de 1911, quando se encontrava em viagem no exterior, escreveu: “Acredito, fortemente, que o Escotismo em breve se tornará um movimento real internacional”.

Quando retornou a Londres, propôs que as solicitações de filiação procedentes do estrangeiro não fossem aceitas. Recomendou, na edição de outubro da Scout Headquarters Gazette, que fosse criado um departamento estrangeiro para manter contatos com escoteiros no exterior.

O fundador tinha ainda decidido manter a origem e a identidade britânica do Escotismo. Por esse motivo, requereu, no final do ano 1911, uma Carta Patente, que foi prontamente concedida em 04 de janeiro de 1912. O Escotismo britânico, que já tinha identidade claramente definida, agora possuía uma identidade legal. A Associação foi registrada, tendo Baden-Powell como presidente, com o objetivo fundamental de “instruir jovens de todas as classes nos princípios da disciplina, lealdade e sobre os deveres e direitos de bons cidadãos”.

Com o Escotismo firmemente enraizado em seu país de origem e em rápida expansão no mundo, era chegada a hora propícia para fazer um balanço provisório.

Ocupando o topo da coluna dos ativos do Escotismo, estava B-P com seus múltiplos talentos e carismática personalidade. Até sua morte, em 1941, dominou o movimento com a força absoluta de seu caráter. Indiscutivelmente, desempenhou um papel singular, não apenas como fundador, mas também como líder e inspirador. A isto, pode-se acrescentar o seu profundo entendimento dos problemas, necessidades e aspirações dos jovens e sua capacidade para tornar os sonhos realidade. Um homem de visão, prático e pragmático, que atribuiu estabilidade e dinamismo ao Movimento Escoteiro em âmbito mundial, bem como os sólidos fundamentos sobre os quais se baseava já no ano de 1912.

As características do bom Escotismo estavam firmes e verdadeiramente estabelecidas: observação, dedução e, acima de tudo, o jogo. A natureza era a palavra-chave que, como um fio, se estendia por toda a filosofia escoteira, em um mundo em que os sonhos e as aspirações dos adolescentes podiam ser realizados por eles mesmos. “Escoteiro” tornou-se uma palavra mágica, profundamente entesourada na consciência dos jovens, que se sentiam felizes em usar o colorido e funcional uniforme escoteiro.

Um grupo pequeno, com um líder, já era parte integrante da tradição escoteira, bem como a contagiante expressão “senso de responsabilidade”, como ponto de partida no caminho da virilidade. Assim, os jovens não precisavam ser lembrados que, para se tornarem adultos responsáveis, era essencial adquirirem senso de responsabilidade logo cedo.

A ideia de servir, posta em prática pela boa-ação diária, tornou-se uma forma de vida. Era um mundo à parte, diferente da disciplina severa e das ordens incontestadas emitidas pelos rigorosos mestres ou pais. Os primeiros escoteiros descobriram o prazer do autodesenvolvimento e da autoeducação, sem punições ou outras limitações impostas por convenções sociais.

Agora que o Escotismo tinha se firmado, o dinheiro vinha de doadores privados generosos ou de campanhas de levantamento de fundos, organizadas pela imprensa em colaboração com os próprios escoteiros. Naquele momento, isso era o bastante para garantir a sobrevivência do movimento e sua expansão. Para seus patrocinadores, entretanto, o Escotismo significava algo mais que dinheiro, essencial para levantar fundos, o que estava colocando em risco sua independência.

Com o rompimento do vínculo comercial com Pearson, B-P mostrou o caminho para a independência do movimento e foi acompanhado pelos seus

dedicados seguidores. Foram os próprios jovens, com seu comprometimento e entusiasmo, que representaram a maior força. Eles foram atraídos por uma forma de vida que desconheciam na escola, em casa ou na igreja; e o compromisso por eles espontaneamente aceito, com o famoso código de honra escoteiro, foi um elemento inestimável no capital ativo do movimento.

Um modelo tinha sido estabelecido e serviria para sempre como princípio-diretor, mesmo com as mudanças estruturais e organizacionais inevitáveis ao longo dos anos.

Pode-se dizer também – e isto é tão válido hoje, como há 78 anos – que as dificuldades e problemas do Movimento Escoteiro foram causados por adultos e não por jovens. A folha de balanço, portanto, não estava isenta de passivo.

Cinco anos depois do primeiro acampamento na Ilha de Brownsea, o movimento se tornara grande demais e muito bem sucedido para que pudesse evitar críticas e caluniadores. Mas B-P era um combatente veterano e foi o primeiro a reconhecer que o “inimigo” poderia ter boas razões para um ataque. Sabia também que sua vasta organização era vulnerável a profetas das trevas, que prognosticavam que a “bolha” escoteira em breve arrebentaria. As críticas não eram baseadas em quaisquer argumentos substanciais; alguns se declaravam chocados com o fato de que adultos, com melhores coisas por fazer, estivessem perambulando pelos campos e matos com os jovens.

Outros jovens líderes juntavam-se ao coro de críticas, especialmente aqueles que tinham recusado a oferta anterior de B-P de incorporarem o “Esquema Escoteiro” em seus programas (e estavam testemunhando o eclipse de seus próprios movimentos). Tinham perdido o barco!

Ameaça mais traiçoeira foi apresentada por rivais ambiciosos que desejavam “subir no carro” do Escotismo vencedor e utilizar os métodos de B-P para obterem proveitos pessoais. Um sem número de movimentos dissidentes emergiu, dentre eles, os Escoteiros Nacionais da Paz (National Peace Scouts), que defendiam uma espécie de pacifismo; os Escoteiros do Império (Empire Scouts), que eram espalhafatosamente militaristas; e os Escoteiros Britânicos (British Boy Scouts), que pretendiam um nacionalismo agressivo.

Existiram outros filhos estranhos do Escotismo, tais como o bem intencionado John Hargrave, que oferecia um misto de Escotismo e misticismo; e outro que tentou levar os Escoteiros de volta a um mundo místico medieval, reminescente de Don Quixote. Mas, na maioria, tais separatistas

eram indivíduos frustrados, narcisistas ou ambiciosos por atrair atenção e emergirem como líderes. Como aqueles que ingenuamente acreditam que o único papel de um maestro é fazer gestos elegantes no palco, enquanto os músicos tocam o seu bel-prazer, tais pretensos líderes pensavam que, por usarem calças curtas e chapéus boer, tornar-se-iam líderes e atrairiam uma legião de seguidores.

Entretanto, B-P teria ainda que enfrentar desafios mais sérios. Algumas pessoas condenavam o movimento por julgá-lo militarista; outras alegavam ser ele claramente pacifista. Os dois extremos quase se anulavam. A ala esquerda do emergente Partido Trabalhista, mais esclarecida e moderada do que seus companheiros em outros países europeus, acusava B-P de buscar apoio da para o programa do Partido Conservador e, deste modo, manter a instituição “corrupta” no poder. Ironicamente, os próprios Conservadores atacavam B-P por suas tendências socialistas.

Para por fim às acusações, o artigo quatro foi introduzido na Lei Escoteira, afirmando que um escoteiro é um amigo de todos e irmão de todos os outros escoteiros, sem distinção de origens e classes sociais. Além disso, o autor de Escotismo para Rapazes já havia escrito em seu livro: “Os socialistas estão certos em desejarem uma melhor distribuição do dinheiro, de sorte que não haja nem milionários nem pobres e sim todos bem de vida. Mas eles seguem por um caminho errado; querem combater a todos para se colocarem por cima, em vez de se juntarem aos demais na construção de algo que seja grande para o país inteiro, por um caminho que seja razoável e bom para todos”.

A oposição veio de um quadrante inesperado, sob a forma da igreja, que criticou o “Esquema Escoteiro” por sua falta de conteúdo religioso. O clero apontou que, dentre as 300 páginas do livro Escotismo para Rapazes, apenas duas tratavam dos aspectos espirituais da educação e do “dever para com Deus”.

As relações entre o Escotismo e as forças seculares, especialmente os governos, religiões organizadas e a igreja, tem uma longa e fascinante história, digna de um livro à parte.

B-P não hesitou, em nenhum momento, diante dos esforços conjugados de governos e igrejas organizadas para tomarem posse do Escotismo. “Sem independência total, o Escotismo não pode sobreviver”, declarou. “O objetivo do movimento é melhorar a saúde e o caráter, estimulando o senso de

fraternidade entre seus associados, sem distinção de nacionalidade, religião ou classe. Desejamos, também, de maneira generalizada, desenvolver qualidades na geração vindoura, que encorajem os direitos e os deveres de bons cidadãos, a aplicação dos ensinamentos de Cristo e, especialmente, a boa vontade e a cooperação, em vez do egoísmo e da rebeldia, que constituem os principais obstáculos ao estabelecimento da paz no mundo. Nosso movimento não é de forma alguma militante. Tampouco um movimento político. Aceita pessoas jovens, sem dar atenção às ideologias políticas dos pais. Por esse motivo, e conscientes de nossa responsabilidade para com os pais, lamentamos não podermos usar as crianças a serviço de qualquer causa, por mais louvável que ela seja. Tampouco podemos encorajá-las em suas opiniões políticas, uma vez que as opiniões delas são ainda imaturas e carentes de validade”.

Em resumo, o balanço de B-P e seu florescente Movimento Escoteiro era positivo. O Escotismo tinha conseguido dar uma rápida arrancada. Entretanto, muito ainda havia para ser feito, antes que ele emergisse como o maior movimento voluntário jovem do mundo.

9. O fim dos anos heroicos

B-P voltou, pouco a pouco, à tranquilidade da vida civil. Seus pensamentos estavam centralizados na determinação de atuar como guia, conselheiro e motivador do Escotismo, que já tinha se tornado um movimento jovem totalmente independente – e dispunha, também, de uma associação completamente separada para moças –, com uma imponente sede central e um quadro pessoal formado por cerca de 30 voluntários e profissionais, para atendimento de uma diversificada gama de problemas nas áreas doméstica e internacional.

O movimento não estava, de modo algum, confinado à Inglaterra e seus domínios. Tinha se espalhado pelos cinco continentes e a presença de B-P era solicitada em todos os lugares. Como ele ainda era um inveterado viajante, com curiosidade insaciável pelas novidades e pelo inesperado, tornou-se um verdadeiro “globe trotter”.

As reuniões, na Grã-Bretanha, estavam atraindo milhares de escoteiros, incluindo grandes contingentes estrangeiros. Escoteiros britânicos organizavam viagens para o além-mar. Em patrulhas ou unidades, viajavam para terras estrangeiras, algumas delas em regiões longínquas. Fiéis ao código de honra escoteiro, nunca procuravam ajuda material.

Mas o próprio B-P estava se confrontando com sérios problemas. No Reino Unido, estava lidando com os vários aventureiros, maquinadores e homossexuais¹ que desejavam usar o Escotismo em proveito de suas próprias e execráveis razões. Já havia uma equipe bem treinada de dedicados voluntários, apoiada por poucos profissionais verdadeiros, aos quais se podia confiar a direção de sua vasta “empresa internacional”, durante suas frequentes ausências em viagens. Entretanto, ele ainda exercia um controle pessoal sobre o movimento.

Como seu salário de oficial aposentado do Exército dificilmente cobriria as despesas das viagens, aceitava convites sob o estrito entendimento

¹ Embora não convergente com os valores de respeito a diversidade, o texto expressa o contexto da sociedade da época.

de que os anfitriões lhe permitiriam promover e melhorar o Movimento Escoteiro local, por meio de conferências e reuniões. Estava aguardando a oportunidade adequada para retornar aos Estados Unidos, onde as mudinhas escoteiras, plantadas em 1910, tinham crescido tremendamente. Afinal, suas ideias tinham captado a imaginação do público, tanto entre os jovens como entre os adultos.

Os presidentes William Taft e Theodore Roosevelt eram apoiadores fervorosos do Escotismo, bem como alguns de seus sucessores, sendo o último deles o presidente Ronald Reagan, que comemorou o 75º aniversário do Escotismo americano com um almoço na Casa Branca, em 08 de fevereiro de 1985.

De fato, a história do Escotismo está repleta de Chefes de Estado satisfeitos em se tornarem presidentes honorários ou chefes escoteiros de seus próprios movimentos nacionais, alguns dos quais insistindo, até os dias de hoje, em desempenharem um papel ativo.

B-P não precisou esperar muito tempo pela almejada viagem aos Estados Unidos. A oportunidade chegou sob a forma de um contrato proposto pelo jovem e dinâmico empresário Lee Keedick, especialista em promoções de viagens para realização de conferencistas célebres. Assim, o fundador do Movimento Escoteiro viajou para Nova Iorque, via Ilhas Caraíbas, a bordo de um luxuoso navio – o Arcadium –, no dia 03 de janeiro de 1912. A viagem do herói de Mafeking fez tanto sucesso que os líderes da Boy Scouts of América (BSA) foram obrigados a compensarem Lee Keedick, de forma que B-P pudesse dedicar algum tempo aos assuntos escoteiros.

Seu retorno se deu em uma longa viagem, passando pelo Japão, China, Hong Kong, Nova Guiné, Filipinas, Austrália, Nova Zelândia e África do Sul, visitando velhos amigos e atualizando-se quanto aos acontecimentos ocorridos no mundo do Escotismo. Nesta viagem, que durou 233 dias, proferiu palestras e discursos em nada menos do que 132 conferências.

Entretanto, o evento mais importante de todo o percurso aconteceu durante a viagem marítima que fez para as Ilhas Caraíbas. Até mesmo o imperturbável B-P foi tomado de surpresa: quando se encontrava no meio do Atlântico, conheceu uma bela moça, cujo nome era Olave Saint Claire Soames, exatamente 32 anos mais jovem do que ele (ela também tinha nascido no dia 22 de janeiro). Apesar de sua fama mundial de solteirão, cortejou-a durante um ano, até que ela consentisse em tornar-se Lady Baden-Powell.

Apesar de estranho, a grande diferença de idade entre os dois não foi o principal obstáculo. A história só estava se repetindo, visto que o pai de Baden-Powell tinha se casado com sua mãe, que era 28 anos mais nova. O pior eram as falsas observações sobre o velho mateiro que tinha sucumbido aos encantos da sedutora companheira de viagem. Além disso, as famílias, de ambos os lados, não estavam encantadas com a ideia do casamento. A futura noiva vinha de uma família rica, muito superior na escala social que a de B-P. Isto, de fato, era um sério problema. Contudo, pelos padrões da sociedade britânica daquela época, o herói de Mafeking e famoso fundador do bem-sucedido Movimento Escoteiro era um bom partido para qualquer mulher.

Foi assim que Sir Robert Stephenson Smyth Baden-Powell casou-se com Miss Olave Saint Clair Soames, no dia 30 de outubro de 1912. O casal passou a lua-de-mel acampado na África do Norte.

Muito aliviado, B-P escreveu à sua mãe: “Olave é uma perfeita maravilha no acampamento, goza a vida inteiramente e é tão perfeita como quem vive no mato. É uma excelente caminhadora e uma boa escoteira, nunca perde um caminho. Ela adapta suas ideias tão perfeitamente às minhas que já nos tornamos exatamente iguais – e, embora ela tenha ideias e opiniões próprias, elas concordam com as minhas. Cuida de mim como uma mãe e me estraga completamente”.

De volta à Inglaterra, eles receberam um magnífico presente de casamento – para o qual mais de 10 mil escoteiros haviam contribuído, cada um deles com um pênì (moeda inglesa): um automóvel tipo standard, com motor 20 HP, pintado nas cores escoteiras (verde e amarelo), com o brasão do emblema escoteiro.

B-P adaptou-se bem à vida de casado. Sua esposa se mostrou dedicada e atenciosa, mesmo quando ele apresentou sintomas de uma possível recaída das enfermidades contraídas durante os anos em que permaneceu em climas tropicais. Mas, acima de tudo, Olave casou-se também com a causa dele e permaneceu fervorosamente ligada ao movimento até sua morte, em 1977 (36 anos após a morte de seu esposo).

Lady Baden-Powell logo teve oportunidade de provar suas habilidades como mãe. O casal teve três crianças: um menino nascido logo após o casamento e duas meninas. O menino foi batizado com nome de Peter, em memória a famosa peça escrita por James Barrie, Peter Pan (a história de um menino que permaneceu jovem para sempre; recusando-se a crescer, não foi olhado com reprovação, uma vez que, a Síndrome de Peter Pan ainda era

desconhecida naquela época). B-P, assim como Albert Camus, Saint-Exupéry e outras figuras notáveis, acreditava que a eterna juventude era uma benção pela qual se deveria batalhar.

Embora tivesse se tornado chefe de família, não se desviou de seus objetivos. A vida de casado, de fato, ajudou-lhe nesse sentido, pois a jovem Lady Baden-Powell foi um valioso elemento para o Movimento Escoteiro.

Apesar de seu inquestionável sucesso, muito havia ainda a ser feito pelo Escotismo. Uma variedade desconcertante de problemas surgiu, enquanto o movimento continuava em sua livre expansão. Esperava-se que B-P apresentasse soluções a todos os problemas; gostassem ou não, suas opiniões e pareceres eram tomados como verdade incontestável.

O problema principal estava, aparentemente, relacionado ao rápido crescimento do número de associados e à dificuldade de encontrar líderes adultos voluntários, pois logo se tornou óbvio que a boa vontade e a dedicação apenas não podiam substituir a competência – uma solução satisfatória ao problema do treinamento sistemático de líderes foi encontrada somente em 1919, após diversas experiências.

Outro problema daquela época era a considerável diversificação do movimento. Novos setores do Escotismo estavam em desenvolvimento, tais como o dos Escoteiros do Mar (Sea Scouts), que foi criado oficialmente em 1910 – embora os Escoteiros Marítimos (Marine Scouts) já estivessem em atividade desde 1908.

O que fazer com os jovens em idade inferior à de recrutamento (11 anos) e que desejavam tornarem-se escoteiros era outro problema. Com frequência, estas crianças eram irmãos mais jovens dos escoteiros. Assim como aconteceu com as moças, na memorável reunião realizada no Crystal Palace, em 1909, eles também reivindicavam direito à filiação.

Tomar as providências para que se criasse o que mais tarde foi chamado de Escoteiros Juniores (Junior Scouts) foi uma tarefa árdua para Baden-Powell. Embora estivesse receptivo à ideia, teve que tomar as devidas precauções para evitar a impressão que o seu movimento estava criando um jardim de infância para escoteiros.

Para esclarecer suas ideias, escreveu, no final do ano 1913, sobre os Escoteiros Juniores: “Precisamos inventar um nome que seja atrativo para os meninos. Um chefe chamou-os de beavers (castores). Inicialmente, eu tinha em mente o nome walf cubs ou cubs (lobinhos), colts (potrinhos)

ou “escoteiros jovens”. Trappers (caçadores) também poderia ser um nome atrativo, se for explicado que trapper é o ajudante de caçador ou do escoteiro.”

B-P tinha dupla preocupação, conforme explicou na edição de janeiro da Scout Headquarters Gazette: a primeira, de não exaurir as crianças desta idade com atividades que estavam além de sua capacidade física; e a segunda, de evitar o risco de perturbar os mais velhos, os quais poderiam se sentir humilhados por terem de executar as mesmas atividades que os mais jovens.

Um plano de ação, projetado em 1914, especialmente para meninos de oito a 11 anos de idade, foi finalmente traçado. Incluía uma saudação, um emblema com a forma de cabeça de lobo, uma promessa de servir e cumprir o dever e uns poucos testes, simples e adaptados ao grupo etário. Foi também planejada a edição de um Manual de Lobinhos; entretanto, devido à guerra, a publicação foi retardada até 1916, quando uma jovem senhora, chamada Vera Barclay, assumiu a responsabilidade dos lobinhos.

A parte educacional do Manual dos Lobinhos foi inspirada em O Livro da Floresta (The Jungle Book), de Rudyard Kipling, o grande novelista e poeta inglês (nascido e criado na Índia, ganhador do Prêmio Nobel de Literatura de 1907). Ele era contemporâneo de B-P.

A popular obra de Kipling relata as aventuras de Mowgli, um menino criado por animais selvagens, que conhece, por experiência, as forças vitais da natureza. Abrindo o próprio caminho através das trilhas, nas florestas virgens, ele finalmente realiza a conquista de sua personalidade. Adquire força e coragem cada vez maiores, enquanto prossegue em sua caminhada na floresta, auxiliado pela orientação e instruções de Baloo, o urso, Akelá, Chil e outras feras. Ao final da saga, tudo o que aprendeu é colocado a serviço da comunidade. Ao contrário do uso comum da famosa “lei da selva”, que envenena os adultos, Mowgli a utiliza a serviços de seus semelhantes humanos.

Quando o livro foi publicado pela primeira vez em Nova Iorque, no ano de 1904, ganhou a imaginação do público. Com seu jeito usual e pragmático, Baden-Powell transformou as imagens poéticas em uma forma de vida prática, adaptando os sonhos e alegrias de Kipling a um método educacional para jovens. Este casamento feliz da poesia com a ação permanece como um elemento importante na história de sucesso do Escotismo.

Vera Barclay, mulher de talento e criatividade notável, foi encarregada do movimento dos lobinhos até a data de sua morte, em 1920. Sua chegada criou precedente em uma época que ainda existiam dúvidas sobre a capacidade

das mulheres desempenharem qualquer papel no mundo viril do Escotismo. Contudo, ela acabou com tais dúvidas, a tal ponto que, quando começou a Primeira Guerra Mundial, em 1914, e grandes contingentes de escoteiros eram chamados para o serviço militar, as mulheres entraram em campo de maneira espetacular.

O próprio B-P introduziu o artigo 212 no Regulamento da Associação Britânica, mediante o qual as mulheres poderiam ter acesso ao posto de chefe de Grupos Escoteiros (Scoutmaster) em circunstâncias excepcionais. Conforme será visto mais tarde, aquelas circunstâncias logo surgiram. Elas deveriam efetuar importantes mudanças no movimento inteiro, que iria crescer, da adolescência à maturidade.

Algo deveria ser dito aqui a respeito do papel desenvolvido pelas mulheres no Escotismo. O envolvimento delas, como chefes de Grupos Escoteiros, foi questionado em alguns países, sob o argumento que adolescentes necessitam ter modelos masculinos. Em outros países, onde a coeducação é socialmente aceita e até encorajada, as mulheres estão desempenhando um papel de liderança crescente no Escotismo.

Entretanto, os pensamentos de B-P estavam voltados para outra direção. Uma série de atividades estranhas estava sendo executada sob a bandeira escoteira; havia chegado a hora de uma avaliação do seu movimento, em âmbito mundial. Por esse motivo, foi decidida a realização do primeiro acampamento escoteiro internacional, em Birmingham (Inglaterra), no verão de 1913.

O acampamento foi um marco na história do Escotismo. Atraiu mais de 30 mil escoteiros de todas as partes do mundo. A maioria deles era procedente da Grã-Bretanha e seus domínios, mas muitos vieram também da Polônia, Áustria, Hungria, Alemanha, Espanha, Itália, Holanda, França, Bélgica, Noruega, Dinamarca, Suécia e até mesmo de países distantes como a China. Também estiveram presentes, com um contingente apreciável, bem treinado e equipado, os representantes dos Estados Unidos.

Favorecido por um clima esplêndido – uma característica que, infelizmente, não é comum aos grandes eventos internacionais escoteiros –, o acampamento de Birmingham foi um sucesso, com muitas contribuições que demonstraram a versatilidade do Movimento Escoteiro. Apresentaram-se dançarinos, cantores, músicos, carpinteiros, encanadores, eletricitas, sapateiros e uma ampla variedade de outras artes aplicadas. Programas

que não representavam atividades tradicionais escoteiras também foram incluídos, tais como ciclismo, luta romana e ginástica.

O encontro de Birmingham teve um jornal diário, escrito, produzido e distribuído pelos próprios escoteiros.

Leslie Paul, escritor conhecido na época e observador do Escotismo, escreveu em seu livro *O Jovem Irado (The Angry Young Man)*: “O Movimento Escoteiro foi um sopro de esperança, amor e encorajamento para muitas crianças. Na década de 1908 a 1918, não houve nenhuma outra influência sobre a juventude que se comparasse a ele. Nesta década, eu cresci tendo o Movimento Escoteiro como minha casa espiritual verdadeira, aprendendo a preferir as atividades ao ar livre aos trabalhos nas salas de aula, orgulhoso e esperançoso de que poderia construir minha vida toda sobre elas. Nada fiz em outra parte, na escola ou na igreja, que me trouxesse o mesmo orgulho que minha realização no Escotismo.”

Paul pertencia à classe privilegiada, sendo assim, não é necessário esforço de imaginação para entender o impacto ainda maior que o Escotismo teve sobre os jovens dos setores pobres da sociedade. Para eles, ser escoteiro era uma fuga mágica da rotina, do enfado e das rígidas limitações do lar, escola e igreja.

Dois eventos, entretanto, arruinaram a situação virtualmente perfeita de B-P: 1) a morte de sua amada mãe, aos 90 anos, no dia 13 de outubro de 1914. Durante o luto, sua esposa foi uma grande fonte de conforto. Embora jovem, sobressaiu-se no papel tanto de esposa como de conselheira. 2) o início da Primeira Guerra Mundial. Com apenas 57 anos, B-P imediatamente ofereceu seus serviços ao Exército.

Mas, Lord Kitchener, comandante-chefe das forças britânicas, declinou sua oferta, pois estava perfeitamente consciente de que o velho soldado poderia prestar maior serviço a seu país permanecendo na chefia do Movimento Escoteiro, que era tão bem sucedido em atender às necessidades dos jovens.

Muitos acreditavam que a guerra iria assistir ao fim do Escotismo na Grã-Bretanha e no exterior. Com escoteiros em lados oponentes, era, talvez, uma suposição lógica. Todavia, o que aconteceu foi exatamente o contrário.

A guerra, de 1914 a 1918, pode ter visto o fim dos anos heroicos da história do Escotismo, mas a própria magnitude daquele trágico conflito iria dar ao Movimento Escoteiro não apenas novo modo de vida, mas também uma nova dimensão.

10. Enquanto os canhões trovoavam

A pavorosa carnificina da Primeira Guerra Mundial contribuiu muito pouco para solucionar os graves problemas econômicos, políticos e sociais que a provocaram. Pior ainda, a ingênua falta de visão dos vencedores durante o acordo de paz plantou as sementes da ainda mais devastadora Segunda Guerra Mundial, com suas desastrosas consequências para a maior parte da humanidade.

Ironicamente, durante o verão de 1914, milhões de patriotas, em ambos os lados, entraram em combate, acreditando estarem lutando por uma causa nobre e por um mundo melhor. Jovens e velhos estavam inflamados com o fervor nacionalista. Como ainda era uma época de “guerras convencionais” – diferente do pesadelo termonuclear de hoje –, o peso recaiu sobre os jovens. Escoteiros, em grandes contingentes, apressaram-se em servir seu país. Muitos dos que tomaram nos campos de batalha, para jamais retornarem, eram chefes escoteiros. Os escoteiros que eram jovens demais para irem à luta ofereciam seus serviços como vigilantes, guardas, mensageiros, carteiros, doadores de sangue, ajudantes em ambulâncias, policiais auxiliares, faxineiros, colheitadores ou apanhadores de papel e de lixo.

Desempenharam as mais variadas tarefas com dedicação e eficiência. Por isso, ganharam a gratidão de seus países e elevaram a imagem do Escotismo perante os olhos do público. Em decorrência, houve um grande aumento de filiações ao movimento.

Como o Escotismo internacional havia sido, temporariamente, eclipsado durante os anos da guerra, é difícil encontrar estatísticas precisas; exceto as britânicas, que estão disponíveis. Entretanto, elas são prova expressiva de como o Movimento Escoteiro cresceu durante o conflito. Na véspera da guerra, em 1914, existiam 152.333 escoteiros e chefes escoteiros. No outono de 1918, o total tinha aumentado para 193.731.

O movimento teve um retrocesso relativamente insignificante durante a Primeira Guerra Mundial. Uma granja escoteira, de 190 hectares, entrou em falência devido à falta de pessoal qualificado que, em sua maioria, tinha se engajado no serviço militar. Todavia, o fracasso da granja teve um lado positivo:

com sua venda, no ano de 1917, a Associação adquiriu um imponente prédio novo, no número 25 da Buckingham Palace Road, em Londres (Inglaterra), que serviria como sede central dos escoteiros britânico, até 1975.

Apesar de ter sido soldado e herói, B-P absteve-se de tomar parte em qualquer serviço de guerra. Em suas horas de folga, – que eram raras – empreendeu, ocasionalmente, missões paramilitares, em nome do comandante-chefe, incluindo inspeções de alojamentos de soldados na Inglaterra e na França, nas quais foi acompanhado e auxiliado por sua esposa.

Lutando, com sucesso, contra a multidão de problemas do pós-guerra, havia ainda uma tarefa primordial e sem solução até aquele momento: estabelecer programas corretos para os diversos grupos etários no Movimento Escoteiro. O conceito de “lobinho” para meninos de oito a 11 anos de idade estava funcionando satisfatoriamente. Quanto ao grupo dos jovens de 11 a 14 anos, para os quais o Escotismo tinha sido inicialmente planejado, não existiam problemas especiais (desde que tivessem completado a escolaridade obrigatória até a idade de 14 anos). Entretanto, o grupo etário de 14 a 18 anos apresentava várias complicações.

B-P gastou muito tempo no planejamento de um programa especial para aqueles adolescentes e, em conjunto com seus colaboradores, criou uma nova divisão, conhecida como Escoteiros Sêniores (Senior Scouts). A “camada superior” ficou, mais tarde, conhecida como pioneiros, para os quais outro programa tinha sido traçado (muitos deles, na sequência, tornavam-se chefes escoteiros ou líderes de Grupos Escoteiro). Esta organização não foi a resposta perfeita e B-P não estava completamente satisfeito com ela.

De fato, o papel dos jovens mais velhos tem sido, há muito tempo, uma questão controversa. Em alguns países, está tornando-se cada vez mais difícil persuadi-los a continuarem como instrutores ou chefes escoteiros, uma vez que eles se acham mais a vontade dentro de seus próprios grupos de pares. Em outros, os líderes nacionais têm enfrentado problemas com jovens deste mesmo grupo etário, que declinam em assumir suas responsabilidades como jovens adultos – que é exatamente o papel para o qual o Escotismo os preparou.

Já Movimento de Moças Guias alcançou extraordinário progresso durante os anos da guerra. Grande número delas passou a ocupar postos-chave no Movimento Escoteiro para rapazes, que ficaram vagos com a ida dos jovens adultos para o exército. Pouco depois, o movimento feminino entrou em uma grande crise — o que, novamente, exigiu intervenção pessoal de B-P.

O Movimento de Moças Guias tinha sido criado em 1910, tendo como encarregada a irmã de B-P, Agnes. Conjuntamente, tinham produzido, em 1912, o primeiro Manual de Moças Guias, intitulado Como as Moças Podem Ajudar a Construir o Império (How Girls Can Help Build up The Empire).

O livro foi um fracasso, assim como Agnes como líder do movimento. Frequentes mudanças na cúpula administrativa, intrigas e choques de orientação política foram características permanentes da organização de mulheres. Além disso, as guias ocupantes dos cargos mais elevados foram incapazes de enfrentar as passadas rápidas dadas pelo movimento em prol da emancipação das mulheres. Assim, as coisas saíram do controle.

B-P não teve outra opção senão preencher tal lacuna. Traçou um plano para a reorganização do movimento das mulheres, inclusive com uma Carta Patente, que foi concebida pela Coroa Britânica no dia 24 de setembro de 1915. Um novo Conselho Executivo foi formado, tendo B-P como presidente; e sua esposa começou a desempenhar um papel ainda mais ativo. Ela rapidamente atingiu o posto de comissária, no Condado de Sussex, graças à sua competência. Distinguiu-se de tal modo em seu trabalho que, na primeira Conferência de Comissárias de Moças Guias, em outubro de 1916, foi convidada para fazer uma apresentação sobre como organizar o trabalho de uma comissária de condado.

Lady Baden-Powell estava com apenas 27 anos. A sinceridade e o senso de humor tornaram-na estrela da Conferência. E, como resultado, foi imediatamente nomeada comissária-geral – um posto novo, criado especialmente para ela. O título foi mudado para Guia-Chefe Municipal, em 1930. A partir daquela data, conhecida como Lady B-P em todo o mundo, deteve o posto até sua morte em 1977, após uma vida inteira dedicada ao Movimento Escoteiro.

B-P prestou ainda um último serviço ao Movimento de Moças Guias. Em fevereiro de 1918, publicou o livro Direção de Moças (Girl Guiding), estabelecendo um programa detalhado, destinado a satisfazer as necessidades e aspirações de meninas e moças de oito a 18 anos. Entretanto, no foco de seus pensamentos estava o futuro, em longo prazo, do Escotismo. Como tantos de sua geração, ele reconhecia a futilidade de uma guerra que parecia estar se arrastando indefinidamente.

Depois da reunião de Birmingham, iniciaram-se os preparativos para uma reunião mundial de escoteiros, a ser realizada em 1917, dez anos após o

memorável acampamento na Ilha de Brownsea. Tal reunião ocorreu somente em 1920, quando entrou para a história do Escotismo como o primeiro Jamboree Mundial.

Apesar das preocupações a respeito da futilidade da guerra, B-P ainda era profeta da esperança, como pode ser visto no que escreveu em 1917: “Nações desiludidas pela guerra estão procurando algo melhor do que peças de papel produzidas por estadistas inescrupulosos. Eles estão propondo reparações e indenizações de guerra, mas, além de tais obrigações materiais, é certamente possível encorajar os sentimentos e emoções dos povos, com a melhor esperança de paz permanente. O Movimento Escoteiro, em sua escala relativamente pequena, tem criado raízes entre os jovens de todos os países civilizados e continua crescendo. Não é demais esperar que nos anos vindouros, com os números crescentes que se juntaram a esta associação nas gerações futuras, elas unir-se-ão em amizade pessoal e mútuo entendimento como nunca antes foi possível; e, assim, encontrarão uma solução para estes horrorosos conflitos internacionais”.

Utopia? Talvez. Entretanto, o velho guerreiro rejeitou, categoricamente, a guerra como solução – a paz era sua desgastante obsessão. Instintivamente, repetia as palavras do grande historiador romano Heródoto: “Nenhum homem sensato pode preferir a guerra em lugar da paz, uma vez que, na guerra, os pais sepultam os filhos enquanto, em tempos de paz, os filhos sepultam os pais”.

Defender a paz, através do Escotismo, tornar-se-ia o princípio de B-P durante o restante de seus dias. Quando o trovoar dos canhões cessou, ele estava mais do que nunca decidido a fazer do Escotismo um movimento para o bem da humanidade.

Um misto singular de visionário e realista, B-P sabia que o seu grande movimento internacional, embora tivesse crescido sem qualquer planejamento sistemático – até quase que acidentalmente –, não realizaria, automaticamente, tal missão universal.

O horror que sentia da burocracia o havia impedido, durante longo tempo, de criar uma associação de âmbito mundial, mas, agora, tinha se conscientizado que a coordenação era essencial, mesmo para evitar que o Escotismo fosse usado como rótulo para a venda de programas adulterados ou até nocivos.

O primeiro requisito foi obter uma noção nítida de como o Escotismo estava evoluindo nos países. Com essa finalidade, B-P nomeou Hubert Martin, diplomata de carreira, para o cargo de primeiro comissário internacional na história do Escotismo. Outros países seguiram a iniciativa, até porque, mesmo naqueles dias, as comunicações constituíam o maior problema.

Hoje, qualquer associação reconhecida tem um comissário internacional.

Como tantos outros escoteiros, antes e depois dele, Martin conscientizou-se de que estaria no cargo durante dois ou três anos, no máximo. Quatro anos após sua nomeação provisória, foi designado para o cargo de diretor do Bureau Internacional, criado em 1922, permanecendo naquele posto até sua morte, em 1938.

A segunda decisão vital de B-P foi a de criar, em 1918, um centro de treinamento de chefes escoteiros, todos voluntários, em Gilwell, próximo a Londres (Inglaterra) – em uma excelente área de terras, graças à generosidade do comissário de Distrito, na Escócia, William Frederick de Bois Maclaren. Gilwell Park foi inaugurado em julho de 1919 e tornou-se parte da história do Escotismo.

O primeiro curso de treinamento foi realizado em setembro daquele mesmo ano, ministrado pelo próprio B-P. Ele nomeou Francis Gidney como diretor do centro, visto que a extensão do Movimento Escoteiro e os numerosos chamados o impediam de desempenhar o cargo.

O pequeno grupo inicial, composto de íntimos associados, foi expandido, quando várias pessoas, entusiastas possuidoras de rendas ou proventos próprios, juntaram-se ao seu quadro de pessoal (algumas em regime de tempo integral, outras em tempo parcial, mas todas voluntárias).

O serviço temporário tornou-se quase uma brincadeira. Uma vez com o “vírus” escoteiro, a maioria dos temporários permanecia durante a vida inteira. Um exemplo foi Dymoke Green, que chegou como substituto do secretário-assistente, que tinha sido convocado para o serviço militar. Um de seus filhos tornou-se diretor e editor da revista *Scouts*; o outro, após fazer carreira como líder voluntário na associação britânica e no Ceilão, tornou-se membro e, mais tarde, presidente do Comitê Mundial (1969-1971). O “vírus” escoteiro tinha sido transmitido de pai para filho.

O pequeno gabinete que se formou em torno de B-P cresceu e se transformou em uma equipe real de voluntários. Embora o papel de alguns

membros fosse simplesmente administrativo ou técnico, alguns influenciavam o fundador em suas decisões políticas; outros, ainda, tomaram as rédeas após sua morte, desenvolvendo e adaptando o Escotismo às constantes mudanças, mas sempre fiéis à moral e aos princípios éticos, bem como aos métodos educacionais. Entretanto, B-P ainda estava lá, como líder incontestável do Movimento Escoteiro.

Voltando a Gilwell Park, desde que foi aberto, em 1919, tornou-se um grande centro de atração de líderes adultos. Primeiro, daqueles da seção escoteira; depois, a partir de 1922, dos líderes das divisões de lobinhos; e, finalmente, em 1927, de líderes de sêniores.

A história do famoso centro merecia um resumo histórico em separado, uma vez que ele não apenas era independente, mas também intimamente ligado ao Movimento Escoteiro britânico e, mais tarde, ao movimento internacional. Contudo, a história de Gilwell Park não se enquadra no escopo deste livro. Deve-se apenas ser mencionado que seu objetivo era treinar líderes adultos, durante duas semanas, habilitando-os para servirem melhor aos jovens. O currículo tinha sido elaborado em 1913, baseado no princípio de patrulhas, com grupos dinâmicos e trocas de desempenho – o que significa que os estudantes, alternadamente, desempenhavam os papéis de instrutor e aluno. Teoria (primeira parte) e prática (segunda parte) eram bem equilibradas durante o curso. Havia, naturalmente, alguns problemas: uns queixavam-se do excesso de teoria; outros diziam o contrário.

Uma vez mais, B-P teve que desempenhar o papel de Rei Salomão. Em 1923, contratou John Skinner Wilson, ex-chefe da Polícia de Calcutá e comissário de Distrito, como chefe de Gilwell Park. “Belge”, como era popularmente conhecido, logo colocou as coisas em ordem, permanecendo no posto até 1943, quando tornou-se diretor do Bureau Internacional, durante dez anos.

“Belge” (que significava belga) foi o apelido um tanto irreverente que lhe deram, em virtude de ser baixote e arrogante, como Hercules Poirot. Foi excelente organizador e leal executor das doutrinas e métodos de ensino de B-P. Enquanto administrou Gilwell Park, conseguiu amenizar a controvérsia entre teóricos e práticos (também chamados “espiritualistas” e “pragmáticos”, respectivamente). Contudo, o problema tornou-se ainda mais crítico após sua saída, na década de 1960, quando surgiu uma situação confusa entre as diferentes linhas de pensamentos do Escotismo, com um lado enfatizando a

educação – aprender para ser – e o outro, o treinamento prático, a iniciativa e a competência – aprender para fazer.

Entretanto, falaremos sobre isso mais tarde.

No momento, estava tudo bem em Gilwell Park. O centro era uma experiência notável para os participantes. Nos grupos de trabalho e nas patrulhas, aristocratas confraternizavam com artesãos, garagistas com dentistas e jardineiros com seus patrões. Era uma mescla social extraordinária e, não obstante, funcionava como mágica, devido a “química” indefinível que corria como se fosse um fio, através da filosofia do Escotismo.

Era muito mais que espírito de equipe. Ir a Gilwell era uma questão de orgulho e, para alguns, uma forma de esnobismo e até mesmo de sectarismo. Os graduados de Gilwell prestaram serviços inestimáveis ao Escotismo.

Havia regulamentações estritas para o treinamento de chefes escoteiros, a fim de assegurar um determinado nível de competência. Tais padrões foram, durante muito tempo, respeitados na Grã-Bretanha e no estrangeiro. Entretanto a chancela suprema de aprovação deveria ter passado por Gilwell Park ou, pelo menos, ter sido treinado por alguém que tivesse conquistado sua Insígnia de Madeira (IM) na “Meca” do Escotismo.

A partir de 1922, Gilwell também se tornou o centro oficial para treinamento internacional. Em nível mundial, o chefe de campo de Gilwell era o único título da espécie. Aqueles que conquistavam o posto, em nível nacional, eram simplesmente vice-chefe de campo.

Em resumo, pode-se dizer que, enquanto não houve outro sistema de treinamento, com a mesma fonte de inspiração, independente e respondendo às necessidades sociais e culturais, ou um órgão coordenador internacional eficiente, foram Gilwell Park e o próprio B-P que proveram o “cimento” que manteve o movimento coeso, assegurando autenticidade, unidade e qualidade para o Escotismo.

Assim sendo, o Movimento Escoteiro emergiu mais forte do que nunca. Agora, havia chegado o momento de seu fundador se voltar para a organização de uma grande reunião de escoteiros e seus líderes, a fim de examinar exatamente em que nível o movimento permanecia e para onde ele se dirigia.

Então, nasceu a ideia do Jamboree; e o primeiro foi planejado para agosto de 1920, sob a forma de reunião internacional, no mês em julho, precedida de uma conferência internacional de líderes que, por sua vez, seria

os primórdios de uma organização internacional. Foi um acontecimento inevitável.

B-P foi o principal promotor, apesar de sua relutância e franca oposição em tornar o Escotismo um movimento e, ainda menos, uma organização estrutural.

III

O GRANDE SALTO À FRENTE

11. Dez anos decisivos

É certo que a década de 1920 foi o período mais importante da história do Escotismo. Com o fim da Primeira Guerra Mundial, a atitude complacente e levemente escarnekedora do público mudou para respeito e admiração. A “bolha” escoteira não havia explodido e os chefes de Grupos Escoteiros não estavam retornando à infância. O movimento ainda não encontrava aprovação unânime e as críticas vinham de quadrantes inesperados.

O governo indiano – ainda sob domínio inglês – proibia os nativos de se associarem ao Movimento Escoteiro, justificando que “escoteiros podiam tornar-se revolucionários”. Entretanto, na Grã-Bretanha, a Associação continuava crescendo e, em 1920, o número de lobinhos, escoteiros, sêniores e chefes já atingia a cifra de 232.758.

Era o momento ideal para B-P lançar seu projeto de Jamboree Mundial – uma expressão que ele tomou emprestada de uma gíria americana, cujo significado era “uma pândega, farra ou festa ruidosa”.

Esclareceu suas intenções da seguinte forma: “Gostaria de explicar que a palavra ‘mundial’ foi introduzida na descrição de ‘Jamboree’ com a ideia de demonstrar que receberemos, com agrado, escoteiros de todas as partes do mundo, se puderem vir. Não apenas aqueles que foram nossos íntimos aliados, mas também os que se mantiveram neutros ou até mesmo aqueles que, sob as circunstâncias, eram nossos inimigos”.

A organização do primeiro Jamboree, no período de 30 de julho a 08 de agosto de 1920, foi uma façanha. O próprio B-P desempenhou o papel de comissário-geral. O secretário de organização foi A. G. Wade, ex-secretário da Associação britânica, que retornara da guerra com o posto de comandante. Homem de primeira classe, Wade permaneceu no Escotismo durante toda vida. Sua esposa, Eileen, também foi contaminada pelo “vírus” do Escotismo e foi secretária particular de B-P durante 27 anos.

Cerca de oito mil escoteiros, vindos de 21 países independentes e 12 dependências britânicas, compareceram ao evento; aproximadamente cinco mil deles acamparam, enquanto o restante hospedou-se em pensões

temporárias ou no Olympia Hall de Londres (Inglaterra), onde foi realizado o Jamboree Mundial.

As festividades duraram oito dias e pouco se pareceram com um Jamboree, no sentido estrito do termo. Foi uma combinação de exposição, feiras, desfiles em grande estilo, com uma variedade infinita de jogos e exibições esportivas, de habilidades escoteiras, cantos e apresentações teatrais.

Apesar da chuva que não parou de cair, o primeiro Jamboree Mundial foi uma demonstração impressionante da fraternidade escoteira internacional. Provou que, após 12 anos de fundação e apenas dois dias do término da guerra, o Escotismo podia unir as nações, em um espírito comum de paz e amizade.

O Jamboree também foi bem recebido pelo público. A presença do rei e de dois herdeiros do trono britânico deu-lhe a chancela real de aprovação e mostrou que o Escotismo era levado a sério também nas altas esferas.

No auge das festividades, em tom de brincadeira, James E. West, executivo da BSA, sugeriu que B-P fosse agraciado com o título de ‘Grande Chefe Índio’. West, um advogado americano, havia aceitado um cargo temporário, mas, mesmo depois de 32 anos, ainda se achava ligado ao Movimento Escoteiro.

B-P achou a sugestão divertida. Contudo, no dia seguinte, durante a cerimônia de posse, um dos jovens escoteiros repentinamente exclamou: “Viva o Chefe Escoteiro do Mundo!”. O grito foi repetido por milhares de jovens e, naquele dia memorável – 06 de agosto de 1920 – Baden-Powell foi aclamado, oficialmente, como Chefe Escoteiro do Mundo.

Como de costume, o trabalho importante no Olympia Hall aconteceu atrás das cortinas. Uma reunião não publicada, que teve duração de dois dias, com delegados de todos os cinco continentes, foi realizada pouco antes do Jamboree. Ela foi o ponto culminante de uma ideia que há vários anos passava pela mente de B-P

Daquela reunião privada resultaram diversas decisões: 1) realizar uma Conferência geral a cada dois anos; 2) eleger um Comitê para tratar das questões mais importantes, entre as conferências. E, finalmente, 3) criar o Bureau Internacional, com Hubert Martin como encarregado – posto que ele deteve até sua morte, em 1938.

Um escritório para o Bureau Internacional foi alugado na sede britânica, no prédio número 25 da Buckingham Palace Road; e um quadro de secretários foi contratado, com os custos pagos por F. F. Peabody, um escotista americano

rico, que se comprometeu a contribuir com 2.500 libras anualmente, até “novas ordens”. Outros dois americanos, James E. West e Mortimer Schiff – este último um grande contribuinte do Escotismo americano e internacional –, foram designados para redigir uma Constituição para o Movimento Escoteiro.

B-P e seus amigos decidiram que era chegado o momento oportuno para lançar as bases da Liga dos Jovens. Os membros fundadores foram os países representados na Conferência de Londres (Inglaterra). De acordo com uma contagem realizada na época, o número de filiados ao Escotismo era de 1.019.205.

Uma das primeiras medidas tomadas pelo Bureau Internacional foi a criação de uma revista quinzenal, intitulada Jamboree – título escolhido pelo próprio B-P. Ela foi publicada pela primeira vez em janeiro de 1921. Mas o principal trabalho da pequena equipe do Bureau era a organização da segunda Conferência, fixada para o período de 22 a 29 de julho de 1922, em Paris (França), com convites expedidos para nada menos do que 31 países.

As decisões sobre a Conferência de Paris tinham sido tomadas dois anos antes. A Constituição foi adotada e um Comitê internacional eleito. Uma das principais características, ainda aplicáveis nos dias de hoje, era que os membros eleitos não mais representavam seus próprios países, mas colocavam seus serviços à disposição de todo o Movimento Escoteiro. Outro aspecto importante foi que os objetivos e princípios do Escotismo foram legalmente redigidos, com as condições para a filiação oficial. Como era de se esperar, B-P foi eleito presidente de Comitê, apresentando suas ideias sobre o futuro do movimento, o que continuou fazendo até o ano 1937 – data de seu último comparecimento a uma conferência internacional.

Talvez, devido ao fato da Conferência de Paris ter sido realizada na Sorbonne, a tônica teórica e os debates intermináveis sobre os programas, suas bases e sua filosofia imperaram. Tudo isto parecia muito estranho, excessivo e absurdo aos delegados anglo-saxões, que pouco entendiam das vagas discussões do Escotismo. Como dizem os texanos: “Se algo funciona, não o conserte”. É bem provável que B-P estivesse atordoado por estes voos intelectuais da fantasia quando procurou mudar de ambiente, indo à famosa casa de música parisiense Folies-Bergère, onde fez uma das suas mais citadas observações: “O Escotismo, divorciado da realidade, é uma coisa impossível”.

O ano de 1922 – quando foi feita uma computação mundial do número de membros, que acusou um total de 1.344.360, isto é, um aumento de 325.155 – foi marcado por outro evento importante: o lançamento do livro *Caminho para o Sucesso* (*Rovering to Success*), dedicado ao filho Peter, que estava com nove anos.

O livro também foi dedicado aos sêniores, cuja posição no movimento era duvidosa e questionada. Era ainda destinado a todos os jovens à procura de sucesso, não precisamente de fama e dinheiro, mas da felicidade, que sempre foi a finalidade de B-P na vida.

À medida que o Escotismo se expandia, acontecia o mesmo com suas necessidades financeiras. Como ocorre com outras organizações que não visam o lucro, não houve falta de conselheiros sobre como gastar o dinheiro; mas poucos foram os que se dispuseram a entrar em campo para buscá-lo. Apesar do sucesso alcançado pelas campanhas de levantamento de fundos e das contribuições de amigos, a falta de recursos tornou-se um problema crescente e a situação financeira do Escotismo internacional continuou precária.

Muito embora a escassez de dinheiro não tivesse impedido o progresso, ela certamente colocou restrições à melhoria qualitativa, especialmente no campo de estudos e pesquisas de mercado, que se limitou à BSA, associação em que a administração profissional e eficiente tornou-se medida prática.

Um golpe de sorte foi a compra do chalé em Kandersteg, na Suíça, graças à Walter de Bonstetten, um dos líderes do Escotismo suíço e internacional. O chalé e as terras ao redor tinham sido anteriormente utilizados para acomodar operários da construção do túnel Lotschberg. Foi adquirido em 1923, transformado e inaugurado em 1926, como centro internacional de treinamento, lazer e acampamento. É ainda hoje um centro florescente, devido à generosidade de vários doadores e, especialmente, de Colonel Kenneth McIntosh, um cidadão americano.

Como foi anteriormente mencionado, 1923 foi também o ano no qual “Belge” foi contratado para dirigir Gilwell Park, que, sob sua eficiente orientação, desenvolveu-se como centro internacional.

Dois grandes eventos ocorreram no verão de 1924: o segundo Jamboree Mundial, seguido pela terceira Conferência internacional, ambos realizados na Dinamarca. Compareceram ao Jamboree mais de 5 mil escoteiro, procedentes de 34 países e colônias britânicas. Ao contrário do primeiro evento, realizado

no Olympia Hall, em Londres, que se pareceu com uma grande feira de diversões, o segundo Jamboree esteve mais perto do modelo estabelecido por B-P no acampamento da Ilha de Brownsea, muitos anos antes.

Em essência, o Jamboree de Ermelunden (Dinamarca), nas imediações de Copenhague, foi um retorno à fonte original do Escotismo, estabelecendo um modelo para futuros Jamborees nacionais e mundiais. Entre os bem planejados eventos realizados pelos organizadores dinamarqueses, esteve o Campeonato Escoteiro Mundial, que colocou em disputas escoteiros de diferentes nacionalidades, em várias disciplinas. Os americanos saíram como vencedores, com os britânicos e os húngaros em segundo e terceiro lugar, respectivamente. Mas, apesar do jogo honesto entre os competidores, foi decidido na Conferência de Kandersteg (Suíça), em 1926, que a experiência não seria repetida, por receio de que a competição entre as nações pudesse prejudicar a fraternidade internacional.

Como ocorreu no primeiro Jamboree, em Londres, quatro anos antes, as condições do clima não favoreceram. A chuva provocou inundações e uma porção do acampamento teve de ser evacuada temporariamente. Na cerimônia do encerramento, que durou seis horas, sob forte pancada de chuva, B-P disse a seus entusiasmados ouvintes: “Tenho visto grandes contingentes de escoteiros, mas nunca vi quaisquer deles tão encharcados quanto vocês”. Ele era sempre capaz de ver o lado divertido de uma situação e foi seu senso de humor que o livrou do pecado do orgulho.

A terceira Conferência foi realizada nos dias 19 e 20 do mês de agosto de 1924, três dias após o término do Jamboree. Havia alguns pontos delicados na agenda, tais como o reconhecimento internacional de associações nacionais.

Em vários países – entre eles, França, Itália, Dinamarca, Suécia, Noruega, Bélgica e Países Baixos – o movimento foi organizado com base em crenças religiosas (dos jovens ou, mais propriamente, dos pais deles). Na Conferência de Paris, todas as associações nacionais foram reconhecidas sem quaisquer pré-condições, como havia sido prometido dois anos antes, em Londres. Isto significou que, em alguns países, associações seculares foram aceitas sem qualquer referência explícita ao serviço para com Deus.

Esta uma questão que permaneceu controvertida até o ano de 1977, quando a Constituição foi alterada, sob a qual o “status quo” foi mais ou menos respeitado, mas forte ênfase foi colocada sobre a dimensão espiritual da educação escoteira. Entretanto, reconhecimento igual foi dado a religiões

não-monoteístas, tais como o hinduísmo ou aquelas que não reconhecem um Deus pessoal, como o Budismo.

Muita atenção foi dada também a outro assunto levantado na Conferência de Paris (França), durante os debates sobre a Constituição. Notadamente, seu reconhecimento internacional deveria ser dado a uma única associação ou a uma federação de associações. A Constituição foi um pilar de defesa contra a fragmentação e dissidências, mas, neste caso, fez duas exceções. Primeiro, a Rússia foi reconhecida como país fundador em caso especial, uma vez que os escoteiros no exílio foram reconhecidos em 1928, embora a Associação deles tivesse desaparecido logo em seguida. Na prática, a Associação russa de exilados deveria ter sido incorporada à Associação francesa, uma vez que operava em solo francês. A segunda exceção foi sobre os armênios, também registrados na França, que receberam reconhecimento em 1929 e ainda gozam o privilégio – mais uma exceção, que confirmou a regra; um caso singular que resultou da ambiguidade do emprego, na Constituição original, das palavras “país” e “organização nacional”.

Os debates da Conferência foram calorosos e animados, mas os dois observadores da Liga das Nações tiveram dificuldades para acreditar no que viram e ouviram. Pela primeira vez, estavam assistindo a uma reunião internacional sem debates políticos. Dando um pulo à frente, deve ser anotado que o mesmo espanto foi expressado na Conferência Mundial de julho de 1983, por dois observadores internacionais que ouviram debates de delegados de nações em guerra (e que não mantinham relações diplomáticas) que dirigiam-se um ao outro em termos educados e amistosos.

O período seguinte ao do Jamboree e da Conferência de 1924 foi uma época de ajustes e consolidação, bem como de contínua expansão. Em 1929 – ano do Jamboree da Maioridade (Coming-of-Age Jamboree) –, havia em todo o mundo 1.871.316 de escoteiros, dos quais 1.180.730 eram filiados de além-mar. O Escotismo tinha atingido sua maioridade (21 anos) não somente como um movimento forte e sadio, mas também em âmbito internacional.

Naturalmente, não houve nenhuma cura mágica para os problemas surgidos na Conferência de Copenhague (Dinamarca). A falta de fundos ainda era uma grande preocupação, bem como a questão dos sêniores. A controvérsia que teve início em Paris, entre “espiritualistas” e “pragmáticos”, ainda era uma questão arrebatadora, sem solução à vista (mesmo 78 anos após o nascimento do Escotismo).

Um fator mais perturbador era que, em determinados países, os líderes políticos estavam receosos de um movimento organizado jovem, que possuísse sua própria estrutura e rede de comunicações. Em alguns casos, eles tentaram táticas de infiltração. Em outros, tais como na Itália, Mussolini simplesmente banuiu o Escotismo. O ditador italiano estava seguindo o exemplo de Lênin e de Stalin – e, poucos anos depois, de Hitler, Franco e outros.

Outro desapontamento foi causado pelas tentativas de introdução de mais atividades artísticas no Escotismo, que encontraram pequena resposta, exceto quando a preocupação era a do entretenimento popular.

O próprio B-P estava aproximando-se dos 70 anos de idade, às vezes, desanimado e deprimido. Foi durante um destes raros momentos – geralmente causados pela sua saúde em declínio – que anotou no seu diário, em agosto de 1926: “Sugiro Pickie, como chefe escoteiro, no caso de minha morte”.

Alfred Pickford, o “Pickie”, era um dos mais antigos colaboradores de B-P (e certamente não teria sido má escolha). Mas o fundador recuperou a saúde, e, em setembro de 1926, ficou emocionado ao saber que tinha sido criada, na Suíça, uma divisão para incapacitados, que se tornaram conhecidos nos países de idioma francês como “escoteiros, apesar de tudo”.

Já uma disputa interna do movimento de sêniores irritou B-P. A fim de evitar que os jovens adultos deixassem o Escotismo, chefes introduziram uma espécie de culto medieval, com referência ao Rei Arthur e os Cavaleiros da Távola Redonda. Mais tarde, a partir de 1926, o culto chegou a ser uma busca pelo Santo Graal, de autenticidade duvidosa. O movimento atraiu um certo número de místicos, mas a reação geral foi habilmente resumida por Ernest Edwin Reynolds – um dos melhores historiadores do Escotismo –, que declarou que tais devotos, pesquisadores-de-almas, teriam tido mais sucesso com um pouco mais de senso de humor.

* * *

A Associação britânica serviu como modelo para o resto do mundo – mas ela própria teve um problema estrutural na década de 1920, relacionado à coordenação das diversas seções (lobinhos, escoteiros e sêniores). Os ramos tinham se desenvolvido separadamente e em períodos diferentes. Muitas vezes, os três grupos estavam inclinados a terem liderança unificada, mas o problema era como chegar a um entendimento sobre a pessoa adequada.

Houve anos de discussão estéril sobre a questão, pois B-P estava hesitante em solucioná-la arbitrariamente.

A solução só veio com J. F. Colquhoun – que, na época, era comissário-geral da seção de lobinhos. “Koko”, como era comumente chamado (pois seu nome era impronunciável por todos, à exceção dos britânicos) sugeriu a eleição de um líder que detivesse autoridade coordenadora, mas sem qualquer direito de interferir nas atividades diárias das diversas seções. Ele seria responsável perante o Comitê do grupo, o qual, em qualquer caso, seria composto por vários líderes. O mesmo sistema de grupos espalhou-se no exterior – e a estrutura atual, inclusive, está baseada na sugestão simples mas original de “Koko”.

O Escotismo tinha chegado à maioria, com 21 anos. A data exata do aniversário foi um ponto de discussões. Para alguns, o acampamento na Ilha Brownsea, em 1907, marcava a fundação do movimento. Para outros, ele surgiu com a publicação do Escotismo para Rapazes (Scouting for Boys), em 1908.

B-P estava disposto a aceitar qualquer das datas e considerou o assunto um detalhe acadêmico. Em 1928, ele comemorou, com os participantes do acampamento de Brownsea, o vigésimo primeiro aniversário da grande aventura. E, em 1929, concordou em comemorar, novamente, a maioria do Movimento Escoteiro.

O Duque de Connaught, membro da família real e presidente da Associação britânica, estabeleceu a diferença, no Jamboree, quando abriu o evento em 29 de julho: “Os futuros historiadores acrescentarão o nome do fundador do Escotismo à lista de reformadores do mundo. Poucos homens prestaram maior serviço à causa da humanidade do que Robert Baden-Powell e ninguém merece um posto mais elevado no templo da fama e no apreço dos companheiros que ele”.

O tributo não pareceu excessivo na época. Entretanto, haveria mais. Em Birkenhead, uma cidade provinciana inglesa, uma verdadeira rede de tendas foi armada para 50 mil escoteiros de todas as partes do mundo, que estavam prestes a viver a aventura de suas vidas.

Para B-P, era o triunfo de uma causa à qual tinha dedicado 21 anos de sua vida. Como tão frequentemente acontece nas grandes reuniões, choveu muito, encharcando o herói da ocasião, que afirmou com seu senso de humor característico: “Qualquer burro imbecil pode ser escoteiro, com bom tempo”.

A lição real, daquele Jamboree foi que o Escotismo tinha se tornado uma realidade mundial. No entanto, os rapazes passaram horas agradáveis, inconscientes do significado daquela ocasião. Havia a impressão de que algo pairava no ar e isso foi confirmado quando o Príncipe de Gales, usando uniforme escoteiro, anunciou que sua majestade havia elevado B-P a um título hereditário. De acordo com a tradição britânica, era essencial que B-P escolhesse uma localidade para acompanhar seu novo título. Ele escolheu, então, Lord Baden-Powell of Gilwell, demonstrando que aquele título honorífico tinha sido conferido ao Escotismo e não exatamente a si mesmo.

B-P teria ainda outra surpresa, no dia 6 de agosto. Como presente – para comemorar a maioria do Escotismo – recebeu um retrato seu, pintado por David Jagger (que ainda hoje adorna o salão de conferências, na Sede Mundial em Genebra, Suíça); mais um cheque de 2.800 libras e um soberbo automóvel Rolls-Royce.

Embora estivesse muito emocionado, com boas razões para tanto, ainda manteve seu senso de humor. Mencionou que sabia que estavam planejando algo, uma vez que, aqueles que o presentearam tinham insistido em perguntar à sua esposa o que ele estava precisando. “Nada”, respondeu, “eu sou o homem mais rico do mundo, porque creio que o homem mais rico não é o que possui mais dinheiro, mas sim o que tem menos necessidades.” Mas disse que a esposa o pressionou, dizendo: “Pense novamente. Você, com certeza, precisa de alguma coisa”. Então, pensou. Depois, lhe disse: “Necessito de um novo par de suspensórios”. Foi a própria Lady B-P quem lhe lembrou que o velho calhambeque estava com os pneus na lona. Daí surgiu como presente o automóvel novo.

O Jamboree terminou com uma notícia exultante: a Conferência Internacional foi realizada na mesma cidade de Birkenhead, nos dias 7, 8 e 9 de agosto, e foi simplesmente memorável. Os líderes adultos, procedentes de 33 países independentes, com associações reconhecidas, foram unânimes em dizer que o Escotismo tinha atingido a maioria e merecia consagração como um movimento mundial.

B-P resumiu o pensamento geral da seguinte forma: “A posição que o Escotismo atingiu através do Jamboree nos propicia uma oportunidade singular para fazermos um ousado avanço; mas isso deve acontecer em linhas bem estabelecidas e posto em marcha sem demora, antes que a inspiração do Jamboree tenha se extinguido”.

12. Apoteose

A intensidade dos holofotes, então, diminuiu; o Jamboree estava terminado e, com ele, a gloriosa década de 1920. Já os problemas reais estavam prestes a começar. A partir de 1930, o panorama mudou: crise da economia, desemprego em massa, nacionalismo exaltado, ditadores e, para coroar tudo isso, a Segunda Guerra Mundial.

Um dos ditados favoritos de B-P – “O Escotismo divorciado da realidade, é impossível!” – tornou-se ainda mais significativo.

Já chegava perto de dois milhões o número de escoteiros no mundo, dos quais metade nos Estados Unidos, um quarto na Grã-Bretanha e dependências e o restante espalhado em vinte ou mais países. Embora o Escotismo continuasse em expansão no âmbito mundial, ainda era considerado essencialmente anglo-saxão – o que significava que o resto do mundo encarava aquele país como modelo e a Inglaterra como lugar de nascimento do movimento.

A ideia de B-P, após o Jamboree de 1929, era malhar enquanto o ferro ainda estava quente. Com essa finalidade, foi criado um Comitê de Desenvolvimento, para assegurar que o movimento obedecesse a certos padrões. Ênfase foi colocada sobre programas de qualidade, para atrair os jovens e aqueles que desejavam ver o Escotismo crescer e tornar-se mais forte. Para comprovar isto, foram publicados dois livros: Padrões Mínimos para Acampamentos Escoteiros (Minimum Standards for Scout Camps), em 1930, no Canadá; e o famoso Padrões para Acampamentos (Camping Standards), publicado em Londres, em 1931. Este último foi usado como guia quando a Lei da Saúde Pública (Public Health Act), de 1936, foi promulgada na Grã-Bretanha, segundo a qual foram estipuladas as exigências sanitárias mínimas para acampamentos. Quando a lei foi decretada, um certificado geral de isenção foi concedido à Associação britânica, visto que suas práticas de acampamento já há muito tempo estavam em conformidade com a lei.

Hoje, o acampamento se tornou uma atividade popular, desempenhada em base comercial; mas o acampamento da Ilha Brownsea foi, sem dúvidas, o precursor. Os campings escoteiros e os campings públicos diferem, pois

são procurados por razões diversas. O escoteiro procura ambientes naturais em lugares remotos, em que possa exercitar sua iniciativa, habilidade e autossuficiência.

Padrões para Acampamentos foi o primeiro dos 20 livros desse tipo, publicados durante a década de 1930, sob o rótulo de qualidade da Gilcraft – nome idealizado por Gydney, o primeiro chefe de campo em Gilwell. Os livros apresentavam todos os aspectos do Escotismo: a arte de viver ao ar livre, jogos e ocupações úteis, problemas estruturais e organizacionais.

A elaboração de um método de cooperação com a Igreja foi outra responsabilidade atribuída ao Comitê de Desenvolvimento, visto que, como nos primórdios, havia receio de que o Escotismo viesse a se tornar uma espécie de culto. Problemas também surgiram com determinados grupos que viam no Escotismo um excelente instrumento para divulgação de suas próprias ideias. Houve divergências em ambos os lados, entretanto, a maior delas foi provocada pela inflexibilidade de vários líderes religiosos, que achavam difícil aceitar o caráter universal e ecumênico do movimento (que considera todas as religiões como meio para satisfação das necessidades espirituais dos jovens). Algumas unidades, patrocinadas pela Igreja Católica Romana, separaram-se e criaram um movimento escoteiro católico. Muitos consideraram este passo como “imperialismo espiritual”, contrário às bases universais do Escotismo, bem como dissidência ou mesmo uma tentativa para atrair sacerdotes potenciais. O mesmo problema surgiu após a Segunda Guerra Mundial, especialmente na década de 1960.

Uma reunião de cúpula, entre o Papa Pio XI e Baden-Powell, durante a década de 1930, esfriou de certa forma a questão, quando o Vaticano reconheceu oficialmente o grande valor educacional do Escotismo.

O problema deslocou-se então da Europa para o Canadá, quando os escoteiros católicos da Província de Quebec separaram-se da Scouts Canadá e formaram uma outra associação. Somente após debates entre B-P e o Cardeal Villeneuve que a discórdia foi sanada. O acordo resultante está em vigor até hoje, embora as vezes seja desafiado. Ele reconheceu a identidade francófona e católica da associação de Quebec, mas apenas como parte da Scouts Canadá.

Foi também durante este período que o sistema de lobinhos, escoteiros, sêniores, escoteiros do mar e incapacitados, entre outros, foi introduzido em nível nacional. O sistema ainda é praticado em vários países, muito embora seja seguido outro caminho hoje, com razoável sucesso.

Após uma prova experimental, numerosos campos de treinamento foram criados para jovens desempregados, que propiciaram treinamento profissional combinado com aprendizagem. O importante é que os treinando não eram necessariamente membros do Movimento Escoteiro.

B-P estava profundamente motivado pela situação crítica na Grã-Bretanha. Em um famoso discurso, taxou a guerra e o desemprego como os maiores flagelos da humanidade. Ele ainda guiava o destino do Escotismo mas, pouco a pouco, foi-se afastando. Já com mais de 70 anos e relativamente ativo, tanto mental como fisicamente, começou a sentir as conseqüências dos anos que passou nos trópicos, sob a forma de surtos frequentes de febre. Teve ainda que fazer uma cirurgia para remoção de sua glândula prostática. Além disso, sofreu intensamente de ciática. Os crescentes problemas de saúde forçaram-no a limitar suas atividades. Já em 1930, queria demitir-se do posto de chefe escoteiro do Reino Unido e do Império, sob a alegação de que um movimento jovem devia estar em mãos mais jovens. Foi tamanho o clamor que teve de ceder à exigência do povo, mesmo conjecturando por que razão deveria um velho dirigir os jovens.

Começou, então, a ser mais seletivo em suas atividades. Não perdeu nenhum dos grandes eventos da década de 1930, tais como as quatro Conferências internacionais, em Baden (1931), Godolo (1933), Estocolmo (1935) e Vogeleszang (1937); mas suas ausências da Inglaterra tornaram-se mais frequentes – cerca de seis meses, em cada ano. Preferia viajar para lugares distantes, de climas quentes, como também o fez Lady B-P, que tinha demonstrado ser uma Guia-Chefe Mundial altamente eficiente. Ocasionalmente, fazia viagens à Europa, quando surgiam problemas delicados como, por exemplo, a visita à Itália fascista em 1933, onde o Escotismo havia sido proibido desde 1927, logo após sua visita ao Papa. Baden-Powell foi recebido no Palazzo Venezia. Os balillas haviam substituído os escoteiros e B-P estava ansioso por encontrar-se com o líder deles. A entrevista com Mussolini foi um encontro de personalidades fortes, amplamente reportado pela imprensa italiana, que chamou-o de “evento solene”. Foi mais que isso. Mussolini insinuou que Baden-Powell deveria estar muito feliz porque o movimento italiano estava definitivamente moldado no Escotismo, embora – como insistiu – em uma versão “melhorada”. Quando Baden-Powell fez objeções, Mussolini perguntou-lhe o motivo. B-P respondeu que a Balilla era uma organização oficial em vez de uma organização voluntária; que visava

nacionalismo partidário ao invés de sentimentos bons, internacionais, mais amplos; que era puramente física, sem qualquer equilíbrio espiritual; e que desenvolvia disciplina da massa, ao invés da personalidade individual. As quatro características salientadas constituem a chave da singularidade do Movimento Escoteiro e, talvez, o sucesso dele.

É preciso mencionar aqui também outro episódio da mesma natureza, que ilustra a incompatibilidade do Escotismo com qualquer forma de totalitarismo. A história retrocede ao ano de 1924, quando os escoteiros alemães solicitaram seu reconhecimento pelo Bureau Internacional. A solicitação foi indeferida sob a alegação de que o movimento alemão era demasiadamente militarista, nacionalista e expansionista nas direções erradas, uma vez que estava tentando absorver o escotismo austríaco.

Em 1929, o Conde Paul Teleki, líder escoteiro húngaro, fez uma tentativa em vão de chegar a um acordo com os escoteiros alemães. Na época, eles tinham se tornado notoriamente políticos e estavam sendo dilacerados por conflitos de personalidade, bem como por caprichos malucos, completamente sem conexão com os conceitos originais do Escotismo. Apesar disso, um contingente de mil escoteiros alemães era esperado no Jamboree de Godolo (Hungria), em agosto de 1933. Mas, em junho daquele ano, Hitler designou o jovem Baldur von Schirach como líder jovem do Império Alemão (Jugendfuhrer des Deutschen Reiches) – o que significava o fim do Escotismo na Alemanha.

Posteriormente, Joachim von Ribbentrop, embaixador alemão na Grã-Bretanha – o mesmo homem que deveria assinar o sensacional pacto de paz com Stalin –, fez outra tentativa de reconciliação com B-P, com uma recepção na Embaixada em Londres, à qual Baldur von Schirach estava presente, mas sem resultado. O Escotismo foi banido em todos os países que estavam sob domínio fascista ou nazista e substituído por organizações oficiais jovens.

Exatamente a mesma medida foi tomada nos países bálticos, ocupados pelos russos, e em todas as chamadas democracias populares, com exceção da Polônia. Mas aquela – como disse Kipling – é uma outra história.

B-P continuava viajando com muita frequência, estava também escrevendo – não apenas para seu querido público do Escotismo, mas também a própria biografia. Ele a intitulou Lições do Colégio da Vida (Lessons from the Varsity of Life), uma mistura de seus pensamentos e experiências, ilustradas com cerca de cem desenhos próprios – que, certamente, eram de qualidade superior à de seus escritos.

Ele ainda esteve presente no Jamboree da Hungria, em 1933. O documentário, filmado na ocasião, mostra um homem exaurido, cavalgando seu cavalo preto com grande dificuldade – fato pouco surpreendente, pois estava com 75 anos. Seus colegas não ouviram nada sobre um possível sucessor, mas a questão preocupava o próprio B-P. Nesse sentido, escreveu uma carta, em julho de 1934, ao Lord Somers, convidando-o para tornar-se Vice-chefe Escoteiro.

B-P achava o ex-aluno da Chaterhouse – sua velha escola – e brilhante bolsista da Universidade de Oxford, soldado que havia deixado o Exército em 1922 para tornar-se governador de Vitória, na Austrália, uma escolha perfeita para o cargo. Lord Somers tinha se tornado um escoteiro dedicado no início de sua carreira; e quando ainda era oficial do Exército fora designado comissário de Distrito. Era, de modo geral, considerado um sucessor ideal de B-P.

Após seu afastamento do cargo do Exército, da Austrália e do posto de chefe escoteiro dos domínios Britânicos, Lord Somers foi designado Vice-Chefe Escoteiro pelo Comitê do Conselho da Associação britânica, em junho de 1936. Naquela época, decisões tão importantes não eram mais tomadas por B-P apenas.

Entretanto, apesar de sua saúde decadente, o velho guerreiro ainda não estava acabado. Em outubro de 1935, B-P e a esposa embarcaram em uma viagem para a África. O objetivo principal era suavizar o delicado problema racial existente no Movimento Escoteiro sul africano. No caminho, o casal fez uma parada no Quênia, onde se rendeu aos encantos da *The Outspan*, uma aldeiazinha pitoresca nas imediações de Nyeri, para onde ele deveria se retirar dois anos mais tarde.

O problema racial havia se exacerbado na África do Sul por fatores políticos, econômicos e religiosos. Como soldado, B-P havia lutado tanto contra brancos como contra negros naquele país. Agora, sua maior preocupação era assegurar-se de que o Escotismo permaneceria livre de discriminações raciais, religiosas, de cor e de classe. O surgimento de índios e pessoas “de cor” não tornou o problema mais fácil. Por um lado, a população de não-brancos apoiou, com grande satisfação, a política de porta aberta do Escotismo. Entretanto, por outro, os brancos tiveram grandes objeções quanto à abordagem não discriminatória. O resultado foi o estabelecimento de um compromisso: três setores associados foram autorizados, sob o estandarte

do Conselho da União Escoteira da África do Sul (que era dominado por brancos), sendo um setor para negros e os outros dois para índios e pessoas “de cor”. Não foi, exatamente, uma vitória total; mas, pelo menos, era o ponto de início da reunificação dos quatro setores daquela Federação, com os líderes de cada setor assumindo o papel de presidente em rodízio.

Os afrikaaners (brancos, originalmente chamados de boers) ficaram isolados em sua objeção e associaram-se, embora os brancos anglófonos o tivessem feito. Desta maneira, uma brecha foi aberta na política cruel de apartheid, permitindo atividades escoteiras para raças mistas, mesmo que de forma semiclandestina. Entretanto, a Federação sul africana foi, pouco a pouco, alcançando a igualdade de componentes raciais, de tal forma que delegações inter-raciais dirigidas por líderes negros apareceram em reuniões internacionais.

Apesar disso, existiram alguns intervalos felizes para B-P na tormentosa década de 1930. Em 1937, a família viajou para a Índia, onde, 61 anos antes, o jovem tenente tinha iniciado sua carreira militar. Lá, participaram do primeiro Jamboree Índio que, não sem dificuldade considerável, reuniu jovens de todas as partes daquele imenso subcontinente, sob o mesmo estandarte do Escotismo. Um ano mais tarde, a Associação foi registrada como membro-autônoma da grande família do Escotismo, no Bureau Internacional – dez anos antes que aquele subcontinente ganhasse sua independência, da qual emergiram o Paquistão e a Índia, como dois países separados.

No dia 22 de fevereiro – data de nascimento de Baden-Powell e também sua esposa –, o casal foi recepcionado em Risalpur (Paquistão), onde o 13º Regimento de Hussardos estava aquartelado. Já com 80 anos, B-P vestiu o uniforme de seu antigo Regimento e, pela primeira vez, participou da parada a cavalo.

Pouco depois de seu retorno à Londres, o casal foi hóspede de honra em uma comemoração real espetacular, a festa de São Jorge (o santo padroeiro do Movimento Escoteiro), organizada pela terceira vez, no Castelo de Windsor. Após o almoço, no qual o rei, a rainha, a rainha-mãe e as duas princesas estiveram presentes, tropas de escoteiros de elite – os King’s Scouts ou aqueles que tinham ganhado medalhas como salva-vidas – foram passadas em revista, nos campos do castelo. Tal acontecimento poderia parecer um anacronismo nos dias de hoje. Entretanto, o autor deste livro pode atestar que, tendo participado recentemente de uma parada semelhante, no mesmo

Castelo de Windsor – evento que acontece hoje e, possivelmente, acontecerá nos anos vindouros – sua atmosfera nada tem de anacrônica; é a mesma de um acontecimento familiar, calmo e em contraste completo com as paradas-monstros de jovens, organizadas em países totalitários, em que o líder está rodeado de guarda-costas armados até os dentes.

B-P recebeu muitas honrarias em 1937, entre as quais a do mais elevado grau da Legião de Honra e o recém-criado Prêmio Watele, do Carnegie Institute, por seus serviços prestados à paz mundial e pela promoção da boa vontade internacional através do Movimento Escoteiro.

Naquele ano, aconteceu também o Jamboree Mundial e a Conferência internacional dos Países Baixos – dois eventos notavelmente bem sucedidos, que marcaram o adeus de B-P ao movimento que criou. A situação internacional era de tensão quase insuportável. Contudo, estas duas reuniões – uma de jovens e a outra de líderes – ocorreram em um ambiente de boa vontade e fraternidade.

B-P ostentou a comenda Lobo de Bronze na cerimônia de encerramento – uma distinção honorífica do Escotismo, criada para premiação de serviços excepcionais prestados ao movimento internacional. Somente outras três pessoas receberam-na durante suas vidas: Walter de Bonstetten, o suíço fundador do Chalé de Kandersteg; Hubert Martin, diretor de Bureau Internacional; e Skinner Wilson, o “Belge”, chefe de Gilwell Park.

A comenda Lobo de Bronze é uma distinção única do Escotismo, de mérito internacional e, até o ano 1985, concedida em apenas 170 casos – número singularmente reduzido se considerarmos que os escoteiros do passado e do presente atingem uma cifra de 250 milhões.

Na época, a saúde de B-P já era frágil. Mesmo assim, seus amigos resolveram comemorar as Bodas de Prata de seu casamento. A princesa Mary foi a anfitriã da festa e presenteou o casal com um cheque de 2.600 libras, a serem usadas para algumas necessidades domésticas que sempre ocorrem, “tais como a compra de uma escova de dentes”.

O casal usou o dinheiro para comprar uma casa nas imediações de Nyeri, no Quênia, uma moradia bastante modesta – e um refúgio ideal de paz e tranquilidade. Viajaram para uma estada de sete meses naquele local, em novembro de 1937, ansiando pela calma e o sossego da África. Depois, retornaram no ano seguinte, quando B-P tentou cumprir alguns de seus compromissos. Entretanto, em 27 de outubro de 1938, por recomendação de

seu médico e insistência de sua esposa, deixou a Inglaterra para nunca mais voltar.

Dois incidentes ocorreram na Europa e entristeceram B-P: 1) a morte de Hubert Martin, diretor do Bureau Internacional, que foi sucedido por “Belge”; e 2) a Anschluss (anexação político-militar da Áustria por parte da Alemanha, em 1938) que levou a proibição do Escotismo na Áustria. O mesmo já tinha acontecido na Romênia e na Albânia, alguns meses antes.

B-P sabia que o fim estava próximo e se mostrava preocupado com a situação financeira do Escotismo. Seu desejo ardente de ver uma melhoria foi atendido com o resultado de uma grande campanha de levantamento de fundos, lançada por Lord Somers. Apesar dos tempos difíceis, eles conseguiram 263.000 libras, utilizadas para criar um Fundo do Escotismo para uso na Grã-Bretanha.

Com isso, o Escotismo britânico e internacional preparou-se para os eventos dramáticos que estavam prestes a acontecer.

O artigo quatro da Lei Escoteira foi alterado oficialmente para constar: “Um escoteiro é amigo de todos e irmão de cada escoteiro, independentemente de que país, classe ou religião ele pertença”. O censo de junho de 1939 revelou o impressionante número de 3.305.149 escoteiros em 47 países diferentes. Dois meses mais tarde, eclodiu a Segunda Guerra Mundial. As sedes centrais, nacional, imperial e internacional foram então evacuadas para Gilwell.

Em novembro de 1940, Gilwell Park foi requisitado pelo Exército. Líderes escoteiros foram convocados para o serviço militar e, aos mais jovens, que tinham atingido a idade de 16 anos, foram atribuídas tarefas civis. No fim do ano de 1940, o Movimento Escoteiro foi oficialmente proibido na Bélgica, Grécia, Luxemburgo, Países Baixos, França, Noruega, Bulgária, Estônia, Irã, Japão, Lituânia, Letônia e Iugoslávia.

O contato entre as associações, que já era difícil, tornou-se impossível.

Já em retiro, o fundador do Escotismo sentia que sua hora final havia chegado. Enquanto a esposa fazia compras em Nyeri, ele abriu um envelope que continha a anotação “para ser aberto em caso de minha morte”.

À carta que havia escrito 25 anos antes à sua amada “Dindo” – nome carinhoso que deu à Lady B-P – acrescentou um post-scriptum cheio de afeição e gratidão e o assinou como “Bin” – nome que a esposa o chamava quando estavam a sós. Inseriu no envelope três mensagens: uma aos escoteiros; outra às guias; e a terceira a todos os apoiadores do movimento.

O teor da mensagem aos escoteiros era o seguinte:

Prezados escoteiros,

Se, porventura, vocês tiverem visto a peça Peter Pan, deverão estar lembrados de que o chefe-pirata estava sempre fazendo o seu “discurso de moribundo”, porque receava que quando chegasse a hora de morrer, não tivesse mais tempo para dizer tais coisas.

Acontece quase a mesma coisa comigo e, embora neste momento eu não esteja morrendo, qualquer dia destes, eu morrerei e quero enviar a vocês uma palavra de despedida.

Lembrei-me de que será a última vez que vocês ouvirão minhas palavras. Portanto pensem bem nelas.

Eu tenho tido uma vida muito feliz e quero que cada um de vocês também tenha uma vida feliz. Acredito que Deus nos colocou neste mundo alegre para que sejamos felizes e para gozarmos a vida. A felicidade não provém do fato de ser rico, nem meramente de ter sido bem sucedido na carreira; e, tampouco, de sermos indulgentes para com nós mesmos. Um passo na direção da felicidade é tornar-se saudável e forte enquanto ainda se é jovem, de sorte que possa vir a ser útil e gozar a vida quando for homem.

O estudo da natureza mostrará quão repleto de coisas belas e maravilhosas Deus fez o mundo para vocês gozarem. Alegrem-se com o que receberam e façam bom proveito disso. Olhem para o lado brilhante das coisas, ao invés do lado sombrio delas.

Contudo, a melhor maneira de obter felicidade é proporcionar felicidade às outras pessoas.

Tentem deixar este mundo um pouco melhor do que o encontraram e, quando chegar a vez de morrerem, possam morrer felizes com o sentimento de que, pelo menos, não desperdiçaram o tempo, mas fizeram o melhor que puderam.

Estejam preparados, desta maneira, para viverem e morrerem felizes – sempre fiéis à promessa escoteira de vocês, até mesmo depois que deixarem de ser jovens; e que Deus os ajude a cumpri-la.

Seu amigo

Baden-Powell

Após uma longa agonia, B-P faleceu no dia 09 de janeiro de 1941. Muitos acreditavam que o conflito mundial e a morte de B-P significariam o fim do Escotismo.

IV

O ESCOTISMO APÓS BADEN-POWELL

13. Apesar de tudo, voa

A história favorita dos construtores de aviões é que, consciente de todas as leis da aerodinâmica, a mamangava (tipo de abelha) não pode voar, mas voa. O mesmo pode-se dizer do Escotismo. Perturbado pela morte de seu fundador, seu líder e inspirador; molestado por ditadores, pela ocupação e pela guerra; privado da maioria de seus executivos adultos; sacudido até suas bases por mudanças socioeconômicas, resultantes de tempos excepcionais, o movimento poderia ter desaparecido ou se enfraquecido. Mas, incrivelmente, aconteceu o contrário.

Quando eclodiu a Segunda Guerra Mundial, havia pouco mais de três milhões de escoteiros em todo o mundo. Já no verão de 1947 – dois anos após o fim das hostilidades –, quando o primeiro censo de pós-guerra foi feito, o número de filiados tinha crescido para 4.066.477, em 43 países. E isso aconteceu mesmo com o desaparecimento de 11 associações. O número foi anunciado durante a primeira Conferência Internacional do pós-guerra, realizada após o Jamboree Internacional daquele mesmo ano.

Em vista de tal acontecimento, de certa forma semelhante ao ocorrido durante a Primeira Guerra Mundial, há algo de verdade na crença de que circunstâncias excepcionais e desafios da história serviram apenas para estimular o crescimento do Escotismo.

Entretanto, voltando um pouco na história – a janeiro de 1941 –, o maior problema era a escolha de um sucessor para Baden-Powell. A sucessão recaiu sobre Lord Somers, vice-chefe escoteiro que o próprio B-P havia designado para o posto.

Deve ser dito que nem Somers, nem qualquer um dos outros quatro sucessores de B-P – Lord Rowallan (1944-1959), Lord MacLean (1959-1971), Sir William Gladstone (1971-1982) e Michael Walsh (1982) – jamais alcançaram o posto de Chefe Escoteiro do Mundo. Apenas dois deles, Rowallan e Gladstone, desempenharam papel internacional como membros do Comitê Internacional. Gladstone chegou a presidente do Comitê, de 1979 até 1981 (tarefa que realizou com brilhantismo).

Com a morte de B-P, o título de Chefe Escoteiro do Mundo, que lhe tinha sido conferido por aclamação popular durante o primeiro Jamboree Internacional, em Londres (1920), simplesmente desapareceu. O Comitê decidiu unanimemente que não seria conveniente, nem prático, eleger um sucessor para um posto que havia sido criado por respeito e afeto para com o singular fundador do movimento.

Além disso, de acordo com a Constituição e os regulamentos do Movimento Escoteiros então vigentes, B-P era membro honorário do Comitê, sem direito a voto. Legalmente falando, detinha um posto meramente honorário, embora ninguém disputasse o valor real e moral e sua influência pessoal sobre o movimento, tanto durante os primeiros 33 anos de existência do Escotismo como após a morte do fundador.

Desde o momento em que tomou posse do cargo, Somers revelou-se um sucessor sábio e prudente. Embora respeitoso para com o passado, voltou sua atenção para o futuro. Em 1941, criou um grupo de “homens sábios” para examinar a situação corrente do Escotismo e apresentar recomendações sobre o seu desenvolvimento no pós-guerra. Foi acordado que o Comitê britânico – órgão oficial do Escotismo britânico – não publicaria nem executaria tais recomendações integralmente, antes do término da guerra.

Somers faleceu um ano antes das recomendações serem editadas, em setembro de 1945; mas viveu o bastante para ver a maior porção delas executadas, antes de seu desaparecimento definitivo. As recomendações destinavam-se, a princípio, ao Movimento Escoteiro britânico; porém, foram cuidadosamente examinadas no estrangeiro – mais uma prova da atração universal de quaisquer ideias procedentes do país fundador.

A maior parte das recomendações do relatório apresentado pelo grupo de estudo tem, hoje, valor pouco superior ao de interesse histórico. Em resumo, trataram da adaptação do movimento à nova legislação que fixava 15 anos como idade mínima para a saída da escola. “Assim, era essencial revisar as estruturas e programas dos diferentes grupos etários, incluindo os sêniores”.

O grupo etário de 15 a 18 anos, recém-formado, exigia atenção especial. Por isso, o Governo Britânico estava cogitando criar um movimento oficial de jovens, em oposição não apenas ao Movimento Escoteiro, mas também a outras organizações voluntárias de jovens. Confrontada com uma tempestade de protestos, a ideia foi abandonada.

Os autores do relatório estavam preocupados com a evasão de tantos jovens antes de atingirem o nível de sênior – apenas um em cinco permanecia. E o resultado era um número elevado de lobinhos e um total insuficiente de escoteiros. Tal tendência, no sentido do rebaixamento da idade de filiação, tem sido há muito tempo uma grande preocupação dos líderes escoteiros. O fato dos jovens estarem amadurecendo mais cedo – a guerra sendo uma das razões – constituiu mais um desafio permanente ao Escotismo.

O relatório propôs ainda reformas nos métodos de treinamentos de líderes e no papel do centro de treinamento de Gilwell. Uma consequência foi que “Belge” demitiu-se do cargo de Gilwell Park, o qual tinha dirigido com tanta dedicação e autoridade durante 20 anos. Seu sucessor, nos 25 anos subsequentes, foi John Thurman. “Belge” tinha decidido dedicar as energias ao trabalho voluntário, como diretor do Bureau Internacional (que se tornou um cargo remunerado em 1946, embora, para “Belge”, tivesse sido um trabalho de amor). Outra recomendação era de que cargos com regime de trabalho em tempo integral fossem criados – política que passou a ser gradativamente adotada a partir de 1941.

Atenção especial foi dada ainda ao conteúdo espiritual do programa escoteiro e às relações do movimento com a Igreja. As recomendações resultaram em comentários consideráveis e numerosas publicações sobre o assunto. O ponto de destaque foi que o estudo foi empreendido e, pela primeira vez desde que B-P estabeleceu as regras, aventurava-se a reexaminá-las e a recomendar que fossem revisadas e adaptadas às atuais necessidades.

As mudanças mais profundas foram as que afetavam os jovens. Como na Primeira Guerra Mundial, os rapazes foram engajados nos deveres civis durante a Segunda Guerra Mundial. Por exemplo, uma seção conhecida como Escoteiros do Ar foi criada em 1942 e tinha sabor paramilitar. Mas o fator fundamental, que afetava o movimento, surgiu à medida que a guerra se espalhava como um conflito global e tanto adultos como jovens eram atraídos por ele, inclusive as crianças.

Nos países que não se tornaram campos de batalha, o papel e as atividades desempenhadas pelos jovens estiveram menos sujeitos a mudanças do que nas nações que sofreram invasões, ocupação, deportação, privações, campos de concentração e outros horrores – que os expunha a sofrimentos físicos e psicológicos e, por sua vez, afetavam vitalmente os valores. Preservar o Escotismo em um país em guerra, mesmo se as fronteiras não tivessem

sido violadas, já era uma tarefa bastante árdua. Nos países em que estavam caindo bombas era ainda mais difícil. E, nos países que foram ocupados e conquistados, era preciso um milagre.

Entretanto, milagres aconteceram! E o Escotismo provou, ele próprio, ser um dos mais eficazes antídotos ao veneno dos regimes totalitários. Os pais que autorizaram a filiação de seus filhos ao Movimento Escoteiro sabiam que estavam correndo um risco, mas fechavam os olhos. Incentivavam os filhos a seguirem a Lei Escoteira, porque sabiam ser ela fiel aos valores que implicam na liberdade individual e de escolha do meio de vida pelo qual tantos estavam lutando, em tantos países.

A iniciativa, a confiança em si e a arte de viver em qualquer ambiente – inclusive a resistência a outros movimentos clandestinos, internamente autoconfiantes –, ou seja, todas as qualidades inerentes ao Escotismo foram praticadas em larga escala.

Existem números de como o Escotismo resistiu: em oito dos países que foram ocupados pelos nazistas, para os quais existem estatísticas disponíveis (isto é, Bélgica, Dinamarca, França, Luxemburgo, Noruega, Países Baixos, Polônia e Tchecoslováquia), o número de filiados cresceu de 330.904, em 1939, para 612.495, em 1964.

O livro publicado em 1948, *The Left Handshake*, escrito por Hilary George Saunders, descreveu e analisou o papel do Movimento Escoteiro durante a Segunda Guerra Mundial. A publicação não procura pintar um quadro idealista, mas, mesmo assim, está bastante próxima da realidade. Descreveu como os escoteiros desafiavam a lei; como auxiliavam os procurados e os perseguidos e os atos de sabotagem deles. Em resumo, embora de uma maneira exagerada, relatou a assombrosa história da sobrevivência do Escotismo durante a guerra.

Mais importante ainda que isso, entretanto, foi o choque moral sofrido pelos jovens. Em muitos casos, ele levou a uma inversão total de valores: roubar para apenas viver; mentir e trapacear; desobedecer a ordens. Tudo isso se tornou não apenas aceitável, mas, muitas vezes, foi considerado um ato de bravura.



*Lord Baden-Powell de Gilwell, Fundador do Movimento Escoteiro
Fotografia tomada de uma pintura de 1929, feita por David Jagger*



Ator e artista-apresentador, Baden-Powell, aos 40 anos de idade, desempenhando o papel de Wun-hi, na peça "A Gueixa", em 1897.



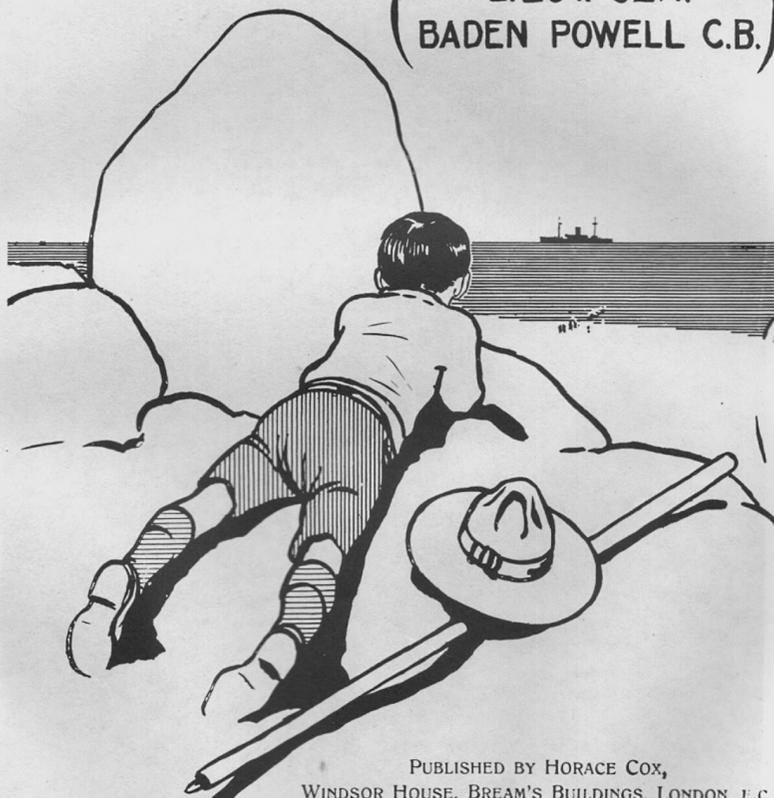
B-P. fotografado em 1899, durante o sítio de Mafeking.

Part I.

Price 4d. net.

SCOUTING FOR BOYS BY B-P

(LIEUT. GEN.
BADEN POWELL C.B.)



PUBLISHED BY HORACE COX,
WINDSOR HOUSE, BREAM'S BUILDINGS, LONDON, E.C.

A capa original da 1ª Parte do "Escotismo para rapazes", publicado em 1908

A capa original da 1ª Parte do "Escotismo para Rapazes", publicado em 1908



Entre os 10.000 participantes da 1ª grande reunião dos Escoteiros Britânicos, em setembro de 1909, foi observada a presença desta mocinha. Muito provavelmente é a Primeira Escoteira-Moça na história do Movimento



Um presente de casamento aos recém-casados, em outubro de 1912. 100.000 Escoteiros contribuíram - cada um com um "pêni" para darem a Baden-Powell e sua noiva este automóvel tipo Standard de 20 HP



Lady Baden-Powell, em uniforme de Comissário-Chefe, em 1917



Cartaz do primeiro Jamboree Mundial, realizado no Olympia, Londres, em 1920



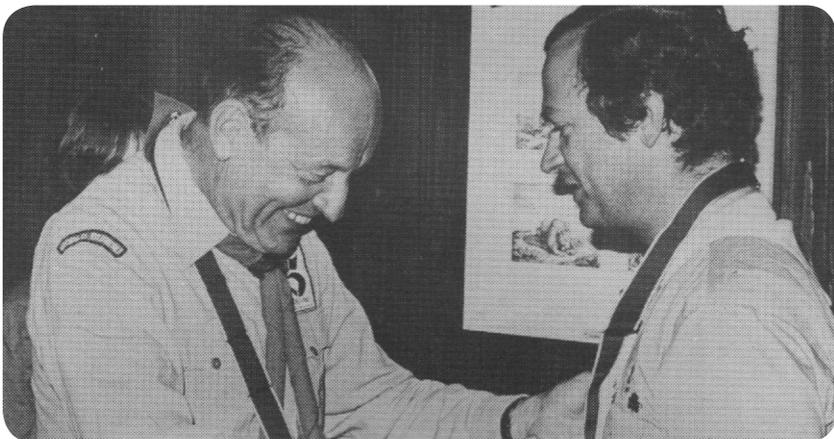
B-P. - Viajante incansável, no Sudão, 1934



Lobinhos e Lobinhas brasileiros no Parque Osório passeiam com sua Akelá



O arqueirismo e outros esportes são populares nos acampamentos de verão. Arqueiros irlandeses testam suas habilidades, no 15º Jamboree Mundial, em Alberta, Canadá em 1983



*S. M. o Rei Carlos XVI Gustavo, da Suécia, recebe o "Leão de Bronze" - a única Comenda Escoteira Mundial - do Secretário-Geral
S.M. é Presidente Honorário da Fundação Mundial de Escoteiros*



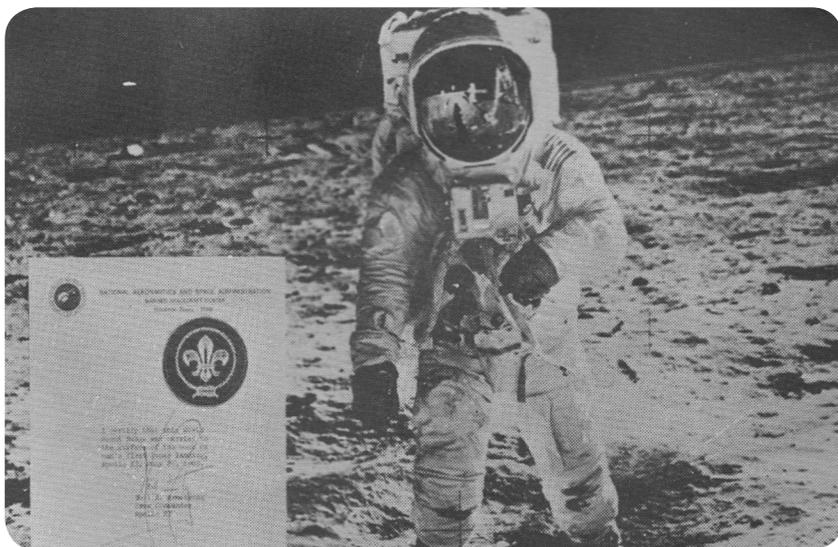
Lady Baden-Powell, Guia-Chefe Mundial, em uma de suas visitas ao Secretário-Geral da Organização Mundial do Movimento Escoteiro, Laszlo Nagy, no Birô Mundial Escoteiro, Genebra



15.000 Escoteiros, unidos como "Cinco Dedos, Uma Mão" no Jamboree Mundial Escoteiro, em Lillehammer, Noruega, 1975



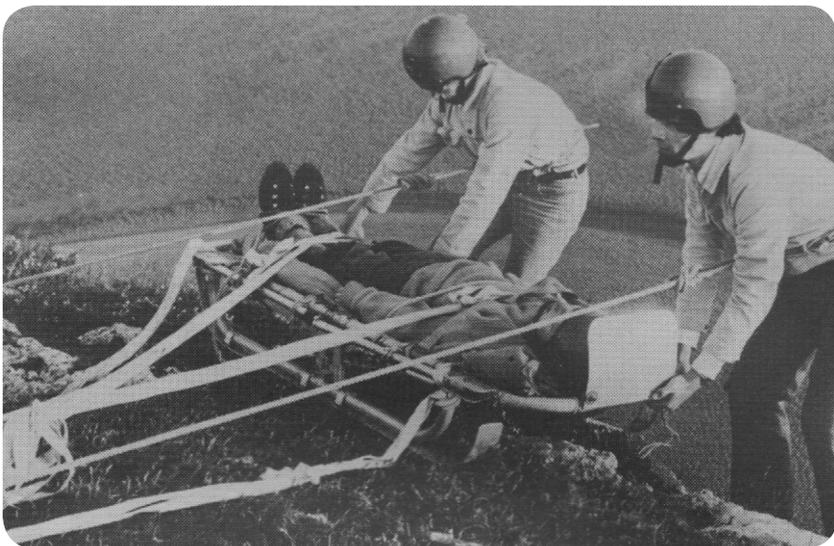
Escoteiros libaneses prestando serviços de emergência em Beirute



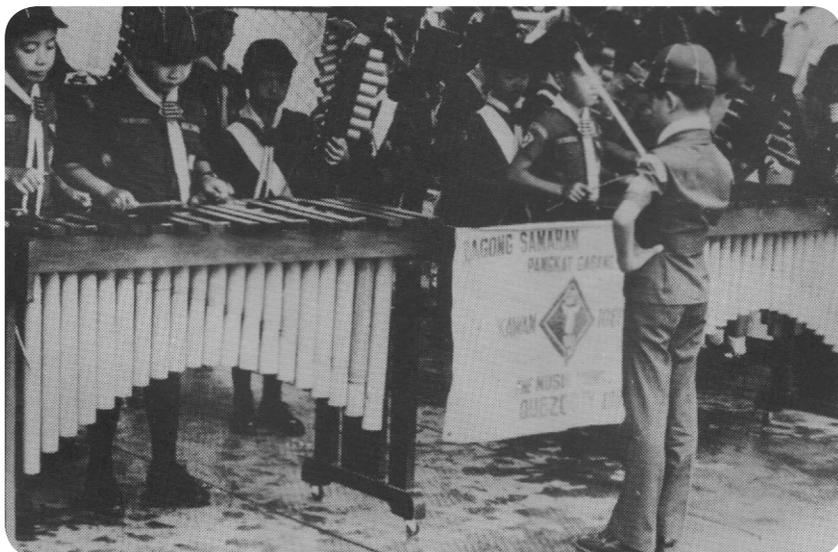
Em 1969, um emblema escoteiro foi levado até a superfície da lua, na missão da Apollo XI - primeira alunissagem do homem - com o Comte. Neil Armstrong, ele próprio um escoteiro.



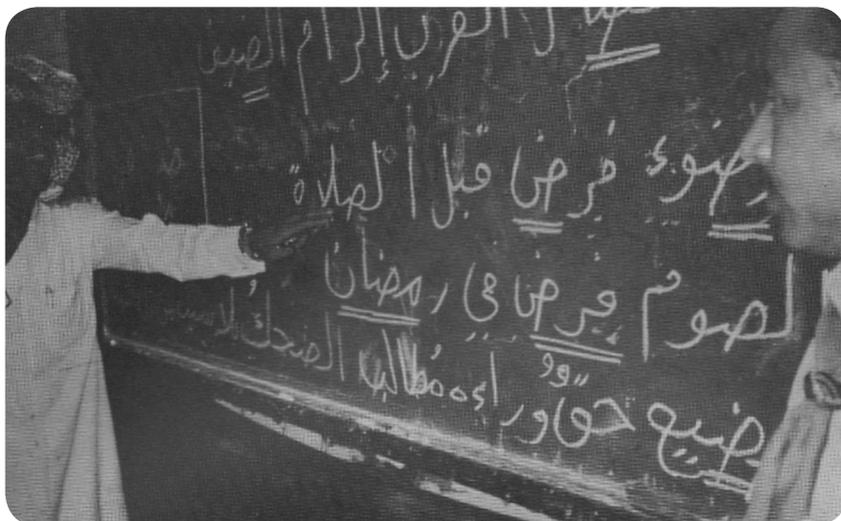
*Entalhadura de madeira, tem sido popular entre os Escoteiros.
Um escoteiro francês esculpe uma imagem da "Madonna"*



Um exercício de resgate na montanha, executado por "Venture Scouts", no Reino Unido



Escoteiros fazem música com xilofones e instrumentos de percussão, feitos de bambú, nas Filipinas



Aulas de leitura e escrita são ministradas, com sucesso, em bases regulares, pelos Escoteiros mais velhos e pelos Líderes, nos países em desenvolvimento



O Escotismo está aberto a todos, inclusive aos incapacitados. O Sistema de Patrulha provê apoio para que os jovens superem suas incapacitações.



Plantando para o Futuro - uma campanha de reflorestamento no Nepal



Com apreensão e prazer... a vida é fácil em uma corda esticada, mas, se você mantiver firme... o Escoteiro pode ajudá-lo a alcançar sua meta



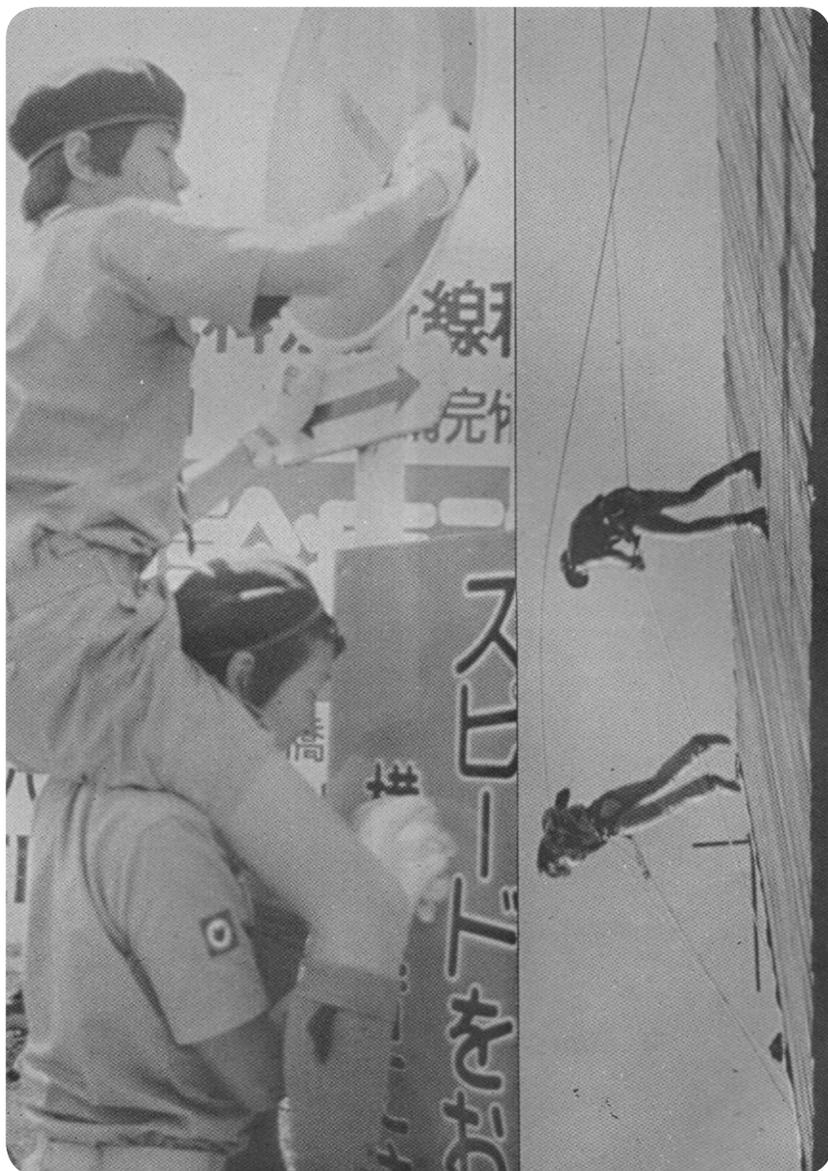
Na Nigéria, Escoteiros são iniciados às técnicas da agricultura mecanizada



Escoteiros brasileiros enfrentando a chuva no Jamboree do Cone Sul com todos os meios disponíveis, inclusive o bom humor



"Para onde vamos? A Patrulha decide, antes de por-se na trilha no Rancho Escoteiro de Philmont, EUA"



*Serviço Comunitário
É a "mudança para o bem" de hoje*

*Treinamento para confiança
e desenvolvimento da
personalidade*



Ao ar livre, em todos os climas



Uma orgulhosa participante do Jamboree Nacional dos Escoteiros da América, em 1977



O abrigo da natureza. Acampamento com uma diferença



Jogos que exigiam habilidades individuais, ainda são populares entre os Escoteiros - mesmo nesta era eletrônica

Memo N.º 2967
5 de março de 1971

MEMORANDO—ENTRE—ESCRITÓRIOS

Para: Listas A, B e C, da MCAIR ★

Assunto: Código da MCAIR

A imagem de qualquer organização é criada principalmente pelas ações, políticas e declarações dos membros individuais que compõem a organização e, especialmente, dos membros da Administração. As pessoas de dentro ou de fora da organização confiam nas pessoas que estão na cúpula administrativa, para orientação geral e de pistas quanto à imagem da empresa ou companhia. A finalidade deste memorando é estabelecer, para benefício do destinatário um padrão de ética pelo qual avalio a mim próprio e meus associados. O teor, a seguir, foi tomado por empréstimo, do programa do Escotismo, o qual endosso estusiastamente:

JURAMENTO DA MCAIR ★

Juro, pela minha honra, que farei tudo quanto for possível para cumprir meus deveres para com Deus e a minha pátria e para obedecer a Lei da MCAIR; auxiliar as outras pessoas, a todo o tempo; conservar-me fisicamente forte, mentalmente alerta e moralmente correto.

LEI DA MCAIR

Um homem da MCAIR é:

- Merecedor de confiança
- Leal
- Pronto para servir
- Amigo
- Cortês
- Bondoso
- Obediente
- Alegre
- Econômico
- Bravo
- Limpo, honesto
- Reverente

Ass. : S. N. MacDonnell, Presidente

★) MacDonnell Aircraft Corporation

SNM/bh

Este memorando, do Presidente do Conselho da famosa companhia fabricante de aviões, ao pessoal da empresa, tem, - se a gente não está enganado - uma semelhança muito íntima com o Juramento e Lei Escoteira.

Sandy MacDonnell tornou-se Presidente da Boy Scouts of America em 1984.



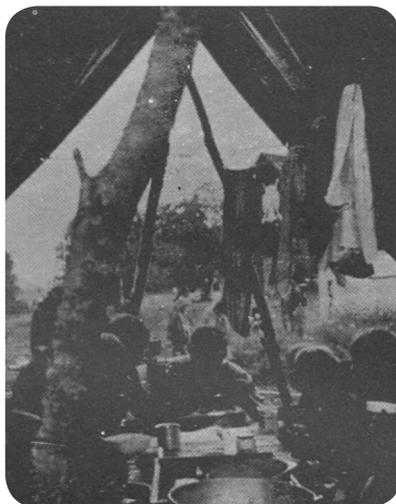
Bandas em marcha - arte e disciplina que os Escoteiros britânicos têm desenvolvido



Akelá! Faremos o melhor!



Lobinhos, No Japão, trabalham para melhorar o meio ambiente



Tão bom como o Ritz... ou quase



Vacinando pintos. Os escoteiros, em muitos países em desenvolvimento, estão aprendendo como ajudar as comunidades, usando o bem conhecido método Escoteiro de "aprender fazendo"



Aos 13 anos, este jovem Escoteiro (na Hungria) não imaginava que eventualmente estaria usando um outro uniforme, como Secretário-Geral, da Org. Mundial do Movimento Escoteiro... porém não com calças curtas

E, até mesmo depois do fim da guerra, a triste história não tinha acabado. Os canhões podiam ter sido silenciados, mas, na Europa, havia mais de 250 milhões de desabrigados que perambulavam pelas ruas, incluindo um grande número de crianças, as vítimas inocentes do conflito. Na linguagem eufemística da diplomacia internacional, estas eram “pessoas refugiadas”, muitas das quais, em tempos normais, teriam sido a espinha dorsal do Escotismo internacional.

Obviamente, não houve uma autoridade central efetiva ou um órgão coordenador em tais épocas excepcionais. Algum contato tinha sido mantido, pelo menos entre seis dos nove membros do Comitê Internacional, eleito em 1939; mas, durante os seis anos de conflito, as associações nacionais estiveram isoladas, enfrentando os problemas e incapazes de pedir ajuda externa.

As primeiras medidas de solidariedade foram acionadas enquanto os canhões ainda trovoavam: recebendo refugiados escoteiros; ajudando em terras recém-liberadas; conectando tropas de países relativamente intocados pela guerra com as unidades correspondentes nos países devastados, entre outras medidas. Não existem estatísticas exatas de tais “ligações”, mas foram mais de 1.500 elos fraternais, criados em diferentes fronteiras.

O primeiro Comitê Internacional do pós-guerra reuniu-se em Londres (Inglaterra), em novembro de 1945, sob a presidência de Gustavo Adolfo, príncipe da Suécia. Uma homenagem foi prestada àqueles que desapareceram. Três dos membros eleitos não puderam ser contatados, mas o Comitê notou, com surpresa e satisfação, que o Escotismo não somente tinha sobrevivido como também emergido ainda mais forte da guerra. Embora os números exatos não pudessem ser contados e as informações fossem escassas, ficava claro que o Escotismo estava tão vivo como sempre esteve – e em boa situação para continuar como movimento internacional.

Entre as diversas decisões tomadas em Londres, três são dignas de nota: 1) a data e local para o próximo Jamboree e Conferência Internacional, que originalmente foram programados para 1941, na França; 2) o acordo de que o Bureau Internacional se transferisse para suas próprias instalações, tornando-se “geograficamente” independente das sedes britânicas e imperial, apesar de todos os funcionários serem cidadãos britânicos. A mudança foi efetuada imediatamente, em novembro de 1945, para o prédio número 132 da Ebury Street, em Londres (que se transformou, de 1957 a 1984, em sede da Associação Mundial de Moças-Guias e Moças-Escoteiras (World Association

of Girl Guides and Girl Scouts)); 3) e, finalmente, foram traçadas as principais diretrizes para a recuperação nos vários setores, tais como os de publicações, finanças e treinamento.

Todavia, foi para a reunião de 1947 que todos os olhos se voltaram, quando se tomou conhecimento a respeito de como o Escotismo tinha se portado em todo o mundo durante os anos perdidos. Enquanto isso, o esforço principal foi dedicado à reconstrução do Movimento Escoteiro nas áreas devastadas. Os jovens, nos países libertados, encarregaram-se de o reavivarem; e, tão logo as armas foram depositadas, o movimento retornou à plena atividade. Seus membros emergiram da existência clandestina ou da semiclandestinidade para atuarem abertamente.

Associações inativas entraram novamente em ação, até mesmo nos países vencidos. Na Itália, à medida que as forças aliadas avançavam, as unidades escoteiras reformavam-se. Na Áustria, elas reapareceram, como num passe de mágica. Até na devastada Alemanha, os primeiros passos foram dados para o renascimento do movimento, embora sob controle das quatro potências ocupantes que, naturalmente, tinham ideias diferentes sobre o assunto.

A preocupação imediata era a de cuidar dos rapazes, escoteiros ou não, que tinham sido libertados, desarraigados ou perseguidos. Gradativamente – e graças ao entendimento mostrado pelas potências ocidentais ocupantes –, o Escotismo foi permitido e também incentivado e ajudado. Com sabedoria, tais potências evitaram qualquer tentativa de patrocinar ou controlar o movimento.

Das 43 associações nacionais que sobreviveram à guerra, 24 não tinham sido afetadas de modo especial, já que mais de metade delas ficava fora da Europa (3 no Oriente Médio, 3 na Ásia, 1 na África e 17 nas Américas). Dos 19 países europeus que possuíam associações, apenas três tinham permanecido neutros. Nos países poupados pelo conflito ou distante das zonas de guerra, o Escotismo tinha continuado a desenvolver-se. Nos Estados Unidos, ele deu um grande salto à frente.

Ao fim da Segunda Guerra Mundial, mais da metade da população escoteira mundial iria ser encontrada naquele país, que desenvolveu métodos próprios originais, embora ainda fiéis às diretrizes traçadas por B-P. No entanto, o que induziu os americanos a “nacionalizarem” o Escotismo britânico e o transformarem em um produto tipicamente norte-americano nada teve a ver com as guerras mundiais ou com o relativo isolamento delas.

Desde o começo, em 1910, a Boy Scouts of America (BSA) seguiu um caminho particular e foi a primeira associação no mundo a demonstrar que um movimento jovem, nascido no além-mar, enraizado em outras tradições e sujeito a outras necessidades, ainda podia ser transplantado sem perder ou trair seu espírito original, ideias e princípios. Não foi uma tarefa fácil e, além disso, precisou de um homem para inspirar, motivar e coordenar o processo de transplante. Esse homem era James E. West, advogado atuante – antes de tornar-se chefe escoteiro executivo por 32 anos e chefe escoteiro honorário da BSA por mais cinco anos.

Ralph Emerson, o grande filósofo norte-americano, declarou que “uma instituição é a sombra alongada de um homem”. A BSA é, sem dúvidas, a sombra alongada de West. A associação estava celebrando seu aniversário de 75 anos em 1985 e, embora o Escotismo no outro lado do Atlântico tivesse evoluído consideravelmente durante este período, suas singulares qualidades sofreram apenas pequena alteração básica.

Desde o início, os americanos respeitaram a intenção original de B-P de evitar a criação de um movimento novo, independente. O único objetivo deles era prover um programa escoteiro àqueles que estavam interessados. Os patrocinadores foram escolas anômalas, igrejas, comunidades, sindicatos do comércio, clubes de serviço (tais como o Rotary, o Lions e o Kiwanis), associação de pais e mestres, de bombeiros voluntários e outros grupos semelhantes. Todos tinham um denominador comum: estavam interessados no bem-estar dos moços – e, mais tarde, das moças – e queriam ajuda-los através do treinamento escoteiro a tornarem-se adultos responsáveis e felizes, bem- equilibrados e bem-treinados.

Assim, o Escotismo nos Estados Unidos é parte integrante da instituição patrocinadora. Não é a BSA que administra as atividades dos lobinhos, escoteiros e outras unidades, mas a patrocinadora. A associação provê o programa geral, assessoramento e informações, treina os líderes e instrui os chefes voluntários, que são selecionados pela instituição patrocinadora – o que é outra novidade no Escotismo americano. O patrocinador é responsável pela efetiva execução dos programas, embora os termos de referência, controle da qualidade e o respeito aos padrões permaneçam dentro da área de atribuição da BSA.

“É de nosso interesse ter as unidades escoteiras e estamos dispostos a financiá-las e administrá-las”, dizem os patrocinadores. “Se vocês obedecerem

às regras e estiverem dispostos a assumir responsabilidades, tornaremos isto possível para vocês”, respondem os líderes da BSA. Tal sistema significa que o Escotismo pode ser mais bem integrado ao seu ambiente natural – ou, em outras palavras, à vida cotidiana.

A coordenação e as unidades estão também organizadas de forma original. As unidades são administradas por líderes eleitos, que formam conselhos em níveis diversos. O tamanho destes conselhos varia; por exemplo, os cerca de quatro milhões de escoteiros norte-americanos estão divididos em mais de 400 conselhos, além de um Conselho Geral Nacional que, a seu turno, elege um Comitê Executivo e os Comitês Especiais, com responsabilidades especiais (treinamento, publicações, finanças, planejamento, relações públicas e administração da pasta, entre outros).

Desde o início, o movimento americano foi composto por voluntários e organizado em todos os níveis por escotistas não-remunerados. Contudo, havia uma condição importante: os voluntários eram, frequentemente, homens extremamente ocupados e, por isso, um corpo de profissionais foi criado para possibilitar-lhes executarem suas tarefas no Escotismo.

Os profissionais são especialistas remunerados nos diversos setores. Ao contrário do quadro “permanente” de pessoal das Associações americanas – que, de fato, não ficam permanentemente na administração, uma vez que, na maioria, são professores auxiliares ou outros funcionários públicos civis –, os especialistas fazem as próprias carreiras como profissionais escoteiros. São treinados sistematicamente para realizarem seus vários e, muitas vezes, delicados deveres, com grande competência e consciência profissional.

Nos Estados Unidos, ser um profissional escoteiro é uma carreira com regime de trabalho semelhante ao de dentista, eletricitista ou professor. Quando os delegados da BSA reapareceram na Europa, em 1945, já existiam 1.500 profissionais a serviço do Escotismo norte-americano. Hoje, há mais de quatro mil. A proporção ideal é a de um profissional para cada mil rapazes, todos membros de diferentes unidades dirigidas unicamente por voluntários. Exatamente como ocorria há 78 anos, o espírito é ainda uma das pedras fundamentais do Escotismo.

Digno de menção é o fato de que os norte-americanos estiveram sempre – e ainda estão – em concordância com B-P, que uma vez declarou, gracejando, que “a idade do escoteiro estava entre oito e oitenta anos”. O que não significa que os velhos devam ser mantidos em posições de responsabilidades que os coloquem em contato direto com os jovens.

Entretanto, em um movimento global como o Escotismo, há sempre lugar para todos os homens de boa vontade, para uma série de qualificações e experiências e para pessoas de todas as formações, profissões e níveis sociais e materiais. Tal integração social, sob a divisa de “o homem certo para o lugar certo”, poupou o Escotismo norte-americano de se dividir em grupos veteranos excêntricos, que, embora involuntariamente, tendem a tomar o conhecido caminho para o inferno, pavimentado de boas intenções.

Este livro não é local para analisar ou entrar em detalhes a respeito dos aspectos do Escotismo norte-americano ou das modificações introduzidas por ele. Cabe dizer que ele é mais pragmático, prático e orientado para o treinamento do que o modelo europeu, que é mais intelectual e põe ênfase sobre a educação. A abordagem europeia é a de “fazer certas coisas”, enquanto a norte-americana é a de “fazer as coisas certas”.

Entretanto, as duas abordagens não são contraditórias e a influência de ambas escolas de pensamento do Escotismo foram – e ainda continuam sendo – uma experiência enriquecedora e dignificante. Um assunto que será levantado mais adiante.

Uma última palavra sobre o surpreendente Escotismo dos Estados Unidos, que só foi descoberto pelos demais após a Segunda Guerra Mundial, é uma prova da procura permanente por melhorias, se não por perfeição. Desde 1910, eles têm empregado técnicas modernas de orientação, inclusive a contratação de consultores externos independentes, muitas vezes, com custos elevados, para identificação dos pontos fracos e a prescrição dos remédios apropriados.

Não surpreendeu, portanto, que o contingente americano no Jamboree da Paz, em 1947, em Moisson (França), fosse recebido com muita admiração e um toque de inveja. Mas houve também admiração pelos 25 mil jovens e seus líderes que procediam de outros 43 países, muitas vezes com enormes sacrifícios.

O general Hafont – principal organizador da grande assembleia de vencedores, vencidos e neutros – descreveu o Jamboree, em sua cerimônia de encerramento, com a presença de Vicent Auriol, presidente da França, nestes termos: “Em um mundo à procura de novos métodos de vida em comunidade, o Escotismo sente ter encontrado o equilíbrio certo entre as demandas da existência coletiva, a necessidade constante de servir aos demais e o respeito pela pessoa humana. Todavia, seria fútil proclamar nossas ideias se falharmos

em colocá-las em prática em nossas vidas cotidianas. É dever de cada um nos ajudar a torná-las conhecidas e apreciadas, a fim de criar um clima de fraternidade e de paz no mundo”. Aquele dia 18 de agosto de 1947 estava, deveras, muito distante da era do código morse e dos nós.

Muitas decisões importantes foram tomadas durante a Conferência Internacional realizada após o Jamboree, no período de 19 a 22 de agosto, no Chateau de Rosny.

Um dos parágrafos da Constituição foi alterado da seguinte maneira: “A finalidade da Conferência Internacional será, através de cooperação, promover em todo o mundo a unificação mundial de objetivos e de entendimento comum dos princípios fundamentais do Escotismo, conforme foi fundado pelo falecido Chefe Escoteiro do Mundo, Lord Baden-Powell”. Após este comovente tributo ao fundador – mais profundo no significado do que as palavras significaram –, o método de eleição para o Comitê Onternacional foi modernizado. A duração máxima da gestão foi limitada em seis anos, com um terço dos membros alternando-se a cada dois anos; cada país também ficou limitado a um candidato no Comitê.

Outra decisão significativa foi sobre a questão das pessoas desalojadas e outros refugiados, evitando que obtivessem reconhecimento internacional como associações nacionais, mas encorajando-os a se integrarem, em seus próprios países de adoção, enquanto esperavam o retorno às suas pátrias – uma esperança hipotética na maioria dos casos. Esta medida foi tomada a fim de evitar a repetição do que havia acontecido com os escoteiros armênios e russos no exílio, embora os últimos tivessem oficialmente desaparecido como associação nacional organizada após 1945.

Um longo e animado debate foi realizado sobre o papel desempenhado por Gilwell como centro internacional de treinamento, especial e privilegiado – uma questão que não foi resolvida satisfatoriamente até 1969, apesar das afirmações dos líderes britânicos de que sua benevolente supervisão seria mais discreta.

Além disso, foi aprovada a criação de um órgão coordenador descentralizado, através da formação de uma Conferência e um Comitê Pan-americano. Este foi o primeiro passo dado no sentido da descentralização do movimento, já completamente realizado hoje.

O horror de B-P a qualquer forma de burocracia ou organização planejada já tinha sido citado. Ele até mencionou um dia: “A princípio,

eu tinha uma ideia, depois um ideal. Agora, temos um movimento; e, se alguns de vocês não se mantiverem vigilantes, acabaremos com apenas uma associação”. O fato não chegou a ir tão longe, muito embora, em 1947, as coisas estivessem rumando naquela direção, sem pressa. Não foi questão de sacrilégio, ingratidão ou negligência. Foi porque, simplesmente ,não havia outra opção.

Um artigo publicado no conceituado jornal Times, de Londres, forneceu um resumo do Escotismo de pós-guerra, emergente das cinzas: “Muitas vezes encontramos recursos que podem ser reaproveitados, sejam eles físicos, mentais ou espirituais, a posse dos quais é completamente insuspeita. O que se torna necessário a garantia de que eles estão lá e sempre à disposição, para as necessidades de cada dia, bem como para os testes cruciais de emergência.”

Testado, o movimento de 40 anos de idade marchava em direção ao jubileu.

14. Atômico e supersônico

Chegando ao fim de 1947 e poucos meses após a Conferência e o Jamboree da Paz, era evidente que o tempo de paz não tinha trazido o mesmo alívio e alegria para todos.

Em alguns países, a queda de um regime totalitário foi seguida pelo surgimento de outro; e a liberdade conquistada a preço tão elevado tornava outra forma de servidão, que levava a novas tensões e sofrimentos. A história acelerou na mesma velocidade surpreendente que a tecnologia: o homem entrou na Era Atômica e, no dia 14 de outubro de 1947, o grande estouro do avião a jato de Chuck Yeager inaugurava a Era Supersônica. As palavras memoráveis de B-P, que “o Escotismo, divorciado da realidade, é uma impossibilidade”, continuaram significativas.

Alguns países em que o movimento tinha-se enraizado profundamente, tais como Lituânia, Letônia e Estônia, deixaram de existir como nações independentes, tornando impossível seu reaparecimento. Em outros, tais como nas “libertas” Albânia, Bulgária e Romênia, em que uma ditadura foi substituída por outra, a suspensão imposta ao Escotismo nunca mais foi extinta. Da mesma forma, a Espanha, sob regime de Franco, teve que esperar até sua morte para que o movimento pudesse emergir ao ar livre. Na Tchecoslováquia, Hungria e Iugoslávia, após breves renascimentos (quando a liberdade de associação foi permitida), o Escotismo foi logo proibido.

A guerra quente deu lugar à Guerra Fria, dividindo o mundo em dois blocos antagônicos – até que o Terceiro Mundo tomou forma, um dos poucos acontecimentos encorajantes de pós-guerra. Karl Marx escreveu que, no curso da história, às vezes, chega-se a um ponto em que as massas recusam-se a viver como antes e os líderes não podem governar como faziam. A comparação pode parecer absurda, contudo, contém um traço de verdade no que diz respeito ao Escotismo, especialmente, em relação à maneira com a qual os jovens reagiram a seus líderes.

O pós-guerra testemunhou uma profunda alteração no estilo de vida dos jovens; e os líderes escoteiros foram surpreendidos, tendo que, vagarosamente, se adaptarem a nova situação. Além disso, a lacuna deixada

por B-P ainda estava sem solução. A decisão unânime de não mais atribuírem o título de Chefe Escoteiro do Mundo não foi a resposta mágica aos complexos problemas que resultaram da evolução geral e da direção do movimento em âmbito mundial.

O número de filiados ao Escotismo tinha aumentado de maneira espetacular: 3.306.000, em 1948; 5.160.147, em 1950; 6.360.762, em 1954; e 8.371.285, em 1958. Entretanto, um crescimento tão surpreendente apenas tornava a situação ainda mais delicada e complicada.

O fato do chapéu tradicional, em estilo boer, e o uniforme com calça curta e camisa cáqui já ter se tornado uma opção em determinados países era de importância limitada. Mas, quando alguns jovens começaram a chamar de infantil o programa e mostraram objeções quanto a se reunirem com os mais novos ou com os membros mais velhos, exigindo atividades conjuntas com as moças, era chegada a hora de mudanças sérias. Não que tais medidas devessem ser tomadas da noite para o dia. Nos dizeres de B-P, era uma questão de "devagarzinho... devagarzinho se pega o macaco". Assim, somente com tempo e paciência seria possível enfrentar tais desafios.

Os líderes do Movimento Escoteiro reconheceram que as mudanças eram inevitáveis. Enquanto B-P ainda vivia, a equipe administradora era constituída pelo Comitê e a Conferência Internacional, formados por voluntários. Uma equipe-núcleo, com três profissionais, trabalhava no Bureau Internacional, em Londres (Inglaterra) – que era internacional apenas no nome, uma vez que todos os seus membros eram britânicos e a única linguagem usada era a materna. Quando o Bureau transferiu-se do número 25 para o 28 da Buckingham Palace Road, em 1938, o diretor disse, gracejando: “Afinal, estamos em um ambiente mais internacional porque o cabelereiro das senhoras, no andar abaixo do nosso, é francês”. Esta espécie de “internacionalismo” de faixada obviamente não poderia continuar.

O maior problema, contudo, era o das comunicações. Isto, paradoxalmente, em um mundo que estava se encolhendo. Apesar das reuniões normais, contatos por correspondência e publicações de alto gabarito, o risco era que o Escotismo saísse do controle com o surgimento de movimentos que pudessem se parecer apenas no nome.

O cimento para manter o movimento coeso – a Lei e a Promessa Escoteira, além dos ensinamentos de B-P – ainda estava lá. Mas havia falta de mão-de-obra qualificada para atendimento do inesperado crescimento e os problemas advindos dele.

Os “vendedores ambulantes” do Escotismo internacional tentavam manter a unicidade e a reputação singular do movimento, por meio de excursões ou viagens de inspeção. Era a única coisa a fazer naquelas circunstâncias, mas o efeito era limitado. Até 1953, havia apenas um comissário para a América Latina e dois ou três profissionais do Bureau faziam viagens regulares ao estrangeiro. O terceiro raras vezes viajava ao exterior, por medo de avião (embora alguém tivesse que permanecer no escritório para garantir a continuidade e tratar dos assuntos gerais).

Este terceiro homem, Dick Lund, tinha prestado 47 anos de serviço leais ao Escotismo. A natureza impossível da tarefa podia ser medida pelo fato de que seus dois colegas – “Belge”, diretor do Bureau, e Percy Siebold, responsável por assuntos externos – viajavam seis dos 12 meses do ano e, às vezes, encontravam-se fora durante três, quatro ou cinco meses subsequentes. O resultado disso era que o Bureau se parecia mais com uma enorme caixa de correspondência do que um centro de coordenação, inspiração e orientação. Uma nova secretária foi contratada em 1953. Len Jarret serviu com lealdade, durante 28 anos, como diretora administrativa do Bureau Internacional. Mas, uma andorinha sozinha não faz verão!

Além das frequentes viagens ao exterior, outro obstáculo era a falta de fundos. Como o conselheiro jurídico da Associação britânica, Frances Morgan, havia comentado nos tempos heroicos: “Tenho estado aqui durante muitos anos e sempre estamos saindo de uma crise financeira e entrando em outra”.

Apesar disso tudo, os eventos continuaram: Conferências, Jamborees, reuniões nacionais e internacionais de sêniores, Escoteiros do Mar, líderes de lobinhos, incapacitados, instrutores e ex-escoteiros, entre outros. O horizonte político estava se tornando mais claro, apesar da pouca melhora. Pessoas desalojadas e exiladas encontravam novas pátrias. Ex-inimigos tornavam-se aliados.

Após a Itália, a Alemanha foi reconhecida como membro efetivo da grande família escoteira, em 1950, no mesmo ano que o Japão tornou-se novamente filiado regular à Conferência Internacional. O sucesso obtido pela Boy Scouts of Nippon pode, em muitos casos, ser comparável ao de destacado renascimento industrial daquele país no pós-guerra.

A Áustria foi então selecionada como sede do sétimo Jamboree Internacional, adotando a simplicidade como lema. O país tinha sido liberado

em 1945 e não se encontrava em condições para organizar e financiar um evento de tais proporções. Além disso, ainda estava ocupada pelas quatro potências, dentre as quais, certamente, uma não alimentava simpatia à realização do evento. Bad Ischl, a cidade escolhida, embora situada na zona americana, era demasiadamente perto da Cortina de Ferro para alguns países; isso explica, parcialmente, a participação modesta de cerca de 12 mil rapazes, de 61 países, incluindo 675 escoteiros alemães, que receberam calorosas boas-vindas.

O tempo estava ruim, como de costume, e houve problemas de suprimento de alimentos, mas o encontro realizou-se notavelmente bem. Os jovens foram as estrelas do Jamboree – um sucesso que lhes foi devido. E, para dar crédito a quem é de direito, o “Big Brother” não colocou obstáculos e permitiu que os rapazes da zona soviética participassem sem dificuldades.

Lady B-P, eleita vice-presidente honorária do Comitê Internacional, em 1947 – uma distinção que compartilhou com o suíço Walter de Bonstetten – desempenhou parte ativa na Conferência, realizada em Salzburg, antes do Jamboree. A reunião não teve surpresas ou decisões especiais. Foi nessa Conferência que “Belge” anunciou que renunciaria ao cargo após a próxima reunião internacional, marcada para os dias 8 a 12 de agosto de 1953, em Vaduz (Liechtenstein).

Ao líder escoteiro canadense Dan Spry, eleito em 1949 para o Comitê Internacional, foi solicitado que o substituísse no cargo. Ao final de sua gestão, no outono de 1951, foi durante dois anos vice-diretor do Bureau, com a responsabilidade especial de atender as Américas. Entretanto, com a rápida expansão do movimento no continente norte-americano, sua tarefa principal foi supervisionar a América Latina, em que Salvador Fernandez, comissário-viajante, trabalhou com zelo missionário.

Com a chegada de Spry, o Escritório de Londres passou a contar com um homem maduro, cheio de vigor e que, por algum tempo, combinou seu novo cargo com o de comissário executivo da Scouts Canadá, uma associação florescente – ele tinha recentemente assumido o escritório, após ter deixado o Exército com o posto de major-general, aos 31 anos, batendo até mesmo o recorde de B-P para o dito posto.

A grande atuação de “Belge” foi recompensada com o título de presidente honorário do Comitê Internacional, na Conferência de 1953. Ele havia sido um dos que constituíam a velha-guarda. B-P, pessoalmente, o havia

recrutado na Índia, em 1922; um ano mais tarde, “Belge” resolveu dedicar o resto de sua vida ao Movimento Escoteiro, numa impressionante ilustração do ditado “uma vez escoteiro, sempre escoteiro”. Em 1968, quinze anos após ter-se aposentado, fez uma visita surpresa aos escritórios de Genebra e ofereceu-se para ajudar com os documentos que tinham sido transferidos para uma nova sede. Inteiramente dedicado ao Escotismo; absolutamente leal à filosofia e à memória de B-P; dotado de uma notável capacidade de trabalho, “Belge” foi um dos destacados servidores do Movimento Escoteiro. Homem que detinha um pensamento autoritário e exigente, tinha não só amigos, mas também inimigos. Contudo, ninguém contestou sua contribuição imensa, durante os primeiros anos vitais da história do Escotismo, ou sua capacidade para assumir o posto, após o falecimento de B-P.

Falando na Conferência de Zalsburg, “Belge” começou o seu relatório bienal dizendo: “Estamos convencidos, pela experiência adquirida durante os últimos cinco anos, bem como pelas declarações de pensadores – homens e mulheres de muitos países –, que há tanta necessidade do Escotismo no mundo como sempre houve entre os jovens. Há necessidades de seus objetivos, princípios e métodos. Não há necessidade – e isto afirmo deliberadamente – de mudanças em quaisquer um deles. Os nossos objetivos e princípios são estáveis e, assim, deverão permanecer”.

Sempre há necessidade – e o próprio B-P foi o primeiro a ver e sugerir isso – de pequenas adaptações nos métodos do Escotismo, a fim de que estejam adequados às diferentes condições de clima e de costumes, para preencherem as características e necessidades individuais. Estas são alterações em pequenos detalhes e não no método essencial, praticado ao ar livre e nas patrulhas. Esta metodologia tem resistido ao tempo. É tão valiosa hoje como há 40 anos. “Onde é utilizado, o Escotismo vive. Onde é desconsiderado, o Escotismo morre”. Estas palavras são características de “Belge”, mas elas também insinuam que ele não achava ser aquele que deveria realizar as principais mudanças, das quais não via necessidades nem urgência. Entretanto, em seus dois últimos anos no Bureau, declarou, em várias ocasiões, que o Escotismo estava prestes a entrar em uma nova fase.

Quando apresentou seu relatório final em Valduz, declarou que via o futuro do Escotismo nos países em que ele ainda era fraco ou não-existente, mas tão somente naqueles países “que acreditavam sinceramente na segurança e estabilidade, nos valores familiares e na liberdade do indivíduo”.

Assim, “Belge” entrou em merecida aposentadoria e Spry assumiu a tarefa. Este se mudou de Ottawa para Londres, para iniciar o trabalho e demonstrar o dinamismo que dele se esperava.

Sua primeira providencia foi tornar o Bureau Internacional mais conhecido nos círculos diplomáticos. Pelas mesmas razões, criou e reforçou relações com organizações governamentais e internacionais, tais como as Nações Unidas, Unesco e órgãos não-governamentais, incluindo Associação Cristã de Moços (YMCA) e outras similares. Também estabeleceu contatos amistosos com jornais, cujos leitores aprenderam que Londres também era a capital do Escotismo internacional.

Incrivelmente, teve ainda que lançar uma campanha informativa entre os próprios Escoteiros britânicos, a maioria dos quais não tinha conhecimento das dimensões internacionais do Escotismo – e pensava que o Bureau era uma espécie de subsidiária ou prolongamento da sede imperial, embora o Império Britânico já tivesse sido transformado em uma comunidade, de ex-domínios, territórios e colônias, que, uma a uma, ganharam suas independências.

O novo diretor criou e reativou vários subcomitês especializados, formados por personalidades bem conhecidas e não remuneradas, pois assim era possível “obter os serviços gratuitos de pessoas competentes, às quais não podemos remunerar”. O próprio Bureau empreendeu um estudo sobre a expansão futura do Movimento Escoteiro.

No setor financeiro, Spry procurou restaurar a ordem através de campanhas de fundos, usando técnicas que eram novas ao Escotismo internacional – que, até então, tinha sido financiado principalmente pelas taxas de filiação e por doações generosas.

O ano de 1955 ficou sendo notável por mais outra inovação: pela primeira vez na história do Escotismo, o Jamboree – o oitavo da série – foi organizado fora da Europa, nas imediações da Cascata Niágara, no Canadá. Foi uma reunião rotineira, exceto pela chegada do furacão Connie – outro exemplo de um Jamboree “molhado”, que não teve sorte com as condições climáticas.

A tradução simultânea de idiomas foi, pela primeira vez, provida durante a Conferência Internacional, realizada logo após o acampamento. O tema debatido foram os novos horizontes, um sinal de que o futuro tinha se tornado a principal preocupação do movimento.

A Conferência decidiu que 1957 seria proclamado o ano de medidas para proteção da natureza, ressaltando, assim, que a proteção do meio ambiente era um dos princípios básicos do Movimento Escoteiro. Aliás, o ano de 1957 foi um ano diferente. Marcou o aniversário de 50 anos do Escotismo e o centenário do nascimento de seu fundador. Portanto, era de se esperar que – apesar dos melhores esforços para organizar o duplo aniversário – a tarefa fosse grande demais para a pequena equipe de Londres, que recebia pedidos de assessoramento e assistência de toda a parte.

Além disso, o centro de gravidade do Escotismo estava se deslocando da Europa. Na memorável Conferência de 1922, em Paris, 22 dos 31 países fundadores eram europeus. Em 1955, das 56 associações reconhecidas, apenas 18 eram europeias. Daí resultou a decisão de reforçar a permanência de Salvador Fernandez na América Latina, criando um escritório naquela região, primeiro em Cuba e, mais tarde, no México.

Para atender os países asiáticos, foi engajado um comissário viajante chamado Willie Padolina, que, com uma pequena equipe sediada em Manila, nas Filipinas, empreendeu uma campanha para tornar o Escotismo conhecido no Extremo Oriente. Pois, naquela época, até os termos geográficos tinham o mesmo ponto de referência: o Ocidente (oeste), com o centro geográfico do universo, situado em uma obscura aldeia inglesa, chamada Greenwich.

Naquele mesmo ano, um Bureau árabe foi criado no Cairo. E, como um passo a mais para melhorar as comunicações, um manual foi publicado para uso dos comissários internacionais. Entretanto o Bureau Internacional, em Londres, ainda era internacional apenas no título. Desconsiderando uns poucos funcionários estrangeiros, seu quadro de pessoal e sua orientação continuavam sendo britânicos.

Seriam necessário os eventos de 1956 para trazer de volta as consequências potenciais dessa aproximação insular. Foi naquele ano que aconteceram as rebeliões na Polônia e Hungria, bem como a intervenção franco-britânica de Suez, que resultou na deterioração e no rompimento das relações diplomáticas entre Londres e Paris de um lado e os países árabes e seus apoiadores no outro.

Haviam sugestões de que o Bureau Internacional saísse da Inglaterra – uma providência tão dramática que parecia impensável, não apenas pelas razões sentimentais, como pelas políticas; e, também porque os preparativos para a comemoração do aniversário de 50 anos do Escotismo e do centenário

do nascimento de seu fundador tinham atingido um ponto “sem retorno”, para usar uma expressão da aviação mundial.

As respostas daqueles que desejavam participar da dupla comemoração chegavam ao escritório em Londres e tudo estava pronto, em Cambridge, para as boas-vindas dos delegados da Conferência Internacional e, em Sutton Codfield, para o Jamboree do Jubileu – o evento escoteiro internacional mais importante realizado até então. Os preparativos previam a recepção de 34 mil jovens, de 53 países independentes e outros 34 territórios prestes a alcançar a independência. Sutton Coldfield tinha se transformado em uma cidade de barracas.

Os britânicos estavam decididos a fazer dos aniversários um evento importante e organizaram uma série de festividades especiais, que aconteceram antes da grande reunião propriamente dita. Uma comemoração foi realizada na Chaterhouse – a antiga escola de B-P –, seguida de uma cerimônia solene na Abadia de Westminster – que contou com as presenças da família real, membros do Governo Britânico e corpo diplomático, além de milhares de escoteiros e líderes. Entre os presentes, destacaram-se Lady B-P, seus filhos e os netos do fundador. Fischer, o famoso arcebispo de Canterbury, selecionou algumas palavras escritas por B-P aos oito anos como tema de seu sermão: “Posso dizer a vocês como ser bom. Vocês precisam orar a Deus, sempre que puderem fazê-lo. Mas não se pode ser bom apenas por rezar, vocês precisam também tentar, com muita insistência, serem bons”.

A mídia esteve lá, presente com força total, inclusive as redes de TV. Pela primeira vez, o Escotismo estava exposto ao mundo das comunicações de massa. Houve ainda a emissão especial de selos comemorativos de B-P e um filme sobre sua vida, com fotografias e comentários.

A comemoração atingiu o clímax no Jamboree Internacional, que contou com as honrosas presenças da Rainha Elizabeth e do príncipe Philip; do primeiro-ministro Harold McMillan e seus subordinados; de ex-ministros e também de futuros primeiros-ministros. A associação anfitriã tinha levado três anos preparando o evento memorável e – embora, fosse apenas um Jamboree –, pelo menos para os rapazes, foi um Jamboree diferente. A diferença foi que outras reuniões mundiais foram realizadas ao mesmo tempo – como, por exemplo, o encontro de rovers (Rover Moot) e de líderes adultos (Indaba), todas elas, inusitadamente, reuniões solenes.

O Jamboree propiciou a tradicional mistura de atividades construtivas e de entretenimento: jogos, cantos, fogueiras de campo e um mosaico completo de habilidades manuais de construções. Além disso, foi naturalmente uma ocasião ideal para o intercâmbio de endereços e formação de amizades (muitas delas seriam levadas para uma vida inteira), em um ambiente fraterno e espontâneo.

Outro participante, nunca ausente de um Jamboree, foi o tradicional mau tempo, desta vez, sob a forma de violenta tempestade, seguida de uma real inundação – mas que não abalou o sucesso do encontro.

Lady B-P, Guia-Chefe Mundial e presidente honorária do Comitê Internacional, presidiu a cerimônia de encerramento, com enorme audiência. Longe de olhar para o passado, ela voltou-se para o futuro, com um brado de desafio: “O fim é apenas o princípio!”.

Voltada para o futuro foi também a tônica dominante na Conferência Internacional – a 16ª edição –, da qual participaram 226 delegados de 52 associações ou federações nacionais. O suíço Jean Salvaj, membro do Comitê, relembrou as lições aprendidas nos 50 anos anteriores. Michel Rigal, comissário-geral da Scouts de France, analisou a situação corrente do Escotismo. E Dan Spry falou sobre o futuro do Movimento Escoteiro.

O futuro foi o fio condutor da reunião, em que a “Operação Jubileu” foi apresentada. O projeto era o produto final de um estudo modesto empreendido, em 1953, pelo Bureau e que tinha sido submetido à apreciação do Comitê e das associações, solicitando comentários e críticas. Não houve falta de discussão, debates e controvérsias sobre suas proposições – uma das quais levou a acirradas trocas de opiniões: a sugestão de que o Bureau Internacional fosse transferido para Ottawa, em 01 de janeiro de 1958.

Após muita discussão, o projeto “Operação Jubileu” foi, finalmente, aceito por unanimidade de votos. O texto da resolução afirma: “A Conferência aceita os planos sugeridos de desenvolvimento e promoção do Escotismo mundial, durante os próximos cinco anos, apresentados sob o título de “Operação Jubileu”. Ela acredita, com certeza, que o início de tal plano propiciará uma nova fase de expansão do movimento e que cada país-membro emprestará seu mais completo e sincero apoio, para garantir o sucesso dele. A Conferência autoriza o Comitê Internacional a prosseguir na execução deste plano o mais breve possível”.

Conforme pode ser imaginado, as linhas finais da resolução enfraqueciam, consideravelmente, as chances de que as medidas propostas fossem implementadas com sucesso. Não obstante, o Bureau foi transferido para Ottawa – o principal argumento apresentado para tal medida, na Conferência, foi que ele estaria mais perto de suas fontes de recursos financeiros, especialmente, os Estados Unidos e Canadá (países em que a legislação incentivava doações em favor de movimentos jovens, instituições e organizações de pesquisa, nas artes e nas ciências, e permitia apreciáveis deduções de impostos em tais casos). Assim, a capital do Escotismo mudou-se para o outro lado do Atlântico.

Gilwell Park – a Meca do treinamento de líderes escoteiros – permaneceu na Inglaterra, sob a direção de John Thurman e de seu assistente Ken Stevens, que empreenderam um sistema de rejuvenescimento dos métodos de treinamento. Gilwell continuou sendo, durante muitos anos, o tradicional centro de treinamento e símbolo do Escotismo, como concebido por B-P. Prestou serviços incalculáveis ao Escotismo: dos 10.350 líderes voluntários treinados em Gilwell, a partir do final da Segunda Guerra Mundial até 1957, 2.270 foram de origem não-britânica, provenientes de 108 países diferentes.

Além disso, Thurman e Stevens viajaram, incansavelmente, pelo mundo, para treinarem candidatos estrangeiros, mantendo assim um nível consistente de treinamento de líderes e fazendo uma contribuição importante à unificação do Movimento Escoteiro.

V

**O ESCOTISMO TOMA
NOVA FORMA**

15. O prelúdio canadense

Inteiramente novo, recém-instalado e movido pelo entusiasmo, o Bureau Internacional, em Ottawa, foi equipado com espaçosos e modernos escritórios e pôs-se a trabalhar rapidamente, apesar das palavras restritivas da última parte da resolução adotada na Conferência de 1957. A expressão “mais breve possível” foi tomada pelo Bureau como um obstáculo que poderia ser superado.

Otimista por natureza, Dan Spry estimou em cinco anos o tempo necessário para realizar o principal objetivo do projeto: “trazer um número sempre crescente de jovens para o Escotismo, em todo o mundo”. A “Operação Jubileu” era, acima de tudo, um plano de expansão. Sua originalidade não dependia tanto de seu objetivo – afinal, o desenvolvimento quantitativo do Escotismo jamais tinha sido um problema – quanto dos métodos a serem utilizados para consegui-lo.

Grandes esperanças foram depositadas nas vantagens da mudança do Bureau para uma nova sede. Ottawa era, sem dúvida, a capital de uma nação industrializada, muito embora continuasse sendo uma grande aldeia em vez de uma verdadeira metrópole. Muito se esperou da proximidade do Bureau com os recursos materiais do vizinho ao sul (Estados Unidos) e da crescente internacionalização da equipe – o que teria sido muito difícil em Londres, devido as restrições ao engajamento de estrangeiros.

A “Operação Jubileu” incluía ainda melhora na comunicação e nos canais existentes, com aumento (em número e qualidade) de publicações e realização de viagens e reuniões de campo – o que implicava a contratação de especialistas em comunicação e relações públicas. Ainda sobre a comunicação, um método novo e bem planejado foi inventado que, como o Escotismo, começou com uma ideia, continuou como um experimento e, finalmente, tornou-se um programa institucionalizado; hoje, chamado de Jamboree-on-the-air (JOTA). A ideia foi concebida no Jamboree do Jubileu, em 1957, quando uma pequena estação de radioamador foi criada para contatos com outras estações, escoteiras ou não.

No início, foi um jogo divertido, com uma possibilidade remota de acerto. Entretanto, o experimento foi um grande sucesso e ficou decidido repeti-lo no ano seguinte. Novamente, alcançou sucesso e, depois disso, tornou-se rotina. Desta forma, nasceu o JOTA, um evento anual que envolve milhares de escoteiros radioamadores.

O levantamento de fundos para financiamento da vasta empresa escoteira foi a prioridade máxima da “Operação Jubileu”, uma vez que o “metal amarelo sujo” continuava sendo uma mercadoria rara.

Em 1957, último ano do Bureau Internacional em Londres, os presentes e doações chegaram a 28.308 dólares. Em 1958, primeiro ano do Canadá, alcançaram a cifra de 110.308 dólares – valor que se estabilizou até 1964, quando a “Operação Jubileu” foi abandonada, sob infelizes circunstâncias.

Mas, voltando a questão do dinheiro: outros 100 mil dólares – que, na época, equivaliam a 430 mil francos suíços – foram uma adição bem-vinda aos fundos, mas insuficiente para atendimento de quaisquer esquemas ambiciosos. O Bureau contava também com outros 60 ou 65 mil dólares, anualmente, oriundos das taxas de filiação.

Em resumo, Ottawa tinha uma renda de 700 mil francos suíços para seus planos de expansão. Tendo em conta que haviam aluguéis a pagar (em Ottawa, Havana, México e em Manila), mais os salários de cinco executivos no Canadá, além daqueles lotados nos escritórios regionais (dois em Havana, quatro em Manila e, mais tarde, um em Damasco) e o quadro de funcionários – totalizando 20 salários, mais os custos das publicações, viagens e outras despesas correntes de administração do Bureau – as despesas representavam quase uma fortuna.

Quanto à internacionalização do pessoal, ela ocorreu em nível regional, mas muito menos na sede de Ottawa, em que quatro dos cinco executivos eram anglo-saxões. O idioma inglês ainda era usado na comunicação. Havia, assim, muito pouco risco de atrito cultural, ainda que se tratasse de uma equipe homogênea que tinha, cada vez mais, dificuldades para entender o que estava acontecendo no mundo, especialmente nos escalões inferiores.

Isto posto, a internacionalização do movimento deveras prosseguiu no caminho que lhe fora traçado. O primeiro Jamboree Internacional no Terceiro Mundo aconteceu em Makiling, nas Filipinas, em julho de 1959, com a participação de cerca de 12 mil rapazes, vindos de 44 países.

No que diz respeito ao desenvolvimento da região asiática, a primeira Conferência Internacional até então realizada fora de um país ocidental foi em Nova Déli (Índia), entre 20 de julho a 3 de agosto de 1959; na ocasião, Pandit Nehru, líder dos países não-alinhados, prestou acalorado tributo ao Escotismo. Ele ressaltou a importância que os países do Terceiro Mundo deveriam atribuir a este movimento educacional admirável, que oferecia possibilidades tão imensas.

A liderança mundial também se tornou mais internacional. O primeiro asiático – um japonês – tinha se tornado membro do Comitê Internacional em 1931. Todavia, foi só em 1951 que o primeiro árabe se elegeu; e, em 1961, um africano foi admitido no círculo dos 12 “homens sábios”. A comenda Leão de Bronze – distinção suprema internacional – foi, cada vez mais, concedida a pessoas oriundas de países “exóticos”: um filipino, em 1959; um árabe, em 1965; e o primeiro africano, em 1971.

Daquela época em diante, os grandes encontros escoteiros internacionais foram organizados, com frequência ainda maior, fora do mundo anglo-saxão e de outros países industrializados.

Em 1961, a Conferência foi realizada em Lisboa (Portugal); e, em 1963, o Jamboree aconteceu em Marathón e a Conferência em Rhodes, ambas na Grécia. A assembleia 1965 – de grande importância para o futuro – foi organizada no México, durante o período de 26 de setembro a 3 de outubro.

A abertura era também evidente pela descentralização do Escotismo internacional. Uma série completa de conferências regionais foi realizada na década de 1960: em 1964, foi realizada a sexta Conferência na região Interamericana; além da sexta nos países árabes, a quarta no Extremo Oriente e a terceira na Europa. Em 1970, a África e, depois, a Europa – que, surpreendentemente, foi a última – foram estabelecidas como regiões, com seus próprios órgãos divididos em três segmentos: Conferência, Comitê e Bureau. A regionalização não era o desejado, mas passava longe de ser um processo sistemático controlado e coordenado.

Alguns órgãos surgiram espontaneamente, sem qualquer direcionamento ou referência à sede mundial. Outros foram criados pela colaboração entre órgãos regionais e centrais. Em casos especiais, uma estrutura tinha de ser mais ou menos imposta, devido à forte reação negativa de parte das associações nacionais. Elas temiam que a criação de estruturas regionais intermediárias afetasse a liberdade de ação e a autonomia.

Assim, após 50 anos, o Escotismo estava finalmente tornando-se internacional – mas este crescimento gerou uma multiplicidade de problemas. Um bom caminho havia sido percorrido desde os velhos e bons tempos, quando o fundador, isoladamente, e, mais tarde, o diretor do Bureau, podiam tomar decisões de longo alcance, sem nenhuma consulta prévia. Com a adesão oficial de países com culturas, tradições, aspirações e necessidades diferentes, a composição do Escotismo internacional foi modificada. O que estava acontecendo era evidente; já como tratar os múltiplos problemas que estas mudanças provocavam era menos claro.

O Movimento Escoteiro tinha sobrevivido a guerras, revoluções e outras calamidades e, mais do que isso, tinha aumentando o número de filiados consideravelmente, por meio de sua capacidade de adaptação às diferentes culturas, tradições e necessidades sociais. Acima de tudo, estava – e sempre estará – um conceito generoso em vez de uma organização, uma forma original de educação fora da escola, transformada em movimento que, sob a pressão e necessidade premente de manter sua própria identidade, foi forçado a tornar-se organizado. Muitos temiam, neste período de pós-Jubileu, que o fortalecimento da organização seria sinônimo de burocracia e estruturas autoritárias rígidas. O resultado foi que, à medida que o movimento se transformou em uma organização, tais receios e preocupações aumentaram, bem como a oposição que havia contra tais mudanças.

Contudo, existia uma acentuada necessidade de coordenação, sincronização, controle e ordem. Situações inesperadas tinham surgido no início da década de 1960, para as quais não havia solução óbvia e levaram a um grande número de questões sem resposta: Quem tem autoridade para tomar decisão? Como estabelecer relações entre iguais, superiores e subordinados? Quem tem o direito de levantar recursos e de dispor deles? Reconhecer as associações ou negar filiação? Quem é o responsável pelo fornecimento de informações? E para quem?

Em resumo, o problema de autoridade interna era uma questão de quem tinha o direito de dar ordens e a quem; e, com interesse na unicidade do movimento, era essencial esclarecer quem faria o quê.

Em virtude da expansão, diversificação e crescente complexidade do movimento, bem como da especialização de seus líderes, somente regras e diretrizes definidas com clareza poderiam possibilitar à organização escoteira internacional desempenhar o seu papel principal: salvaguardar a união

e integridade do Escotismo e manter sua própria identidade, como um movimento jovem específico, com características singulares.

Quando surgiram os problemas, houve, certamente, um esforço honesto para solucioná-los, mas de forma improvisada – visto que a maioria deles era inesperada. Por exemplo, tinha ficado claro, há muito tempo, que a Constituição que estabelecia como o movimento internacional devia funcionar já não correspondia às necessidades modernas. Existiam muitas lacunas no texto e até mesmo contradições, resultantes de alterações feitas às pressas.

A revisão da Constituição tinha se tornado assunto permanente nos debates das reuniões internacionais, uma questão que consumia tempo, sem chegar a uma solução satisfatória. Como um colete mal abotoado, a Constituição necessitava ser completamente desfeita e recomposta. A equipe de Ottawa, a serviço de um delicado Comitê Internacional, fez tudo quanto era possível para melhorar a situação, porém, obteve pouco resultado.

Uma característica perturbante e até perigosa foi que, no decurso dos debates, em níveis diversos, as mesmas palavras foram empregadas e interpretadas de maneiras diferentes. Tornou-se também claro que as diferentes formas de Escotismo que tinham emergido em diversos países do mundo funcionavam bem em seus próprios ambientes, mas encontravam barreiras culturais quando eram exportadas.

Conforme dito anteriormente, a Conferência de 1922 revelou que havia mais de um caminho para solucionar um problema escoteiro; mas foi somente na década de 1960 que a magnitude das divergências se tornou realmente visível.

Enquanto formas diferentes de Escotismo estavam surgindo nos quatro cantos do mundo, sem qualquer comunicação, a diversidade considerável delas permanecia ignorada. Mas, gradativamente, devido às melhores comunicações e, especialmente, às viagens mais frequentes, intercâmbios e contatos pessoais, tornou-se claro que os programas oferecidos sob um mesmo rótulo eram vastamente diferentes.

Simultaneamente, uma certa falta de entendimento desenvolveu-se para com estes outros “movimentos escoteiros” – por vezes, misturada com desconfiança e hostilidade, devido ao fato de cada um deles preferir a marca com a qual estavam familiarizados. Atenção suficiente não havia sido dada ao perigo de julgarem erroneamente o que tinham entendido mal.

O autor deste livro está consciente dos perigos da simplificação e limitar-se-á a duas escolas principais do Escotismo, que se espalharam através do mundo desde 1907. Elas já foram mencionadas anteriormente, de maneira resumida.

A primeira acentua os aspectos pedagógicos (possivelmente, porque o Escotismo esteve, inicialmente, nas mãos de professores e outros educadores) e exige um profundo comprometimento pessoal. Esta é uma forma altamente espiritual de Escotismo, que exerce pressão sobre valores de difícil mensuração.

A outra escola é muito mais pragmática e enfatiza a capacidade de eficiência e outros valores de fácil medição. Seus critérios principais são os do sucesso, no que diz respeito aos rapazes.

Para colocar isto em termos mais simples, a primeira escola, muito preocupada com uma consciência social, deseja auxiliar rapazes e fazerem as coisas certas, enquanto a outra escola satisfaz-se em fazerem certo as coisas. O resultado das duas abordagens é: ou um jovem com melhores qualidades “espirituais”, orientadas no sentido do crescimento interior – “orientadas-para-o-homem”; ou um jovem eficiente e competente, leal e bem-treinado.

Além disso, as duas escolas não somente inferem métodos escoteiros diferentes – a primeira focada na educação e a segunda no treinamento – como também opõem radicalmente alguns conceitos relativos ao papel do adulto no movimento, em especial o de profissionais de carreira no Escotismo.

Durante as grandes reuniões internacionais, duras palavras têm sido trocadas por ambas as partes. No conceito de Sartre, “o inferno é a outra pessoa”. Falando em termos gerais, os “espiritualistas” reprovavam os “pragmáticos” por criarem um enorme “jardim de infância” para suas crianças grandes, sob o rótulo de Escotismo; enquanto os “pragmáticos” atacavam o lado oposto por darem “caça ao arco-íris”.

Visto que os “pragmáticos” alcançaram um sucesso quantitativo muito maior que os “espiritualistas”, que perdiam terreno constantemente, alguns estavam dispostos a impor as técnicas experimentadas à segunda escola, a fim de “salvá-la”. Outros, desprezando as considerações materiais, desejavam converter as ovelhas negras que estavam “traindo o verdadeiro Escotismo”.

Infelizmente, tais pessoas – que certamente estavam bem intencionadas – disseram “ou” quando deveriam ter mencionado “e”. A verdade é que nenhum dos dois lados estava totalmente certo ou errado. Mais tarde, foi compreendido que ambas as marcas do Escotismo, embora diferentes, eram

de fato complementares e de interesse de todos entender e assimilar os dois métodos.

Finalmente, o assunto da dimensão religiosa existente no Escotismo – um dos pilares do movimento – foi debatido em uma das Conferências internacionais. Muitos participantes ficaram surpresos ao ouvirem que uma espiritualidade nobre e profunda poderia existir sem qualquer referência direta a Deus. Quando um líder de cúpula da França, que era, ele próprio, católico praticante e assistia a missa diariamente, declarou que os filhos de não-crentes poderiam também praticar o Escotismo, a extensão da lacuna tornou-se clara. Ambos os lados não estavam falando a mesma linguagem e, o que era ainda pior, a incompreensão recíproca levantava o risco de mútua excomunhão.

Surgiu, então, uma crise real. Conforme Catarina de Médicis declarou a Henry III, “ele feriu bem meu filho; agora tem de ser remendado”. Os líderes na década de 1960 procuraram reparar os danos, mas o projeto de salvamento elaborado pelo Bureau, em 1962 e 1963, sob o nome de “Impetus”, não foi melhor sucedido do que seu antecessor, a “Operação Jubileu”.

“Impetus” foi apresentado aos órgãos de cúpula para tomada de decisões, mas o Comitê Mundial – a palavra “internacional” tinha sido excluída, em favor da “mundial”, em 1961 – decidiu sobre outra estratégia. Uma decisão importante foi tomada na reunião de 1964, em Luxemburgo: aceitar a oferta da BSA de financiamento de um estudo global sobre a situação do Escotismo, que pudesse ser usado como documento de trabalho, para as reformas necessárias.

Durante um curto espaço de tempo, o líder voluntário da cúpula americana Amory Houghton, industrial, diplomata, filantropo, ex-presidente da BSA e detentor da comenda Lobo de Bronze, presidiu o grupo de estudo. Mas os europeus estavam receosos quanto às suas qualificações para o cargo; questionavam se uma pessoa que não era educador nem sociólogo era adequada e não demoraram em expressar o descontentamento. Os americanos, cujas intenções eram obviamente honestas e positivas, consideraram as críticas uma demonstração de ingratidão. O grupo de estudo foi dissolvido em dezembro de 1964, após o pedido de demissão apresentado pelo presidente.

Dan Spry, diretor do Bureau, possuía a mesma opinião e demitiu-se, muito embora lhe tivesse sido dada a certeza de que o plano seria usado como base de um novo estudo, empreendido com sua colaboração. Assim,

Spry concordou em permanecer no cargo até o outono de 1965, data fixada para a Conferência no México. Nesse meio tempo, o acordo entre os representantes dos altos escalões estava mais longe do que nunca. Paliativos e contemporizadores eram a ordem do dia – como tentar curar um câncer com aspirinas. A doença estava no auge e ameaçava o corpo inteiro do Escotismo.

Um primeiro esforço para solucionar a paralização total foi uma reunião extraordinária do Comitê Mundial, em Londres, em março de 1965. Infelizmente, a reunião não teve sucesso em romper o impasse; todavia, tornou-se evidente a necessidade de uma ação rápida e radical para evitar que o Escotismo fosse de encontro às rochas. Uma ideia que começou a tomar corpo foi a de convocar um conselheiro externo, imparcial, para fazer as recomendações e acertar a situação aparentemente insolúvel.

A atmosfera na Conferência Mundial realizada no México, durante o período de 26 de setembro a 03 de outubro de 1965, era de tensão. O Comitê necessitava de toda sua sabedoria, calma e autoridade para conduzir o evento em condições normais. Contra todas as expectativas, os debates foram significativos, concretos e de alto nível intelectual. Ao Comitê foi dado um cheque em branco para que encontrasse um homem previdente, que deveria ser completamente objetivo, competente e honesto – uma rara combinação. A tarefa dele seria executar um estudo, em profundidade, do Movimento Escoteiro e propor medidas concretas para o futuro. Tal estudo deveria ser completado em dois anos, com o objetivo de dar início ao programa de renovação em agosto de 1967, durante a vindoura Conferência de Seattle (Estados Unidos).

No México, o diretor demissionário do Bureau disse adeus à organização à qual tinha servido durante 14 anos. Seu discurso de despedida foi comovente, mas sem agitação nem rancor. Seu vice, Dick Luna, foi designado diretor interino, com a tarefa de manter o “status quo” de Esperando por Godot.

O período de interinidade acabou sendo mais longo do que se esperava. A intranquilidade geral persistia e o diretor interino teve que enfrentar situações delicadas, tais como a quarta Conferência Mundial de Treinamento, organizada no Gilwell Park, em setembro de 1966. Em sessão plena, os delegados pareciam estar de acordo, mas, atrás das cortinas, a história era diferente.

O movimento continuou, ruidosamente, como um trem fantasma. O furacão que rugia no alto parecia ter pouco efeito no nível do solo. As grandes

reuniões e as conferências continuaram acontecendo. O décimo segundo Jamboree Mundial foi realizado em 1967, no Farragut State Park (Estados Unidos). O evento atraiu 12.017 jovens, vindos de 107 países. O slogan do Jamboree foi Pela amizade – uma frase que fez os adultos meditarem. Os rapazes ainda não demonstravam sinais de terem sido afetados pelas disputas dos adultos. A barreira dos 10 milhões de escoteiros tinha sido rompida, sem excitação nem alvoroço. O crescimento extraordinário do movimento lembrava a história de um moço que, ao ser questionado pela avó como tinha se tornado tão grande, respondia: “apenas cresci”.

Mas havia chegado a hora de se examinar como um tão sensacional crescimento tinha sido alcançado, quando o coração do movimento se achava doente. Estava claro que não havia um caminho para fugir da crise antes que os líderes encontrassem um consenso de para onde estavam indo e como chegariam lá. Nas palavras de Sêneca: “Não há vento favorável para aqueles que não sabem para onde vão”.

Nesse meio tempo, o escritório de Ottawa não dava conta dos assuntos correntes e os escritórios regionais faziam o possível para preencher as lacunas, não sem tomarem alguns dos poderes da autoridade central. O Comitê Mundial – incentivado pela BSA – estava procurando ajuda financeira da Fundação Ford, em busca de “um candidato que empreendesse um estudo de avaliação do Escotismo mundial e, à luz de suas conclusões, fizesse recomendações sobre a direção futura do movimento”.

O leitor encontrará na introdução deste livro informações sobre a pessoa que executou o projeto. É suficiente dizer que o escopo e a complexidade do assunto tornaram a tarefa bem diferente de uma “mamata”. Entretanto, o autor sobreviveu à empreitada, conforme pode ser visto neste livro (que contém as conclusões do estudo realizado de forma condensada).

Tal estudo está longe de ser produto da imaginação de seu autor. Está baseado em informações extraídas de livros, relatórios, documentos existentes no Bureau Mundial e nos centros de documentação dos escritórios das associações membros.

A base do diagnóstico foi uma análise muito extensa, executada por meio de questionários. Depois, mais de cem pessoas, integrantes da cúpula administrativa, foram entrevistadas. Entre elas, Lady B-P; “Belge”; “Koko”; John Thurman e outros, além de todos os membros do Comitê e ex-membros ainda vivos. Debates foram realizados com líderes de cerca de

40 associações nacionais. Na medida em que o estudo progredia, o autor submetia suas descobertas e decisões preliminares a especialistas qualificados para empreenderem o estudo. É desnecessário dizer, entretanto, que o autor assumiu inteira responsabilidade por quaisquer imperfeições existentes no estudo.

Aqui, portanto, está um esboço. O primeiro capítulo apresenta e analisa os problemas relacionados com os princípios fundamentais; contém um sumário das múltiplas origens do Escotismo e suas relações com as religiões e políticas organizadas. No capítulo seguinte, a ênfase é colocada sobre a natureza da politização, seus limites, vantagens e desvantagens; e finaliza com as relações entre o movimento e as autoridades políticas. O estudo continua com uma análise dos problemas concernentes à unificação do Escotismo, incluindo a questão das associações dissidentes, das não-reconhecidas e das que estão no exílio; este capítulo termina com uma revisão da política de reconhecimento de associações. No capítulo sobre As qualidades de legitimidade do Escotismo, o estudo permite revisão analítica de uma questão essencial: unicidade, uniformidade e universalidade do Escotismo. O relatório – que há muito tempo foi aceito – ainda traz certo interesse pelo não iniciado, reproduzido de maneira abreviada (especialmente porque é característica do Escotismo e, em grande parte, explica seu sucesso). Já o capítulo seguinte foi o que despertou maior interesse, visto que analisou os problemas organizacionais em nível mundial; ele inicia com a lista da maiores deficiências: falta de comunicação adequada; ausência de profissionais; e precária coordenação entre os órgãos: Conferência, Comitê e Bureau.

Esta é a seção na qual propostas são apresentadas para melhorar o desempenho dos três órgãos. Uma grande porção dela é dedicada a Bureau, órgão executivo do movimento e elo vital de coordenação (para o qual menos diretrizes e mais serviço às associações é recomendado). Uma outra proposta é de que o posto de diretor do Bureau seja abolido e substituído pelo de secretário-geral – título que corresponde, com mais propriedade, ao papel dele. Além disto, é enfaticamente recomendado que a sede central seja transferida de Ottawa para outro local mais adequado para administração de uma organização internacional. E, finalmente, o estudo faz recomendações de ordem financeira e finaliza com um convite àqueles que estão preocupados em empreender uma “revolução na qualidade”. O trecho a seguir traduz tais sugestões:

“Nenhuma melhoria da atual Organização Mundial é concebível sem a melhora substancial da qualidade dos membros que compõem os três órgãos internacionais. Isto pressupõe um recrutamento mais seletivo; uma definição mais clara das responsabilidades e procedimentos operacionais; melhora considerável da coordenação entre os três órgãos: 1) a Conferência, autoridade suprema; 2) o Comitê, órgão tomador de decisões entre as Conferências; e 3) o Bureau, órgão executor, que, no entanto, deve desempenhar um papel maior no provimento não apenas de informações e coordenação, mas também de inspiração e motivação.”

As cartas estavam, assim, sobre a mesa. Após um exame completo realizado pelo Comitê Mundial, a Conferência de Seattle (Estados Unidos), realizada de 11 a 17 de agosto, adotou as recomendações do estudo como base para a reorganização do Movimento Escoteiro mundial. Foi realizada uma votação em favor da transferência da sede de Ottawa para Genebra.

No dia 01 de maio de 1968, após um período de transição de dez meses, todas as medidas haviam sido tomadas para o início de uma nova era na história do Escotismo.

16. Genebra, capital mundial do Escotismo

“A melhora do Escotismo mundial somente pode ser imaginada como um esforço duradouro, uma tarefa paciente, inteligente, sistemática e permanente, cheia de dificuldades, surpresas e decepções.”

Mesmo com algumas partes do estudo feito em 1967 alcançadas pelos acontecimentos, a declaração acima ainda é, em grande parte, verdadeira. Um provérbio banto diz que o peixe é o último a descobrir a água. Conforme este autor tem observado em circunstâncias diferentes, viver totalmente uma situação não significa, necessariamente, que aqueles que estejam envolvidos entendem-na. Muitos infortúnios tem origem na falta de consciência.

Este capítulo é, portanto, uma humilde tentativa de avaliação do impacto do estudo sobre o movimento e dos 17 anos durante os quais seu autor tem estado intimamente envolvido em uma multiplicidade de papéis – conselheiro, consultor, ator ou simples executivo.

Como início, uma reconsideração dos ocorridos entre a Conferência de Seattle (Estados Unidos), em agosto de 1967, e a Conferência de Helsinque (Finlândia), em agosto de 1969, se faz necessária. Este foi um período vital para o reposicionamento das estruturas. Se ao autor possa ser permitida uma comparação imperfeita, os reformadores estavam na mesma situação de um mosquito em campo de nudistas: sabia o que deveria ser feito, mas não por onde começar.

O passo inicial foi dado rumo a criar um Subcomitê de Reorganização, com o americano Irving J. Feist como presidente, assistido por quatro “homens sábios”: Banai (Irã), Delgado (Filipinas), Nichols (Austrália) e Tossijn (Bélgica).

Para completar a equipe, outro americano – William D. Campbell – foi eleito presidente honorário do Comitê. Foi a própria Lady B-P, detentora do título de vice-presidente honorária que propôs Campbell para o posto – apoiada pelo venezuelano Gustavo J. Vollmer que, como Campbell, esta ainda hoje em atividade, no inestimável posto de presidente da Fundação Escoteira Mundial. O próprio Campbell tem sido, há muito, um destacado líder e generoso bem feitor do movimento.

O Subcomitê de Reorganização era diretamente subordinado ao Comitê Mundial, que criou um restrito comitê-diretor dentro do subcomitê para o trabalho preparatório. Desde então, o comitê-diretor foi institucionalizado e ainda é composto de um presidente, um (ou vários) vice-presidente(s) e o secretário-geral. O mandato do subcomitê terminou em Helsinque (Finlândia), em agosto de 1969, quando foi dissolvido.

Aqui é, portanto, um lugar apropriado para listar algumas das características de destaque do plano delicado de renovação do Escotismo. A mudança para Genebra deu ao Bureau um ar realmente multinacional, com um bom quadro de pessoal, no qual estavam inseridos apenas três membros da antiga equipe de Ottawa; os demais foram recrutados na Suíça, Venezuela, Egito, Estados Unidos, Reino Unido, México e vários outros países. Os recursos, assim como a equipe de pessoal, foram aumentados também nos escritórios regionais, que, combinados, formaram um único Bureau Mundial. Foi formado ainda um Comitê de Operações, presidido por Thomas J. Watson Junior, então chefe-executivo da IBM, cuja tarefa foi expandir o Escotismo e manter seus padrões. Por fim, foram criadas Divisões de relações públicas, comunicação e publicações, além de pesquisas, para expandir os serviços prestados pelo Bureau.

A fim de ilustrar o empenho e o esforço que havia por detrás da renovação, 14 reuniões de cúpula foram realizadas entre o Comitê Mundial e o Subcomitê de Reorganização, entre 1967 e 1969. Também digno de nota é o fato do atual secretário-geral, suíço de origem húngara, ter trabalhado em conjunto com o grupo composto por 12 membros do Comitê Mundial, oriundo de doze países diferentes – apenas quatro deles “brancos, anglo-saxões e protestantes”, os oito restantes originários da Ásia, África, América Latina e países árabes. Esta mescla cultural tornou-se uma fórmula-padrão e um reflexo muito fiel da multiplicidade nacional, racial e social do Escotismo.

Embora os aristocratas, gerais e elitistas que anteriormente dirigiram o movimento não devam ser esquecidos, o fato é que o Comitê Mundial, em conformidade com a decisão da Conferência, tornou-se cada vez mais democrático, sem prejudicar as qualidades intelectuais e morais ou a eficiência do grupo.

Outras medidas importantes foram tomadas: a descentralização dos treinamentos – que anteriormente eram quase monopólio de Gilwell Park – em favor dos centros nacionais, sob coordenação de Genebra; uma vasta

pesquisa entre adolescentes e adultos jovens; e a produção, em vários idiomas, de uma série de manuais e outras publicações.

Esse último foi realizado pela Divisão de comunicação, relações públicas e publicações que, entre outras atividades, visava melhorar a comunicação em dois níveis: de cima para baixo e, o que era ainda mais importante, dos rapazes na base para os órgãos do topo.

Durante o período que os instrumentos para o renascimento do Escotismo estavam sendo modernizados, muita importância foi atribuída pelo Comitê Mundial às relações públicas, com base no princípio de que fazer um bom trabalho era uma coisa, torná-lo conhecido ao público era outra.

A equipe de Genebra conscientizou-se de que, como em outros setores, boas relações públicas precisavam estar baseadas em ações, notícias e informações positivas, programas construtivos e serviços de apoio. Relações públicas brilhantes, isoladamente, não eram nenhum substituto de programas sadios, educacionais e de desenvolvimento. Contudo, o contrário era também verdadeiro. Até mesmo os melhores programas não podiam ser eficazes por muito tempo se não houvesse contato com as audiências-alvo que, no caso do Escotismo, significava pais, escolas, igrejas, governos e outros grupos que dão apoio ao movimento.

O programa de reorganização teve sucesso imediato, com um milhão de dólares levantados com relativa facilidade, para financiamento das primeiras fases. Entretanto, seria errôneo presumir que o caminho para a recuperação seria plano e fácil. Longe disso. Os defensores das velhas tradições do movimento foram rápidos em levantar suas vozes em protesto, embora seus argumentos fossem mais sentimentais do que racionais. A própria Lady B-P escreveu as seguintes palavras, no prefácio do relatório apresentado na vigésima segunda Conferência Mundial, em 1969: “Posso ousar sugerir que nós, pessoas mais velhas, estamos em perigo de nos tornarmos, nestes dias, excessivamente sérios, intelectuais e filósofos, demasiadamente dispostos a encontrar significados profundos subentendidos no que deveria ser simples e direto e, por isso, perdemos a alegria do Escotismo? ”.

Contudo, nada havia de filosófico a respeito do trabalho extensivo de pesquisa, investigação, replanejamento e reestruturação para a renovação do Escotismo. O objetivo não era transformar-se em um escotismo científico para rapazes ou um sistema imposto de cima; mas tornar o programa digno de crédito, eficiente e moderno, para rapazes que se tornariam os homens

responsáveis de amanhã. No âmago da abordagem, estava um desejo de retorno às fontes do movimento e, assim, ao próprio B-P, que tinha como frase favorita: “Quando estiverem em dúvida, perguntem ao jovem”.

Esta breve reconsideração dos altos e baixos dos primeiros dois anos dramáticos e emocionais do caminho para a recuperação do Escotismo não estaria completa sem citar os motivos antecedentes ao período que testemunhou os jovens explodirem em revolta e exigirem que seus direitos, aspirações e opiniões fossem ouvidas.

A revolta radical da geração jovem teve início nos campos californianos, no princípio da década de 1960 e atingiu seu clímax quando barricadas foram levantadas em Paris, no mês de maio de 1968. A revolta dos jovens, acompanhada pelas manifestações populares – muitas delas caracterizadas por atos de violência –, sacudiram as bases das sociedades que já enfrentavam profundas e difíceis mudanças. A crise foi brutal e afetou, profundamente, a maioria dos movimentos jovens, alguns dos quais foram arrastados pela maré da revolta em expansão.

O Escotismo encontrava-se exatamente no “olho do furacão”, mas passou no teste. Melhor ainda, isto ocorreu quando ele registrava o maior progresso de sua história: 14,5% de crescimento em dois anos (ou um acréscimo de um milhão e meio de escoteiros). Houve, deveras, uma explicação simples para este crescimento sensacional de filiação: em qualquer período da história, sempre existem pessoas jovens que respondem ao chamado do Escotismo ou, pelo menos, dos valores e objetivos que ele representa. Embora muitos jovens prosseguissem no caminho mutuamente destruidor, os escoteiros tentaram ajuda-los a tornarem-se adultos equilibrados, saudáveis e bem intencionados. Enquanto muitos julgavam que o certo era protestar e manifestar – até mesmo a custo de violência e destruição – a resposta do Escotismo foi o diálogo e a reconstrução, o compromisso e o melhoramento. Movimentos extremistas irresponsáveis queriam, cegamente, destruir a sociedade, mas nada ofereciam em troca. O Escotismo procurou torná-la melhor, mais justa e mais humana. Houve consenso com as conclusões da Conferência de Helsinque (Finlândia): o renascimento do Escotismo e de tudo pelo que era responsável deveria continuar.

A dedicação de um noviço não tem limites; e a da equipe em Genebra não foi exceção. Apoiada por um Comitê igualmente interessado, o quadro de pessoal trabalhou em um estado quase permanente de euforia, ainda mais quando os resultados vieram mais rápidos do que se esperava.

As reformas desejadas estavam ainda longe de serem completadas e, nos dois anos decorridos entre a Conferência de Helsinque (1969) e a Conferência de Tóquio (1971), não houve qualquer diminuição do ritmo no processo de renovação. Em nível estrutural e institucional, foi criado um serviço profissional, para treinamento de profissionais reais – não meramente ocupantes de cargos em regime de tempo integral –, visando a facilitar o trabalho dos voluntários.

Algumas das maiores associações (como Estados Unidos, Reino Unido, Canadá e Filipinas) desenvolveram, elas próprias, o treinamento de profissionais – mas, em 90% das associações, a tarefa tinha de ser realizada a partir da linha de saída. Dentre os problemas, quebrar a resistência dos líderes voluntários, que encaravam com suspeita o profissionalismo de um movimento no qual o espírito voluntário tinha desempenhado uma parte tão essencial, não foi tarefa fácil. Hoje, existem mais de cinco mil profissionais em todo o mundo e o número ainda está crescendo.

Um serviço de documentação foi criado para centralizar arquivos e documentos, satisfazendo à crescente demanda de informações extensivas sobre o Escotismo, tanto de membros como do público em geral.

Entretanto, a situação financeira continuava precária. O primeiro milhão de dólares para o programa de renovação tinha sido levantado com relativa facilidade. Julgava-se que outras campanhas de angariamento de fundos teriam o mesmo sucesso; mas não tiveram. O departamento de recursos financeiros morreu de morte natural. Ou, para ser mais preciso, iniciou um longo período de hibernação, que terminou somente nos últimos anos da década de 1970, quando a Fundação Escoteira Mundial renasceu, desta vez, sob adequada liderança voluntária e profissional.

No mesmo período (1969 a 1971), a Europa e a região de Sul do Saara da África foram constituídas em duas regiões oficiais – status do qual anteriormente não gozavam.

Uma série escalonada de eventos regionais (seminários, conferências, cursos de treinamento e jamborees) foi organizada, na estrutura de um ousado plano quinquenal, focado em três setores principais: 1) melhora quantitativa, isto é, mais membros, especialmente com a introdução do Escotismo em novos países; 2) melhora qualitativa, significando um esforço coordenado de adaptação ao desafio de um mundo em constante mutação; 3) e, finalmente, reforço das finanças da organização, com o objetivo de tornar o Escotismo

materialmente independente, através da diversificação dos canais coletores de fundos.

Outro comentário sobre quantidade que merece destaque é que o crescimento dos filiados há muito tempo tinha sido fetiche no movimento. Uma das conclusões a que o estudo chegou foi que o sucesso não deve ser medido em número apenas, mesmo que a melhora qualitativa seja mais difícil de mensurar. Não houve objeções à expansão quantitativa, contanto que fosse alcançada por meio de programas de qualidade e não de artifícios de publicidade, recrutamento forçado ou outros meios não naturais. Após a crise que certas associações enfrentavam, como resultado de terem inflado seus números de filiação, a mensagem “mais não significa, necessariamente, melhor” foi entendida.

Foi também nesta época que o status consultivo, nas Nações Unidas, perdido durante os anos negros, foi recuperado. O Bureau Mundial ganhou status legal pela primeira vez na história. Em outubro de 1970, foi registrado pelas autoridades como Associação de Serviço Público, sem fins lucrativos. Este reconhecimento oficial esclareceu uma situação confusa e trouxe vantagens distintas, tais como a de isenção de tributos. No mesmo ano, o Bureau mudou-se das antigas instalações para os atuais escritórios permanentes.

Foi neste ambiente encorajador que o Escotismo realizou a vigésima terceira Conferência Mundial, em Tóquio (Japão), precedida por um colorido Jamboree, ao qual compareceram 23.770 rapazes, de 85 países. Nem mesmo o Furacão Olive conseguiu prejudicar o evento. A Conferência, aberta pelo imperador do Japão, foi um ponto decisivo na história do Escotismo: decidiu incluir, em seus programas padronizados, o desenvolvimento da comunidade – o que não era nenhuma grande novidade, visto que, há muito, vinha se desempenhando parte de tais atividades no Escotismo. Entretanto, desta vez, recebeu autorização oficial e tornou-se parte integrante do programa global escoteiro.

Na Conferência, o nível das discussões foi muito elevado. Apenas um episódio maculou a imagem aparentemente perfeita: a suspensão da Associação chilena, por violação da Constituição. Sendo a primeira a ser criada após a do Reino Unido, a Associação chilena – que foi apenas suspensa e não expulsa – retornou ao grupo dois anos mais tarde. A atmosfera era de calma. Uma das mais inusitadas características foi a apresentação de um

jovem, em nome do Fórum Escoteiro, organizada sem a presença de adultos. Ele falou sobre a visão da geração mais jovem, dos problemas correntes no movimento; fez recomendações sobre o programa e conclamou os líderes a escutarem mais de perto as vozes dos jovens ou – como os chamou – “consumidores”.

O emblema que os astronautas da Apolo XI tinham levado à lua, em 1969, também foi exposto na Conferência. Foi divulgado, com orgulho, que o primeiro homem que desembarcou na lua era um ex-chefe escoteiro, um Escoteiro-Águia; e que, entre os 54 astronautas da primeira equipe, nada menos de 47 tinham passado pelo Escotismo, dando, assim, magnífico exemplo de disciplina, coragem pessoal e competência técnica. Um dado adicional interessante é que graças à cumplicidade de amigos, o custo do emblema, incluindo transporte de Genebra até a lua e vice-versa, custou apenas 1,60 francos – custo da postagem de encomenda do correio do Aeroporto de Genebra até o Bureau na cidade.

Em Tóquio, não houve qualquer resistência à readaptação do Escotismo às atuais necessidades. Lady B-P viajou diversas vezes à Genebra para observar as novas instalações do Bureau; além disso, teve a bondade de receber o secretário-geral em sua residência, no Hampton Court Palace, para atualizar-se quanto aos acontecimentos.

Até sua morte, em 1977, esteve presente na maioria dos Jamborees e das Conferências Mundiais, convicta de que uma nova onda de Escotismo, longe de ser uma traição, era o movimento real, conforme idealizado pelo seu finado esposo. Em seu prefácio costumeiro no relatório bienal submetido à Conferência, assinalou a admissão da centésima associação nacional à grande irmandade mundial e formulou o seguinte pensamento: “Tiremos os chapéus ao passado e arregacemos as mangas ao futuro”.

A única nuvem no horizonte de Tóquio veio de um quadrante inesperado: após a Conferência votar o aumento das taxas anuais de registro, no total de 0,05 dólares para membros uniformizados – uma importância que cobriria o orçamento ordinário –, foi anunciado que os acordos monetários de Bretton Woods tinham sido abandonados e que diversas moedas, inclusive o dólar e o franco suíço, passariam dali em diante a ser “flutuantes”. Por trás desta expressão náutica, espreitava uma longa e grave crise financeira, que afeta o Escotismo até hoje.

Na Conferência de Tóquio, Nairobi (Quênia) foi selecionada como sede da próxima reunião, oferecendo aos participantes a possibilidade de fazerem uma visita ao último local de moradia de B-P – e, assim, prestarem uma homenagem junto ao seu túmulo. Como o próprio Movimento Escoteiro atravessava uma fase de libertação do sentimento de nostalgia, a peregrinação seria também uma ocasião para tomada de medidas concretas para a renovação do movimento.

Deve-se ter em mente que a finalidade da renovação era a de adaptar uma organização de lazer, inicialmente criada para a juventude desprivilegiada – a qual, mais tarde, tornar-se-ia um movimento para jovens de classe média –, para um movimento popular que, embora permanecesse fiel aos princípios morais e espirituais e aos métodos educacionais definidos pelo seu fundador, fosse mais capaz de responder às aspirações da juventude moderna, em todos os países.

Vários recursos estavam disponíveis para a realização deste objetivo. Graças às pesquisas, investigações de campo, estudos locais e regionais – tais como o que foi empreendido sobre a imagem do Escotismo nos países latino-americanos e dos obstáculos à sua expansão e integração nacional – existiam muitas informações sobre as necessidades e expectativas legítimas dos jovens. Além disso, existiam melhores estruturas e mais recursos financeiros, tais como os provenientes de doações generosas, recebidas da Woodland Foundation (uma fundação familiar criada por Bill Campbell que, após o término da gestão de Tom Watson, reassumiu a direção do Comitê de operações, cujos esforços eram direcionados ao Terceiro Mundo).

O movimento tinha se tornado razoavelmente profissional e o número de membros filiados continuava crescendo. A qualidade e diversificação das publicações também estavam melhorando, como, por exemplo, a publicação de cinco manuais sobre a preservação da natureza, traduzidos em 12 idiomas. Estava tomando também um aspecto visivelmente mais internacional, tanto em níveis regionais como em âmbito mundial. Em 1971, o Comitê elegeu um presidente católico asiático e, em 1973, um africano negro foi designado para ocupar um dos dois cargos de vice-presidente. 47 nacionalidades diferentes estavam representadas no Bureau e nos comitês e subcomitês.

Os profissionais, tais como o secretário-geral e seu vice, não apresentaram objeções sobre o retorno à escola, para cursos de administração de empresa, pois estava cada vez mais claro que, apesar de sua natureza especial,

o Escotismo tinha de ser administrado com o mesmo rigor e disciplina financeira de qualquer outra organização multinacional. O movimento já tinha tão vastas proporções que uma administração descuidada e de improvisação não podia mais ser tolerada. Era estimado, na época, que o movimento bruto anual das associações membros atingia um bilhão de francos suíços, além de suas propriedades reais e imóveis. O negócio das publicações já constituía uma vasta empresa. Mais de 70 milhões de exemplares de revistas e jornais escoteiros estavam sendo impressos e distribuídos anualmente.

A Conferência de Nairóbi (Quênia) – a vigésima quarta de sua espécie – realizada pela primeira vez na África, em julho de 1973, e aberta pelo presidente Jomo Kenyatta, proveu novas diretrizes a serem seguidas à luz da experiência anterior. Em virtude da taxa cambial entre o dólar e o franco suíço ter sofrido mais desvalorizações, foi decidido que o franco seria, dali por diante, a moeda de referência, para o orçamento e taxas de registro.

As diversas apresentações feitas por Peter Scott, presidente do World Wildlife Fund (WWF); por Lord Baden-Powell, neto do fundador; por William D. Carter, presidente do Rotary Internacional; pelo sultão Hamengku Buwono IX, da Indonésia; pelo presidente da Associação Mundial das Moças Guias e Moças Escoteiras; e tantas outras palestras proferidas foram recebidas calorosamente e seguidas por debates construtivos e discussões de grupos.

Um dos eventos de destaque foi o reexame da Constituição. Os artigos fundamentais não foram alterados (isto ocorreu quatro anos mais tarde), mas o documento foi modificado substancialmente, uma vez que, os artigos básicos estavam separados das leis secundárias e regimentos internos.

Um nome uniforme foi selecionado para a organização: The World Organization of the Scout Movement (Organização Mundial do Movimento Escoteiro) e a palavra “Boy” foi suprimida. A Conferência Escoteira Mundial, o Comitê Escoteiro Mundial e o Bureau Escoteiro Mundial tornaram-se, assim, expressões oficiais.

Várias emendas foram votadas, principalmente, para esclarecer e entender com mais facilidade uma Constituição que tinha 50 anos de vigência. Acrescentando à palavra “boy” (rapaz) às palavras “adolescent” (adolescente) e “young people” (pessoas jovens) – uma expressão que, em inglês, compreendia ambos os sexos – foi confirmado que também haviam moças no movimento, as quais, por várias razões, não desejavam pertencer ao movimento feminino. Além disso, durante a Conferência Mundial, em 1977,

a supressão das palavras “boy” e “adolescent” eliminou todas as referencias a um sexo em particular.

Tal emenda foi introduzida sob forte pressão do campo, pois não partiu da liderança mundial. Não constituiu surpresa o fato de ela não ter passado despercebida. O acordo a que chegaram anteriormente as duas organizações esteve em perigo de rompimento, mas, finalmente, as duas partes sentaram-se juntas para negociar – e as relações alcançaram, gradativamente, um nível satisfatório, embora sempre haja espaço para avanços. Em nossa opinião, a raiz do problema foi que o movimento feminino, embora reclamasse identidade separada, não tinha conseguido convencer o público a encará-lo sob este aspecto. Para o público em geral, havia apenas uma forma do Escotismo – a de B-P –, ou seja, estava indiferente ao fato de que rapazes e moças eram filiados a movimentos separados, cada um com suas próprias organizações independentes.

Todavia, a análise deste problema não constitui objetivo deste livro.

Retornando ao assunto da Conferência, um delegado apresentou a sugestão espirituosa, embora proposta com seriedade, de que o Bureau Mundial fosse mudado de Genebra para Manila (Filipinas), em virtude do elevado custo das operações na Suíça. A moção foi debatida de maneira democrática e com toda seriedade, uma vez que a cidade de Calvino possui os custos mais elevados do mundo.

“Dê-nos boas políticas e nós lhe proveremos sadias finanças”, disse o ministro das finanças a Luiz Felipe, quando o rei queixou-se de que os cofres reais estavam vazios. O Bureau fez todos os esforços para obter um bom desempenho em suas atividades, a fim de atrair fundos; mas existiam inimigos terríveis: a desvalorização do dólar significava que, pelas mesmas importâncias levantadas com tal esforço, os bancos de Genebra estavam pagando cada vez menos em francos suíços – por vezes, menos da metade, considerando o horrendo aspecto da inflação que já aparecia com os primeiros sinais de recessão.

A declaração que o Movimento Escoteiro não podia ser administrado com belos sentimentos e boas intenções foi finalmente entendida pelos últimos oponentes à reforma e à administração organizada (como dos negócios de uma empresa).

Bower Carty, eleito presidente do novo Comitê em Nairóbi e um dos maiores e mais influentes pensadores do Escotismo moderno, apontou o

caminho ao futuro: “Os recursos disponíveis, em níveis regionais e mundial, respectivamente, por maiores que sejam nunca nos permitirão empreender todas as coisas que nos pareçam ser importantes. Isto significa que sempre haverá, inevitavelmente, um problema extraordinariamente difícil de determinação de quais são as mais importantes. Em minha opinião, precisamos poupar cuidadosamente nossos recursos e destiná-los a tarefas que, direta e imensuravelmente, contribuam para trazer um Escotismo relevante, digno de nota, aos associados e aos membros em potencial.”

17. Produzindo mais com menos

Nos quatro anos subsequentes, de 1973 a 1977, o Escotismo não teve outra opção se não fazer mais com menos. Crescer, melhorar, progredir, mas em escala restrita; crescer pouco, por assim dizer. Contudo, os 14 milhões de escoteiros, nas 109 associações nacionais, necessitavam mais do que nunca de recursos. Assim, o Escotismo mundial adaptou-se com certa dificuldade ao período de relativa austeridade, sem se dar conta de que era apenas o começo. A hora da verdade chegou em 1973 e 1974. O orçamento da organização entrou no vermelho e começou a mostrar um pequeno déficit. Havia apenas duas opções para corrigir a situação: aumentar a receita ou reduzir os gastos.

Enquanto se esperava pela a primeira, a segunda opção foi posta em prática. O quadro de pessoal em Genebra foi reduzido de 37 para 29 pessoas, embora medidas semelhantes não tivessem sido tomadas nos escritórios regionais.

Um esforço foi feito para reduzir o número das dispendiosas viagens ao exterior, mas com pouco sucesso, devido à demanda das associações nacionais e dos cinco escritórios regionais, para continuarem os serviços in loco. Em diversas situações, a presença do secretário-geral foi solicitada com urgência para solucionar problemas e dar proteção às associações membros contra interferência externa, especialmente por parte de governos. Assim, as viagens ao exterior não puderam ser evitadas. A própria natureza dos serviços prestados pelo Bureau Mundial exigia ação em campo.

A inevitável campanha de economia não fez parar o progresso da renovação, embora ele tenha prosseguido em ritmo mais vagaroso. Utilizando-se de pesquisas de opinião, realizadas em conferências anteriores, e a partir da própria imaginação, um grupo de estudos examinou formas de melhorar o conteúdo e a organização técnica das futuras conferências. Outra equipe cuidou do aperfeiçoamento do sistema de comunicação interna. E uma terceira reexaminou as estruturas dos comitês permanentes e dos grupos de trabalho, para garantir que mais serviço com menor custo fosse prestado ao movimento. Como resultado, uma estrutura composta de três divisões foi criada, em 1974: 1) operações, 2) métodos operacionais e 3) serviços de

apoio, com responsabilidades distintas atribuídas a cada uma delas, tanto dos voluntários como dos profissionais. Muito cuidado foi tomado para evitar burocracia em excesso ou superorganização.

Apesar da situação financeira desfavorável, vários projetos importantes foram iniciados, tais como um estudo empreendido em colaboração com a Universidade de Groningen, sobre a penetração em potencial do Escotismo em regiões rurais da África. Um filme a cores, intitulado Isto também é Escotismo (*This too is Scouting*) foi produzido para apresentar a nova face do Escotismo, que desde então procurou recrutar seus membros nos locais em que os jovens mais necessitavam da educação escoteira e não apenas em áreas que o recrutamento era relativamente fácil. Esta abordagem não era apenas complementar às formas tradicionais e convencionais de educação – família, escola e igreja – como também uma substituição das mesmas, oferecendo à juventude desprivilegiada uma oportunidade para romper o ciclo vicioso da falta de educação e desemprego.

Os eleitorados tradicionais não foram, de forma alguma, esquecidos; mas, mesmo prestando a eles os mesmos serviços de antes, um esforço foi feito para conscientizá-los das circunstâncias miseráveis de alguns de seus irmãos menos privilegiados. Programas novos, que romperam tradições escoteiras, foram introduzidos – como, por exemplo, a educação sobre o uso de drogas – e bem recebidos. Os velhos e os novos estavam, assim, misturados em doses cuidadosas.

Permanecer fiel a B-P havia sido um princípio sagrado, a fim de preservar a originalidade e a própria identidade do Escotismo. Entretanto, era também importante modernizar e renovar constantemente, para reter a lealdade dos jovens que tinham depositado sua confiança no movimento. Para ser útil e visto como tal, era também indispensável reter a simpatia e a ajuda dos apoiadores e do público em geral.

O período de 1973 a 1977 testemunhou mudanças significativas. Havia um limite de tempo em que o parafuso financeiro poderia ser apertado por meio do aumento das taxas de registro. O Bureau Mundial foi, assim, obrigado a procurar outros recursos. Esperava-se que doadores tradicionais, como a Fundação Woodland, continuassem ajudando, bem como a Fundação Vollmer, que havia concordado em financiar campanhas de levantamento de fundos durante 12 anos, e a United States Foundation for International Scouting, generosa apoiadora do Escotismo internacional, cuja contínua

generosidade havia sido fundamental no lançamento do programa de renovação. A estas três fundações privadas, benfeitoras generosas, tinha se juntado outra fundação japonesa, a Expo 70 – e, mais tarde, outras duas grandes agências governamentais norte-americanas: a Usaid (Estados Unidos) e a Cida (Canadá). Financiadas com fundos públicos, estas duas agências ainda contribuem exclusivamente para fins de co-financiamento de projetos escoteiros nos diversos campos de desenvolvimento comunitário, que incluem a educação, execução de projetos, reflorestamento, erradicação do analfabetismo, técnicas agrícolas, treinamento profissional, educação sanitária e outras atividades similares.

Assim, a Organização Mundial do Movimento Escoteiro permanecia fiel a seus objetivos originais. Não houve intenção de torná-la uma agência de desenvolvimento. A principal finalidade de tais projetos não era o valor econômico, mas seu valor educacional e autoeducativo – que permaneceu como o primordial, senão único objetivo do movimento.

Na época, a má notícia foi a inesperada queda do número de filiados em determinados países industrializados: primeiro, na Europa e, mais tarde, nos Estados Unidos. Entre as razões apontadas para esta redução, estão a liderança inadequada, o fracasso na adaptação dos programas aos requisitos modernos, um clima econômico sombrio, a queda na taxa de nascimentos, algumas facções dissidentes e outros fatores negativos. As perdas na Europa e nos Estados Unidos foram compensadas, contudo, pelos passos extraordinários dados pelo Escotismo no Terceiro Mundo. Em 1968, os países industrializados representavam 75% do número total de filiados e mais de 50% da população escoteira era de países anglo-saxões. Aos poucos, a situação foi mudando. Em 1970, as nações industrializadas tornaram-se minoria. Com a Ásia, isoladamente, fornecendo a metade da população escoteira, o Terceiro Mundo alcançara a maioria.

A transformação teve repercussões inevitáveis nos conteúdos dos programas. As necessidades dos sofisticados jovens de Londres, Paris, Zurich, Boston, Estocolmo e outras cidades europeias e americanas eram radicalmente diferentes das que tinham os jovens das florestas tropicais do sudeste asiático.

A alteração no modelo de filiação teve também efeitos profundos sobre as receitas da Organização Mundial. Os recém-chegados nem sempre estavam em condições de pagarem suas taxas, embora ainda representassem a principal fonte de renda. Contudo, eles eram os que mais necessitavam de

ajuda e atendimento. As nações mais favorecidas contribuíam com mais de 80% do orçamento da organização e necessitavam muito menos assistência – se é que, de fato, precisavam.

A recessão e a estagnação nos países ricos somada à queda no número de membros contribuintes levaram a uma degradação das situações. O resultado foi que se tornaram, cada vez mais, hesitantes em pagarem as contas das nações mais pobres. O triste paradoxo era que as necessidades financeiras da organização estavam em constante crescimento, especialmente devido ao sucesso do Escotismo no Terceiro Mundo.

Este era outro desafio permanente ao Movimento Escoteiro. Muita imaginação e persuasão foram necessárias para enfrenta-lo, não apenas para reforçar a solidariedade da organização como também para prestar serviços de qualidade.

Foi nesta atmosfera nublada que o Escotismo mundial encontrou, no norte da Europa, cinco países – Suécia, Dinamarca, Noruega, Finlândia e Islândia – que tinham combinado seus recursos e talentos para organizarem o Jamboree e a Conferência Mundiais. O Jamboree foi aberto, em Lillehammer (Noruega), pelo rei da Noruega, ele próprio um ex-escoteiro. O evento atraiu uma grande multidão e realizou-se com perfeição. Nem mesmo uma gota de chuva – uma coisa rara, deveras, em Jamboree – dispersou o ambiente harmonioso de um programa dedicado especialmente aos jovens. O sucesso foi um presságio auspicioso de uma Conferência frutífera, uma vez que já era quase tradição que, se a reunião dos rapazes fosse bem sucedida, a dos adultos, imediatamente depois, conduziria seus trâmites em um ambiente mais calmo e produtivo.

E foi o que aconteceu. No total, 503 delegados e observadores de 87 países estiveram em Copenhague. A Conferência solucionou várias questões de rotina; confirmou decisões tomadas pelo Comitê Mundial; autorizou o Comitê a modificar o plano em andamento, à luz dos recentes acontecimentos; e, finalmente, pediu que se examinasse o Capítulo II da Constituição – Objetivos, Princípios e Métodos –, a fim de revisar o texto.

O professor Bohdan, principal líder em Copenhague, falou sobre a administração moderna das associações. Peter Scott, presidente do World Wildlife Fund (WWF), reapresentou propostas concretas sobre a já íntima associação entre sua organização e o Escotismo. O presidente do Comitê Mundial da moças-guias fez um notável discurso sobre o desenvolvimento

das relações, muitas vezes delicadas, entre os movimentos masculino e feminino, com exortação à renovação do diálogo.

O alvo principal do Escotismo – os jovens – não foi esquecido nesta reunião mundial de adultos, tampouco nas apresentações, grupos de trabalho e na prática. Como acompanhamento simultâneo ao Jamboree, foi lançada uma importante inovação, o Join-in-Jamboree. Este foi um convite para oferecer o programa do Jamboree a todos os rapazes, muitos dos quais não tiveram condições de chegar até Lillehammer.

O Bureau Mundial fez grandes esforços para organizar o evento. Escoteiros de todas as partes do mundo foram convidados a participar de um Jamboree onde quer que estivessem, enquanto acontecia o Jamboree real, de maneira a experimentarem a mesma aventura – mas, ao mesmo tempo, preservando o sabor internacional do Jamboree principal, organizando os mesmos programas culturais, com ênfase sobre os cinco países anfitriões escandinavos. Seria impossível computar o número de jovens que participaram dos Join-in-Jamborees desde então, mas atinge a milhões.

A descentralização do movimento e sua internacionalização continuou em todos os níveis. Por exemplo, o Comitê Mundial, eleito em Copenhague em 1965, era composto por três europeus, três americanos (do Norte e do Sul), três asiáticos, dois africanos e um árabe.

Tanto para o Comitê Mundial como para o Bureau – que já eram tanto multinacionais quanto multiculturais – havia mais tarefas que o suficiente a fazer. Várias medidas importantes foram tomadas antes da próxima Conferência, em 1977, em Montreal (Canadá): finalizar a nova Constituição, incluindo alguns artigos fundamentais; revisar e melhorar os serviços técnicos, educacionais e administrativos; e, finalmente, encontrar uma solução para a precária e ameaçadora situação financeira, definindo sobre o escopo e o cronograma das reformas propostas.

Nos meses que precederam a Conferência de Montreal, realizada de 18 a 23 de julho de 1977, houve animados debates sobre como achar uma resposta para a crise financeira, que atendesse às necessidades da organização e ainda fosse aceitável pelos membros. Como é de se esperar, todos tinham ideias brilhantes sobre como os “outros” deveriam contribuir para solucionar a crise. Como de costume, muitos especialistas opinaram sobre como o dinheiro deveria ser gasto, mas poucos estavam dispostos a dar ou tornar-se pessoalmente envolvido na tomada de medidas concretas, para levantar os fundos tão necessários.

Pouca admiração causou, portanto, que o assunto finanças ameaçasse dominar os trabalhos em Montreal, quando, por sugestão de três grandes associações anglo-saxônicas, foi decidido convocar os serviços de um consultor externo, especialista em administração financeira. Ele iria examinar se a administração financeira do Bureau estava correta e, caso contrário, encontrar formas e meios de corrigi-la. Um grupo interno de trabalho foi criado, para elaborar um método mais equitativo dos custos para as associações. A Conferência debateu questões familiares, como as relações com o movimento feminino e eventos e acontecimentos futuros.

Conforme mencionado anteriormente, esperava-se que os debates sobre princípios fundamentais fossem tensos e delicados – não devido ao ambiente geral na comunidade escoteira, que era satisfatório, mas em virtude dos debates sobre finanças, que, muitos receavam, levariam à troca de palavras ásperas e a uma deterioração geral da atmosfera reinante na Conferência. Mas os receios provaram ser infundados. O espírito escoteiro e a abordagem sensata dos participantes eliminaram a tensão.

Os artigos novos da Constituição, que redefiniam os objetivos, princípios e métodos do Movimento Escoteiro, foram aceitos, após um debate animado, porém cortês e positivo. O debate de um assunto tão delicado – pois, afinal, a maioria dos artigos fundamentais tinha sido redigida ou, pelo menos, inspirada pelo próprio B-P – foi prova eloquente de que, após as tormentas ocorridas na década de 1960, a paz e a serenidade tinham sido restauradas no seio da organização. Além disso, métodos melhorados de trabalho reduziram o risco de entrechoques durante as discussões. Por exemplo, antes que a questão básica surgisse para discussão na plenária, houve intercâmbios de opiniões no âmbito de um comitê especial, eleito pela própria Conferência; assim, o assunto era apenas votado, sem mais debates.

Este procedimento já tinha se tornado padrão. Assim, tudo prosseguiu calmamente em Montreal e a pesquisa de opinião, feita entre os participantes, revelou que 89% estavam satisfeitos com o conteúdo da Conferência; 92,7% favoráveis aos métodos de trabalho; 91,1% aprovaram a forma pela qual ela tinha sido elaborada; e 92,7% estavam satisfeitos com sua organização técnica.

A impressão geral sobre o futuro era de otimismo moderado. O professor Willis H. Harman, do Stanford Research Institute, principal orador da Conferência, apresentou o tema “Escotismo para o Futuro” e, como autoridade reconhecida no assunto, pintou um quadro otimista. Os debates e

reuniões de grupos, após sua palestra, mostraram que o mundo escoteiro nada tinha a temer quanto ao futuro, contanto que se preparasse para enfrentá-lo.

* * *

“O sucesso tem muitos pais; o fracasso é órfão”, diz o ditado popular. Os artesãos do sucesso do Escotismo foram facilmente identificados ou, rapidamente, reivindicaram reconhecimento. Dois fatores tinham emergido: a estagnação ou mesmo a queda no número de filiados, especialmente, nos países industrializados ou com fundos insuficientes. Não havia sentido em procurar bodes expiatórios; o essencial era procurar causas e encontrar remédios.

Muita pesquisa, reflexão e experiência entrou na formulação do diagnóstico das causas determinantes da queda de filiação nos países industrializados. Hoje, mais de 16 milhões de jovens são filiados a associações reconhecidas, sem incluir cerca de dez milhões de moças registradas na Associação Mundial de Moças Guias e Moças Escoteiras. Esta tendência ambígua e contraditória – crescimento, decréscimo, crescimento –, com seus inúmeros problemas e dificuldades, foi, possivelmente, o maior obstáculo com que se defrontou a equipe de voluntários e profissionais, à qual tinha sido confiada a renovação do Movimento Escoteiro. A situação financeira ainda era séria, especialmente, em virtude da inflação, do desemprego e da persistente recessão. Tornou-se ainda mais difícil com os conflitos armados, revoluções e guerras civis que tinham eclodido em vários países escoteiros.

Para equilibrar o orçamento, uma segunda operação cirúrgica – aliada até janeiro de 1979 – teve que ser executada no quadro de pessoal de Genebra, colocando, assim, um fardo quase intolerável sobre uma equipe já sobrecarregada. Mas, como “cada nuvem escura tem uma guarnição prateada”, os dolorosos cortes também conduziram a medidas mais racionais de sobrevivência.

Entre os acontecimentos mais positivos, estava o renascimento da Fundação Escoteira Mundial, em 1977, com o Rei Carlos Gustavo XVI, da Suécia, como presidente honorário. A Fundação lançou uma enérgica campanha de levantamento de fundos, que possibilitou à organização respirar novamente. Mais, sobre isso falaremos mais tarde.

Quanto às taxas de registro mais equitativas, as propostas foram aceitas pela Conferência de Birmingham (Inglaterra), em 1979, o que representou um passo decisivo em uma distribuição de custos mais razoável, há tanto tempo desejada. Os totalmente destituídos de recursos, dali em diante, pagaram apenas uma taxa simbólica, enquanto que os que desfrutavam de melhores condições pagavam mais. A escala de lucros foi ajustada ao Produto Nacional Bruto (PNB) de cada país – um sistema não perfeito, mas suficientemente razoável na falta de um melhor.

Birmingham não foi a escolha original para o Jamboree e a Conferência Mundiais de 1979. Os eventos deveriam ser realizados em Teerã (Irã), mas, já no verão de 1978, existiam sérias dúvidas quanto à organização de eventos, que envolveriam 15 mil jovens naquele país agitado. Os numerosos e bem organizados escoteiros iranianos estavam otimistas. Às consultas urgentes, do Comitê e do Bureau, respondiam: “Podemos e queremos eliminar todas as inconveniências e dificuldades, exceto aquelas que estão fora de nosso controle, como as ondas de calor”. O resto da história é conhecido. Os eventos que envolveram a deposição do Xá e o estabelecimento de uma nova forma de governo reabriram o enfadonho arquivo rotulado “Escotismo e Políticos”. O problema é tão antigo como o Escotismo. Em seus 78 anos de existência, o movimento adquiriu experiência considerável no trato com ditadores e regimes totalitários que visem a supressão, controle ou sujeição do Escotismo. O cenário tem se tornado familiar e muito tempo e energia são necessários para ensinar os zelosos e doutrinários protagonistas da juventude que o empreendimento deles está condenado ao fracasso, a despeito de todos os recursos que comandam.

Todavia, o outono de 1978 não era época de reflexões filosóficas. Outro local tinha que ser encontrado rapidamente – que fosse bem equipado e de fácil acesso a todos, para sede da Conferência e do Jamboree, alguns meses mais tarde. Isto, sem mencionar o recebimento de jovens vindos de mais de 100 países, para os quais a viagem implica em todos os tipos de autorizações especiais e câmbio de moedas (que, em determinados países, não estavam prontamente disponíveis).

A prova de que o Escotismo tinha alcançado um certo grau de sofisticação, capacidade organizacional e flexibilidade estava no sucesso da Conferência de Birmingham, que atraiu 536 participantes de 83 países, igualando-se ao evento de 1977, em Montreal (Canadá).

Já a organização de um substituto para o evento dos jovens – o próprio Jamboree – era mais difícil. Uma feliz solução foi encontrada na decisão tomada pelo Comitê Mundial, que declarou 1979 o ano do Jamboree Mundial, durante o qual três enormes acampamentos internacionais foram organizados, na Suécia, Suíça e Austrália. Além disso, mais 38 mini-jamborees, que reuniram cerca de 100 mil rapazes e moças (as últimas comparecendo pela primeira vez a um evento que anteriormente era planejado para apenas rapazes) foram realizados.

A Conferência de Birmingham foi um sucesso, apesar o reduzido prazo de preparação (apenas seis meses). Os anfitriões britânicos executaram um excelente trabalho. A resolução mais importante foi concernente ao novo sistema de taxas de registro. Os delegados escutaram, com alívio e satisfação, o relatório preliminar elaborado pelos consultores financeiros independentes, sobre a administração financeira da organização, ao qual deram integral aprovação. Concluída sua tarefa, o Comitê de estudos, criado em 1977, foi dissolvido e recebeu calorosos agradecimentos na Conferência seguinte, realizada em 1981, em Dakar (Senegal).

Nos dois anos entre as Conferências de Birmingham e Dakar, fatos importantes ocorreram no mundo escoteiro. Entretanto, não há necessidade de nos estendermos sobre as melhorias estruturais e institucionais e a revisão e readaptação de programas, visto que se tornaram características permanentes da organização que, fiel ao significado do termo “movimento”, está sujeita a constantes mudanças, sob uma administração controlada.

O Escotismo pode não ser um tipo comum de empresa, mesmo assim, os problemas financeiros precisam ser tratados com muito cuidado. A Fundação Escoteira Mundial ressuscitada ainda oferecia a melhor esperança de cura às doenças financeiras – uma doença crônica, na maioria das organizações que não visam lucros. Como presidente honorário, o Rei da Suécia, um escoteiro militante na mocidade, cujo pai tinha também sido um presidente honorário muito ativo do Comitê Mundial, era garantia da qualidade moral da Fundação.

A Fundação nunca endossou a opinião geral, segundo a qual “o dinheiro não tem cheiro”. Portanto, só aceita doações de fontes impecáveis. Seu presidente, Gustavo J. Vollmer – que assumiu o posto em 1979, em substituição a William D. Campbell – dedicou não apenas suas energias incansáveis como também todas as suas habilidades de comunicação à causa. Seu diretor-geral, Fritz Vollmar, também pôs a disposição toda sua disciplina

(de coronel do Estado Maior do Exército suíço) e sua experiência de 13 anos no posto de diretor-geral do WWF.

Hoje, a Fundação tem um capital de 12 milhões de francos suíços – apenas um começo – que rende juros substanciais, anualmente, para acrescentar à renda normal do Movimento Escoteiro. Contudo, “não só de pão vive o homem” e o objetivo do movimento ainda continua sendo a educação dos jovens.

A Conferência Mundial de Dakar (Senegal), que se realizou de 10 a 14 de agosto de 1981, foi a vigésima oitava edição e reuniu 426 delegados de 74 países, um número pouco superior ao verificado nas conferências anteriores. A Conferência foi aberta pelo presidente Abdou Diauf, chefe de Estado. Sem a questão do aumento de taxas de registro e com um orçamento com pequeno déficit, não se perdeu tempo discutindo o problema do dinheiro – que, todavia, ainda estava em falta.

Mas a cada momento, um item novo surgia na agenda se fazendo necessário - “tempo para ação”.

Várias organizações escoteiras apresentaram filmes e clipes audiovisuais mostrando o impacto local dos programas e atividades, principalmente sobre: incapacitação física, analfabetismo, projetos de cooperação entre países industrializados e em desenvolvimento, reflorestamento, produção de alimentos e outros exemplos de ação comunitária positiva.

A Conferência debateu os preparativos finais para o lançamento do Ano do Escoteiro (The Year of the Scout), destinado a comemorar o 75º aniversário da fundação do Movimento Escoteiro e também o 125º Aniversário do nascimento de Baden-Powell, seu fundador. A data de lançamento foi fixada em 22 de fevereiro de 1982, dia do aniversário de B-P. Também foi decidido que a cerimônia de encerramento da comemoração especial aconteceria em 14 de julho de 1983, no 15º Jamboree Mundial, em Kananaskis, nas montanhas rochosas canadenses.

Conforme a Constituição, um terço dos membros do Comitê Mundial foi reeleito e, pela primeira vez, um muçulmano foi escolhido presidente.

No retorno à Suíça, a equipe de Genebra teve uma agradável surpresa: a Unesco tinha concedido ao Movimento Escoteiro o seu primeiro Prêmio de Educação pela Paz; no dia 01 de outubro de 1981, o secretário-geral recebeu tal distinção em uma cerimônia memorável, realizada em Paris, diante de uma plateia um tanto surpresa (pois era difícil aceitar o fato de que um

prêmio concedido por esforços no campo da paz pudesse ser outorgado a uma organização nascida durante uma guerra colonial e fundada por um general do exército). A honraria inesperada deveria corrigir a falsa impressão que permanecia em algumas mentes: de que o Escotismo é um movimento paramilitar da juventude burguesa à procura de aventuras.

No ano seguinte, o Prêmio Schmidheiny pela Liberdade foi também concedido ao Movimento Escoteiro, em reconhecimento à sua contribuição na preservação da dignidade humana em uma sociedade livre. Homenagens continuaram sendo prestadas ao movimento. O Rotary Internacional outorgou sua Citação Presidencial à Organização Mundial do Movimento Escoteiro; e uma distinção semelhante foi concedida, em 1983, pela Kiwanis Internacional. Finalmente, em 1984, o Escotismo recebeu a Comenda do Rotary pelo Entendimento Mundial (Rotary Award for World Understanding).

O Ano do Escoteiro excedeu a todas as expectativas: mais de um milhão de novos membros; uma imprensa favorável; atividades especiais em mais de 100 países; emissões especiais de selos em 75 países; e, pela primeira vez na história do Escotismo, vários bancos estatais emitiram moedas correntes com a efígie e o timbre do aniversário de B-P.

Foi sob estes favoráveis presságios que 16 mil jovens, inclusive mil moças, admitidas oficialmente pela primeira vez, celebraram o encerramento do Ano do Escoteiro em um Jamboree cheio de emoções.

A vigésima nona Conferência Mundial, realizada de 18 a 22 de julho de 1983, em Dearbor (Estados Unidos), não teve nenhuma intenção de superar o evento dos rapazes, que agora era também um evento de moças. A organização foi impecável e os 606 delegados que convergiram para as praias do Lago Michigan receberam as mais calorosas boas-vindas.

Um problema delicado e persistente foi solucionado nesta Conferência, concernente ao reconhecimento dos mini-Estados – um nome não muito lisonjeiro, atribuído aos países pequenos. Não menos independentes que qualquer das nações maiores, eles gozam dos mesmos direitos de voto na organização das Nações Unidas; embora fiel aos princípios da democracia, isso cria problemas embaraçosos.

Assim, o objetivo foi evitar esta espécie de situação no Movimento Escoteiro que, com interesse de defender as nações pequenas, recusou-se a dar votos extras às maiores (embora, aproximadamente, uma dúzia delas representem 90% da população escoteira e suportem a porção mais pesada do fardo financeiro).

Por outro lado, se o movimento tivesse cometido o mesmo erro em que incorreram as organizações internacionais, dando um voto irrestrito aos mini-Estados, poderiam surgir situações futuras em que a maioria, composta de dois terços dos Estados membros, pudesse votar qualquer modificação à Constituição, embora ainda representassem menos de 5% do total de membros registrados e pagos.

Teoricamente, seria possível à Conferência eleger – como sempre ocorreu, por voto secreto, conforme exigido pela Constituição – um Comitê Mundial composto de 12 membros, oriundos de associações membros cujos números representariam não mais de 0,1% do total da população escoteira.

Foi, portanto, decidido conceder todos os privilégios a estes pequenos países, que às vezes tinham apenas uma tropa, mas não dar a eles direito a voto. Isso pode parecer um pequeno detalhe, mas deve ser explicado para mostrar que a administração do Movimento Escoteiro mundial não é tão fácil como possa ser imaginado por quem está do lado de fora.

O observador superficial ou desinformado quase não enxerga a ponta do iceberg e é inclinado a julgar pelas aparências. O fato é que numerosas atividades do Escotismo mundial ocorrem, frequentemente, por trás das cortinas e, apenas indiretamente, estão ligadas à parte visível do trabalho. A administração está constantemente realizando malabarismos, com muitas bolas no ar ao mesmo tempo. Muita imaginação e intuição, bem como capacidade pedagógica, são necessárias para a realização de um trabalho competente.

Direção e administração sadias são vitais, mas os trabalhos de cúpula são essencialmente políticos, mesmo em uma organização que esteja livre de discussões frívolas, intrigas políticas, grupos pressionadores e debates sem fim. É preciso grande flexibilidade, que inclua habilidade política, a fim de impedir que o veneno dos políticos destrua a integridade do movimento.

Durante 78 anos, o Escotismo tem evitado tais armadilhas, desde o memorável acampamento experimental realizado na Ilha Brownsea, em 1907, e a publicação do livro *Escotismo para Rapazes*, de autoria de B-P.

Ninguém nega que o Escotismo tem sido – e ainda é – um sucesso de âmbito mundial. Mesmo aqueles que se encontram sob regimes totalitários, que criticam o movimento – e, frequentemente, o fazem em termos violentos – não hesitam em tomar emprestados alguns de seus aspectos a fim de adaptá-los a outras e menos dignas finalidades. “Frequentemente copiado, nunca

igualado” é um slogan que pode ser aplicado ao grande movimento fundado por B-P.

Como e por que isto é assim? Uma tentativa de resposta a esta esquiva questão é feita a seguir.

VI

A ANATOMIA DO SUCESSO

18. 250 MILHÕES DE ESCOTEIROS

Temos absoluta convicção de que existe a nossa frente um futuro brilhante para o Escotismo.

No próximo Capítulo, tentaremos explicar nossas razões para este otimismo.

No momento, vamos analisar as razões dos sucessos ininterruptos alcançados durante os 78 anos do Movimento que teve seu início na nevoenta Ilha de Brownsea, como um experimento obscuro que, ocasionalmente, tornou-se um triunfo mundial.

Nos Capítulos anteriores, delineamos os principais eventos da história do Escotismo, começando com uma simples Patrulha, em um país, para chegar a ser hoje uma Organização Mundial que cobre 118 países, não incluindo aqueles que o Escotismo foi banido, por forças que estiveram além do seu controle.

Baseado em uma estimativa conservadora, cerca de 250 milhões de pessoas têm recebido treinamento escoteiro, desde 1907. É concebível que um número tão elevado de pessoas fossem vítimas de uma ilusão, ou de brilhante manipulação? Dificilmente, como seria suposição a de admitir que o sucesso contínuo do Movimento é devido àquela expressão indefinível: “o espírito escoteiro”.

Uma coisa é certa, no entanto: A metafísica nada tem a ver com a realidade do sucesso do Escotismo.

O fato de um número surpreendente daqueles que passaram pela escola do Escotismo têm prosseguido na formação de carreiras distintas, sugeriria que existe algo especial, a respeito do valor educacional do Movimento. Alguns tornaram-se Chefes de Estado ou Governos, Ministros de Parlamentos. Outros emergiram como ganhadores do Prêmio Nobel, Acadêmicos, Artistas, Astronautas, líderes religiosos. A maioria deles olha seus anos de Escotismo com gratidão e nostalgia. Poderia ser arguido que isto, não constitui nada de especial, mas simplesmente a confirmação de um fato estatístico: Escoteiros têm, tradicionalmente, vindo dos níveis mais afluentes da sociedade, assim, o sucesso dele é apenas natural.

Mas, no outro lado da moeda, durante muitos anos os Escoteiros foram também recrutados entre as classes desprivilegiadas, e o sucesso deles mais tarde, na vida, foi igualmente impressionante. E, contudo, é uma outra prova de que deve haver algo especial a respeito da educação escoteira.

Seu valor educacional, raramente tem sido questionado, as há registros que mostram que o Escotismo tem consistentemente, sido alvo de críticas, mesmo da parte daqueles que não eram basicamente hostis aos objetivos dele.

Em uma resenha crítica de um livro, recentemente publicado em uma revista semanal bem conhecida, de Paris, o autor dela gastou seu vasto repertório de adjetivos para descrever a característica principal do livro, que aparentemente era ingênuo, sem colorido e enfadonho, terminando com o que deve ter julgado ser a mais grave de todas as acusações: “muito escoteiro”.

Uma outra publicação de Paris – desta vez da área técnica – trazia um anúncio com os dizeres seguintes:

“Pode alguém ser, ao mesmo tempo, especialista em computador e escoteiro?”

A resposta imediata, no texto era: “Obviamente, Não!”, seguida de uma descrição de alguém detentor de um caráter simples, ingênuo e honesto que, na imaginação do escrevinhador, nunca poderia atingir o nível intelectual de um especialista em computadores, visto que, ele exige qualidades que os Escoteiros normalmente não possuem.

Obviamente, esta espécie de generalização mal feita, diz muito mais a respeito de autores do que sobre o Escotismo.

Está ainda presente nas mentes de muitas pessoas e até mesmo nas daquelas que tem uma certa simpatia pelo Escotismo, a imagem do Escoteiro: - um rapaz ingênuo, que usa calças curtas e chapéu de aba larga, e perambula pelo mato.

A resposta singela, é que cerca de 250 milhões de escoteiros, do passado e do presente, não podem estar errados. Eles filiara-se ao Movimento por sua livre e espontânea opção e nele permaneceram e aceitaram os sacrifícios que envolviam uma participação ativa.

Tudo isto, em um mundo onde, aos jovens, tanto é oferecido, em baixela de prata, em termos de diversão, prazer e emoções.

O desenvolvimento da personalidade e de um sendo de esforço, não é “bom negócio”, hoje. Entretanto, atrevemo-nos a dizer que uma das chaves para o sucesso do Escotismo reside no fato de ele sempre ter nadado

contra a maré. Mas isso, isoladamente, não explica o sucesso dele. É bastante estranho que o próprio B-P. nunca parou para perguntar a si mesmo porque o Escotismo era tão popular entre os jovens. Ele pode ter falado a respeito disso, indiretamente, como por exemplo, na sua palestra com Mussolini, quando afirmou ao ditador italiano, em termos ásperos que o Movimento “Balilla” dele, mal baseado no Escotismo, nunca daria certo. Nas palavras de B-P. naquele encontro histórico com Mussolini: “O Movimento Balilla era uma organização oficial, e não voluntária; visava ao nacionalismo partidário, ao invés de um bom sentimento internacional mais amplo; era puramente físico, sem qualquer equilíbrio espiritual, e desenvolvia a coesão da massa popular ao invés de caráter individual”.

Olhemos um pouco mais de perto os fatores que estão por detrás do sucesso do Movimento Escoteiro.

Conforme foi mencionado no começo deste livro a aproximação de B-P. aos jovens, foi singular, para a época dele: falou a eles diretamente, sem intermediários, algo que era totalmente novo aos costumes e tradições da educação. Não apenas isto, mas o conteúdo de seu programa e a forma original pela qual foi apresentado, desempenharam um papel essencial.

O Escotismo continha um apelo natural aos jovens: aprender através de jogos – a maneira mais natural e normal para as crianças aprenderem e desenvolverem suas qualidades inatas e cristalizada na ideia simples de “Patrulha” – um bando pequeno de jovens que tomavam suas próprias decisões, ajudando-se mutuamente. Depois, havia a “Tropa”, um grupo maior para incentivar o esforço do conjunto e o espírito de democracia. Havia, também, o “Acampamento” e a “vida ao ar livre”, uma sensação de liberdade e de enfrentar as realidades da vida; a “Lei e Promessa”, - uma oportunidade de prestar compromisso voluntário e um desafio à autoafirmação pessoal e ao desenvolvimento espiritual; a autoeducação, porta para a independência e uma sensação de responsabilidade; um mito, o escoteiro como idealizador e construtor; uma ideia de paz e de fraternidade universal; e os símbolos: o uniforme e seus emblemas e decorações.

Jogos

Para a criança, jogar é um assunto sério; e uma forma de entender o mundo e vê-lo através de seus próprios olhos e de reproduzi-lo com suas próprias palavras. Muito do que fazemos na vida tem uma finalidade, mas não necessariamente um significado.

Jogar é exatamente o oposto: não tem objetivo, mas dá um significado à vida.

Através do jogo, a criança sintetiza o presente e o futuro e separa o que é imaginação e realidade. É uma afirmação de caráter e uma manifestação do desejo de viver. Há muitas razões para que se aceite a definição genético-funcional de brincar, que B-P. compartilhou com destacados psicólogos do mundo.

O ponto fundamental é saber que jogo a gente está jogando; como jogá-lo; e em que idade. Em qualquer evento, os mecanismos permanecem os mesmos. Jogar é ação vista através da imaginação. Pressupõe espaço e papéis, regras e associações. Um exemplo típico é a forma pela qual as criancinhas agem, fora do cenário delas da Copa de Futebol Mundial. O mesmo aplica-se aos jovens na faixa etária dos 13 aos 19 anos, e B. P. entendeu isto. É a espécie de dinâmica que explica por que as pessoas de nossa época vão trabalhar em projetos de desenvolvimento comunitário.

É verdade que os poços perfurados por Escoteiros em Burkina Faso (ex-Alto-volta), não irão solucionar o problema da estiagem na região do SAHEL, mas ao fazê-los, eles entendem o significado simbólico da ação deles – unirem-se em um projeto; concordarem sobre os papéis deles e observarem certas regras técnicas e de relacionamento.

Isto é também um jogo – o jogo escoteiro, mas em escala diferente.

O jogo adolescente não é nenhum luxo nem diversão, mesmo em idade escoteira, e em países onde a puberdade começa mais cedo. Há muito tempo não tem sido isso, visto que os adolescentes das classes menos carentes, que preferiam jogar ao invés de trabalhar, eram considerados fúteis, o que levou Sartre a observar: “A adolescência é um fenômeno da Burguesia”.

Hoje, o jogo é universalmente aceito. Somente sua natureza e qualidade variam. Pode ser um simples passatempo, uma ocupação criativa, um treinamento com ou sem agitação, a perseguição livre de objetivos imaginários, uma condescendência sem objetivos em uma atividade sem significado, uma aprendizagem e muitas outras coisas.

O ponto essencial é o de oferecer aos jovens os jogos que correspondem às idades, necessidades e aspirações.

Um rapaz necessita independência. O Escotismo oferece a ele um método educacional, do qual ele aprende a dispensar, gradativamente, os adultos e os educadores.

Entrementes, necessita viver em segurança; a princípio esquiva-se de aceitar responsabilidades totais; é feliz por desenvolver seu senso de iniciativa, em parte através da prática de jogos. A disciplina e as regras de jogo necessárias, são aceitas com boa vontade – e tudo isto constitui uma preparação sadia para a vida de adulto.

O sistema de patrulha

A Patrulha é a célula básica do Escotismo. Não é uma subdivisão da Tropa. Consiste de um pequeno grupo que tem grande autonomia, capaz de tomar decisões e de organizar-se sob a orientação de um Líder de Patrulha – um jovem que tem quase a mesma idade dos demais.

Não é um grupo organizado, sem objetivos, que passivamente recebe ordens superiores. Não é tampouco uma Tropa, sujeita a ser controlada por superiores, mas sim uma unidade social compacta, onde o próprio jovem adquire suas primeiras ideias do trabalho em equipe, solidariedade, satisfação pela execução da tarefa, e onde aprende a compartilhar do sucesso e das decepções, como membro de uma equipe. O que não significa que tudo sempre corra sem problemas, dentro da Patrulha. Há tensões, fracassos e frustrações inevitáveis, mas isto também faz parte do jogo de aprender como viver.

Para desenvolver um senso de responsabilidade, a ideia de serviço e respeito pelos outros é também uma experiência individual que não pode ser aprendida isoladamente.

Em uma das últimas edições do livro “Scouting for Boys” (“Escotismo para Rapazes”). B-P., lamentou o fato de que o valor do Sistema de Patrulha e da “Court of Honour” (“Corte de Honra”) talvez não tivessem sido tratados com seriedade bastante, nas edições anteriores. Ele definiu-o como “a característica essencial na qual o treinamento escoteiro difere daquele recebido em todas as outras organizações. Onde o Sistema de Patrulha for corretamente aplicado só pode levar ao sucesso”.

A tropa

A Tropa é uma entidade um pouco maior, onde a solidariedade, cooperação, assistência mútua, divisão de trabalho e o desenvolvimento de outras são praticadas em nível mais elevado. Uma boa Tropa não é um lugar para rivalidades, para competição feroz onde o objetivo do jogo não é o de jogar, mas sim o de ganhar. É um grupo no qual, dificuldades e problemas são superados em conjunto, e a pequena equipe de adultos jovens, da Tropa, não é composta de policiais ou guardiões da ordem e disciplina, mas sim de irmãos mais velhos que, por motivo de suas experiências e grande maturidade, trazem um aumentado senso de segurança – algo semelhante à do artista-mestre do trapézio, que estende uma rede de segurança para ousados principiantes. A Tropa não é uma oficina fechada. A porta dela está sempre aberta, sem demora, às demais Tropas da Irmandade, em âmbito mundial.

O acampamento e a natureza

A natureza é o lugar favorito para as atividades escoteiras. Um local para relaxar, descansar; uma estrutura ideal para aventuras, que contribui para uma boa saúde, longe dos centros urbanos superpopulosos, distante das multidões enlouquecedoras, um lugar de sonhos, para a prática de jogos... e, em contraste, um ambiente de tolerância à fadiga, fome, sede, esforço físico e desconforto. A natureza é parte integrante da estrutura do Escotismo.

Outrora praticado somente pelos Escoteiros, o “camping” (ou “Acampamento”) tornou-se uma indústria de turismo, altamente comercializada. Os jovens que hoje invadem a natureza, não estão procurando o mesmo tipo de aventura que os Escoteiros sempre procuravam.

O morador da cidade, que outrora era hóspede da natureza, agora conquistou-a e, até mesmo, violou-a, razão pela qual as atividades escoteiras evoluíram e devem continuar evoluindo.

Incidentalmente, o aspecto ecológico do Escotismo tem ganho numerosos adeptos, embora os “verdes” estariam hesitantes em darem ao Movimento qualquer crédito por este acontecimento. Essencial à vida no acampamento é o respeito à natureza, o uso parcimonioso de seus recursos e a tendência de viver em harmonia com o meio ambiente. Já com 78 anos de idade, em termos escoteiros, o “camping” (“acampamento”) veio para ficar.

A observação é um elemento básico no treinamento escoteiro. Não se limita a animais, plantas, rios e cavernas, mas inclui também nossos companheiros.

Levar ajuda mútua aqueles que vivem em locais remotos e abandonados; realizar um ato do qual podem participar crianças ou adolescentes, em trabalhos manuais ou intelectuais nos quais todos possam participar, é não apenas um desafio, mas também uma aventura para os Escoteiros.

Quanto mais elevado for o nível intelectual do adolescente, tanto mais feliz estará vivendo ao ar livre, ou quando estiver envolvido em atividades manuais ou técnicas. O oposto poderá ser dito de pessoas jovens que não tiveram oportunidade de estudar. Elas procuram atividades culturais, associadas à vida citadina. De acordo com opiniões de sociólogos, a atividade favorita de um jovem é aquela que preenche uma lacuna em sua educação, ou de sua vida profissional. A vida, no acampamento, portanto, contribui para a auto realização.

A lei e a promessa escoteira

Em seu sentido mais amplo, a lei é um código destinado a expressar a essência ideal de um ser humano ou de uma função cujos padrões precisam ser observados para auto realização. Entretanto, ela não é um código sagrado de regras rígidas e imutáveis e sim o resultado de costumes, valores morais e aspirações do homem.

Embora um tanto especial, a Lei Escoteira não é diferente. Pode ser vista em dois níveis.

A um nível ideal, a Lei Escoteira estabelece os princípios que devem ser voluntariamente aceitos como estilo de vida de cada membro do movimento.

Há, primeiro, o princípio espiritual: “Dever para com Deus”. Ele não está ligado a qualquer cultura ou filosofia e aplica-se, igualmente, a todas as expressões da dimensão espiritual do homem, seu conceito de vida e sua necessidade de pensamentos mais absolutos e elevados. Os Escoteiros, sejam eles budistas ou cristãos, muçulmanos ou hindus, aceitam esta dimensão e encontram, no Movimento, meios para nutrir a fé, exprimir as crenças e prosseguirem em sua busca de valores espirituais.

Há, também um princípio social: “Dever para com os demais”. Este é a expressão da solidariedade, a níveis local, nacional e internacional. Implícito

neste princípio está um compromisso de servir aos demais por meio de ação concreta, participação no desenvolvimento e boa vontade de dirigir e trabalhar conjuntamente.

O terceiro, é um princípio pessoal: “Dever para consigo”. Este, é a responsabilidade de crescer. Cada indivíduo sendo o artesão de seu próprio desenvolvimento, a ele compete observar um dos grandes temas da psicologia moderna: mesmo sob pressões extremas, o indivíduo pode libertar-se e viver seu destino, mas ninguém mais pode fazê-lo em seu lugar.

A Lei está ligada, de maneira inseparável, À Promessa que, de fato, dá validade, realidade, e até mesmo efetividade a ela. Através da Promessa, o rapaz compromete-se – possivelmente, seu primeiro ato de disciplina, sem compulsão, e de livre e espontânea vontade. Isto é a essência democrática básica deste ato voluntário de adesão, que dá significado à Lei.

A nível pedagógico, a tomada da Promessa e a prática regular da Lei, representam uma forma de educação sob compromisso, adesão voluntária a um código ou leis e o respeito à palavra empenhada.

Autoeducação

É quase desnecessário ressaltar a importância primordial da auto educação, no treinamento de jovens Escoteiros. “O princípio no qual o Escotismo opera é que as ideias do rapaz são tomadas em consideração e que ele é incentivado a moldar sua própria vida ao invés de ser doutrinado;”

Esta é a fórmula clara e simples de B-P., da auto educação através da ação – o oposto do ensino baseado no abarrotamento de conhecimentos de cérebros passivos, o que, infelizmente, é ainda praticado, com frequência em demasia, em escolas oficiais.

Portanto a autoeducação significa que o rapaz ao invés de conformar-se a um protótipo concebido, ou até mesmo imposto por seus familiares mais velhos, encontra sua personalidade e identidade através de sua própria iniciativa e permanece como artesão principal de seu próprio crescimento como pessoa. Este conceito incomum tem sido combatido por todos os lados, pelas organizações educacionais e até mesmo por alguns Líderes Escoteiros que acreditavam estar fazendo a coisa certa, educando Escoteiros da mesma maneira como eles próprios foram educados. Contudo, toda a educação, na escola, como fora dela, é estéril, a menos que ela equipa e prepare os jovens

através dos esforços deles mesmos, para enfrentarem as realidades da vida mais tarde, conforme B-P. tantas vezes proclamou.

Aqueles que fecham os olhos à evolução do mundo, o fazem sujeitos aos perigos e riscos em que incorrem, pois rejeitando o ensino de B-P., isolam-se da realidade e do futuro que, de qualquer maneira tomarão forma, com ou sem eles e, possivelmente, até para desvantagem deles.

Impondo suas ideias, hábitos e, algumas vezes, concessões fora de moda sobre os jovens, os adultos preparam desajustados ou até mesmo rebeldes contra a sociedade.

Conforme as palavras de uma frase conhecida, de um livro francês famoso, “Plaidoyer pour l’avenir”: “Um corpo, ou instituição, pode orgulhar-se de sua adaptabilidade e não de sua capacidade para manter as coisas como estão”.

Jamais o “slogam’ de Jaures foi tão válido: “Do altar de nossos ancestrais, guardemos a chama e não as cinzas”.

O método escoteiro de autoeducação está baseado em um sistema de avaliação que permite ao jovem fixar seus próprios alvos e continuar progredindo. Esta é a explicação dos testes e emblemas, que são uma parte intrínseca deste sistema.

Simbolismo

A palavra “Símbolo”, no original grego, significa um sinal de reconhecimento, composto por duas metades quebradas de um objeto que são unidas novamente. Mais tarde, deu a entender o significado de tal sinal, como um testemunho, também, emblema, saudação, ordem, vestuário, etc.

Preferimos o significado original daquela palavra, uma vez que, quando B-P. introduziu o simbolismo no Escotismo, ele certamente tinha na mente a fusão de vários elementos que, na realidade, eram apenas um único. Com o simbolismo, estamos tocando o campo dos sinais externos do movimento, mas ele é ainda de importância de essencial importância.

A saudação “Sempre Alerta”, o aperto de mão com a esquerda, a linguagem e a terminologia do Escotismo; os sinais, gestos e uniformes, são partes integrantes do Escotismo, Eles respondem À necessidade de pertencerem e de se identificarem com um grupo, exatamente como os “jeans”

e as camisetas dos colegiais identificam-se com uma gíria e uma forma de reconhecimento especial. O que interessa, realmente, é se os jovens ainda se identificam com eles.

Há apoiadores e opositores a qualquer mudança no uniforme (chapéu, calças curtas e camisa).

Certamente seria fora de propósito que o uniforme escoteiro acompanhasse as tendências da moda. Todavia, a sua adaptação periódica aos atuais estilos, não é apenas essencial, mas também indispensável.

O fato dos militares, da força aérea, terem uniforme azul; da marinha, branco; e os da infantaria usarem uniforme cor cáqui, de maneira alguma trai as tradições do que poderia ser o melhor serviço do mundo.

O ponto importante é que o uniforme seja prático e expresse a filiação voluntária de uma irmandade mundial. Longe de criar um sentimento de superioridade, ou de orgulho indevido para os que não estão “em família”, o uniforme deverá introduzir um certo modo de comportamento, modéstia, desejo de servir e o amor ao nosso próximo.

É claro, que o Escotismo não se limita ao treinamento físico, ou à aquisição de certos princípios morais, habilidades manuais e senso de iniciativa, como muitas vezes se julgou. Seu principal objetivo é o total desenvolvimento do indivíduo em uma pessoa que esteja disposta a atuar em todos os campos. “Esse é o objetivo mais importante do Escotismo: educar.

Não estou dizendo “instruir”, mas “educar”, quer dizer, ajudar o jovem a aprender, por conta própria, todas as coisas que desenvolvem sua personalidade, porque ele assim o deseja” – escreveu B-P., no seu livro intitulado “Aids to Scoutmastership” (Guia do Chefe Escoteiro).

Isto significa que os adultos, longe de se juntarem ao Movimento e a seus métodos, a fim de prolongarem suas próprias juventudes ou perseguirem um sonho, deveriam estar prontos a escutarem e se colocarem a serviço dos mais jovens.

O Escotismo é criado para eles. Ele dá boas vindas a eles todos, sem distinção de classes, raça ou religião, a fim de ajudá-los a prosseguirem para um crescimento ainda maior. Isto significa que eles devem sentir-se em casa e encontrar um local onde possam expressar suas necessidades e aspirações e encontrar respostas construtivas e satisfatórias.

Para que possa manter-se fiel à sua missão, o Escotismo precisa adaptar-se, continuamente, e ainda preservar tudo quanto for preciso, a fim de atender às expectativas das gerações vindouras.

Quem, deveras, ousaria insinuar que nada mudou desde 1907? Espera-se que este breve sumário das características do Escotismo tenha propiciado ao leitor uma ideia aproximada da base educacional do Movimento Escoteiro e dos traços originais que o tornam atrativos aos jovens.

Através deste livro, o autor fez, de vez em quando, uma abordagem analítica. Este capítulo tratou de maneira um pouco mais profunda, as questões teóricas e analíticas, simplesmente para completar a história do Escotismo. Para aqueles que gostariam de conhecer mais a respeito do Movimento Escoteiro, os documentos anexos a este livro contem mais informações. Agora, para uma análise sobre o futuro do Movimento.

19. Uma justificativa para o futuro

“Temos de viver, não apenas em um mundo novo, o qual pudéssemos, pelo menos, descrever, mas em um mundo móvel. O próprio conceito da adaptação precisa ser generalizado, a fim de permanecer aplicável às nossas sociedades aceleradas. Não é uma questão de tornar uma forma nova, ou uma nova atitude, mais conveniente do que a anterior. É, ao contrário, uma questão de evitar rigidez; de ser adaptável, receptivo e calmo, no meio de uma agitação geral, e de aprender a ser feliz no meio da mudança”.

Gaston Berger

O autor britânico, John Galsworthy, é citado por ter dito que: “Se você não pensa sobre o futuro, você não o terá”. Quais são as probabilidades para o Escotismo, nas próximas décadas?

A palavra “probabilidades” foi escolhida deliberadamente, de sorte a distinguir a abordagem do Escotismo de quaisquer outros esforços similares que visam ganhar uma olhada de relance, de um possível ou preferível futuro.

Para evitar qualquer risco de super otimismo, o nosso ponto de partida é a declaração provocativa do futurologista John D. Lambert: “O homem ocidental civilizado é um organismo da Era da Pedra que tenta exercitar o papel do Século 21 em um mundo de instituições do século 18, que estão baseadas em princípios humanísticos medievais”.

Isto significa que estamos mal equipados para enfrentarmos as dificuldades trazidas pela aterradora velocidade de um mundo mutante.

Dois dos elementos mais característicos desta evolução, são “A Grande Ascensão (Heilbrunner) no mundo da industrialização, modernização e desenvolvimento econômico e a quase impossibilidade de dominá-lo e integrá-lo em uma série de valores, em harmonia com esta evolução. Desde o tempo quando a revolução industrial com seu zelo técnico-científico positivo questionou a sabedoria eterna das tradições religiosas e espirituais, o mundo industrializado tem estado na mesma situação, como a de um navio equipado com máquinas poderosas, mas sem mapas cartográficos nem bússola. Em

outras palavras: nosso mundo atômico, supersônico e eletrônico perdeu seu caminho quando o racionalismo econômico tornou-se o padrão dominante, reduzindo e transformando as tradições e os valores fundamentais da humanidade a simples rituais e formalidades.

Isto foi como o Professor Harman expôs seus pensamentos a nós, na 26ª Conferência Escoteira Mundial, em Montreal, no ano de 1977.

Tem sido observado várias vezes, neste livro, que os problemas mais graves do Escotismo tem surgido de seu imenso e inesperado sucesso. O mesmo aplica-se ao nosso mundo, onde o sucesso tecnológico tem criado situações perigosas que exigem soluções seguras.

Conforme o Sr. Harman afirma, os principais dilemas que hoje enfrentamos estão todos direta ou indiretamente vinculados ao sucesso tecnológico, científico e econômico.

Há duas faces da moeda, para alguns destes sucessos: por exemplo, temos aumentado a expectativa de vida. Assim fazendo, temos criado superpopulação e os problemas de “terceira idade”. Temos dado passos extraordinários em ciência e tecnologia, inclusive na ciência nuclear. Mas incorremos no risco de destruição universal com armas termonucleares, biológicas e químicas. Temos substituído o trabalho manual pelo emprego de máquinas.

Sim, é bem verdade isso; mas agora o desemprego e o desenvolvimento urbano estão fora de controle. Melhoramos nossos sistemas de transporte e de comunicações. Sim, deveras, mas o custo da poluição e do aumento do barulho, que, ambos, tornaram nossas vidas mais vulneráveis. Desenvolvemos métodos eficazes de produção. Todavia, desumanizamos a mão de obra humana. Criamos a opulência, mas com ela aumentamos o consumo da energia e das insubstituíveis matérias primas, a tal ponto que corremos o risco de esgotarmos os recursos naturais. Satisfazemos as necessidades básicas de uma grande parcela da humanidade. Isto pode ser verdade, mas somente a custo da criação de sempre crescentes expectativas e da perda da satisfação no trabalho.

A lista está longe de ser completa. É obvio de que uma resposta a tais questões e a solução a tais dilemas, pedem opções políticas e levantam problemas que estão intimamente envolvidos com as questões de liberdade, autoridade, controle e democracia.

A originalidade do pensamento de Willis Harman não se baseia apenas na relação entre a causa e o efeito, mas também na convicção de que os flagelos do nosso mundo contemporâneo – desemprego, inflação, terrorismo, tumulto urbano, perda de recursos energéticos e outros – não são os problemas reais, mas sim os sinais exteriores de nosso atrevimento em ingressarmos em território desconhecido.

A necessidade central de nossos tempos é a de achar o caminho que perdemos ou abandonamos, e a de recuperar os valores que rejeitamos em favor de cada homem, para si mesmo, na perseguição de metas egoístas.

Pouco surpreendente é, portanto, o fato de que em um mundo tão egoísta, os jovens tem perdido seu senso de direção e não mais tem quaisquer valores duradouros aos quais possam se apegarem. Por isto os mais velhos do que eles – que pregam uma coisa e fazem outra – tem de suportar a maior responsabilidade.

É uma verdade banal dizer que o futuro pertence aos jovens, e que a juventude representa a maioria dos habitantes da terra. É muito mais importante reconhecer que a juventude ainda não está corrompida ou cínica e que as aspirações dela, por um mundo melhor, originam-se de sentimentos puros e nobres. Nenhuma criança, de qualquer cor ou religião, vem a este mundo com uma lealdade inata a uma bandeira especial, ou nação, ou com uma hostilidade natural para com os demais. Tampouco tem uma criança premência irrefreável em possuir, adquirir bugigangas, violar as fontes não renováveis do mundo, ou dominar os demais.

É bem sabido – e muitas pesquisas tem confirmado – que a criança não é programada geneticamente com a necessidade de adotar atitudes hostis contra outras raças, religiões, classes, ou grupos.

A criança tem um potencial igual, tanto para o bem como para o mal; para pensar, sentir e agir de maneira justa, ou injusta; para amar e odiar, participar ou explorar. Se há, realmente, uma coisa, como uma juventude detestável, os culpados disso somos nós.

Este prelúdio, algo extenso, tem a pretensão de insinuar que o jovem poderá ser bem sucedido onde pessoas mais velhas do que eles fracassaram. Ao afirmar isto, não estamos falando a respeito de reconhecimento da realidade, nem advogando um tipo melhorado de sociedade livre para todos. Não nos compete acusar o mundo adulto por ter deixado de respeitar as leis naturais de nosso mundo finito, mesmo por ignorância. O homem tem

existido sobre a terra há milhões de anos. Somente nos últimos 100 anos ele começou a poluí-la. E apenas nas últimas décadas ele adquiriu a capacidade para destruir, de maneiras diversas, o planeta inteiro e tudo quanto nele vive.

Não é, pois, nem um pouco surpreendente que esta visão apocalíptica do futuro – que esperamos seja exagerada – tenha produzido tantas reações misteriosas, desde as dos ecologistas ao estranho anticonformismo dos ocultistas, iogues e ao quase hipnótico poder dos gurus sobre o perdido e vulnerável, Isto, sem mencionar os movimentos de libertação que, frequentemente resultam em perda de liberdade, ou até mesmo tornam-se em escravidão.

Muitos tratam a reação dos jovens com divertido desdém, impingindo-o como folclore quando, de fato, é uma maneira um tanto grosseira de protestar contra uma sociedade que perdeu o caminho, em benefício de progresso continuado.

Então, o que estarão estes bravos, angélicos Escoteiros (em calças curtas) procurando, neste mundo desarticulado?

Isto é onde chegamos ao centro de nosso prognóstico, sobre o brilhante futuro do Escotismo.

Ao contrário do que ocorre com os demais jovens que querem o paraíso aqui e já, os Escoteiros tem um interesse mais positivo e mais sóbrio pelo futuro, sabendo que o futuro a eles pertence, e não aos mais velhos.

Isto não é nenhuma verdade filosófica, mas um simples cálculo matemático. Os Escoteiros estão perfeitamente cômnicos que representam apenas uma fração da população jovem e não alimentam ilusões a respeito de sua capacidade em proverem uma panaceia para os males do mundo.

Eles sabem, também, que em seus princípios básicos – o dever para com Deus; a lealdade para com suas pátrias, a fraternidade mundial, auto sacrifício; a vontade de servir aos demais – tudo isso aceito voluntariamente – e o amor deles À natureza e a indiferença à demagogia, fazem com que os valores deles entrem em conflito com os detidos por uma maioria, em nosso tempo.

Afirmando em posição contrária, o Escotismo parece estar nadando contra a maré. Em um certo sentido, o Escotismo é não-conformista – uma atitude tornada mais difícil em virtude do fato que a juventude, de modo geral, é adulada e solicitada por todos os lados e, como resultado disso, inclinada a procurar um caminho fácil, passivo, de saída.

É concebível que o futuro não pertence aqueles que detêm o maior poder militar, econômico ou político, mas sim às nações cujas populações tem elevados padrões morais e que são capazes de mobilizar seus povos. O Escotismo apoia a ordem e a disciplina em uma sociedade livre e também a favor de todo o progresso técnico que incentive a liberdade humana. É um Movimento de serviço que visa a felicidade e não a riqueza, disposto a comprometer-se com causas justas e dignas de confiança de líderes nacionais, naqueles países onde o Escotismo está estabelecido – um Movimento sem ambições nem motivos posteriores.

Durante 78 anos, o Escotismo tem procurado harmonia com os demais, e com a natureza. Visa o crescimento pessoal e o respeito aos demais. Com sua abordagem voluntária do mundo e o desejo inerente de servir, reconhece que não existe salvação individual.

Conforme as palavras de Glenn T. Seaborg, ganhador do Prêmio Nobel de química; nosso futuro “dependerá, em grande parte, sobre quão rapidamente entendermos e aplicarmos determinados princípios construtivos de comportamento humano; de como equilibrarmos interesses mútuos com as vantagens pessoais; a que grau e com que brevidade aumentaremos grandemente a cooperação entre pessoas e nações”.

Ele acrescenta, também, que “... dependerá, ainda – de maneira um tanto ocasional – da espécie de liderança que surge em todo o mundo”. Prognostica, para 25 anos, a contar de agora, uma sociedade muito diferente da que temos hoje: mais disciplinada, e sem as atuais licenciosidades, violências e autocondescendência e extravagância material, que parecem ser algumas das marcas de identificação, nos dias que atravessamos.

Quando o famoso ganhador do prêmio Nobel chega a este ponto, faz a interessante declaração:

“Isto tudo não aconteceria se todos subscrevessem e vivessem de acordo com a Promessa Escoteira. Acho que acontecerá como resultado de vários impactos dolorosos – de reconhecimento e não de impacto futuros – que sofreremos durante os anos vindouros, em um dos quais já estamos entrando, em nossa atual situação de energia”.

Há uma verdade profunda nesta declaração de Glenn T. Seaborg.

Contudo, ainda acreditamos que se a humanidade estivesse disposta a acreditar e viver de acordo com os princípios escoteiros, muitos destes impactos e traumas, no futuro, poderiam ser reduzidos, se não eliminados.

Aventuramo-nos a afirmar que o Escotismo não é tão antiquado, arcaico, estéril ou ridículo, como tantos acreditam ser. Nesta época angustiante da história humana o único Movimento Mundial, conhecido como Escotismo, poderia desempenhar um papel especial ajudando homens e mulheres, em toda a parte, a enfrentarem os desafios das décadas vindouras. Poderá ser um sócio poderoso de todos os que trabalham em benefício da humanidade. Afinal, o que o Escotismo oferece não é ganho material mas sim um senso de responsabilidade; respeito pelos demais; um estilo de vida que se mistura com o nosso meio ambiente; e meios para realização de todas estas coisas desejáveis. Pena é que tantos vêm o Escotismo sob prismas diferentes.

A título de conclusão

Órfão e Solteirão

Este livro teve início naquela manhã invernosa, decisiva, em Genebra, quando também iniciou minha carreira escoteira e, vinte anos mais tarde, termina com uma nota pessoal, anedótica, principalmente devido a urgência de meu amigo – o publicador. O próprio autor acha que seria inconveniente e indelicado demorar muito sobre uma carreira que ainda não foi completada. A maioria das minhas experiências pessoais, especialmente as mais intrigantes, ainda não podem ser tornadas públicas. As demais, são de muito pequeno interesse.

Estas páginas finais são, portanto reminiscências, ao invés de relações sobre o Escotismo por detrás das cortinas.

Dezenove anos à testa do Bureau Escoteiro Mundial, é um fato digno de ser noticiado no “Guinness Book of Records”, não tanto pela extensão do tempo de serviço, como pelas numerosas armadilhas e complicadas situações com as quais se é confrontado em tal cargo. Obviamente, alguns aspectos do trabalho do Secretário-Geral são semelhantes aqueles encontrados pelo chefe-Executivo de qualquer empresa multinacional.

Entretanto nos campos, indústrias, comerciais e de serviços, há padrões pelos quais os resultados podem ser medidos – produção, produtividade, lucro.

Em uma empresa como a Organização Mundial do Movimento Escoteiro, uma “companhia” com finalidades “não lucrativas”, não existem

critérios objetivos para a avaliação do desempenho, de qualquer maneira precisa, embora o dinheiro, necessariamente, desempenhe um papel importante.

Tornando as coisas ainda mais difíceis, é o fato de as tarefas básicas da Organização Mundial do Movimento Escoteiro serem definidas apenas em termos que são um tanto abstratos.

Falando de modo genérico, elas estão ali para salvaguardar a unidade e a integridade do Movimento Escoteiro.

Como, portanto, pode o sucesso ou insucesso desta tarefa ser medido com exatidão?

Felizmente, os assuntos são mais fáceis no que concerne ao outro objetivo do Bureau Mundial, que é o de prestar assistência às 118 Associações Nacionais em seus esforços para manterem a qualidade do Escotismo e aumentarem o número de membros filiados ao Movimento. Mas, mesmo ali, a qualidade tem que ter precedência sobre a quantidade.

Tudo isto, para dizer simplesmente que seria difícil avaliar, hoje, se o autor deste livro cumpria seus deveres com eficiência, no desempenho do cargo de Chefe do Bureau Mundial. Porque, boas intenções não bastam. Na arte da fotografia, a duração da exposição é vital, mas uma boa fotografia também requer luz correta. Neste epílogo, é prematuro falar sobre desempenho, sucesso ou fracasso. Somente no futuro um balanço pode ser levantado.

“Órfão e Solteirão” – Este é um estilo singular que escolhi para estas páginas finais, ao usá-lo, eu quis declarar minha convicção de que meu sucessor deverá ser solteiro e sem responsabilidades familiares indevidas, em um cargo tão exigente.

A semana normal de trabalho é de sessenta horas. A maior parte dos fins de semana são gastos em reuniões, ou em viagens.

Feriados, à parte da semana ocasional aqui e acolá, ou um longo fim de semana, pertencem ao mundo dos sonhos. Até mesmo um período calmo pode ser perturbado por chamadas telefônicas no meio da noite. Algumas vezes elas são urgentes. Mas frequentemente, a pessoa que faz a chamada, do outro lado do mundo, simplesmente esqueceu-se da diferença horária.

O maior inimigo do Secretário-Geral é o tempo. Dias de intenso trabalho são interrompidos por viagens frequentes – com uma média de seis meses, em doze, pois nada pode substituir o contato pessoal. Não há, absolutamente, nenhuma chance visto que esta parte do trabalho não pode

ser feita por controle remoto, de um escritório. Muitas pessoas invejam-me pelas minhas viagens frequentes. Mas esquecem-se da outra face da moeda. Tome, por exemplo a segunda viagem recente: 17 países em 21 dias gastando duas vezes mais tempo em avião do que permitido às tripulações; deixando uma temperatura de + 30°C. para desembarcar oito horas mais tarde, em -10°C.; raramente dormindo na mesma cama duas noites consecutivas.

Obviamente, qualquer “globe-trotter” inventa todas as espécies de artimanhas para evitar as inconveniências do “Jet-lag”(atraso no horário).

Pessoalmente antes de dormir, quer dizer se a defasagem no tempo me concede dizer este favor - tento- memorizar a posição de diversos objetos úteis, tomando minha cama como centro de gravidade, a lâmpada de cabeceira; o telefone, os interruptores de luz; o banheiro, fósforos e velas (estas, as vezes, surpreendentemente necessárias) bem como as “saídas de emergência”.

Um exercício útil para evitar pânico e ansiedade no caso de acordar repentino ou involuntário.

Um dia destes – (ou uma noite destas) acordei repentinamente, alagado em suor, depois de ter passado por um pesadelo no qual sonhei que tinha emparedado.

A minha estratégia de emergência entrou em ação, e procurei alcançar, com a mão, o interruptor da lâmpada de cabeceira. Tudo o que consegui foi entornar o copo de água que estava sobre a mesinha, ao lado de minha cama.

Ainda tateando, derrubei o relógio despertador e a lâmpada.

Semi- acordado, saí da cama para ir ao banheiro e simplesmente bati minha cabeça contra o armário. “Faça-se a luz”... e ela foi ligada, pela minha esposa que tinha sido acordada pelas minhas andanças a esmo.

Finalmente me dei conta que longe de estar emparedado ou de ainda me encontrar no hotel onde havia passado a noite anterior, estava mais uma vez em casa, dormindo em minha própria cama.

Por mais exaustivas que possam ser, as viagens constantes, elas também tem suas compensações, mesmo para um ex jornalista que fazia coberturas de acontecimentos em mais de 100 países, antes de ingressar, em sua carreira de Escoteiro. Pode, deveras, ser uma experiência gratificante, se você tiver tempo e energia para tirar proveito disso. A viagem leva você para mais perto das pessoas; dá a você mais entendimento das histórias e culturas delas e, se você tiver uma mente aberta, amplia seus horizontes. Apenas explorar os tesouros etnológicos. Arqueológicos e artísticos de um país, pode ser emocionante e gratificante.

Um dos problemas peculiares ao trabalho do Secretário-Geral, são os convites de anfitriões, cuja generosidade às vezes excede as boas intenções e posses deles, porque alguns dos pratos são memoráveis, para se dizer o mínimo. Como, olhos de ovelhas, cabeças de peixe cru, guisado de cobra, rato assado e mistura aparentemente inocente que torna as entranhas da gente em uma fornalha. Entretanto, por cortesia, a gente dá a perceber ao anfitrião que gostou de tudo, e o meu melhor desempenho neste campo de gastronomia, foi engolir um ovo “balut” – uma especialidade popular, nas Filipinas, que consiste de um ovo incubado durante dez dias, embebido em um líquido branco, pegajoso e rodeado com penas, para significar o surgimento de um pintinho novo. É esperado que o engula inteiro.

Também é difícil esquecer uma festa no mato, em algum local da África. O prato principal foi de uma excelente gazela assada. Mas, a “entrada” consistiu de lesmas cruas, com formigas cozidas em graxa rançosa, tudo temperado com cerveja caseira morna, de coloração cinzenta duvidosa e servida numa tigela simples que, obviamente, nunca tinha sido lavada e da qual uma dúzia de outras pessoas tinham se servido, antes de mim.

Um alimento tão exótico, felizmente, não é uma experiência diária. Há, também, pratos magníficos dignos dos melhores restaurantes. Eles servem apenas para confirmar, ao gastrônomo que perambula pelo mundo que, à parte algumas especialidades locais, há apenas duas grandes “cuisines” no mundo: a chinesa e a francesa, nessa ordem.

Uma vez que, em muitos países, o Chefe de Estado serve como Chefe Escoteiro Nacional, eu gozei do privilégio de ser hóspede de reis, imperadores e presidentes.

A palavra “real” nem sempre corresponde à qualidade da recepção. Mas, há também, “Real- 3 Estrelas”.

A melhor refeição para um viajante cansado é aquela que ele possa escolher, em companhia de seus próprios amigos, em um ambiente de relaxamento que, de maneira alguma exclui estilo e qualidade.

* * *

Falei anteriormente, sobre as inconveniências das frequentes paradas noturnas. Elas podem levar a situações divertidas, como agora serão vistas.

Há alguns anos atrás, durante uma das minhas viagens ao redor do mundo, passei uma noite em Londres, na “Baden Powell House”, e dormi na cama do Fundador.

Foi uma noite com insônia, devido ao barulho intolerável, oriundo da Cromwell Road, uma artéria principal que leva ao aeroporto, e, também devido às dimensões excessivamente estreitas da cama de B-P.

Uma semana mais tarde, na Government House, em um dos países integrantes da Comunidade Britânica, tive a honra de passar a noite em uma outra cama, tão importante como confortável, que algumas semanas antes tinha sido ocupada por um monarca reinante. Isto permanecerá para sempre em minha memória como a viagem da “Cama Real”. Apenas uns poucos dias mais tarde, dormi em uma cama papal, sem qualquer emoção especial, e, finalmente nas imediações de Angkor Vat, no Camboja, na cama que Nikita Khrushchev tinha ocupado há apenas uns poucos meses antes. E, por coincidência, aquele pequeno e confortável pavilhão de madeira, de propriedade do Príncipe Sihanouk, era chamado “Villa Monique” – o primeiro nome da esposa dele e da minha.

A história das camas tem um final triste. Dois dias depois que deixei Angkor Vat o regime real Khmer foi derrubado, em circunstâncias bem conhecidas a todos. Na fase seguinte de minha viagem, houve um terremoto na pequena aldeia onde cheguei e passei a noite sob as estrelas.

* * *

Meus amigos muitas vezes me perguntam se tenho medo de tumultos, calamidades naturais e viagens aéreas. A minha resposta categórica é “não... mas”. Fui assustado seriamente, em duas ocasiões, ambas em automóveis que já deveriam ter sido enviados ao depósito de sucata. A primeira vez, foi no Brasil, no calhambeque “incrementado” de um motorista juvenil que julgava que devia me apresentar um desempenho de Fórmula Um, com seu pé pisando fundo no acelerador, ultrapassando veículos em curvas fechadas, tirando “fininhos” de caminhões de 10 toneladas.. Por diversas vezes, somente evitamos morte certa por fração de segundo. Meu motorista julgava ser tudo uma grande brincadeira e, quanto mais difícil era a estrada tanto mais rápido ele dirigia. Uma experiência aterradora.

Um azar semelhante ocorreu a mim em Sri Lanka, onde um velhote, que havia esquecido seus óculos, me transportou ao Aeroporto de Colombo, debaixo de uma diluviana chuva tropical. Estava escuro como um breu, a visibilidade virtualmente em zero e o velho e delapidado carro já estava com seu tempo mais do que vencido para ir ao pátio de sucata de ferro velho. Meu motorista, obviamente semiadormecido, segurava o volante com uma mão, e na outra um charuto fedorento. Por diversas vezes voltou-se para me relatar histórias que não eram divertidas, perdendo o controle do volante e recuperando-o novamente, com uma palavra de desculpa, sincera mas não muito reanimadora. Aqueles que se queixam a respeito de motoristas descuidados nesta parte do mundo, deveriam ir até a Cidade do México, Rio, Bangcoc, Lagos, Teerã, Beirute, Tripoli, ou a uma dúzia ou mais de outras grandes cidades. Para aprenderem o que significa viver perigosamente.

É bastante curioso que, viagens aéreas, mesmo em aviões monomotores apanhados pelas condições atmosféricas de turbulência, nunca me preocuparam.

Em uma única ocasião, em uma república “da banana” onde estávamos prestes a decolar, tornou-se logo evidente que o voo não seria fácil. Não havia aeromoça no velho DC-3, remanescente da Segunda Guerra Mundial, e o piloto, antes de taxiar pela pista de decolagem, pediu ao passageiro mais próximo que fechasse a porta... Os nossos receios aumentaram à medida em que o avião encontrou ventos turbulentos – o que não constituiu falha do piloto. Mas estava muito claro que ele tinha ingerido muito álcool, especialmente a mim, que ocupava o assento do copiloto.

Sem o menor resquício de vergonha, falou-me de sua carreira civil, na gíria local, pontilhada com uma linguagem mais forte, e descreveu porque tinha de estar na cabina de comando “deste caixão de defunto volante”, após ter voado para diversas companhias aéreas bem conhecidas, cada uma das quais o tinha dispensado de seus serviços por motivo de embriaguez. Disse-me que planejava entrar no contrabando de haxixe, estágio final de sua queda.

No entretanto, lá estava, ao meu lado, rindo, praguejando e cuspiendo. Ele respirava nuvens de álcool no local inteiro. Eu não tinha tocado em um drinque há mais de uma semana, mas não podia evitar de absorver, eu próprio, as exalações alcoólicas dele, e estou certo de que um teste teria certamente revelado um nível surpreendente em minha própria corrente sanguínea.

Sobre o assunto de experiências desagradáveis, eis aqui uma história de um incidente trágico que testemunhei no Nepal. Em uma excursão, em um vale que distava umas poucas horas de caminhada, de Katmandu, paramos na casa de um guarda que era amigo de meu “Sherpa” (membro de um povo tibetano que vive no Himalaia nepalês).

A esposa dele estava ausente, em missão de recolhimento de lenha, e ele ofereceu-se para cozinhar para nós uma refeição quente, em um fogo, ao ar livre, distante umas poucas jardas da cabana dele. Retornando à cabana, verificamos, com horror que sua filha que dormia em uma cesta, na entrada da cabana, tinha sido devorada por um tigre que há vários dias vinha rondando a área. Aquele quadro, de um pai com o coração partido, estará sempre presente em minhas recordações.

* * *

Uma das coisas mais agradáveis, das viagens constantes, é encontrar pessoas que a gente, normalmente, não encontraria. Não apenas homens de negócios e turistas, mas também emigrantes à procura de novos horizontes, aventureiros jovens e não tão jovens, hippies de todos os tipos e pessoas que procuram um desabafo.

Em uma ocasião, durante um voo através do EUA, um jovem alcoólatra e viciado em drogas deu-me uma descrição nítida da vida dos “hill-billies” – aquelas pessoas estranhas que habitam as Montanhas Apalachianas. Durante três horas escutei a história ininterrupta dele, contada com muita convicção e emoção. Entretanto, ele nada perguntou a meu respeito, e também não revelou sua própria identidade.

Mas, estes encontros casuais nem sempre são agradáveis. Há ocasiões nas quais a gente desejaria que a saída de emergência estivesse aberta para se livrar de companheiros de viagem demasiadamente tagarelas que falam impensadamente, durante horas a fio. Para tratar de tais vítimas de disenteria verbal, pedi um conselho ao Professor Janos Selye, famoso austro-húngaro-canadense, inventor da Teoria do “Stress”. Pessoa sábia, que era obrigada a viajar muito, ele sempre portava um dente de alho em seu bolso. Sempre que era importunado por um companheiro de viagem muito tagarela, tirava do bolso o dente de alho e começava a chupá-lo vigorosamente. Posso afiançar quanto a eficácia do alho no silenciamento da maioria dos companheiros de

viagem demasiadamente parladores. Entretanto, há casos, onde até mesmo o alho não produz efeito. Para tais casos, desenvolvi uma tática diferente.

Eles são geralmente passageiros de primeira classe que insistem em contar como são ricos e sábios.

A minha resposta, é contar a eles quem sou eu e que minha missão é a de coletar fundos para projetos escoteiros e, depois, sugerir que doem alguma porção da riqueza deles a nossa organização – diga-mos algo como uns modestos 20.000 dólares. É ali onde a conversa chega a uma parada repentina, e o grande tagarela encontra uma desculpa para mudar-se para a classe econômica, ou mesmo – como aconteceu uma vez – esconder-se, durante uma hora, no toailete.

* * *

Há ideias muito estranhas a respeito da natureza exata de meu trabalho, Muito poucas pessoas parecem pensar que eu gasto meu tempo perambulando pelo mundo, de um Jamboree a outro, inspecionando unidades escoteiras, comparecendo a paradas, acendendo fogueiras nos acampamentos e, - isto não é brincadeira – ensinando Escoteiros a darem nós, uma habilidade na qual nunca cheguei a ser especialista.

Isto naturalmente está muito longe da verdade. Se não me ocupo naquela espécie de atividade, não é por certo, por desdém, mas porque este é um trabalho que é feito por outras pessoas, em níveis diferentes. Além disso, o Escotismo, hoje, não tem espaço para este tipo de folclore que pertence a uma outra era – embora ele continue como recordação sentimental – o que é uma boa coisa.

Minhas excursões ao estrangeiro, enquadram-se em duas categorias: emergenciais, de “combate a incêndios”, e as viagens que são planejadas com boa antecipação, para identificação de necessidades e ajudar na solução de problemas. Porque, nós do Bureau, não pretendemos conhecer automaticamente as necessidades de nosso “eleitorado”. Preferimos ir ao exterior e discuti-las “in loco”, e, assim, melhorar nossas relações pessoais e comunicações em dois sentidos. No escotismo Mundial, “o cliente é o rei”.

Às vezes a nossa presença é necessitada, com urgência, e não há tempo para planejamento antecipado. Como, por exemplo, as viagens repentinas que tive de fazer, recentemente, a Washington e a Ottawa, para negociar contratos

de desenvolvimento comunitário, conforme foi anteriormente mencionado neste livro.

Às vezes, somos necessitados, com pressa, e não há nem mesmo tempo para reunir todos os documentos necessários, para apoio do nosso pedido de grandes importâncias.

Os pedidos de socorro são muito frequentes. Vem a Genebra, das Associações Nacionais que se encontram em situações de crise, geralmente de natureza política; porque embora o nosso Movimento permaneça firme, fora da política, é às vezes puxado pela corrente política, por força das circunstâncias.

Os atuais conflitos no Líbano, Irã, Iraque, Afeganistão, Irlanda, América Central, Chade, etc., têm, obviamente, repercussões locais e de âmbito mundial sobre o Escotismo.

Confrontações, religiosas ou raciais, afetam também, nosso Movimento. Por exemplo, o proselitismo muçulmano, a resistência dos católicos tradicionais as reformas, a arrogância sectária de outros credos e a intolerância cultural ou linguística. Estas confrontações tem impacto imediato sobre o nosso trabalho.

Este é o motivo pelo qual o Capítulo 17 se estendeu tanto sobre a necessidade de habilidades políticas, da parte de líderes de cúpula da Organização Mundial.

Conforme foi apontado, muita imaginação, flexibilidade e poder de persuasão são exigidos para solucionar a emaranhada teia de problemas com que constantemente se defronta o Movimento Mundial. Tudo isto requer a sutileza política de um príncipe florentino do Século Quinze.

O símbolo chinês da crise é uma combinação de “risco” e de “desafio”.

Esta mistura sutil representa a natureza da calamidade e as chances para superá-las. Aqui estão alguns exemplos: um telexograma é recebido, e seguido por uma chamada telefônica procedente de um país da Ásia, onde o governo de braço forte quer abolir o Escotismo e substituí-lo por um Movimento controlado pelo governo. Quarenta e oito horas mais tarde, eu estou na Capital do país X, após um voo de 23 horas. Meu encontro oficial é duas horas, após minha chegada, e dura trinta minutos sem tempo suficiente para sentir a posição do adversário. A única estratégia é um ataque frontal. O cenário de costume, experimentado, e testado com sucesso em outros países, funciona mais ou menos assim: “Sr. Presidente, por que eliminar

um movimento voluntário que está funcionando bem e não custa nada, e substituí-lo por outro que os jovens poderão não gostar? Por que criar um Movimento oficial e impopular que, pelo menos no princípio, será obrigado a usar Escoteiros e os programas deles? E, depois, V. Excelência terá de pagar pessoas que, no momento, estão motivadas e prestam eficientes serviços às pessoas jovens, sem pedirem qualquer compensação?” A conversação torna-se amarrada, em nós, respostas e as contra respostas fica confusas e o tempo passa. Mas finalmente a batalha está ganha. Saímos para a rua em um estado de euforia.

Um outro caso: - Desta vez é uma questão de um importante país industrializado que está sediando um evento escoteiro. O regulamento exige que todos os países-membros filiados ao Movimento possam participar. Mas o país anfitrião somente mantém relações diplomáticas com a China Continental. Contudo os Escoteiros de Taiwan (Formosa), membros efetivos do Movimento, desejam participar. Como poderão ser obtidos os “Vistos” para um país “não existente” e, se forem concedidos, como poderá ser evitado um tratamento discriminatório e humilhante quando eles chegarem? Torna-se um diálogo de surdos, através do oceano. A nossa ajuda é solicitada. Telegramas, telefonemas, telefax – tudo está operando, mas ainda assim há um beco sem saída.

A única maneira de romper o empecilho é por meio de contato pessoal.

Duas viagens relâmpagos, aos dois países interessados, finalmente desbloqueiam a situação, mas a um custo de oitenta horas de voo e argumentos intermináveis, mas, acima de tudo apelos aquele indefinível espírito escoteiro, que também propiciou ao terceiro episódio, que é o seguinte.

É semelhante ao precedente, uma vez que diz respeito à admissão, no País Z – que é notório por suas rígidas regulamentações sobre a concessão de “Vistos” – a cidadãos procedentes do País Y. Os dois países romperam relações diplomáticas e consulares. A situação não foi tornada mais fácil pelo fato de, ambos, estarem situados também, geograficamente, em lados opostos do mundo e as comunicações serem difíceis. Além disso, o tempo não estava ao nosso lado. Era já noite de sexta-feira e a Conferência escoteira estava programada para abertura na manhã de segunda-feira, e as repartições governamentais não estão particularmente ativas nos fins de semana. E, apesar disso, os obstáculos foram superados e a Conferência aberta com todos presentes, inclusive os delegados do país “Y”. É difícil por um valor concreto sobre tal realização.

Há, também, o lado inesperado e cômico do trabalho do Secretário-Geral. Tome-se o que aconteceu em um aeroporto da América Latina: Um repórter estava esperando por mim quando desembarquei do avião. Ele colocou seu microfone quase dentro de minha boca e, praticamente dependurado em minhas palavras, fez a seguinte pergunta:

“Como a nossa forma de Escotismo relaciona-se com o Escotismo no resto do Mundo?”

Eu parei por um momento, para recuperar o fôlego e concentrar meus pensamentos e então notei a câmera da TV focalizada em mim.

O repórter sussurrou depressa em meu ouvido: “Ok, vamos. O senhor tem apenas 45 segundos . É um programa ao vivo”.

Sem dúvida falhei na ocasião, mas isso não interessa muito. Eu não era um diplomata, nem um estadista que, em tais circunstâncias, podem sempre esconderem-se por detrás de um “nada a comentar”, acompanhado de um sorriso enigmático para desculparem-se pelo fato de que não tinham nada de grande importância a dizer.

O outro incidente – desta vez mais divertido – aconteceu na Índia, onde o Escotismo, durante décadas tem estado sob a direção de uma grande senhora, Mrs. Mazundar.

Estávamos, ambos em nosso caminho para a cerimônia de encerramento de um grande Jamboree Nacional.

Jovens Indianos – moços e moças – estavam apresentando um show de cantos e danças para ilustrarem a riqueza da cultura do subcontinente, e a fogueira no acampamento estava acesa. Tudo decorreu em boa ordem e eu aguardava que Lady me desse sinal para encerrar as festividades.

Ela fez o sinal para que me aproximasse do microfone, apresentou-me com breves palavras e disse, com toda a seriedade: “E agora meus caros Escoteiros e Guias Escoteiros, O Secretário-Geral vai cantar uma canção popular na linguagem de seu próprio país”. Gritos de alegria de um lado, e embaraço do outro. Mas, tudo bem – cantei minha canção para satisfação de todos e, especialmente daquela velha senhora com seu estranho senso de humor. Espera-se que o Secretário-Geral faça tudo, exceto, talvez, caminhar sobre a água.

Não tem fim as histórias de que um homem, no posto de Secretário-Geral, poderia contar.

A chave da minha longevidade no emprego é a minha determinação, desde o início, de que eu seria mais Secretário do que “General”.

Mas, para chegar a um final: - quando fui muito imprudente, em 1967, de por em prática minhas próprias recomendações, propostas em meu estudo intitulado “Relatório sobre o Escotismo Mundial”, um amigo muito íntimo deu-me um exemplar do “Hamlet”, de Shakespeare, no qual ele tinha sublinhado em vermelho algumas passagens. Entre elas, estava esta, do Ato III:

“Pois, o divertimento é prender o engenheiro com sua própria armadilha”.

O serviço, na causa de uma organização tão grande como o Escotismo, nem sempre tem sido um mar de rosas. Mas não tenho estado preso em minha própria armadilha. Adquiro algumas rugas, cabelos brancos, alguns problemas de saúde, e tenho feito sacrifícios profissionais e familiares. Apesar disto tudo, estou não apenas contente por ter tomado um caminho para o qual não fora predestinado, mas também ser feliz.

No dizer de Saint-Exupéry, “a grandeza de qualquer tarefa é, acima de tudo, unir os homens. Há somente um luxo autêntico – relações humanas.

A. Organização e Estrutura Mundial do Movimento Escoteiro

A “Organização Mundial do Movimento Escoteiro” foi fundada no início do século vinte, a fim de assistir aos membros das organizações Nacionais do Movimento Escoteiro, servindo e educando jovens oriundos do mundo inteiro, pertencentes a todas as raças, cores, credos e condições sociais.

É reconhecido um único Movimento Escoteiro por país, sendo que onde houver ramificações, principalmente por motivos de religião ou língua é formada uma federação da World Organization of the Scout Movement-WOSM (Organização Mundial do Movimento Escoteiro). Em 1985, faziam parte do Movimento 119 Organizações-Membros, com um total de mais de 16 milhões de militantes. Dos requisitos principais para ser membro é implícito aceitar os propósitos, princípios e métodos do Escotismo funcionando independentemente, a partidariamente e voluntariamente.

“A Conferência Mundial do Escotismo”, anteriormente conhecida como “Conferência Internacional” foi realizada pela primeira vez, em 1922. Esta é que corporifica o Movimento e que geralmente imprime e orienta a política, dela participando os representantes das Organizações-Membro. Independentemente de seu tamanho, cada Organização Nacional tem 6 (seis) votos dentro da Conferência. Observadores também poderão participar além dos delegados. De acordo com os estatutos a Conferência se realiza a cada dois anos (cada três anos a partir de 1987)

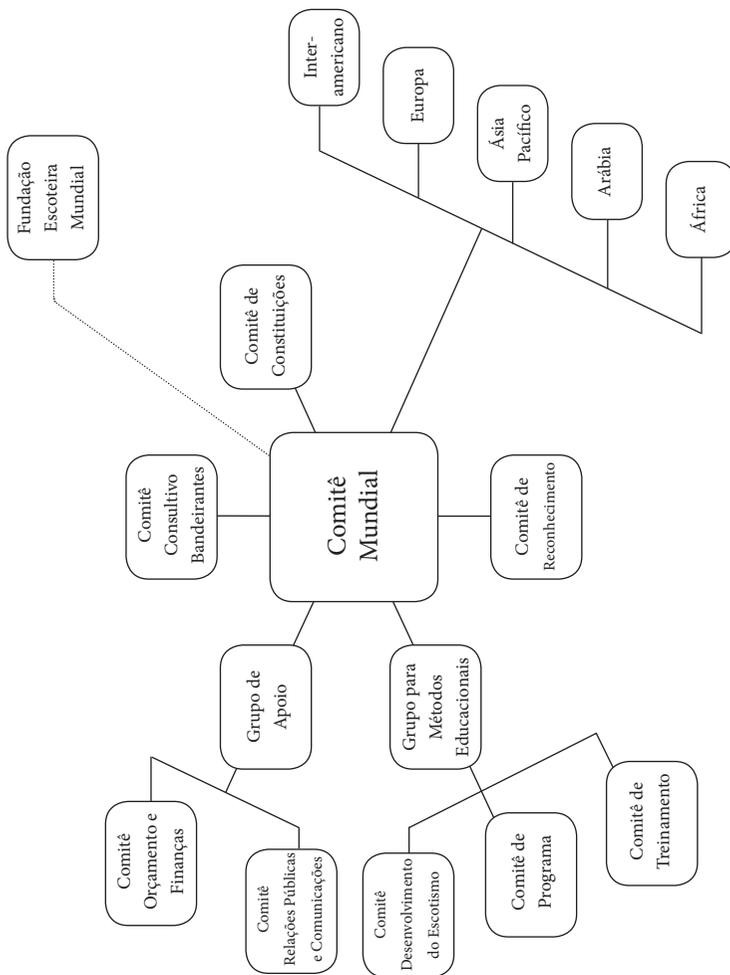
Veja (anexo H) para uma lista completa das Conferências Mundiais. O Comitê Mundial do Escotismo que substituiu o Comitê Internacional é responsável pela implementação adequada das resoluções das Conferências e agindo em seu interesse no espaço que separa as Conferências. O “Comitê” é composto por 12 (doze) membros de 12 países diferentes, eleitos pela “Conferência Mundial”.

Estes não representam seu país porém os interesses do Movimento como um todo.

O Secretário Geral da Organização Mundial e o Tesoureiro honorário são membros ex-officio do “Comitê” e os presidentes dos “Comitês” Regionais funcionam como grupo consultivo do “Comitê” Mundial, participando em suas reuniões como conselheiros.

O “Comitê Mundial” se reúne pelo menos uma vez ao ano. Outrossim, tornou-se hábito para que o grupo conhecido como “Steering Committee” = uma versão menor que “Comitê Mundial” se reúna pelo menos uma vez ao ano.

A fim de executar suas numerosas e variadas incumbências, o “Comitê Mundial” conta com uma complexa rede de grupos de apoio conforme demonstrado na estrutura a seguir.



Como demonstra o gráfico dois grupos principais assistem ao “Comitê Mundial” a fim de desincumbirem-se das funções. O Grupo de Métodos Educacionais é responsável pela habilidade relacionada com o desenvolvimento das ideias, orientação e publicação.

Ao grupo de Serviços e apoio cabe propor a política e revisar sua implantação uma vez que adotada pelo “Comitê Mundial”, no que diz respeito à obtenção e uso de todos os meios necessários para apoiar as atividades do Movimento Mundial do Escotismo.

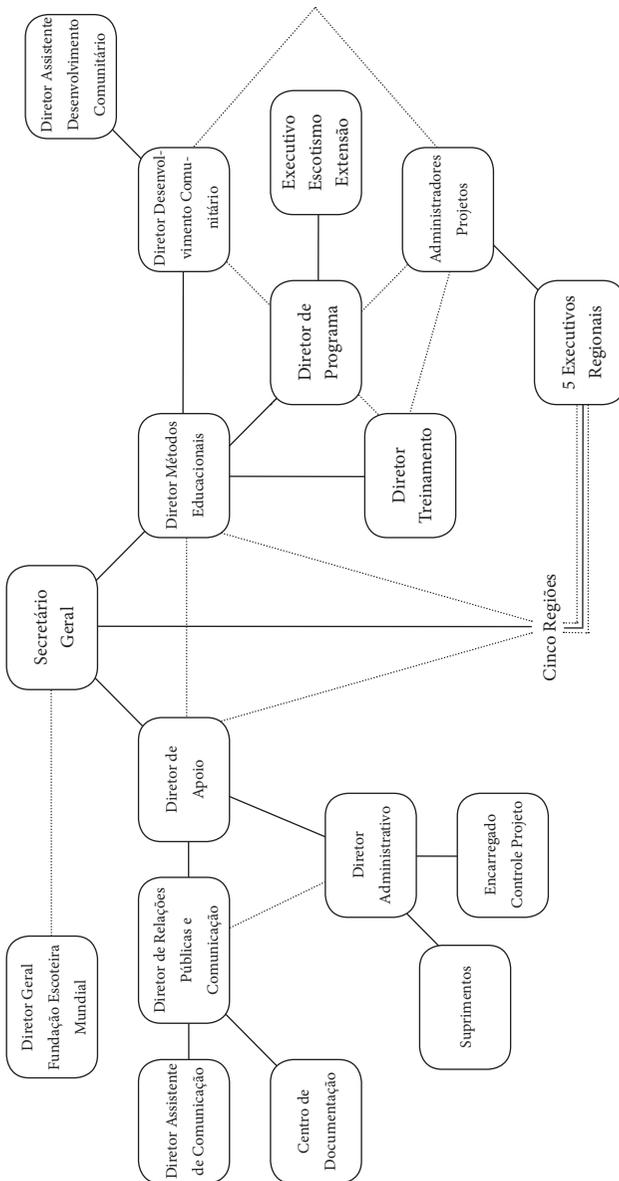
Cada um destes dois Grupos tem seus “Comitês” e suas unidades-tarefa. Em princípio o Grupo propriamente dito se reúne uma vez ao ano. “Comitês” reúnem-se frequentemente de acordo como surgem as necessidades enquanto as Unidades-Tarefa tratam dos assuntos por correspondência e ou por contatos informais e pessoais entre os membros.

O Bureau Mundial do Escotismo oferece serviços permanentes de Secretaria À “Conferência” e “Comitês” bem como auxílio profissional necessário para implementar suas funções. Inicialmente estabelecido em Londres em 1920 o Bureau foi transferido para Otawa em 1959 e finalmente para Genebra em 1968.

O bureau, antigamente era da responsabilidade de um diretor porém agora é administrado por um Secretário-Geral, e seu “staff” opera de 6 (seis) escritórios. O escritório central se localiza em Genebra além dos escritórios regionais em Kenia (para região da África), Egito (para região Árabe) , Filipinas (Para região da Ásia e Pacífico), Suíça (para região Europeia) e Costa Rica (para região Interamericana).

Os 5 (cinco) escritórios regionais também funcionam como secretarias das respectivas regiões, uma vez que cada uma tem seu Comitê e Conferência regional. Estes grupos regionais são da maior importância na vida da Organização Mundial uma vez que promovem a fraternidade mundial, cooperação e assistência mútua entre o Movimento Escoteiro dentro da região a fim de assegurar a implementação apropriada das decisões e políticas estabelecidas pela Organização Mundial que afeta a região.

A estrutura organizacional é delineada no gráfico a seguir.



B. Glossário de terminologia Escoteira

Akela É o nome de chefe de alcateia de lobinhos, tomado do livro de Rudyard Kipling “Jungle Book”, famoso escritor inglês ao qual foi outorgado o Prêmio Nobel de Literatura em 1907.

A história de Mowgli – o pequeno menino que se perdeu na selva, foi adotado por uma manilha de lobos e educado por animais da floresta – foi usado por B-P. como exemplo alegórico para as atividades oferecidas aos jovens membros do Movimento.

Por este motivo, muitas referências são feitas a esta história no capítulo de Lobinhos. Entre outros menciona, Pedra do Conselho para discussões e planejar o “grande uivo” para expressar o sentimento de ser membro e o espírito de equipe.

Lobo de Bronze A única condecoração do Escotismo Mundial. Esta é outorgada pelo Comitê Mundial por serviços excepcionais ao Escotismo Mundial. Pela primeira vez esta foi conferida a Lord Baden Powell numa decisão unânime do comitê Mundial (O Comitê Internacional) no mesmo dia que foi instituído a condecoração Lombo de Bronze em Stockholmo em 1935. Desde aquela data, 170 pessoas² receberam esta condecoração.

Corte de honra “A honra dos Escoteiros é confiável” Estes são os termos originais da primeira “Lei Escoteira” os fundamentos da educação do Escotismo (B-P. Aids to Scout-mastership). O chefe de Tropa e seus monitores de patrulha se reúnem numa “Corte de Honra” para avaliar o grupo tendo como parâmetro a Lei Escoteira. Esta é a principal função da “Corte de Honra” neste sentido mostra um completo desconhecimento do espírito dos métodos do Escotismo.

Escotismo de Extensão O grupo para jovens excepcionais.

Escotismo de extensão certamente vem ao encontro do ideal do Escotismo: “Aberto a todos”. Às vezes se constituem em unidades especiais sob o patrocínio de instituições especializadas. Jovens escoteiros excepcionais também podem participar em grupos normais.

Gilwell Park Localizado nos subúrbios de Londres, esta propriedade passou a pertencer à Associação Escoteira do Reino Unido em 1919 para ser usada como

² A data de referência considerada para esta informação é a data de publicação da 1ª edição deste livro.

área de campismo para escoteiros e treinamento de seus líderes. Com o passar do tempo e com o desenvolvimento do Movimento, Gilwell passou a ter importância preponderante no treinamento de chefes vindos de toda a parte do mundo e por muitos anos foi considerado mundialmente como “Centro Internacional de Treinamento”. Atualmente, Gilwell Park voltou a finalidade original de Centro para atividades Escoteiras e Centro de Treinamento para chefes do Reino Unido. Embora, a história e o crescimento do Movimento tenham caracterizado o parque, a presença de Gilwell Park é marcante e o afeiçoamento sentimental está sempre vivo na memória de muitos chefes.

Boa Ação É um outro traço característico do Escotismo na lembrança das pessoas. Este é um meio simples de por em prática os ideais de servir a outros que o Movimento procura promover, em ajudar alguém diariamente. Isto pode parecer infantil e simples, particularmente aqueles que nunca tentaram fazê-lo em continuar fazê-la.

Jamboree A origem da palavra é duvidosa sendo a definição do dicionário: “uma Reunião Internacional de Escoteiros” o que não expressa a realidade. De acordo com diversas fontes; isto poderá ser uma gíria americana, ou palavra induzida por Kipling ou então um termo de “índio pele vermelha” para descrever a “reunião de todas as tribos”.

Reunir jovens de todas as nações foi uma nova ideia para a qual uma nova palavra deveria ser descoberta, por exemplo rally, assembleia, pois a palavra “reunião” não era apropriada - e B-P. descobriu um nome apropriado para este: O povo deu diversos sentidos para esta palavra porém, a partir deste ano (1920) “Jamboree” passou a ter um significado específico, Esta estará relacionada a “maior concentração de jovens que jamais se realizou”. P.S. Veja anexo G com lista completa dos Jamborees mundiais.

Chefe É um adulto a cujo cargo fica um grupo.

Sua tarefa é liderar e não comandar. Como dizia B-P.: quase todo bobo é capaz de comandar, fazendo pessoas obedecerem ordens; isto se ele tem o poder de punir, tendo o apoio necessário em caso de recusa. Liderar é coisa diferente e é trabalhoso mostrar o caminho.

Patrulha Seis a oito rapazes sob a liderança de um deles formam a unidade básica do Movimento Escoteiro. O “Sistema de Patrulha” é a característica essencial do Escotismo que o difere de todas as outras organizações. O Sistema usa a dinâmica natural da “turma” para um propósito educacional.

Rover Moot É a concentração de Pioneiros, a unidade dos mais velhos do Movimento Escoteiro. Diferente dos Jamborees que se realizam a cada quatro anos não existe uma periodicidade fixa para a realização dos “Moots”. Atividades dentro dessa estrutura do “Ano Internacional do Moot” (1977-78) participaram mais de 15.000 pioneiros.

Escotismo A expressão “Escoteiro” significa o trabalho e símbolo de pessoa rústica, explorador e habitante de região muito remota e inexplorada. Em dando estes princípios a estes rapazes nos suprimos um sistema de jogos e práticas satisfazendo os desejos e o impulso natural e que ao mesmo tempo é educativo.

Este é o primeiro parágrafo do livro de B-P. “Explanation of Scouting” (Explicação do Escotismo) e em uma das edições do seu livro o qual primeiramente foi editado como panfletos depois do acampamento na ilha de Browsea e que obteve um imediato e tremendo sucesso entre a juventude.

Este livro de fato é um catálogo de aventuras e atividades e apresentado sem nenhuma lógica especial porém em que a curiosidade e sede de ação de um jovem serão satisfeitas e como prêmio o ideal de servir. “Dicas para instrutor” também estão incluídas, muito das quais alegres e muito instrutivas: “quando você está tentando em obter que os rapazes sejam influenciados você se parecerá com um pescador ansioso em fregar um peixe. Se prover o seu anzol com o tipo de alimento que lhe agrada pode ser provável que você não pescará muitos.

Para tanto você usa a isca do tipo que os peixes gostam. É assim também com os jovens.”Se você tenta aconselhar a eles o que você considera assunto digno você não conseguirá atingi-los.”

Ramos O programa dos Ramos é a aplicação do método educacional do Escotismo a diferentes grupos de faixa etária. Trata-se de uma adaptação do espírito, propósito e atividades do Escotismo as características e aspirações das crianças, adolescentes e adultos jovens.

Existe uma alcaiteia de Lobinhos para crianças, uma tropa de Escoteiros para os adolescentes e uma seção de Pioneiros para jovens adultos. Estas são no mínimo as divisões originais do qual outras se criam a fim de fazer face as diferentes aspirações dos pré-adolescentes e dos adolescentes.

Por exemplo, existe um Grupo de “Venture Scouts” no Reino Unido e um programa de “Explorers” nos Estados Unidos. Uma nova pré-alcaiteia de Lobinhos foi introduzida no Canadá alguns poucos anos atrás. Castores, como são chamados alcançaram grande sucesso em muitos países.

Uniforme É uma característica do Movimento. Calças curtas e chapéu cáqui de abas largas, lenço de pescoço e bastão de escoteiro tem criado uma figura familiar e possivelmente contribuiu em produzir mais propriamente uma imagem popular a vista do povo.

Hoje em dia, o azul, laranja, vermelho e verde muitas vezes substituem a cor cáqui. O uniforme tem sido alterado, porém continua sempre em uso assemelhando-se aos hábitos dos países e etnias e faz sentirem-se todos membros cada um da grande Fraternidade Universal conforme as palavras de B-P. pronunciadas no Jamboree em 1938. Também disse que não usava calças curtas por serem mais confortáveis, mas sim pelo motivo de serem usadas pelos jovens que contribuem para reduzir as distâncias entre o adulto e pessoas jovens.

Waggs (World Association of Girl Guides and Girl Scouts) A Associação Mundial das Bandeirantes e “Escoteiras” é a organização irmã da “WOSM”. “Girl Guiding (Bandeirantismo) no qual B-P. adaptou os princípios e métodos do Escotismo para meninas, foi publicado em 1918. A Associação das Bandeirantes foi criada no Reino Unido em 1910 o qual também se espalhou pelo mundo afora.

“WAGGS” foi fundado em 1928 sendo Lady Baden-Powell a Chefe Bandeirante até sua morte em 1977.

Insígnia de Madeira Duas madeirinhas e uma tira de couro é a insígnia dos chefes Escoteiros os quais completaram seu treinamento.

Originalmente as “madeirinhas” eram provenientes de colar de um rei Zulu trazido da África do Sul em 1888. Esta insígnia foi desenhada por B-P pessoalmente.

A Insígnia de Madeira é usada no mundo inteiro como símbolo visível do Movimento.

Emblema Mundial do Escotismo Trata-se de um dos símbolos mais difundidos. Todos os membros do Movimento o usam de uma maneira ou outra. A “Flor de Lis” era usada em velhos mapas e compassos como símbolo de rumo correto. O laço que circunda o emblema representa o símbolo de unidade. Assim como um forte nó direito não afrouxa o crescimento do Movimento e reforça sua unidade.

C. Países Membros da Organização Mundial do Movimento Escoteiro

Argélia	República África Central	Grécia
Angola	Coreia	Granada
Argentina	Chade	Guatemala
Escoteiros da Armênia	Chile	Guiana
Austrália	Escoteiros da China	Guinea-Bissau
Áustria	Colômbia	Guiana
Azerbaijan	Comoros	Haiti
Bahamas	Congo	Honduras
Bahrain	Costa rica	Hong Kong
Bangladesh	Costa do Marfim	Hungria
Barbados	Croácia	Islândia
Belarus	Curaçao	Índia
Belgium	Chipre	Indonésia
Belize	República Checa	Iran
Bélgica	Dinamarca	Iraq
Benin	Dominica	Irlanda
Butão	República Dominicana	Israel
Bolívia	Equador	Itália
Bósnia e Herzegovina	Egito	Costa Marfim
Botswana	El Salvador	Jamaica
Brasil	Estonia	Japão
Brunei	Etiópia	Jordânia
Darussalam	Fidji	Kazakhstan
Bulgária	Finlândia	Kênia
Burkina Faso	França	Kiribati
Burundi	Gabão	Coreia do Sul
Cambodia	Gâmbia	Kuwait
Camarões	Alemanha	Letónia
Canadá	Georgia	Líbano
Cabo Verde	Ghana	Lesoto

Libéria	Peru	Trinidad/Tobago
Libia	Filipinas	Tunísia
Liechtenstein	Polônia	Turquia
Lituânia	Portugal	Uganda
Luxebrugo	Catar	Ucrânia
Macau	Romênia	Emirados Árabes
República da Macedônia	Rússia	Reino Unido
Madagascar	Ruanda	Estados Unidos
Malawi	Santa Lúcia	Uruguai
Malásia	São Vicente e Granadinas	Venezuela
Maldivas	São Marinho	Yemen
Malta	São Tomé e Príncipe	Zaire
Mauritânia	Arábia Saudita	Zâmbia
Maurício	Senegal	Zimbabwe
México	Sérvia	
Moldávia	Seicheles	
Mônaco	Serra Leoa	
Mongólia	Cingapura	
Montenegro	Eslováquia	
Marrocos	Eslovênia	
Moçambique	África do Sul	
Myanmar	Sudão do Sul	
Namibia	Espanha	
Nepal	Sri Lanka	
Holanda	Sudão	
Nova Zelândia	Suriname	
Nicarágua	Suazilândia	
Niger	Suécia	
Nigéria	Suiça	
Noruega	Síria	
Omã	Tajiquistão	
Paquistão	Tanzânia	
Estado da Palestina	Tailândia	
República do Panamá	Taiwan	
Papua/Nova Guinéa	Timor-Leste	
Paraguai	Togo	

D. Países fundadores do Movimento Escoteiro Mundial

Argentina	1912
Japão	1911
Austria	1912
Latavia	1919
Bélgica	1911
Libéria	1918
Brasil	1914
Luxemburgo	1914
Chile	1909
Holanda	1910
Checoslovakia	1911
Noruega	1911
Dinamarca	1910
Peru	1916
Equador	1920
Polônia	1919
Estônia	1911
Portugal	1913
Finlândia	1910
Romênia	1915
França	1910
Suécia	1911
Inglaterra	1907
Suíça	1912
Grécia	1910
Tailândia	1917
Hungria	1919
USA	1909
Itália	1912
Iugoslávia	1915

E. Países onde o Movimento Escoteiro Existia porém foi extinto

Andorra

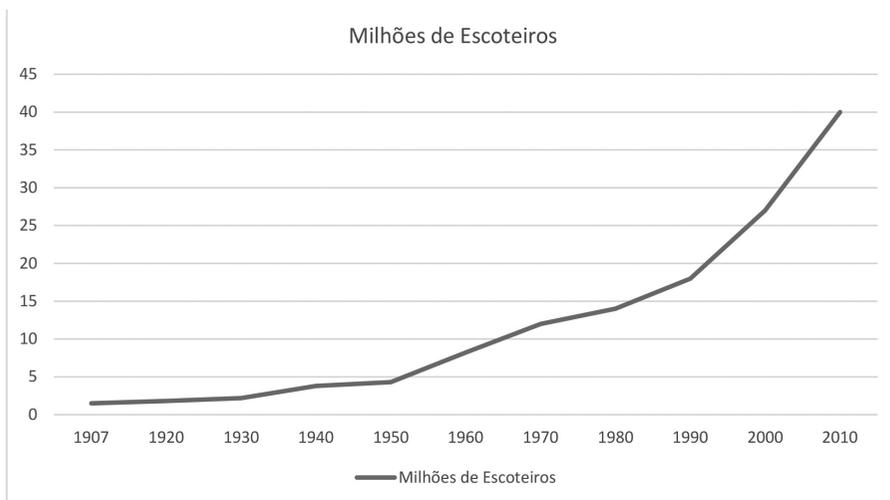
Cuba

República Popular da China

Coréia do Norte

Laos

F. Crescimento Mundial do Escotismo



G. "Jamborees" Mundiais

	Data	Local	(1)	(2)
1.	1920	Olympia, London, Inglaterra	8.000	34
2.	1924	Ermelunden, Copenhagen, Dinamarca	5.000	34
3.	1929	Arrowe Park, Birkenhead, Inglaterra	50.000	69
4.	1933	Godollo, Hungria	25.000	34
5.	1937	Vogelensang-Bloemendaal, Países Baixos	28.000	54
6.	1947	Moisson, França	25.000	44
7.	1951	Salzkammergut, Bad Ischl, Austria	13.000	61
8.	1955	Niagara-on-the-Lake, Canadá	11.000	71
9.	1957	Sutton Park, Inglaterra	34.000	80
10.	1959	Mount. Makiling, Filipinas	12.000	44
11.	1963	Marathon, Grécia	14.000	89
12.	1967	Farragut State Park, Idaho, Estados Unidos	12.000	105
13.	1971	Asagiri Heights, Japão	24.000	87
14.	1975	Lake Mjosa, Lillehammer, Noruega	(3) 17.000	91
15.	1983	Kananaskis Country, Alberta, Canadá	(3) 16.000	106
16.	1988	Cataract Scout Park, New South Wales, Austria	14.000	84
17.	1991	Mount Sorak National Park, Coréia do Sul	20.000	135
18.	1995	DrÖnten, Flevoland, Países Baixos	29.000	166
19.	1999	Hacienda Picarquín, Mostazal, Chile	31.000	157
20.	2003	Sattahip, Chonburi Province, Tailândia	24.000	147
21.	2007	Hylands Park, Chelmsford, Inglaterra	38.000	162
22.	2011	Rinkaby, Kristianstad, Suécia	40.000	166
23.	2015	Kirara-hama, Yamaguchi, Japão	35.000	160
24.	2019	The Summit Bechtel Reserve, Wet Virginia, EUA	-	-

- (1) Os números dos participantes arredondados para o milhar mais próximo.
- (2) Quantidade de países e territórios dependentes. As estatísticas dos primeiros anos são imprecisas. Os contingentes das colônias e territórios dependentes as vezes foram incluídos nos países de origem, e algumas vezes foram incluídos separadamente. Isto também sucede nos países grandes como Austrália, Canadá e Índia.
- (3) As cifras também incluem algumas Organizações Escoteiras as quais naquela época estavam em fase de serem reconhecidas como Organizações Membro.

H. Conferências Mundiais do Escotismo

	Local	Data	Organizações Membro representadas
1.	London, Inglaterra	Julho 29-30, 1920	33
2.	Paris, França	Julho, 22-29, 1922	30
3.	Copenhagen, Dinamarca	Agosto, 18-20, 1924	34
4.	Kandersteg, Suíça	Agosto, 22-28, 1926	29
5.	Birkenhead, Inglaterra	Agosto, 7-9, 1929	33
6.	Vienna-Baden, Austria	Julho, 27-29, 1931	44
7.	Godollo, Hungria	Agosto 7-8, 1933	31
8.	Stockholm, Suécia	Agosto, 5-7, 1935	28
9.	The Hague, Holanda	Agosto, 10-12, 1937	34
10.	Edinburgh, Escóssia	Julho, 26-28, 1939	27
11.	Chateau de Rosny, França	Agosto, 19-22, 1947	32
12.	Elvesaeter, Noroega	Agosto, 8-10, 1949	25
13.	Salzburg, Áustria	Julho 31- Agosto 2, 1951	34
14.	Vaduz, Lichtenstein	Agosto, 8-12, 1953	31
15.	Niagara Falls, Canadá	Agosto, 28-31, 1955	44
16.	Cambridge, Inglaterra	Agosto, 13-16, 1957	52
17.	New Delhi, Índia	Julho 29 – Agosto 3, 1959	35
18.	Lisbon, Portugal	Setembro, 20-24, 1961	50
19.	Rhodes, Grécia	Agosto, 13-18, 1963	52
20.	México City, México	Set. 26 – Out. 3 – 1965	59
21.	Seattle, Washington, Estados Unidos	Agosto, 11-17, 1967	70
22.	Otaniemi, Finlândia	Agosto, 21-27, 1969	64
23.	Tokyo, Japão	Agosto 12-17, 1971	71
24.	Nairobi, Kenia	Julho, 16-21, 1973	77

25.	Lundtofte, Dinamarca	Agosto, 8-15, 1975	87
26.	Montreal, Canadá	Julho 18-23, 1977	81
27.	Birmigham, Inglaterra	Julho, 15-21, 1979	81
28.	Dakar, Senegal	Agosto, 10,14,1981	74
29.	Dearborn, Estados Unidos	Julho, 18-22, 1983	90
30.	Munich, Alemanha	Julho, 15-19, 1985	93
31.	Melbourne, Austrália	Janeiro, 11-15, 1988	77
32.	Paris, França	Julho, 23-27, 1990	100
33.	Bangkok, Tailândia	Julho, 19-23, 1993	99
34.	Oslo, Noroega	Julho, 8-12, 1996	108
35.	Durban, Africa do Sul	Julho, 26-30, 1999	116
36.	Thessaloniki, Grécia	Julho, 15-19, 2002	125
37.	Yasmine Hammant, Tunísia	Setembro, 5-9, 2005	122
38.	Jeju Island, Coreia do Sul	Julho, 14-18, 2008	150
39.	Curitiba, Brasil	Janeiro, 10-14, 2011	138
40.	Ljubljana, Slovenia	Agosto, 11-15, 2014	111
41.	Baku, Azerbaijan	Agosto, 14-18, 2017	116

I. Membros do Comitê Mundial desde sua fundação em 1922

Count Mario di Carpegna	Itália	1922-1924
The Lord Hampton	Reino Unido	1922-1929, 1931-1947
Major Ebbe Lieberath	Suécia	1922-1937
Count Henri Marty	França	1922-1940
Sir Alfred D. Pickfor	Inglaterra	1922-1933, 1939-1947
Mr Frank Presbrey	Estados Unidos	1922-1931
Mr. Mortimer I. Schiff	Estados Unidos	1922-1931
Dr. A.B. Svojsik	Checoslovakia	1922-1933
Mr. Emmerich Teuber	Austria	1922-1929
Prince Giovanni Rospigliosi	Itália	1925-1927
Dr. W. de Bonstetten	Suiça	1927-1947
R.P.J. Jacobs	Belgica	1929-1931
Count Paul Teleki	Hungria	1929-1939
Mr. Walter W. Head	Estados Unidos	1931-1939, 1947-1949
Count Y Hutara	Japão	1931-1939
Rev. H. Moller-Gasmann	Noruega	1933-1947
Dr. T. Strumillo	Polônia	1933-1939
Ing. Ove Holm	Dinamarca	1938-1953
Dr. A. Papp	Hungria	1939-1947
Dr. James E. West	Estados Unidos	1939-1947
General J. Lafont	França	1945-1947
Justice Vivian Bose	Índia	1947-1949
Mr. Jackson Dodds	Canadá	1947-1949, 1951-1955
Ing. Juan Lainé	México	1947-1949, 1951-1957

Mr. André Woronoff	Bélgica	1947-1949
Mr. Pierre Delsuc	França	1947-1951, 1953-1959
Dr. Velen Franderlik	Checoslovakia	1947-1951
Mr. Jean Salvaj	Suiça	1947-1951, 1953-1959, 1961-1965
Count Folke Bernadotte	Suécia	1947-1948
The Lord Rowallan	Reino Unido	1947-1953
Mr. Robert Ultich	Austria	1947-1951
Dr. Rogélio Pina E.	Cuba	1949-1951
Ing. Sten Thiel	Suécia	1948-1953
Mr. A.E. Benaki	Grécia	1949-1951
Mr. Amory Houghton	Estados Unidos	1949-1955
Major General D.c. Spry	Canadá	1949-1951
Lt. Gen. Bar. Van Voorst tot Voorst	Holanda	1949-1955
Dr. Leon Molitor	Luxemburgo	1951-1953
Mr. Ali Dandachi	Síria	1951-1957
Dr. Osvaldo Monass	Itália	1951-1957
Hon. Jorge V. Vargas	Filipinas	1951-1957
Colonel E. Blondeel	Bélgica	1953-1955
Mr. Niels Engberg	Dinamarca	1953-1959
Gen. Sir Rob Lockhart	Inglaterra	1953-1959
Mr. Eli Boyaner	Canadá	1955-1961
Mr. Beng Junker	Suécia	1955-1961
Dr. Paul Koenig	Alemanha	1955-1961
Mr. John M. Schiff	Estados Unidos	1955-1961
Mr. Dem. Alexatos	Grécia	1957-1963
Mr. Frederico Diaz Legorburu	Venezuela	1957-1963
Mr. Moh. Ali Hafez	Egito	1957-1963, 1965-1971
Dr. M.V. de los Santos	Filipinas	1957-1959
Dr. Hossein Banai	Irã	1959-1965, 1967-1973
Mr. J.F. Colquhoun	Reino Unido	1959-1965

Mr. C.Roy Nichols	Austrália	1959-1965, 1967-1973
Mr. E.J. H. Volkmaars	Holanda	1959-1965
Senator E.W. Kannangara	Ceilão	1960-1961
Mr. W.D. Campbell	Estados Unidos	1961-1965, 1973
Sir H. B. Reyes	Filipinas	1961-1967
Mr. Ph Tossijn	Bélgica	1961-1967
Hon. C.C. Mojekwu	Nigéria	1961-1969
Mr. Henry Bourreau	França	1963-1969
Mr. N.M. Khan	Paquistão	1963-1969
Dr. Gustavo Vollmer	Venezuela	1963-1969, 1973-1979
Mr. Thomas J. Watson	Estados Unidos	1965-1971
Nai Abhai Chandavimol	Tailândia	1965-1971
Mr. C.d. Green	Reino Unido	1965-1971
Mr. Hugues de Rham	Suíça	1965-1967
Ing. Julio Sitges R.	México	1965-1966
Amb. Antonio c. Delgado	Filipinas	1967-1973
Dr. Elias Mendoza H.	Peru	1967-1973
Hon. Emmett Harmon	Libéria	1969-1975
Mr. Sten J. Khyle	Suécia	1969-1975
Mr. Saburo Matsukata	Japão	1969-1975
Mr. John W.H. Miner	Canadá	1969-1970
Mr. E. Bower Carty	Canadá	1970-1977
Sir Bernard Chacksfield	Reino Unido	1971-1977
Mr. Irving J. Feist	Estados Unidos	1971-1977
Dr. Farid Karan	Líbano	1971-1977
Mr. Hartmut Keyler	Alemanha	1971-1975
Mr. Akira Watanabe	Japão	1973-1981
Mr. Bruce H. Garnsey	Austrália	1973-1979
Mr. Charles Celier	França	1973-1979
Hon. Jeremiah J.M. Nyagah	Kênia	1973-1979
Mr. Edouard Duvigneaud	Bélgica	1975-1981
Dr. A. Azis Saleh	Indonésia	1975-1981
Hon. S. T. Muna	Camarão	1975-1981
Tan Sri Kamarul Ariffin	Malásia	1977-1983

Sir William Gladstone	Reino Unido	1977-1983
Mr. J.C. Parish	Estados Unidos	1977-1978
Mr. Abdallah Zouaghi	Tunísia	1977-1983
Dr. Henning Mysager	Dinamarca	1977-1985
Mr. Peter W. Hummel	Estados Unidos	1979-1985
Mr. Reginald K. Groome	Canadá	1979-1985
Mr. Jeremiah J. Kelly	Irlanda	1979-1985
Mr. Julio Montes T.	Guatemala	1979-1983
Dr. Norman S. Johnson	Austrália	1981-1987
Dr. Bunsom Martin	Tailândia	1981-1987
Mr. Albert A. N'Diaye	Senegal	1981-1987
Hon. Toshio Yamanaka	Japão	1981-1987
Mr. Dominique Benard	França	1983-1989
Mr. John W. Beresford	Reino Unido	1983-1989
Mr. Salvador Fernandes B.	Venezuela	1983-1989
Mr. Suk Won Kim	Coreia	1983-1989
Mr. Wila D. Campbell	Estados Unidos	1985-1987
Dr. Norman S. Johnson	Austrália	1985-1987
Mr. John W. Beresford	Reino Unido	1985-1987
Mr. M. Dominique Bernard	França	1985-1987
Mr. Morrey Cross	Canadá	1985-1987
Mr. Hartmut Keyler	Alemanha	1985-1987, 1988-1990, 1990-1993
Mr. Suk Won Kim	Coréia	1985-1987
Mr. Hussein Makke	Líbano	1985-1987
Dr. Bunson Martin	Tailândia	1985-1987
Mr. M. Albert A'Diaye	Senegal	1985-1987
Mr. F. O "Bode" Ogunlana	Nigéria	1985-1987, 1988-1990, 1990-1993
Mr. Eugene F. (Bud) Reid	Estados Unidos	1985-1987, 1988-1990, 1990-1993
Mr. Bertil Tunje	Suécia	1985-1987

Mr. Ko Yoshida	Japão	1985-1987, 1900-1990, 1990-1993
Mr. M. Laszlo Nagy	Suíça	1985-1987
Mr. M. Laurent Dominice	Suíça	1985-1987
Mr. William D. Campbell	Estados Unidos	1988-1990
Mr. John W. Beresford	Reino Unido	1988-1990
Mr. Morrey Cross	Canadá	1988-1990
Mr. Rolando Gonzalez E	Venezuela	1988-1990
Dr. Ming-Huey Kao	China	1988-1990, 1990-1993
Mr. Kim Suk Won	Coréia	1988-1990
Mr. Hussei Makke	Omã	1988-1990
Mr. Bertil Tunje	Suécia	1988-1990, 1990-1993, 1993-1996
Dr. Jaques Moreillon	Suíça	1988-1990, 1990-1993, 1993-1996
Mr. Pierre de Morsier	Suíça	1988-1990, 1990-1993, 1993-1996
Mr. Olivier Mach	Suíça	1988-1990, 1990-1993, 1993-1996
Mr. William Cambell	Estados Unidos	1990-1993
Mr. Jean-Luc De Paepe	Bélgica	1990-1993, 1993-1996
Mr. Rolanda Gonzalez E.	Venezuela	1990-1993
Mr. Kun-Bae Park	Coréia	1990-1993
Mr. Mostafa J. Salem	Líbia	1990-1993, 1993-1996
Mr. Neil M. Westawa, AM	Austrália	1990-1993, 1993-1996
Mr. John R. Donnell, Jr.	Estados Unidos	1993-1996, 1996-1999

Mr. Cham-San Chau	Hong Kong	1993-1996, 1996-1999
Mrs Jocelyne Gendrin	França	1993-1996, 1996-1999
Mr. Garth Morrison	Reino Unido	1993-1996
Mr.Kun-Bae Park	Quênia	1993-1996
Mr.Francisco S. Roman	Filipinas	1993-1996, 1996-1999
Mr. Ivo Stern Becka	Mexico	1993-1996, 1996-1999
Mr. Abdourahmane Sow	Senegal	1993-1996, 1996-1999
Mr. Garnet de la Hunt	África	1996-1999, 1999-2001
Mr. Stein Løvold	Noruega	1996-1999, 1999-2001
Mr. Patrick Lyon d'Andrimont	Chile	1996-1999, 1999-2001
Mr. W.Garth Morrison	Reino Unido	1996-1999, 1999-2001
Abdullah O. Nasseef	Arábia Saudita	1996-1999, 1999-2001
Mr. Constantinos Tsantilis	Grécia	1996-1999, 1999-2001
Dr. Jacques Moreillon	Suíça	1996-1999
Mr. Peirre de Morsier	Suíça	1996-1999
Mr. Olivier Mach	Suíça	1996-1999
Mrs. Margeot C. Bogert	Estados Unidos	1999-2001
Mr Habibul Alam	Bangladesh	1999-2001, 2001-2005, 2005-2008
Dr (Mrs) Marie-Lousie Correa	Senegal	1999-2001, 2001-2005
Mr. Ferran Guimaraes	Espanha	1999-2001, 2001-2005

Mr Walter Hofstetter	Suíça	1999-2001, 2001-2005
Dr. Jacques Moreillon	WOSM	1999-2001
Mr. Jean-Bernard Crelier	Suíça	1999-2001
Mr. Philipe Da Costa	França	2001-2005
Mr. Steve Fossett	Estados Unidos	2001-2005
Mr. John A. Gemmil	Canadá	2001-2005, 2005-2008
Mr. Herman C. S Hui	Hong Kong	2001-2005
Mrs. Ana Elisa Piubello	Argentina	2001-2005, 2005-2008
Mohammed Triki	Tunísia	2001-2005, 2005-2008
Mr. Gualtiero Zanolini	Itália	2001-2005
Dr. Eduardo Missoni	WOSM	2001-2005
Mr. Arnaud Girardin	WOSM	2001-2005
Mrs. Thérèse Bermingham	Irlanda	2005-2008, 2008-2011
Mr. Mario Diaz Martinez	Espanha	2005-2008
Mr. Georges El-Ghoryeb	Líbano	2005-2008, 2008-2011
Mr. Nkwenkwe Nkumo	África	2005-2008, 2008-2011
Mr. Gualtiero Zanolini	Itália	2005-2008
Mr. Wayne Perry	Estados Unidos	2005-2008
Mr. Maurice Machenbaum	Suíça	2005-2008
Mr. Luc Panissod	Fança	2005-2008
Mr. Herman C. S Hui	Hong Kong	2005-2008
Mr. William F. (Rick) Cronk	Estados Unidos	2008-2011
Mr. Mario Diaz Martinez	Espanha	2008-2011
Mr. Simor Hang-Bock Rhee	Coéria	2008-2011, 2011-2014
Mr. Erik Khoo	Malásia	2008-2011, 2011-2014
Mr. Wahid Labidi	Tunísia	2008-2011, 2011-2014

Mr. John May	Reino Unido	2008-2001, 2011-2014
Mr. John Neysmith	Canadá	2008-2011, 2011-2014
Mr. Oscar Palmquist	Brasil	2008-2011, 2011-2014
Mr. Gualtiero Zanolini	Itália	2008-2001
Ms. Karin Ahlback	Finlândia	2011-2014
Mr. Abdullah Alfahad	Arábia Saudita	2011-2014, 2014-2017
Mr. Marcel Ledjou Blaguet	Cote d'Ivoire	2011-2014, 2014-2017
Mr. João Armando Goncalves	Portugal	2011-2014, 2014-2017
Ms. Mari Nakano	Japão	2011-2014
Mr. Daniel Ownby	USA	2011-2014, 2014-2017
Ms. Lidija Pozaić Frketić	Croácia	jan/2014, 2014-2017
Ms. Jemima Nartey	Gana	2014-2017, 2017-2020
Mr. Peter Blatch	Austrália	2014-2017, 2017-2020
Mr. Fernando Brodeschi	Brasil	2014-2017
Mr. Craig Turpie	Reino Unido	2014-2017, 2017-2020
Mr. Bagrat Yesayan	Armênia	2014-2017
Mr. Andy Chapman	Estados Unidos	2017-2020
Mr. Mehdi Ben Khalil	Tunísia	2017-2020
Mr. Jo Deman	Bélgica	2017-2020
Mr. Janaprith Fernando	Sri Lanka	2017-2020
Mr. Ilyas Ismayilli	Azerbaijan	2017-2020
Ms. Sarah Rita Kattan	Libano	2017-2020
Mr. Leonardo Morales	Costa Rica	2017-2020
Ms. Pia Melin Mortensen	Dinamarca	2017-2020
Mr. Juan Reig	Espanha	2017-2020

J. Medalhas Lobo de Bronze, outorgadas desde sua instituição em 1935

Ano do Prêmio	Nome	País
1935	Lord Baden-Powell	Escoteiro Chefe Mundial
1937	Dr Walter de Bonstetten	Suíça
1937	Mr Hubert S. Martin	Bureau Internacional
1937	Mr J.S. Wilson	Inglaterra
1949	Ing Ove Holm	Dinamarca
1951	Mr Pierre Delsuc	França
1953	Mr Jean Salvaj	Suíça
1953	Ing Sten Thiel	Suécia
1953	Mr R. T. Lund	Bureau Internacional
1955	Mr Jackson Dodds	Canadá
1955	Mr Amory Houghton	Estados Unidos
1955	Col. Granville Walton	Inglaterra
1957	Mr T. Glad Bincham	Inglaterra
1957	Lady Olave Baden-Powell, G.B.E.	Guia Chefe Mundial
1957	Lord Rowallan	Inglaterra
1957	Mr Jens Hvass	Dinamarca
1957	Ing Salvador Fernandez B.	Bureau Internacional
1957	Lt Gen. Baron H. Van Voorst tot Voorst	Holanda
1959	Mr William D. Campbell	Estados Unidos
1959	Mr R. F. Thurman	Inglaterra
1959	Hon. Jorge B. Vargas	Filipinas
1960	Dr Arthur A. Schuck	Estados Unidos
1961	Gentleman Sir Rob Lockhart	Inglaterra
1961	Maj. Gen. D. C. Spry	Bureau Internacional
1961	Mr Juan Lainé	México

1961	Mr John M. Schiff	Estados Unidos
1961	Mr Michiharu Mishima	Japão
1963	Mr Dimetrious Alexatos	Grécia
1963	Mr John Frederick Colquhoun	Inglaterra
1963	Mr John Durie Stewart	Inglaterra
1965	Dr Hossein Banai	Irã
1965	Sir Gabriel A. Daza	Philippines
1965	Mr Moh. Aly Hafez	Egito
1965	Mr Leslie R. Mordecai	Jamaica
1965	Mr Clement Roy Nichols	Austrália
1965	Mr Robert Sterne Thomas	Inglaterra
1965	Mr Evert Jan Hendrikus Volkmaars	Holanda
1965	Dame Leslie Whateley	WAGGGS/Bureau Internacional das Bandeirantes
1966	Mr Ali Khalifa el-Zaidi	Líbia
1967	Mr Joseph A. Brunton, Jr.	Estados Unidos
1967	Mr Philip R. Cowan	Bureau Internacuonal
1967	Dr Hidesaburo Kurushima	Japão
1967	Lord Maclean	Inglaterra
1967	Mr Demetrios A. Macrides	Grécia
1967	Mr Guillermo R. Padolina	Bureau Internacional
1967	Mr Hermengildo B. Reyes	Filipinas
1967	Mr Percival Alfred Siebold B	ureau Internacional
1967	Mr Philip Alphonse Tossijn	Bélgica
1969	Mr Ali el-Dandachi	Bureau Internacional
1969	Mr Niels Engberg	Dinamarca
1969	Mr Irving J. Feist	Estados Unidos
1969	Mr Alfred W. Hurl	Inglaterra
1969	Mr Niaz M. Khan	Paquistão
1969	Mrs Lakshmi Mazumdar	Índia
1969	Dr Gustavo J. Vollmer	Venezuela
1971	Mr Aziz Osman Bakir	Bureau Internacional
1971	Mr Yehuda Barkai	Israel
1971	Mr Abhai Chandavimol	Tailândia
1971	Amb Antonio C. Delgado	Filipinas

1971	Mr Bruce H. Garnsey	Austrália
1971	Mr. Charles Dymoke Green	Inglaterra
1971	Mr Odd E. Hopp	Noruega
1971	Mr Taizo Ishizaka	Japão
1971	Mr Arthur H. Johnstone	África do Sul
1971	Mr John F. Lott	Estados Unidos
1971	Sir Emile Luke	Serra Leoa
1971	Mr F. Macias Valadez	México
1971	Mr Albert A. N'Diaye	Senegal
1971	Mr Leonard H. Nicholson	Canadá
1971	Mr Gilbert R. Pirrung	Estados Unidos
1972	Mr Saburo Matsukata	Japão
1973	Sri Sultan Hamengku Buwono IX	Indonésia
1973	Mr Charles Celier	França
1973	Mr. Kingsley C. Dassenaike	Sri Lanka
1973	Mr William Harrison Fettridge	Estados Unidos
1973	Mr Donald S.A. Fitz-Ritson	Jamaica
1973	Lt.Col. Robin Gold	Inglaterra
1973	Mr Mohamed el-Hibri	Líbano
1973	Mr Leonard F. Jarrett	Bureau Internacional
1973	Dr Elias Mendoza Habersperger	Peru
1973	Mr Kenan H. Ng'ambi	Zâmbia
1974	Prof Armando Galvez C.	Guatemala
1974	A.V.M. James B. Harvey	Canadá
1974	Datuk Syed Hashim bin Abdullah	Malásia
1974	Dr Paul Koenig	Alemanha
1974	Dr Luis Esteban Palacios W.	Venezuela
1974	Mr Leonidas J. Skyrianidis	Grécia
1974	Mr Victor Steiner, Sr.	El Salvador
1974	Mr Chuan Kai Teng	China
1974	Mr George F. Witchell	Inglaterra
1975	Mr Alden G. Barber	Estados Unidos
1975	Mr E. Bower Carty	Canadá
1975	AVM Sir Bernard Chacksfield, KBE	Inglaterra
1975	Mr Richard W. Darrow	Estados Unidos

1975	Mr Arthur Eugster	Suiça
1975	Hon Emmett Harmon	Libéria
1975	Hon Yong-Woo Kim	Coréia
1975	Mr Johan Kromann	Dinamarca
1975	Mr Alexander D. Paterson	Nova Zelândia
1975	Ing Jorge Toral Azuela	México
1975	Mr W. H. Ralph Reader	Inglaterra
1975	Mr Shintaro Negishi	Japão
1976	Dr Adolfo Aristeguieta	Venezuela
1976	Mr Dansuputra Chitra	Tailândia
1976	Mr Victor J. Clapham	África do Sul
1977	Mr Ernest Mehinto	Benin
1976	Mr Leonard A. Robinson	Inglaterra
1976	Mr You-hwa Shieh	China
1977	Mr Bennett B. Shotade	Bureau Internacional
1976	Mr Kenneth H. Stevens, CBE, DL	Inglaterra
1976	Mr Abdallah Zouaghi	Tunisia
1977	Mr Edward J. Montgomery	Irlanda
1977	Mr A. Wallace Denny	Canadá
1977	Mr Laurent Dominicé	Suiça
1977	Mr A. Erik Ende	Suécia
1977	Dr Farid Karam	Líbano
1977	Mr Julio Montes T.	Guatemala
1977	Dr Laszlo Nagy	Bureau Internacional
1977	Mr John C. Parish	Estados Unidos
1977	Mr J. Plaridel Silvestre	Bureau Internacional
1977	Mr Akira Watanabe	Japão
1978	Mr Sven H. Bauer	Suécia
1978	Mr Peter Cooke	Inglaterra
1978	Mr John M. Lioufis	Egito
1978	Mr J. Percy Ross	Canadá
1978	Dr Abdul Azis Saleh	Indonésia
1978	Mr James W. Sands	Estados Unidos
1978	Mr Mahmoud el-Alamy	Marrocos
1978	Mr Leslie R. Mitchell	Inglaterra
1978	Dr Kourkène Medzadourian	Escoteiros da Armênia

1979	Mr Jorge Ma Cui	Filipinas
1979	Mr Federico Diaz Legorburu	Venezuela
1979	Mr Nicolas Hosch	Luxemburgo
1979	Mr Hartmut Keyler	Alemanha
1979	Mr F. O. Ogunlana	Nigéria
1979	Mr Arthur W. V. Reeve	Nova Zelândia
1980	Mr Ibrahim Zakaria	Síria
1980	Mr Savvas Kokkinides	Chipre
1980	Mr Visudharomn Kong	Tailândia
1980	Mr Henry C. Ma	Hong Kong
1981	Mr Pall Gislason	Islândia
1981	Mr Hassan Al-Ali	Kuwait
1981	Mr John R. Donnell	Estados Unidos
1981	Mr Robbert Hartog	Canadá
1981	Dr Mansur el-Kikhia	Líbia
1981	Mr Yorihiro Matsudaira	Japão
1981	Hon Solomon T. Muna	Camarões
1981	Mr Rashid Shoucair	Líbano
1982	Mr H. Eric Frank	Inglaterra
1982	Hon J. J. M. Nyagah	Kênia
1982	H.M. King Carl XVI Gustaf	Suécia
1982	Dr Marcus Wallenberg	Suécia
1982	Mr Gamal Khashaba	Egito
1982	Mr Chung-Shin Chen	China
1982	Mr John Beng Kiat Liem	Indonésia
1983	Mr Pierre Bodineau	França
1983	Tan Sri Kamarul Ariffin bin Mohd Yassin	Malásia
1983	Lord Baden-Powell	Inglaterra
1983	Mr H. Morrey Cross	Canadá
1983	Rev. Père Luc M. Lacroix	Canadá
1983	Mr John L. MacGregor	Canadá
1983	Mr Charles A. Martin	Zimbábue
1983	Dr Mohamed H. Fhema	Líbia
1983	Mr Peter W. Hummel	Estados Unidos
1983	Dr Henning Mysager	Dinamarca

1983	Dr Abdullah O. Nasseef	Arábia Saudita
1983	Mr James L. Tarr	Estados Unidos
1984	Mr Desmond J. Fay	Irlanda
1984	Mr August S. Narumi	Japão
1984	Mr Bhethai Amatayakul	Tailândia
1985	Mr Ichiro Terao	Japão
1985	Mr Malek Gabr	Bureau Internacional
1985	Sir William Gladstone, Bt., JP, DL	Inglaterra
1985	Mr William Hillcourt	Estados Unidos
1985	Dr Gisle Johnson	Noruega
1985	Mr Edward C. Joullian III	Estados Unidos
1985	Dr Helen M Laird OBE, DL	WAGGGS/ Inglaterra
1985	Lt. Gen. (Ret.) Mashudi	Indonésia
1985	Mr Eugene F. (Bud) Reid	Estados Unidos
1985	Mr W. Charles Williams	Inglaterra
1985	Mr Jeremiah J. Kelly	Irlanda
1986	Mr Yoshio Sakurauchi, MP	Japão
1986	Mr Fawzi Farghali	Bureau Internacional
1986	Mr John R. Phillpot	Bahamas
1987	Dr Ming-Huey Kao	China
1988	Mr Chang-Kyun Chu	Coréia
1988	Mr Franz Dunshirn	Áustria
1988	Mr Arne Lundberg	Suécia
1988	Mr Thomas C. MacAvoy	Estados Unidos
1988	Mr Mario Sica	Itália
1988	Mr Sardar Lakshman Singh	Índia
1988	Mr Frederick Stecker	Estados Unidos
1988	Dr Fritz Vollmar	Fundação do Escotismo Mundial
1988	Major Sir Marc Noble	Inglanterra
1988	Mrs Margot Bogert	Estados Unidos
1988	Mr Victor Brenes	Costa Rica
1989	Mr Ken Harada	Japão
1989	President Ezra Taft Benson	Estados Unidos
1990	Mr Jim Blain	Canadá
1990	Mr Cham Son Chau	Hong Kong

1990	Mr John R. Donnell, Jr.	Estados Unidos
1990	Mr Carveth Geach	África do Sul
1990	Mr Manzoor Ul Karim	Bangladesh
1990	Mr Wolf Kuhnke	Alemanha
1990	Mr Ben H. Love	Estados Unidos
1990	Mr Bunsom Martin	Tailândia
1990	Mr Teh-Li Tsui	China
1990	M. René Sibomana	Ruanda
1990	Mr Norman S. Johnson	Austrália
1990	Mr. Hussein Sabry Gad El Mula	Egito
1991	Mr S. Gary Schiller	Estados Unidos
1991	Mr Masaru Ibuka	Japão
1991	Mr Jos Loos	Luxemburgo
1992	Mr Nicos Kalogeras	Grécia
1992	Mr Ayakazu Hirose	Japão
1992	Mr Francisco S. Roman	Filipinas
1992	Mr Thomas D. Allen	Estados Unidos
1992	Mr John W. Beresford	Inglaterra
1992	Mr John A. Landau	Zimbábue
1993	Dr Ee Peng Liang	Cingapura
1993	Syed Ghous Ali Shah	Paquistão
1993	Mr Yong-Wan Kim	Coréia
1993	Mr Thomas S. Monson	Estados Unidos
1993	H.E. President Fidel V. Ramos	Filipinas
1993	Mr Jørgen G. Rasmussen	Dinamarca
1993	Mr Anastassios Sagos	Grécia
1993	Mr Ko Yoshida	Japão
1993	Mr Sven Erik Ragnar	Suécia
1994	Mr Muhamad Abu Hena	Bangladesh
1994	Mr Costas Constantinou	Chipre
1994	Mr Garnet de la Hunt	África do Sul
1994	Mr Mohammed Saleh Al Qahtani	Bahrein
1994	Mr George I. Fairbairn	Nova Zelândia
1994	H.R.H. Princess Benedikte	Dinamarca
1994	Mr G. Ranga Rao	Índia
1995	Mr Roberto Dorion B.	Guatemala

1995	Mr Samih Abdel Fattah Iskandar	Jordânia
1995	Mr Suk-Won Kim	Coréia
1995	Mr Chih-Yun Liu	China
1995	Mr Frank Smith	Inglaterra
1995	Mr Fernando Soto-Hay y Garcia	México
1995	S.A.R. Jean, Grand-Duc de Luxembourg	Luxemburgo
1996	Mr Benoît Blanpain	Bélgica
1996	Mr Alexander Comninos	Grécia
1996	Mr Reginald Groome	Canadá
1996	Mr Colin Inglis	África do Sul
1996	Mr Lars Kolind	Dinamarca
1996	Mr Piet J. Kroonenberg	Holanda
1996	Mr Richard Middelkoop	Holanda
1996	Mr Luc Panissod	Bureau Internacional
1996	Mr Mohamed Saad el Din Sherif	Egito
1996	Mr Bertil Tunje	Suécia
1996	Mr Shoei-Yun Wu	China
1997	Mr Billy P.C. Goh	Cingapura
1997	Mr Gilberth Gonzalez U.	Costa Rica
1997	Mr Salomon Matalon	França
1997	Mr Jere Ratcliffe	Estados Unidos
1997	Mrs Sumon Samasarn	Tailândia
1997	Mr Abdoulaye Sar	Bureau Internacional
1997	Mr Daniel Oscar Tagata	Peru
1998	Mr Baldur Hermans	Alemanha
1998	Mr Kim Chong-Hoh	Coréia
1998	Mr Sutham Phanthusak	Tailândia
1998	Mr Fayeq Hamdi Tahboub	Palestina
1998	Mr Teiji Takemiya	Japão
1998	Mr Geoffrey Wheatley	Canadá
1998	Mr Morris Zilka	Israel
1998	M Nicolas Ambroise Ndiaye	Senegal
1998	Betty Clay (Mrs.)	Inglaterra
1999	Mr Vladimir B. Lomeiko	Bielorrússia
1999	Dr Mateo Jover	Bureau Internacional

1999	M. Malick M'Baye	Senegal
1999	Mr Jack McCracken	Canadá
1999	Mr Park Kun-Bae	Coréia
1999	Mr Arthur Francis Small	Nova Zelândia
1999	M. Mohamed Bin Ali Triki	Tunísia
1999	Dr Jacques Moreillon	Bureau Internacional
1999	Mr Neil M. Westaway, AM	Austrália
2000	Mr Ivo Stern B.	México
2000	Mr Abdelaziz Drissi-Kacemi	Marrocos
2000	Mr Herman Hui	Hong Kong
2000	Ms Paula Peláez G.	Chile
2000	Mr Mostafa Salem	Líbia
2001	M. Robert Wilmes	França
2001	Mr Stewart John Hawkins	Inglaterra
2001	Mr A. Geoffrey Lee	Austrália
2002	Mr Aly Aly El-Moursy	Egito
2002	Mr KIM Kyu-Young	Bureau Internacional
2002	Mr Jiri Navratil	República Checa
2002	M Philippe Pijollet	Bureau Internacional
2002	Dr William George Wells	Austrália
2003	Sir W. Garth Morrison, KT	Inglaterra
2003	Mr Chao, Shou-Po	China
2003	Mr Manuel Pinto	Uganda
2003	M. Yapo Léonard Offoumou	Côte d'Ivoire
2004	Mr Richard Burdick	Estados Unidos
2004	Mr Fujio Imada	Japão
2004	Mr Patrick Lyon D'Andrimont	Chile
2004	Mr Jack Sinclair	Canadá
2004	Mr Costas Tsantilis	Grécia
2005	M. Mohamed Afilal	Marrocos
2005	Mr Saiful Islam Khan	Bangladesh
2005	Mr Christos Lygeros	Grécia
2005	Mr Anthony Thng Bock Hoh	Cingapura
2005	Mr Gerald J. Voros	Estados Unidos
2006	Mr David Bull	Inglaterra
2006	Mr Klaus Jacobs	Suíça

2006	H.M. King Bhumibol Adulyadej	Tailândia
2007	Mrs Kirsty M. Brown	Austrália
2007	Lt. Col. Henry R. (Bill) Hall	Inglaterra
2007	Mr Toby Takemichi Suzuki	Japão
2008	Mr William Cockcroft	Inglaterra
2008	Mr William F. Cronk	Estados Unidos
2008	Lalit Mohan Jain	Índia
2008	Dr Yongyudh Vajradul	Tailândia
2009	AVM (Retd) Ahmed Abd Ellatif	Egito
2009	Mr Eberhard von Koerber	Suíça
2009	M. Dominique Bénard	França
2010	M. Philippe Da Costa	França
2010	Mr Howard Kilroy	Irlanda
2010	Mr Katsura Kuno	Japão
2010	Mr Wayne Perry	Estados Unidos
2010	Mr Derek Pollard	Inglaterra
2010	Mr John Ravenhall	Austrália
2010	Mr Alexander Wong	Hong Kong
2011	Mr Fathy Farghali	Bureau Internacional
2011	Mr David Huestis	Canadá
2011	Mr Thijs Stoffer	Holanda
2011	H.M. King Abdullah Bin Abdul Aziz	Arábia Saudita
2011	H.R.H. Prince Faisal Bin Abdullah Bin Muhammad Al Saud	Arábia Saudita
2012	Mr Habibul Alam	Bangladesh
2012	Mr Georges El-Ghorayeb	Líbano
2012	Mr Zuhair Ghunaim	Arábia Saudita
2012	Mr Yoritake Matsudaira	Japão
2012	Ms Maggie Shaddick	Canadá
2012	Mr Scott Teare	Estados Unidos
2012	Mr Derek Twine	Inglaterra
2013	Mr Abdullah Rasheed	Bureau Internacional
2014	Dr Mario Diaz Martinez	Espanha
2015	Mrs Thérèse Bermingham	Irlanda
2015	M. Christian Larcher	França

2015	M. Alain Silberstein	França
2016	Mr Amos Ilani	Israel
2016	His Highness Dr. Sheikh Sultan bin Muhammad Al-Qasimi	Emirados Árabes Unidos
2016	Mr Marc Lombard	Suíça
2016	Mr Shree Ram Lamichhane	Nepal
2016	Mr John May	Inglaterra
2016	Mr John Neysmith	Canadá
2016	Mr Christos Papageorgiou	Grécia
2017	Mr Wahid Labidi	Tunísia
2017	Mrs Reiko Suzuki	Japão
2017	Mr Kent Clayburn	Estados Unidos
2017	Dr Mohamad Effendy Rajab	Cingapura
2017	Mr Siegfried Weiser	WSF/Alemanha
2017	Mr Winston Adams	WSB/África do Sul
2017	Fr Jonathan How	Inglaterra
2017	Dr Melissa Martins Casagrande	Brasil
2017	Mari Nakano	Japão

Bibliografia

1. LIVROS ESCRITOS POR BADEN-POWELL

- 1884 Reconnaissance and Scoutin
- 1885 Calvary Instruction
- 1889 Pigsticking or Hoghunting (1923 RE-issue: Pig-Sticking or Hog-Hunting)
- 1896 The Downfall of Prempeh
- 1897 The MAtabele Campaingn
- 1899 Aids to Scouting for N.C.O.s and Men
- 1900 Sport in War
- 1901 Notes and Instructions for the South African Constabulary
- 1907 Sketches in Mafeking and East Africa
- 1908 Scouting for Boys, in six parts
Scouting for Boys, complete edition (1911) Canadian edition:
The Canadian Boy Scout) (1923 Indian edition: Scouting for Boys in India)
(1932 Boys, edition) (1942 Memorial edition) (1946 Definitve ‘World
Brotherhood Edition, edited by Willian Hillcourt)
- 1909 Yarns for boy Scouts
- 1910 Scouting Games
- 1912 Handbook for girls Guides (in collaboration with Agnes Baden-Powell)
- 1913 Boy Scouts Beyond the Seas
- 1914 Quick Training for War
- 1915 Indion Memories My Adventures as a Spy (1924 Re-issue: The
Adventures a Spy)
- 1916 Young Knights of the Empire
The Wolf Cub’s Handbook
- 1918 Girl Guiding
- 1919 Aids to Scoutmastership (1944 Definitive ‘World Brotherhood Edition’,
edited by William Hillcourt)
- 1921 What Scouts can Do
An Old Wolf’s Favourites
- 1922 Rovering to Success

- 1927 Life's Snags and How to Meet Them
- 1929 Scouting and Youth Movements
- 1933 Lesson's from the Varsity od Life
- 1934 Adventures and Accidents
- 1935 Scouting Round the World
- 1936 Adventuring to Manhood
- 1937 African Adventures
- 1938 Birds and Beasts of Africa
- 1939 Paddle Your own Canoe
- 1940 More Sketches of Kenya

2. COLEÇÃO DE ARTIGOS ESCRITOS POR BADEN-POWELL

- 1923 Blazing the Trail: Being wise saws and modern instances from the works of the Chief Scout. Collected by Laura Holt
- 1941 B-P's Outlook, Selections from The Scouter
- 1956 Adventurin with Baden-Powell: Selected yarns and articles

3. LIVRETOS E PANFLETOS ESCRITOS POR BADEN-POWELL

- 1883 On Vedette – An Easy Aide-Memoire
- 1896 The Native Levy in the Ashanti Expedition
- 1897 The Campaign in Rhodesia
- 1907 Boy Scouts Scheme
Scouts: A Suggestion – Summary if Scheme – A Successful Trial
- 1909 A Trip to Sunshine
- 1911 Sea Scouting for Boys
Workers or Shirkers
Boy Scouts in Connection with National Training and National Service
- 1915 Marksmanship for Boys
- 1917 Scouting Towards Reconstruction
The Cub Book

- 1920 Steps to Girl Guiding
Brownies and Bluebirds
- 1921 The Scout's First Book
Scouting in Education
- 1927 South African Tour 1926-27
- 1929 Aims, Methods and Needs
- 1932 Rover Scouts
- 1936 The Great Trek of the Early Scouts of South Africa
- 1939 About Those Boy Scouts

Faz, agora, 80 anos desde o dia em que um General britânico semi-aposentado tomou o que, na época, foi uma extraordinária iniciativa. Convidou um grupo de rapazes para sair do ambiente do “fog” de Londres e compartilharem de uma aventura sem precedente – uma quinzena de acampamento ao ar livre em uma pequena e inóspita ilha, com atividades concebidas, organizadas e executadas pelos próprios jovens. O custo da expedição foi de cinquenta e cinco libras esterlinas, dois “shillings” e oito “pence”.

O velho soldado nunca imaginou as consequências de sua ideia simples de expandir o sistema educacional, de sorte a incluir recreação ao ar livre. Para Robert Baden-Powell e para sua surpresa total, tornou-se o fundador do maior movimento jovem mundial.

Desde aquela primeira saída, B-P. tem sido a inspiração de 250 milhões de seguidores em 119 países. Como e por que isto aconteceu? Este livro fascinante dá a resposta, analisando o segredo que está por detrás das histórias de sucessos mais fenomenais dos tempos modernos.

Laszlo Nagy, o autor, foi cidadão suíço de origem húngara, Sociólogo, historiador e doutor em Ciências Políticas, ex-jornalista e autor de uma série de livros sobre políticas. Empreendeu um estudo crítico durante 2 anos sobre o Movimento Escoteiro Internacional, financiado pela Fundação Ford. Em 1968 no término do estudo, foi convidado a colocar em prática as suas recomendações, e aceitou a designação para o posto de Chefe Executivo da Organização Mundial do Movimento Escoteiro. Este livro, “250 Milhões de Escoteiros” é o fruto de sua experiência singular.



Escoteiros do Brasil
construindo um mundo melhor

União dos Escoteiros do Brasil - Escritório Nacional

Rua Coronel Dulcídio, 2107 - Água Verde

CEP 80250-100 | Curitiba | Paraná

Tel.: 41. 3253 4732 | www.escoteiros.org.br



102259